



Jorge Adoum - Mago Jefa

O BATISMO DA DOR

CAPÍTULO I

O que aconteceu a Adonai?

Adônís? Adonai?

Abandonou o país e se dirigiu para onde o sol se põe.

“Últimas palavras de Eva no livro Adonai”

Nos primeiros dias do mês de Abril de 1920 zarpava o navio "Provence" de Beirute rumo a Marselha. No meio de sua "carga", levava na terceira classe uma quantidade de pessoas bizarramente vestidas e de aspectos diferentes, embora todos falassem o mesmo idioma.

Naqueles tempos, o viajante desta categoria era considerado como se fosse um animal, nem mais, nem menos, porque a pobreza é sempre ultrajada, até pelos próprios pobres, e considerada como afronta, apesar de que todos os filósofos e conformistas adormecem as mentes com suas frases consoladoras.

Que penosa era aquela viagem, para um homem que abandonava a sua casa e sua família em busca de novos horizontes! Mas, que valor e intrepidez levava em seu coração; que confiança em si mesmo, para afrontar todos os obstáculos e vencer os impedimentos, em busca do triunfo!

Eram muitos: homens, mulheres, velhos, crianças e jovens! A maioria se dirigia para a América, continente da liberdade e do ouro. Entre eles se encontravam sírios, libaneses e palestinos; poucos egípcios e iraquianos. Havia nascidos, crescidos e vividos sobre o mesmo solo e debaixo do mesmo céu, mas não professavam o mesmo credo, nem a mesma religião. Nesse navio, estamos entre maometanos, xiitas, sunies, católicos, ortodoxos, nussaries, judeus, drusos, ismaelitas, yazidies, e... Que mais?! Somente Deus o sabe.

A vestimenta era uma espécie de "Babel" (devemos seguir a mesma interpretação do exegeta bíblico na compreensão de "Babel"), em formas e coloridos: uns vestiam calções muito largos (sherual), mantos talhados (gumbaz) e outros à européia de diferentes modas e idade. Cobriam as cabeças com fêz, ikal beduíno, com lenços, chapéus, e muitos a levavam descobertas.

E as mulheres? Ah! Elas são mais inventivas do que os homens em matéria de vestir. Não se deve falar disso, porque seria um tema de nunca acabar.

Uns sentados, alguns de pé e outros apoiados sobre as balaustradas de ferro, contemplavam o mar, a cidade e o país que deixavam. Mulheres que amamentavam seus

filhinhos, mães que choravam, jovens de ambos os sexos suspiravam por um amor abandonado ou fracassado. Todos guardavam um silêncio sepulcral, como se estivessem em um velório.

A triste separação espreme os corações, para sangrá-los e converter o sangue em gotas brancas, que se derramam pelos olhos. É a tirana e cruel separação, que divide a vida em duas, para lançá-las no caos da desesperação e da morte.

"Provence" seguia, afastando-se da costa libanesa, e os olhos dos viajantes continuavam cravados nos velhos cumes das montanhas do Líbano; o fio da visão se enfraquecia, paulatinamente, para romper-se, por fim, com o cortante e doloroso Ai!...

Ai! Sílabas compostas de duas letras somente, tem o poder de descrever, com toda a eloquência, o estado interno pleno de tristeza e de angústia. Aquele "ai", lançado no espaço por algumas gargantas, era desbordante manifestação de dor, que enchia os corações torturados pela tirania nostálgica.

"Ai", repetia-se como eco em várias bocas... Mas...

Nada, permanece quieto nem revoltoso na Natureza. O coração humano se rebela ante a desgraça; se desespera, porém, quando compreende que o infortúnio não tem remédio, busca os lenitivos na filosofia da conformidade e do determinismo: "Assim Deus o quis"; "Este é o destino"; "Isto está escrito".

A separação da Pátria é como uma goma elástica que, à força de se esticar, se torna extensa. Mas, por fim, desaparecem os cumes nevados, e, como cansados, soltam a ponta da goma, o que dá uma lambada no nariz do viajante que ainda continua esticando-a.

Ai! Grita. O nariz sangra, os olhos se enchem de lágrimas, e, em seguida, reina o silêncio.

Se o leitor não sofre de maresia, o convidamos a acompanhar-nos em alto mar.

"Provence" seguia sua rota, cortando as águas e deixando atrás uma linha branca espumosa, qual uma ferida que manava sangue em suas bordas.

Desaparecia a terra, e não se via senão água e céu. Reinava um silêncio doloroso que traduzia muitas lágrimas e lamentações. Enquanto isso se desenhava a bombordo a figura de um jovem completamente imóvel, como uma estátua, que contemplava com toda atenção os longínquos cumes.

Estava de pé e apoiava o braço esquerdo sobre a barra de ferro do navio. Era alto, trigueiro e simpático. Estava impecavelmente vestido com um terno cinza, cuidadosamente alinhado, como se tivesse saído recentemente da alfaiataria.

Desde o começo da viagem, tomou um lugar afastado dos demais passageiros; não falava a ninguém e, enquanto o navio se afastava da costa, contemplava o país que se esfumava, com olhar sereno. Nos seus lábios se desenhava um ligeiro sorriso enigmático.

Seguiu absorto em sua contemplação, até que o véu vaporoso das brumas ocultou todo o panorama. Dir-se-ia que estava ensimesmado e extasiado. Pensava e olhava o longe, como se em suas retinas estivesse a figura de um sonho, plasmado nas montanhas. Em sua frente jazia a força da rocha, nos olhos a calma do lago, na tarde de um verão caloroso. Dos seus lábios emanava a fé e do rosto, a confiança do asceta. Não ouvia e nem prestava atenção ao que sucedia ao seu redor. Isolou-se, como quem quisesse na soledade encontrar a solução de um problema; mas, por fim, voltou em si, precisamente quando alguns dos viajantes lançavam o doloroso "ai". Começou aprestar atenção e a passear o olhar esquadrinhador nos passageiros, como quem quisesse descobrir o mais oculto de seus corações.

No princípio, esta atitude passou despercebida, mas, pouco a pouco, o olhar produz um efeito raro, que tinha um despertar contagioso.

O fenômeno em si é natural, embora seja mal explicado e compreendido. É muito freqüente que às vezes, nos sentimos perturbados inconscientes, e a causa desse desassossego é um mirar esquadrinhador de um desconhecido.

Terá o olhar algum fluído invisível, ou alguma radioatividade, que chega, sem autorização, ao nosso sentir, para logo refletir-se no subconsciente, que, por sua vez, ordena à mente objetiva a manifestar a emoção? Será o fitar um chamado telepático? Os psicólogos dizem que sim, os cientistas ainda não o afirmam e nós não o negamos e nem o afirmamos. Sabemos, entretanto, o efeito do olhar da serpente sobre o pássaro e sentimos sua influência em nós.

O mirar do jovem elegante chamava, paulatinamente, a atenção dos companheiros. Sem dúvida, deve ser algum passageiro de primeira classe que desceu à terceira por qualquer motivo..., e, quando nosso viajante se viu acossado por tantas atenções, voltou as costas, com indiferença, para contemplar novamente o mar.

Nada sucedeu. Os presentes, aguilhoados pela curiosidade, o seguiam com os olhos, e cada um perguntava e respondia a si mesmo:

Quem será? Por quê nos observa assim? Por quê está ali? De onde vem? Para onde vai?

Quando se cansaram de tantas perguntas, sem encontrar resposta, se voltaram em si mesmos, como quem desperta, depois de um longo sono.

O navio seguia sua rota. Os passageiros continuavam afastando-se da mãe-Pátria e permaneciam entre água e céu, mas...

Todos estavam conformados, e alguns até alegres; com a troca do pensamento, mudaram as emoções, e alguns dentes se mostraram em lábios risonhos.

A poucos metros do jovem solitário, uma linda moça inclinada sobre a balaustrada fixava a vista e a atenção na água, como se visse nela uma mãe carinhosa, que abria os braços para estreitá-la. Debulhavam de seus olhos, para se misturarem com as irmãs do mar, copiosas lágrimas.

Para aquela jovem, enfrescada em sua dor, nada existia fora de si mesma; nem montanhas longínquas, nem pessoas. Seus sentidos estavam cravados naquela imensidade, que lhe chamava e atraía. Em seu interior parecia haver duas entidades em luta: uma a empurrava para o meio do mar, convencendo-a de que era o melhor caminho para o descanso, e a outra a retinha, para provar que a vida é o melhor caminho.

O passageiro solitário, a princípio, olhou-a de soslaio e com indiferença, mas, após um momento, voltou bruscamente a cabeça para ela, como se houvesse encontrado algo que merecesse maior cuidado. Em seu semblante desenhavam-lhe sucessivamente emoções diferentes: compaixão no começo, em seguida tristeza, depois surpresa e seriedade e por fim cólera. Com passos lentos e firmes, aproximou-se da desconsolada, pôs a mão sobre o seu ombro e disse em tom de familiaridade:

- Cuidado senhorita! Você está louca? Que vai fazer? Advirto-lhe que não sei nadar, e pode apanhar pneumonia ou resfriado.
- Que diz? Perguntou perturbada, e limpando as lágrimas com um lenço já úmido. Quem é você? Que quer? Continuou em tom áspero e seco, ao ver que um homem desconhecido lhe dirigia a palavra com tanta familiaridade!

Não se transmudou o interpelado; olhou-a docemente e respondeu:

- Dizia que aquela nuvem, lá no alto, no céu, e que caminha nesta direção, logo se dissipará. A vida talvez não seja uma gargalhada contínua, mas é um sorriso, pelo menos. As lágrimas são expansões do egoísmo, e o riso é desprendimento e altruísmo! Novamente brilha o sol; olha que formoso! Não lhe parece que ele é um sorriso de Deus!
- Mas...
- Hoje em dia, ninguém mais morre de amor, embora possa morrer de gripe, empacho ou tédio. Morrer de amor é um velho costume, mas muito feio, igual a uma pessoa que veste roupa comprida quando está em pleno uso a roupa curta. Já sei, já sei! Obrigaram-na a se casar com um homem rico, porém velho, feio, estúpido e avaro. Você declarou a rebeldia, derramou toda ternura sobre um jovem inteligente e agora foge da jaula, para viver livre neste mundo de Deus. Não tema pelo seu companheiro que se acha detido, logo estará livre, por isto, evita apanhar uma pneumonia.
- Livre? Livre e virá? Gritou a jovem desesperada...
- Livre sim, e virá. A maior desgraça não está em apanhar uma pneumonia, mas em pedir felicidade à desesperação.

Aquela mulher estava pendente dos lábios de seu imprevisto companheiro de viagem, cujas palavras a conduziam da indignação ao assombro, da admiração à curiosidade e da esperança à alegria. Emudeceu-se, contemplando o rosto do jovem, como se visse nele, alguma recordação ou sonho remoto. E, enquanto ele se deleitava, contemplando sua beleza, ela lhe perguntou:

- Você me conhece?
- Muito. Nunca olvidei este cabelo áureo, nem os olhos esmeraldinos, incrustados no rosto divino, bem como o corpo escultural. Antigamente devorava-a com a vista, mas você nunca fez caso e seguia seu caminho, olhando muito longe, ou a si mesma.
- Mas, quem é você?
- Que vou, a saber, quem sou eu! Quem pode saber o que se é! Disse isto e se inclinou contemplando a água do mar.

Picada pela curiosidade devido à resposta, voltou a perguntar:

- De onde é você?
- Eu? Do alto - respondeu, sem olhá-la.
- Não é possível saber seu nome?
- Você não pode reter todos os meus nomes, que excedem aos do gato em árabe; mas os poucos familiares me chamam "Dony".
- Dony... Dony... Nunca ouvi este nome.
- E que culpa tenho, senhora Nur? Bem, agora creio que já não tem vontade de tomar um banho de água salgada. Até a vista.

Encaminhou-se em direção à escada que conduzia ao salão da segunda classe.

Nur, assim efetivamente chamava-se a mulher; ficou imóvel e estupefata. Pensou: Como um homem estranho conhecia sua história?! Ele estava enamorado dela conforme confessou? Como sabia que seu amado ia ser absolvido da tentativa de assassinato contra o próprio marido, que o pegou em flagrante com ela?

As meditações afastaram de sua mente a idéia de suicídio, mas acenderam a chama da curiosidade e da ânsia.

Nur era a quinta das sete irmãs, cada qual mais bela do que a outra. Quatro se casaram em vida dos pais, mas ela, na idade de dezesseis anos, ficou órfã. Teve amparo do Cura do povo, como tutor, que se enamorou dela. Para conservá-la para si, casou-a com um lavrador, velho estúpido, porém, rico. Passaram-se os anos e, Nur se despertou para a vida, mas não para o verdadeiro amor. Muito se falou de sua conduta, até que, por fim, se

entregou, de corpo e alma, a um jovem estudante de medicina. Avisado por outros jovens que não conseguiram os favores de Nur, o marido descobriu a infidelidade. Quis vingar a honra improvisada, mas o amante disparou um tiro de revólver, que lhe feriu levemente. Houve escândalo, processo, captura e encarceramento do réu. O jovem era sobrinho do bispo, e este, amigo dos franceses, e os franceses eram os senhores do país... De maneira que o assunto se tornou muito simples. Nur, desesperada pelo escândalo, abandonou o povoado, a conselho do amante. Tomou o primeiro navio, que a conduziria para a América.

A beleza de Nur era incomparável, mas sua cultura muito deficiente; somente sabia ler e escrever. A desgraça obrigou-a a fugir; mas encontrando-se só, sem maiores recursos, sentiu que a desesperação a intimidara, pensou em suicídio; ia lançar-se ao mar, quando interveio o desconhecido.

Mas, agora já não pensava em morrer. Queria saber de seu salvador, quando veria seu amante e como soube que ia ser libertado.

Porém, como poderia chegar a ele? Como fazer falar aquela esfinge? Quis segui-lo e detê-lo para suplicá-lo, no entanto, havia desaparecido.

Voltou a olhar a água. O mar lhe inspirou horror, aversão e medo.

Que extraordinária é a mente humana! De um momento para outro transforma o amor em ódio, o poder em debilidade e até o branco em preto.

E, enquanto Nur analisava o segredo das próprias emoções, soou a campainha anunciando a hora do almoço.

Eram três horas da tarde. Nosso jovem, chamado ou que se fez chamar Dony, ocupava o mesmo posto a bombordo, aonde o vimos pela manhã. Os passageiros iam e vinham muito perto olhando-o; alguns, baixavam a voz quando aproximava; mas... Ele estava muito longe de seu corpo; não via e nem ouvia nada do que ocorria em seu redor.

E enquanto os lentos minutos se passavam no relógio do tempo, e os passageiros cochilavam entre si, uma mulher, a formosa mulher que conhecemos há pouco, Nur, saiu de um recanto do navio e dirigiu seus passos para onde estava o solitário. Chegando perto, sorriu, tomou-lhe o braço e pediu com voz entrecortada pelo medo, como quem está obrigado a rir a um doente grave, para dar-lhe ânimo.

- Suplicou-lhe..., Seja bom e deixe-me contar o que aconteceu; não se zangue; estão nos olhando.

Dony despertou de seu letargo, olhou-a com doçura e lhe disse com muito carinho e naturalidade:

- O que sucede?

- Sim, assim quero que me olhe, e suplico mantenha esta atitude, sorridente...

- Está bem, jovem.

- Não sei como começar... Esta gente crê que tem direito de maltratar a toda mulher. Perseguem-me, ofendem-me, dirigem-me palavras impudicas.

Nur calou-se afligida pelo desgosto. Em seus olhos assomou certa umidade como presságio de lágrimas.

Dony observou-a por momentos e falou em voz baixa:

- Por que se admira e fica tão indignada? Não sabe que a culpa é sua? Quantas e quantas vezes tem você exercitado todo estes formosos olhos ante o espelho, para adestrá-los ao ataque? E esta boca provocante, quantos dias e noites tem, ensaiado o gesto nos lábios para apanhar a vítima? Não deve culpar estes pobres

seres, minha amiguinha; estes seus exercícios se converteram, em você, em uma própria e segunda natureza. Seja mais severa consigo mesma e indulgente com eles, e as coisas se mudarão. Não sabe que o exterior é o reflexo do interior?

Nur ouvia atônita as frases e não sabia o que responder ao homem que lia em seu coração; a princípio, teve temor, queria retroceder, mas sentia-se confusa.

- Então, estou marcada...?
- Você marcou-se a si mesma; mas é fácil fazer desaparecer o estigma. É isto tudo o que queria me dizer?
- Não... Durante o almoço me aborreciam com certas insinuações e, sem saber porque, me lembrei de você, e lhes disse: "Agora veremos o que dirá o meu irmão com respeito ao procedimento de vocês para comigo!" Alguns ficaram surpreendidos e perguntaram: "É seu irmão aquele que falava com você esta manhã?" E eu lhes disse que sim e que o comandante do navio o convidou a almoçar, porquê são amigos íntimos.

Dony ao ouvir as mentiras tão bem preparadas, não pôde conter uma gargalhada, a princípio, mas logo despertou à realidade, franziu o cenho, para em seguida perguntar:

- E agora, que pensa fazer?
- Mas... E calou-se para levantar seu cabelo da frente e, Nur pensava... Cheia de ansiedade: seguiria ele sua farsa? A desmentiria? Qual seria sua situação, se chegam a saber que os havia enganado?

Enquanto isto, o jovem media a responsabilidade das palavras pronunciadas por aquela mulher. Desmenti-las seria muito doloroso para ele.

Como poderia repelir a esta criatura, que se refugiava nele e lhe pedia proteção?! E que seria dela, se chegassem a descobrir o contrário? Não era ela a filha do melhor amigo de seu país? Quantas vezes, ele criança e adolescente, esteve em sua casa e comeu de seu pão? Quantas vezes o pai de Nur carregava-lhe e acariciava-lhe, dizendo: "Como és bonito e inteligente, meu filho, que Deus te conserve para teus pais!"

Dony rememorava tudo. Deveria proceder como faz todo mundo: morto o amigo, ninguém vigia os filhos? A amizade deve ser como a pele de serpente, ou como uma nuvem de verão?

Amizade! Amizade!

Mas, se a aceitasse como irmã, como poderia deixá-la com os demais, para que a molestassem durante toda a viagem?! E, como a levaria a viver com ele na mesma cabine?

Ele comprou passagem de terceira classe, mas pagou mil francos pela cama de um marinheiro e para que este lhe servisse comida de primeira classe. Pagaria outros mil francos pela cama de outro marinheiro, para cedê-la a Nur?

E enquanto buscava a solução do problema, Nur suspirou:

- Eu deveria ter me suicidado. Causo sempre desgraças às pessoas com as quais lido.

Dony olhou-a com ternura mesclada de tristeza e disse:

- "Espere-me aqui, volto num momento." E se foi em busca do marinheiro. Dez minutos depois perguntou:
- Tens bagagem, onde está?

Ela olhou-o surpreendida, e foi buscar a mala. Os supostos irmãos se instalaram a sós, na mesma cabine.

Depois de guardar silêncio por um momento, disse Dony:

- Nur... Escuta-me... Tu não podes olhar e nem falar com ninguém, a não ser em minha companhia.
- Está bem.
- Se alguém te dirigir a palavra, não deves responder, nem prestar atenção, se não for teu conhecido. Entre os passageiros existem os que são amigos?

- Ninguém.
- Pois, tomo tua palavra e rogo obedecer-me para o teu bem. Podes tratar-me por "tu", pois sou teu irmão.

Capítulo II

A sós

Naquela noite, depois da ceia, os jovens saíram para receber o ar fresco, mas, como fazia frio, optaram por regressar ao camarote.

Guardavam silêncio, e cada qual pensava nos próprios assuntos e problemas.

Dony estava muito inquieto em seu coração, enquanto que Nur gozava de tranqüilidade interna que enchia todo o seu ser. Ele não falava para não manifestar a inquietação, e ela, para não afugentar sua alegria.

Ela recostada na cama, e ele, em frente, sentado em uma cadeira.

Dony não estava arrependido pelo favor feito à jovem, porém pela maneira que foi feito. Ele buscava soledade e reclusão, e agora se encontra perto de uma mulher sumamente bela e coquete. Pensou na frase de São Paulo: "Eu faço o que não quero fazer." Mas, quem lhe obrigou a fazer o que havia feito? Está bem que se trata de salvar uma mulher desesperada, mas, que obrigação tinha de trazê-la para seu próprio camarote, de cuidá-la e defendê-la, para logo carregá-la sobre seu coração e em sua mente? Eram oito dias e oito noites que deveria suportar esta cruz, até chegar a Marselha.

Consultando seu coração não notou censura; ao contrário, sentiu algo de satisfação.

Nur, por sua parte, estava bem tranqüila. Esteve nos braços da morte, e livrou-se dela. Que pesadelo horrível era essa lembrança! E negam que existem anjos sobre a terra, este homem era um anjo. Livrou-a dessa gente tão má; mas, porque ele disse que a má era ela e não os outros? O pensamento a torturou.

Numa cama macia, depois de uma rica ceia, e ao lado de um amigo, estava feliz. A felicidade é oposta à tristeza em suas manifestações. A tristeza é soledade e silêncio. A felicidade e a alegria pedem expressão, sempre tratam de se manifestar, não podem ficar muito tempo em calma e quietude.

Nur sentou-se à beira da cama, dirigiu um daqueles olhares que só ela sabia manejar, e, com um sorriso mais agradável do que uma boa notícia, perguntou:

- Agora que já somos irmãos, posso saber teu nome?

O jovem se fez absorto em sua meditação, e não a atendeu.

- Não me ouves? Insistiu Nur.

- Como... Que...?

Conservou a atitude anterior. Repetiu a pergunta, acrescentando:

- Onde estás?

- Aqui estou... Que falta faz saber ou não meu nome? Não estás contente?!

- Estou demasiada feliz.

- Alegro-me.

- Disseste, antes, que me amavas.

- Antes te queria, porém, agora te amo.

A jovem pensou na resposta para decifrar o sentido, mas não conseguindo, perguntou:

- Que diferença há em querer-me antes e amar-me hoje? E por quê empregas este "porém"? Não te entendo.

Dony pensou para responder com uma frase clara, mas não a encontrando, recorreu a uma comparação e perguntou:

- Queres muito a Félix?
- Homem! Estás inteirado de tudo! Quem és tu?
- Responda-me a pergunta.

Ela pensou por um momento:

- Sim, quero-o muito.
- Pois bem, que sentias quando ele te acariciava, o que ansiavas, o que desejavas?

Nur pensou, inclinou seu olhar para fixá-lo no tapete, e, logo disse lentamente, como quem tratasse de expressar um sentir profundo e pintá-lo com todos os seus detalhes:

- Naquele momento, quisera que fosse completamente meu; quisera absorvê-lo; aspirá-lo; amarrá-lo, encadeá-lo, prendê-lo. Que te direi? Quisera comê-lo, mascá-lo, tragá-lo.
- Ótimo! Ótimo! Disse o jovem, rindo-se. Creia-me que estiveste admirável nesta resposta. Agora vamos ver se podes responder a esta outra:
- Recordas quando tua mãe estava enferma de câncer?

Nur tremeu ante aquela lembrança dolorosa e trágica, e as lágrimas invadiram seus formosos olhos.

Dony viu que Nur era muito mais formosa na dor do que na alegria; a mulher se convertia em anjo. Não pôde evitar de acariciar seu rosto e cabelos de ouro com sua mão e, continuou a pergunta:

- O que sentias quando tua mãe chorava de dor? Que ansiavas?
- Ai! Minha pobre e adorada mãe! Que ansiava?... Ansiava dar-lhe meu sangue, minha saúde. Pedi a Deus que me levasse, em troca, contanto que ela vivesse sã. Quantas vezes desejei dar minha vida por ela... Nur se desatou em pranto.

O jovem sentiu ternura pelas lágrimas repletas de aflição; aproximou sua cadeira e começou a acariciá-la silenciosamente, com as mãos, olhando-a detidamente.

Nur reagiu rapidamente, olhou os olhos do companheiro e sentiu uma espécie de corrente elétrica que invadia todo o seu corpo.

Dony retirou as mãos dizendo:

- Esta é a diferença entre o querer e o amar...

No momento, a jovem não entendeu, porque aquelas recordações haviam feito esfumar de sua mente o objeto da conversa:

- Não te entendo.
- Não me havias perguntado a diferença que existe entre o querer e o amar? Pois, tu mesma a descobriste; o querer pede posse, o amar se dá incondicionalmente.

Nur pensou naquelas palavras durante um instante, e suspirando disse:

- Então, segundo esta definição, nunca amei aos que tenho querido.
- Não sei, isto depende. Tu mesma deve analisar os próprios sentimentos... O homem pode amar a muitos sem querê-los, e querer a muitos sem amá-los; porém, estou seguro de que não se pode amar e querer ao mesmo tempo, senão a um só ser; embora isto seja muito raro, é uma exceção à regra.
- E tu tens amado e querido, alguma vez, a uma só pessoa?
- Não sei como responder à pergunta. Tenho amado e querido, mas como meu querer não teve realização, sigo duvidando. O amor e o querer não se encontram senão entre o homem e a mulher e na união sexual santa; mas este milagre se produz somente em cinco uniões entre cada milhão de pares.
- Dizes, a união sexual santa? Queres dizer, o matrimônio?

- É o mesmo. Acaso o matrimônio não é a união sexual santa, e esta não é o matrimônio? Ou crês que isto consiste, t/ao somente, na benção do sacerdote?
- Não me faças rir. Não és cristão? Não tens ouvido os sacerdotes ensinar que o mero pensamento no sexo é um pecado mortal?

Dony sorriu, tratou de dar à sua voz um tom de calma, e perguntou:

- De quais sacerdotes me perguntas? Dos que são como o Padre Miguel?

Nur, ao ouvir a pergunta, empalideceu-se, tremeu e bruscamente se pôs de pé. Agarrou Dony, que a observava admirado de sua atitude, sacudindo-lhe os ombros, lhe disse com voz entrecortada pelo pranto e a cólera:

- Tu... És... Tu... És, e como não encontrava o adjetivo adequado para a expressão, empurrou o jovem e se lançou na cama, para chorar à solta.

Dony emudeceu-se. Seguramente ela acreditou-se mencionada nesta explicação, embora ele, nunca tivesse a intenção de feri-la. Começou a sentir-se irritado por tal procedimento e perguntava a si mesmo: Que tenho eu que ver com esta mulher, e porque lhe dou tantas explicações sobre coisas que nunca entenderá? Por quê acreditou ela que quero ofendê-la? Devo cortar de uma vez estas cenas.

E enquanto, no aposento, seguiam os suspiros e o pranto, Dony se pôs de pé e disse com voz severa, porém tranqüila:

- Escuta-me senhora, por um momento, e depois podes chorar durante toda a noite se quiseres. Tu me ofendeste ao crer que sou capaz de ferir-te e lançar-te a pedra; tua sensibilidade chega ao histerismo. Não me desculparei pelo que não cometi. Já mataste o pouco carinho que tinha por ti.

Nur se continha para poder escutar essas frases, acreditando, de início, serem de desculpas e desagravos; mas quando ouviu as últimas, levantou-se bruscamente do leito, abraçou o jovem e suplicou-lhe:

- Por Deus, não me maltrates assim!
- Está tudo acabado.
- Pois eu me lanço ao mar.

Disse isto e, com a rapidez de um pestanejar, abriu a porta do camarote e se atirou para fora.

Dony, sem perda de tempo, e visualizando o quadro, correu atrás dela, e a agarrou pelo cabelo, perto da balaustrada. Travou-se a luta entre os dois, ele queria reconduzi-la à cabine, e ela não queria soltar-se de onde estava aferrada. Por fim, vencida à força, foi arrastada ao camarote.

No lapso de dez ou quinze segundos, o jovem Dony havia sentido e vivido o medo de todo um século, cheio de desesperação e angústia. Ele agia maquinalmente, mas sua mente filmava uma película de dias e anos.

Ele? O causador de um suicídio? E as averiguações, o escândalo e o juízo? Quem o obrigou a meter-se como salvador para sofrer semelhante desgraça? Ele que vivia afastado de todos! Era a voz do coração ou da mente que o enganou, para sentir a debilidade chamada caridade, e transforma-se em protetor desta mulher histérica? Não é necessário buscar o mal, ele vem por si mesmo...

No entanto, Nur continuava forçando para livrar-se de suas mãos:

- Deixa-me... Deixa-me...
- Escute-me.
- Não quero escutar nada... Deixa-me.

- Não me obrigues a te maltratar, rogo-te pela memória de teus pais; acalma-te.

A jovem, ao ouvir o conjuro, tremeu um instante, acalmou sua excitação, tratou logo de desprender-se dos braços que a envolviam, para sentar-se na cama, fatigada, pensativa e triste.

Dony aproximou dela a cadeira, sentou-se, tomou-lhe as mãos, e olhou-a com censura:

- Esta é minha recompensa, Nur? Isto é o que mereço de ti?
- Que te importa a minha pessoa? Tu me desprezas.
- Eu não te desprezo, menina.
- Assim me disseste, e eu não quero a caridade de um ser que me odeia.
- O que estás dizendo. Tu podes acreditar que eu seja capaz de odiar-te ou de odiar a alguém?
- Acabas de dizer que já não me queres.
- Mas o que não querer de uma pessoa, não significa que a odeia.
- Mas significa indiferença, e isto é pior do que o ódio.
- Não me és indiferente, Nur; do contrário não te suplicaria tanto.
- Mas não me queres.

Ele não desejando provocar outra cena igual a anterior, respondeu:

- Sim, sim, te quero.
- Então, beija-me.
- Mas, se isto não for um castigo.
- Beija-me aqui na boca.

Ele não pôde conter o riso que se transformou em gargalhada. Fez um gesto para beijá-la, porém os lábios não obedeciam, enquanto que ela os mantinha estendidos em posição de beijar. Em poucos segundos, o riso de Dony a contagiou, e se pôs a rir completamente à vontade. Quando passou o acesso, o jovem levantou-se, fechou a porta com a chave.

- Agora, a dormir.
- E o beijo?
- Toma-o. Estamos em paz?
- Assim é que sabes beijar? Que vergonha!

Ele rindo-se:

- Que culpa tenho, se não me ensinaram melhor?
- Pois eu te ensino.

E antes de terminar a frase, juntou a boca à do jovem, ensinando-lhe praticamente, todos os métodos e exercícios do beijo.

Dony não se movia, deixava-a praticar todas as suas manobras; mas, em poucos minutos concebeu um plano definitivo.

Não se sabe quanto tempo durou a cena, mas quando se separaram, ela ironizou:

- Assim se beija, pedaço de gelo!

Dony riu:

- Vamos dormir ou não?
- Queres dormir em cima ou em baixo? Perguntou ela, brincando; mas, ao ver o olhar severo do jovem, continuou:
- Na cama de cima ou nesta?

Ele, com toda a seriedade:

- Escolhe a que gostes mais.

Nur estava recostada e Adonai sentado ao seu lado. Ela recebia a luz da lâmpada diretamente no rosto, calada e pensativa, recordava, talvez, os sucessos do dia, ou pensava em seu poder de atração.

Com a mão direita apertava a esquerda dele com tanta força, como quem quisesse atrair-lhe e confundir-se com o jovem.

E... Logo o olhou... Um segundo, dois, três... Afrouxou a mão que apertava... Quis falar, mas não pôde articular mais do que:

- Tenho... so... no...
- Se tens... sono... deves dormir. Estás dormindo?

Moveu os lábios, mas não pôde falar.

Adonai tocou-lhe a garganta e ordenou:

- Tu podes falar. Estás dormindo?
- Sim, respondeu.
- Tu não podes despertar até que eu te ordene.
- Sim.
- Tu tens que obedecer-me.
- Sim...

Ele tomou a mão que lhe apertava, levantou-a um pouco e a soltou. Mão e braço caíram inertes, como um pedaço de pano.

Estava profundamente adormecida. Ele lhe disse:

- Tu tens que obedecer-me e responder minhas perguntas.
- Sim.
- Deveras, querias suicidar-te?
- Sim...
- Por quê?
- Porque sou uma desgraçada.
- De hoje em diante, não voltarás a pensar jamais em suicídio. Te infundirá horror e repugnância a idéia do suicídio. Repete: "Eu amo a vida".

Nur repetiu.

- Outra vez. E assim a fez repetir até dez vezes.

Novamente a jovem obedeceu.

- De hoje em diante, viverás satisfeita e conformada.
- Sim.

Dony calou-se um instante, para logo continuar:

- Podes ver-me.
- Confuso.

Dony tocou os olhos fechados de Nur e ordenou:

- Agora podes ver-me.

A jovem fez um gesto com as sobrancelhas:

- Sim.
- Como me vêes? Fala:
- Vejo uma bola grande, transparente, como de cristal... Brilha em cores... Nela enxergo figuras humanas, muitos rostos... Uns vão e vêm e outros estão fixos.

As frases surpreenderam Dony. Nunca havia ouvido algo semelhante. Não sabia como interpretá-las.

- Tu deves descrever estas figuras, ordenou depois de uma pausa.
- Vejo uma mulher idosa, algo encanecida, com poucas rugas, de olhar fixo e terno. Uma jovem linda com cabeleira comprida, pensativa. Um homem de barba branca e turbante, que ocupa toda a bola de luz. As demais figuras são vistas através de seu rosto transparente e formoso. Existe outra bela jovem, morena, de olhos negros e tristes e ao lado, outra orando. Um homem com barba preta e rosto fino. Vejo outros mais.

No princípio, Dony acreditou que a jovem estava lendo no arquivo de sua memória, afastou a idéia para perguntar:

- Estão dentro da minha cabeça?

- Estão dentro e fora, como que desenhados sobre o rosto e formam parte do mesmo.

No momento, Dony não quis pensar em descobrir o significado destas palavras, para não distrair sua atenção. Perguntou novamente:

- Podes ver meu corpo?
- Sim.
- Descreva-o.
- É uma rede de tubos muito complicados, rodeada de uma auréola de gás, com muitas luzes e cores. Vejo uma ruptura nele... Uma espécie de cavidade obscura. Dentro dos tubos corre um gás de muitas cores e brilhos, sendo uns mais fortes que outros.

A admiração de Dony aumentava cada vez mais; pensou um momento em algo e quis saber:

- Como me vêes agora?
- Como uma bola de luz cor de rosa, e sua origem emana do rosto da jovem de cabelo comprido.

Dony estremeceu visivelmente ao ouvir isto. Ela continuou:

- Agora já não é rosada; mudou-se em cores confusas.

O jovem recordou uma passagem antiga de sua vida e perguntou:

- Que vêes?
- Uma mulher ocupa toda a cabeça e lhe cobre o corpo com eflúvios vermelhos.

Houve uma pausa.

- Conheces-me?
- Sim, já sei, já... Molhei-te a roupa na fonte e me pagastes.

Dony havia se esquecido daquele fato, mas agora recordou quando os dois eram crianças, e sorriu... Porém, sua mente estava ocupada em outras coisas. Continuará a interrogação? Não a fatigaria demasiado? Pensou experimentar algo mais, para certificar-se definitivamente, e, concentrando-se, voltou a perguntar:

- E agora, o que vêes?
- O mesmo ancião de barba branca... Olhos glaucos... Fronte alta e serena... Sorriso bondoso... Olhar penetrante... Olhar doce... Sereno. Agora... Estado natural com cores rosa, violácea... Amarela.
- Podes descrever como se movimentam as luzes?
- Saem como que de uma lamparina sem mecha, vão longe e uma parte volta a entrar no corpo, e pelo nariz, para brilhar mais e mais.

O jovem permaneceu meditando um pouco, e optou, em terminar a experiência:

- Agora tens que continuar dormindo tranquilamente, e te despertarás alegre e satisfeita. Bendita sejas!

Capítulo III

Contemplação e Meditação

Nur?! Difícil descrever a beleza de Nur com palavras! Até seu nome encerra em si uma poesia, um encanto, uma magia! Nur significa "Luz". Era uma Vênus de Milo, porém, loura e branca. A tez alva era matizada de rosado; seus olhos, aqueles olhos esmeraldinos, tão formosos, brilhavam e saltavam para logo se aquietarem, se entristecerem e se encherem de ânsias remotas, passadas e futuras.

A fronte nobre, juvenil e ampla; o nariz simétrico e perfeito, a boca mimosa, perturbadora e fascinadora. Queixo feito especialmente para as carícias do polegar e do índice; colo e garganta cinzelados, corpo ágil e flexível; duas pernas cheias de magnetismo, e, rematando-as, dois pés feitos por artista amante.

Elegância sem premeditação e graça inata. Bendita seja a Natureza que pode criar modelos tão perfeitos de formosura e mestria!

A sensibilidade de Nur era excessiva, que unida à sua ignorância e à sua superstição, formavam uma personalidade invejável para um homem que se dedica a provocar estados psíquicos. Era sumamente fanática, estendia sua religião tal como lhe havia ensinado seu amigo, o sacerdote.

Terminada a experiência, cujo começo foi tão natural e o final tão surpreendente, Dony permaneceu ensimesmado e extasiado por aquela indescritível beleza que tinha muito pouco de humano.

O que experimentava Dony em seu interior? O que sentia em sua alma?

Ondas de fogo que subiam desde o baixo ventre, para envolver o coração e estancar-se nele, e o converter em chamas.

Agora, Nur dorme o sono natural; sua face está, novamente rosada e a respiração se tornou normal. "Dony, já debes deitar-te tranqüilamente, muitos problemas te esperam, para serem resolvidos. São duas horas da manhã, e tu gostas de dormir cedo! Estás bem, mas poderás dormir? Intenta-o!"

Subiu, cuidadosamente, à cama superior e se deitou de costas. Apagou a luz. Começou a meditar, e a perguntar a si mesmo, às vezes respondia e outras não. E...

Que mistério descobri esta noite? Minha cabeça grande e transparente, como uma bola de cristal... Brilha com diversas cores... Tudo é natural e conhecido... Mas, nelas se vêem figuras humanas e rostos... Uns desaparecem e voltam, outros estão fixos!... E estas figuras que estão fixas e tão perfeitamente perfiladas até o extremo de serem identificadas com tanta exatidão? Como posso e como devo explicar esse fenômeno? Isto é novo... Durante muito tempo, meditou, e concluiu:

Nur é uma clarividente fenomenal. Ela não vê as coisas materiais, mas sim o mundo da imaginação e do desejo. Sem dúvida que o pensamento se materializa. Um homem que pensa muito em um ser querido, grava sua figura nessa bola de cristal luminosa e colorida, que ocupa o lugar de cabeça física.

Porém, o colorido que acompanha a figura, é efeito da mesma figura ou do próprio pensador? Veremos! Quando pensei na jovem de cabelos compridos, Nur viu uma cor de rosa que emanava do rosto desenhado em minha cabeça... Sim, sim... Eu pensei nela com aquela ternura indefinível, que envolve todo o meu coração, mas ao pensar na outra, que irradiou cores vermelhas, tive um pensamento diferente. Logo?

Logo, o pensamento se materializa em forma de luz e se manifesta em cores. Portanto, o corpo do pensamento é uma luz e sua atuação é a cor.

Como é grandioso e estupendo!!!

E o ancião de barbas brancas?

Eu o havia visualizado em vários estados e ela o viu em todas as suas mudanças e cores.

Então: pensar é criar, e, o ser humano se imagina como pensa, pensa como sente, sente como deseja e seus desejos dão cores aos seus pensamentos.

Então, o homem de pensamentos firmes, pode esquadrihar o mistério da alma e os poderes latentes ocultos em si mesmo.

Todos sentem amor, porém, cada indivíduo percebe o objeto do amor segundo a imagem formada por seus desejos, na própria mente. Tudo aparece de acordo com o cristal pelo qual se olha.

O cérebro não é o pensamento, mas é o instrumento que facilita o ato de pensar. Também não é idéia, mas é o molde que lhe dá forma. Tão pouco o cérebro é o pensador, mas é o seu mecanismo, através do qual se cria.

Todo pensamento que chega a ser uma idéia fixa, se converte em ação no mundo mental e se esforça por cristalizar-se no mundo físico.

O pensamento no mundo mental, grava primeiro a imagem na bola de luz, conforme as explicações de Nur. O pensamento mais forte, persiste, afastando os mais débeis, como sucede em todos os mundos, depois com a persistência e o tempo, modula até as feições do homem e lhe ensina a maneira de ser, porque o homem não obra segundo sua forma, senão segundo seus pensamentos.

Deste modo, quando a mente refletir as imagens dos seres, chegará a conhecer os efeitos que produzem na consciência; da mesma maneira podemos dizer dos pensamentos, dos desejos e das ações, que são manifestações na matéria mental, embora defiram totalmente pelo caráter diferente das cores. Todo o pensamento afeta a mente por uma combinação de ondas.

Todos os efeitos de nossos pensamentos, desejos e obras passadas, formam, em cada um de nós, a mente modulada pelo nosso próprio uso. De modo, que não podemos mudá-la bruscamente por um esforço de vontade, nem prescindir dela, nem afastar instantaneamente suas imperfeições; desta regra deduz-se que, para sermos bons, temos que pensar bem, e temos que ter bons desejos e bons sentimentos.

Tem razão o "Livro dos Preceitos de Ouro", ao dizer: a mente é o criador da ilusão...

E essas luzes que saem do corpo e voltam a ele novamente? Isto confirma a seguinte regra: "quando o pensamento afeta a substância mental que a rodeia, cria vibrações na consciência, ainda que seja com pensamentos fugazes; atrai átomos mentais a esta região e ao mesmo tempo expelle outros. De maneira que a força do pensamento é dual: "centrípeta e centrífuga".

Os pensamentos baixos e vis atraem ao homem materiais grosseiros, adequados à sua expressão, mas, ao mesmo tempo repelem aos finos e diáfanos, para ocupar seu posto; da mesma maneira sucede com os pensamentos harmônicos e bons, que, ao ocupar a atmosfera mental, desalojam aos grosseiros.

O homem aspira os átomos afins aos seus pensamentos.

Admitindo estes fatos exatos, se compreende a infinita responsabilidade que constitui a educação das crianças e dos maiores e, bem assim, a auto-educação para os seres conscientes de seus deveres, até inculcar e infundir na atmosfera mental, pensamentos e atos que, a partir de um momento determinado da vida, exercem neles uma atração benéfica.

Que grande sábio é aquele que ensinou: "Não se deve pecar pelo pensamento, nem pensar mal de ninguém." Ele sabia que pensar mal, é ferir-se a si mesmo... ..

Enquanto Dony analisava e meditava estes problemas e se esforçava em esclarecê-los, notou que não tinha o mesmo estado de antes; não dormia, porque estava consciente; não estava acordado, pois não podia mover o corpo, e ao mesmo tempo viu que Nur estava com ele no leito.

Como se despertou e atreveu a subir até ele? Como não sentiu ele seu movimento, ao escalar até a sua cama?

No começo, invadiu-lhe uma onda de indignação e quis reprová-la fortemente, mas... Ah... Ah... Ah... Riu-se e novamente riu-se... E, em seguida perguntou:

- O que queres?

- Não vês como estou?
- Como estás?
- Estou muito feliz.
- Nada mais do que morta em vida.
- Morta, eu? Como posso estar morta estando viva? Estás brincando comigo?
- Olha teu corpo.

Ela se assustou:

- Sou dupla, meu Deus! Estou sonhando?
- Sim, estás sonhando acordada, como se diz geralmente, em estado de vigília; mas, estás morta conscientemente.
- Isto é uma maravilha! Que ventura! Já não sinto nenhuma aflição, nenhum mal estar. Estou ágil, desembaraçada; livre, livre e feliz...
- Crês isto!
- Como não crê-lo, se esta é a realidade?
- A realidade... A realidade... Que sabes da realidade?
- Seja o que for, quero continuar assim, neste estado.

Dony recordou um fato distante, em que outra mulher no mesmo estado, disse as mesmas frases. Calou-se, pensando melancolicamente e, como não respondeu, Nur prosseguiu:

- O que tens? Por que não falas?
- O que posso dizer? Tu desejas morrer, e já estás morta; se queres seguir assim, podes fazê-lo, mas, deixa-me em paz.
- Como posso acreditar que estou morta, pois, onde estão o purgatório e o inferno, dos quais se fala tanto?
- Não te preocupes, há de senti-los e, então chorarás inconsolavelmente, pela perda do teu corpo.

Nur, ao ouvir essas ameaças, sentiu o efeito do medo precursor da desgraça, e perguntou temerosa:

- É certo que há fogo abrasador, demônios que torturam, víboras e outros sofrimentos?

Dony pensou um momento, sem saber o que deveria responder. Como poderia explicar com palavras simples à verdade a uma mente inculta e fanática? Não seria perda de tempo, tratar de inculcar na mentalidade de uma criança um mistério que não é compreendido por noventa e nove por cento da humanidade civilizada e culta? Que deve fazer nesse caso?

Depois de uma grande pausa:

- Escuta-me, Nur. Se digo que existem o inferno e o demônio, tal como o concebes, estou mentindo; se digo que não, também minto. Atente bem: o inferno e o demônio existem, porque nós o criamos. O inferno é o estado da alma que não cumpriu as leis naturais e divinas. O demônio é o conjunto formado pelos maus desejos, pensamentos, palavras e obras. Já vejo que não estás entendendo nada. Mas, de que maneira te posso fazer entender-me?...

Pensou um pouco, enquanto a jovem continuava atenta, escutando, sem atrever-se a dizer coisa alguma.

Depois, Dony continuou:

- Já vais sentir o inferno.
- Não. Tenho medo, gritou ela.
- Mas, não sentes que o medo é uma fase do inferno?

A moça não respondeu, talvez porque não tivesse compreendido a pergunta. Dony continuou:

- Já o verás. Olha: nestes momentos tens muita sede, muita sede, uma sede que te abrasa, que te consome...

Nur sentiu-se muito perturbada e incomodada, e disse:

- Efetivamente tenho muita sede. Ai! Quero água! Água, por Deus, água!
- É simples, vai tomar água; ali tem uma garrafa e um copo.

Nur se lançou para o lugar indicado para satisfizes sua necessidade e, então, começou a se desenrolar uma cena tão horrível, que causava riso e terror ao mesmo tempo.

A jovem quis agarrar o recipiente, estendeu a mão e... Que horror... Que surpresa... Que espanto... Que desespero... Sua mão fluídica atravessou a garrafa, sem poder agarrá-la.

No princípio, se deteve surpreendida... Em seguida, repetiu a tentativa, mas, foi inútil; novamente ensaiou com as duas mãos; mas, tudo em vão. Nur, então, teve pavor e perguntou a si mesma; O que se passa? O que me sucede? Olha, Dony, não posso agarrar o copo! Ai, tenho sede! Dony, água, por Deus, água, senão morro de sede!

Dony a contemplava impassível e ela procurava, por todos os meios humanos, beber a água encerrada na garrafa. Dava voltas ao redor do copo, estendia as mãos com desespero; aproximava a boca, tirava a língua para fora a fim de obter, embora, que fosse, uma gota; mas, assemelhava-se, naquele momento, a um novo "Tântalo", como é descrito pela mitologia.

- Água... Morro de sede... Água... Minha boca está seca, minha língua arde, meu corpo se calcina... Água, Dony, dê-me água...

O jovem teve compaixão, mas continuou nesse estado de indiferença ou procurou aparentá-lo.

Do corpo fluídico de Nur, milhares de ganchos etéreos coloridos que procuravam colher o copo e a garrafa, mas, não havia esperança de alcançar o seu intento, sofria a mesma decepção de quem procura agarrar a lua ou alguma estrela; dir-se-ia que suas mãos eram de fumaça ou de luz que não tocavam em nenhum corpo sólido.

Então, mudou-se a atitude da mulher. Tornou-se repugnante e a cólera se apoderou dela. Como uma leoa, que dá pancadas na vítima, começou a golpear a garrafa e o copo, com as mãos, para derrubá-los e despedaçá-los. Inclina-se sobre eles, e de seu corpo saía uma atmosfera negra avermelhada, e formas tão horrendas, que assustariam até ao mais valente. O ambiente se tornava cada vez mais denso, mais fatídico e, as formas que emanavam dela relampeavam com maior intensidade e, quanto mais impotente se sentia, mais cólera despendia, chegou ao extremo, que todo o corpo da mulher se converteu em uma pira ardente.

Quanto tempo durou aquele suplício de Tântalo? Porém, quem pode medir o tempo da desesperação? Acaso os minutos, neste estado, não se equívalem a anos?!

Quando Nur, desesperada, exausta por tantos esforços inúteis, se deu conta de sua incapacidade, ajoelhou-se ante Dony e suplicou com uma atitude que traduzia toda desesperação de uma alma condenada:

- Dony, meu irmão, salva-me, salva-me.
- Por quê te queixas, Nur? Isto é o que sofrem os que se suicidam.
- Como?! Assim sofrem os suicidas?!
- Isto não é nem a milésima parte dos sofrimentos.
- Ai! Como sou desgraçada!
- E que te parece o inferno?
- Suplico-te, rogo-te, salva-me, isto é horrível. Tenhas compaixão de mim, estou arrependida; não voltarei nunca mais a pensar nesta loucura. Prometo-te, juro... Tenhas piedade... Quantos dias estou neste inferno?
- Dias?! Estás louca? Não são nem dois minutos.
- Porque zombas de uma mulher desgraçada, Dony? Perdeste o sentimento de compaixão? Como podes dizer que um século é um minuto? Meu Deus! Como sou infeliz. Meu Deus, arrependo-me, devolve-me à vida, ao paraíso, e serei boa e obediente.

Nur chorava e de seu ser se desprendiam raios violáceos e azuis. O quadro era sugestivo, os ganchos repugnantes haviam desaparecido, assim como a densa atmosfera para tomar lugar uma auréola diáfana e transparente, matizada com cores puras e delicadas.

Seu corpo despendia um cone luminoso, que se elevava em forma de luz, igual à de um refletor que desaparecia na imensidade do espaço.

Dony, ao contemplar a transformação, disse-lhe, em tom afetuoso:

- Mulher padeceste muito e depuraste tua falta; agora se te pode dizer: "Perdoado está o teu pecado". Volta a teu corpo e não peques mais.

Quando terminou de pronunciar estas palavras, Nur se lançou com avidez ao seu corpo, e a visão desapareceu.

Dony sentiu um enfraquecimento de sua memória e imaginação, perdeu a concentração das idéias e caiu inconsciente nos suaves braços de Morfeu.

Eram sete horas da manhã quando Dony despertou, sobressaltado. Endireitou-se na cama e disse:

- Faça-me o favor de não me despertar assim.

Nur, que estava de pé, retrocedeu espantada:

- O que te passa, Dony? Eu continha até o alento, para não te despertar.
- Perdoa-me, pois eu não posso suportar o olhar de um estranho, quando estou dormindo.

Nur sorriu tristemente:

- Feliz és, porque ninguém te pode roubar.
- Sim, é certo, mas me roubam quando estou acordado.

Nur tinha os olhos inchados de chorar. O jovem perguntou:

- O que tens? Por quê choras?
- Não sei, tive um sonho horrível. Sonhei que estava morta e que fui condenada ao inferno. Tu estavas comigo, mas não sofrias, e zombavas de mim... Não podes imaginar a noite que passei.
- Não te preocupes tanto. Isto talvez seja devido aos acontecimentos de ontem. Não sabias que tudo que se pensa durante o dia, é repetido durante o sonho? Disse Dony com um sorriso enigmático.
- Não foi sonho, porque eu estava consciente em tudo que sofri. Que horrível deve ser o inferno!
- É verdade... Mas, tudo passou e hoje é outro dia e estamos no céu, em vida... Com a condição de que não voltes a pensar em suicídio.
- Que Deus me livre; nem atrevo a pensar em minha loucura; rogo-te que não me recordes, senão enlouqueço.

Capítulo IV

Outra mulher

Dez horas da manhã, o mar estava tranqüilo como a consciência do justo e o céu, claro, se assemelhava ao coração de uma virgem.

Certos passageiros da primeira classe iam e vinham, conversando no passadiço; outros, de pé, contemplavam o mar; alguns estavam sentados e recostados nas típicas cadeiras preguiçadeiras de viagem a bordo, enquanto que outra parte continuava dormindo em luxuosas cabines. Poucos, relativamente, porém suficientes, eram os que se reuniam em torno de uma mesa de poker, onde ganhavam e perdiam duas ou três mil libras, servia de espectadores a ala inativa, isto é, a que não jogava.

No corredor havia uma jovem, paralítica de ambas as pernas, sentada em uma poltrona de rodas, fumando e lendo uma revista francesa.

Era uma bela criatura, a abundante cabeleira negra invadia a maior parte de sua fronte. A cor deveria ter sido morena, mas a vida sedentária, a sombra, deu à tez um tom de marfim transparente. Alguns diziam que era órfã e outros asseguravam que era filha de um casal divorciado.

A mãe, imensamente rica e moderna, havia esgotado todos os meios para curar a filha, mas sem o resultado desejado. Por fim, resolveu leva-la à Europa. Naquela noite, jogou até as cinco da manhã, perdeu mil e duzentas libras, e foi se deitar às seis. Por este motivo, estava ainda dormindo; enquanto isto, a dama de companhia atendia a enferma.

Dony subiu ao salão da primeira classe, tomou café, e saiu. Coincidiu que, ao chegar perto da jovem paralítica, deteve-se um instante, para acender seu cigarro; nada mais do que uns segundos, mas foram suficientes para escrever no livro do destino uma grande história.

Durante este lapso, Dony ouviu:

- Quer dar-me um fósforo, senhor?

A voz da jovem era tão doce e suave, com o acento marcado dos egípcios.

- Com todo o prazer, respondeu ele, com o sorriso dos que procuram agradar. Acendeu um fósforo, formando com suas mãos uma espécie de refúgio, para que o vento não apagasse a chama.

A jovem fumou, e disse com a mesma doçura e acento:

- Muito agradecida. Deseja fumar de meus cigarros? São egípcios puros.

Disse isto, e lhe apresentou a carteira aberta; ele não se fez rogado; o cigarro era oferecido por uma dama formosa, comunicativa e enferma, e, ainda, porque a qualidade do tabaco egípcio é famosa.

Lançou o seu na água, colheu o oferecido e, depois de examinar a marca, acendeu-o sorrindo, e entoou:

- "Fouad Primeiro", o nome de sua Majestade sobre o tabaco; de maneira que estamos fumando do mesmo tabaco elaborado para o Rei do Egito. Isto me traz à

memória uma anedota que sucedeu com o Imperador da Áustria, “Francisco Primeiro”.

- Como foi isto?... mas, sente-se. Aqui há uma cadeira. Você não está ocupado?
- Não, no momento não tenho nada que fazer, me sento, para relatar-lhe a história...
- Conta-se que o Imperador mencionado saiu um dia a caçar, mas à tarde choveu e teve ele que tomar o primeiro carro que passava para regressar ao Palácio. No caminho, encontrou-se com um homem que andava a pé, naquela chuva e, como tinha um bom coração, convidou-o para leva-lo até a cidade. O caminhante aceitou, agradecido, e sentou-se ao lado do Imperador, que lhe perguntou:
- De onde vem, amigo, nesta chuva?

O interpelado sorriu e contestou:

- Hoje passamos um dia memorável, no campo, com um almoço que pode causar inveja ao próprio Imperador.
- Certo? E que comeu você? Perguntou, sorrindo, o Imperador.
- Adivinha.
- Presunto?
- Adivinha.
- Pavão recheado?
- Adivinha.
- Homem, declaro-me vencido, não posso adivinhar.
- Pois, hoje haviam preparado um faisão para o almoço de Sua Majestade, mas, como se lhe ocorreu sair à caça, os ajudantes do cozinheiro me convidaram, e optamos em comer o faisão, em nome do Imperador, no campo. Que almoço tão delicioso e que dia tão extraordinário!

O Imperador riu-se a gosto, e contestou:

- Bom proveito, amigo, bom proveito, e lhe desejo uma esplêndida digestão.

Depois de um momento de silêncio, o amigo dos cozinheiros disse-lhe:

- Sua cara não me é desconhecida. Devo haver-lhe visto em alguma parte.
- Sim? Mussitou com sorriso o Imperador. Pois, agora, toca-lhe adivinhar.
- Adivinha!
- Um alta patente do exército.
- Adivinha.
- Um General?
- Adivinha.
- Um Ministro?
- Adivinha.

O homem estremeceu, tartamudeando em seguida:

- O Imperador!!!
- Ele mesmo, filho, ele mesmo.
- Perdão,... majestade,... devo... descer,... Perdão.
- Não sejas tolo, meu filho. Como posso permitir que desça nesta chuva? Para que tenha uma indigestão? Não sabes que come o faisão do Imperador, seu estômago deve gozar de todos os privilégios de sua Majestade?

A jovem, ao ouvir esta resposta, riu às gargalhadas, durante algum tempo e, quando recuperou seu estado normal, disse, com voz alegre:

- Você é um bom companheiro. Prometo-lhe que, ao voltar ao Egito, contarei esta anedota ao próprio Rei. Mas que interessante!

Dony estava satisfeito, porque, para o homem, não há nada que lhe alegre tanto, como quando suas palavras causam riso e alegria a uma mulher bonita.

A companheira continuou:

- Não lhe vi antes. Qual é sua graça?

- Não tenho nenhuma graça...

De novo, a enferma riu-se da resposta, e disse:

- Você é muito singular.
- Ao contrário, sou muito plural.

Ela, com um riso voltou a perguntar:

- De onde você é?
- De todas as partes.

Então a jovem, com gargalhadas falou:

- Agora que já lhe conheço, permite apresentar-me. Eu sou Nazli Mohamed Eddasuki.
- Para mim, é igual o prazer de conhecer-lhe, embora não soubesse seu nome.
- Você é o único que não tem perguntado meu nome e nem minha enfermidade.
- É porque não sou historiador e nem, tampouco, seu médico.

Naquele momento, chegou uma bela jovem e perguntou com suavidade:

- Posso servir algo a Nena?
- Não minha amiguinha, respondeu Nazli, podes retirar-te, se quiseres; mas, antes, quero te apresentar a um novo amigo.

Em seguida continuou:

- Esta é Sohad, minha companheira; não é criada; é uma jovem muito inteligente, que fala vários idiomas e é de ótima família; sem embargo, aceitou-me como uma cruz, tal como dizem nossos amigos, os cristãos; fomos condiscípulas.

Dony, ao ver a amiga da enferma, mais formosa e mais elegante, pôs-se de pé, estendeu a mão e disse-lhe:

- Às suas ordens, senhorita!
- Às suas ordens, senhor, e continuou: Com sua permissão, retiro-me.

Sohad encaminhou-se ao camarote acompanhada dos olhares dos dois jovens.

- Não sei o que seria de mim sem esta querida Sohad; ela é minha companheira, minha leitora, minha consoladora; ela é tudo em minha vida inútil.

Aquelas palavras foram pronunciadas com uma doce amargura, essa amargura que penetra diretamente no coração.

O jovem olhou, surpreendido, e comentou:

- As almas nobres, senhorita, quando sofrem, se unem. A jovem Sohad leva, também, dentro da alma uma tristeza muda e busca alívio em remediar o sofrimento alheio.

Nazli olhou-o, com aqueles olhos negros, surpreendidos durante um instante para logo dizer:

- Você é adivinho? Como pôde perceber, com um só olhar, o estado de minha amiga?

Dony sorriu.

- Não se trata de adivinhação, e sim, de uma simples observação. Tudo o que está no interior é exatamente igual ao que está no exterior e vice-versa. É a lei, como o que está em cima é igual ao que está embaixo. Ninguém pode sofrer secretamente e demonstrar alegria. Não lhe parece racional esta explicação?
- É curtíssima, mas nem todos sabem observar isto nas pessoas.
- É porque quase ninguém se dedica a este estudo. Todos vemos, mas não percebemos; e se quer acreditar, permita-me que lhe dirija uma pergunta. Você, que leva este relógio de ouro no peito, não sei há quanto tempo, pode me dizer se os números de seu próprio relógio são romanos ou arábicos?

A jovem emudeceu-se; pensou um momento e logo deu rédea solta ao riso, dizendo:

- Palavra de honra, não me recordo. Não sei... mas, isto é fantástico.

- Já se vê, senhorita, que o homem não vive mais que a centésima parte de sua vida, e o resto o perde inutilmente.

A enferma meditou um pouco, depois voltou a olhar seu companheiro e lhe perguntou:

- Você pode adivinhar o motivo da tristeza de Sohad?
- Adivinhar, não; deduzir, sim. Vamos a ver: sua amiga é bela, simpática, inteligente e culta por acréscimo; não é má sua saúde. Agora, cabe perguntar: quais os motivos de seu sofrimento? Devem ser dois: o dinheiro ou o amor, ou os dois ao mesmo tempo...

Dony contemplava a jovem e via o efeito profundo que suas palavras lhe produziam. Ela parecia uma criança, ante o funcionamento de certos jogos mecânicos, desconhecidos para ela. Sua atitude lhe deu mais valor para continuar:

- Pois, Sohad deve haver perdido sua fortuna e, por conseqüência, seu amor. Estou equivocado?

No princípio, a jovem não respondeu, estava, deveras, assustada. Sua língua paralisou-se durante um momento; depois disse com um tom sério e acre:

- Senhor!... você me causa medo... e, ao dizer isto, tomou novamente sua revista e, com pretexto de ler, interiorizou seu pensamento.

Dony pôs-se de pé, despedindo-se:

- Perdoa-me senhorita, se lhe aborreci com minha conversa. Muito obrigado. Adeus.

Ela levantou a cabeça, olhou Dony como quem despertasse de um sonho e suplicou:

- Perdoa-me, sou muito impulsiva e hipersensível. Rogo-lhe... volte a tomar assento. Gosto e me encanta sua maneira de falar e de pensar. Rogo-lhe... faça com que eu tenha mais confiança em você... E continuou. Eu lhe admiro, porque me impressiona, já lhe disse. Minha soledade é pior que minha enfermidade. Olha esta gente, (e abaixou a voz para continuar) não sabe falar senão de negócios e de dinheiro; é tão estúpida e presumida! Não acredita você que a pior desgraça é viver só, entre tanta gente? Sente-se por favor, e lhe suplico que almoce hoje comigo, e... não pôde continuar, porque as lágrimas a impediram. Ele, ao ver sua atitude suplicante, sentiu por ela um carinho tão profundo, que lhe fez presságios de pranto nos olhos. Dominou-se e, com voz cheia de ternura, disse-lhe:

- Não é para tanto, senhorita Nazli; você que é tão sensível, não adivinha que meu maior prazer é servi-la?
- Agradecida, mussitou ela, porém, aquela palavra saiu de seus lábios cheia de avidez, de gratidão, de ânsia e de carinho. Imediatamente estendeu-lhe a mão e rogando:
- Almoçará comigo?...

O jovem que se sentiu assustado pela troca de atitude, perguntou-lhe:

- O que se passa, senhorita? Sim, será para mim um grande prazer almoçar contigo.
- Eu sou assim: afeiçô-me á primeira vista e odeio de igual maneira. Quero corrigir este defeito, mas não posso. Quando me afeiçô a uma pessoa, começo a sofrer antecipadamente, pelo dia da separação. Que lhe parece? Não é isto um sintoma de loucura?
- Não, por certo; eu também sinto o mesmo e não me creio louco.
- Sente-se, peço-lhe. Que manhã tão feliz eu passei hoje! Virá me ver todos os dias durante a viagem?
- Prometo-lhe fazer o possível.
- Você não viaja aqui conosco?
- Viajo com todos vocês, mas não aqui.

Ela calou-se por um momento e disse logo em tom baixo:

- Viaja de segunda classe?
- Não, de terceira.

Ela olhou-lhe, pensativa, e vieram à sua mente muitas perguntas, mas as conteve. Depois, sem nenhum preâmbulo falou:

- Pois sim; o pai de Sohad perdeu toda a sua fortuna e faliu; o noivo, que era de estirpe nobre e de caráter débil, a abandonou devido á pobreza e influenciado por seus parentes. Você acertou nas deduções até no mais mínimo detalhe. Ao ter ficado órfã e desamparada, a chamei para que me acompanhasse, e somos como duas irmãs.

Dony seguia o relato com todo o interesse e nada objetou. Ela, por sua vez, não quis continuar com o tema e perguntou:

- Para onde você viaja?

O jovem quis dar uma resposta brincalhona, mas teve temor de provocar outro ressentimento com ela, e respondeu:

- Vou à França.
- Creio que já somos amigos e você já sabe muita coisa de mim e de minha família, embora ainda ignore seu nome. O que pretende fazer na França? Pois não creio que você seja um comerciante viajando a negócios.
- Vejo que você também sabe adivinhar, disse ele para alegrá-la; pois, vou estudar certas enfermidades psíquicas.
- Você é médico?
- Médico? Respondeu com mofa; quem se pode intitular médico? Não basta ter uma autorização para subtrair parte da enfermidade, não basta adormecer a dor; é necessário quitar o pecado da doença, para se tornar médico curador.

As palavras deixaram a jovem atônita. Não soube ela o que dizer, de início; porém, depois, raciocinou e, com perplexidade exclamou:

- Mas, por Alah! Você é invulgar! Quem é você?

Ele, em tom de amargura e brincadeira, disse:

- Eu também creio-me assim. Quem sou eu? Eu não sei quem sou. Mas, diga-me: porque a humanidade busca tanto conhecer o nome de uma pessoa, para esquece-lo tão depressa?
- E você, porquê procura tanto ocultá-lo? Tem, por acaso, vergonha do seu nome, ou é um fugitivo?

Depois ela, reconsiderando por um momento, continuou:

- Perdoa-me, doutor, não sei o que me passou. Você me inspirou tanta confiança, como ninguém até hoje. Eu sou uma menina mimada e, ás vezes, vou além dos limites. Você, como médico, saberá desculpar os caprichos dos enfermos e, sobretudo, de uma incurável.
- Ouça senhorita Nazli; você está jogando com minhas emoções a seu gosto. O seu olhar chega até o mais íntimo do coração, para descobrir suas fraquezas. Escuta-me, pois:

Meus amigos me chamam Dony; não professo nenhuma religião; não quero ter pátria, e nem pertença a nenhum partido político; sou solteiro disponível, e ainda não encontrei a mulher ingênua que queira casar-se comigo; estou só na vida entre muitos irmãos e parentes, estudo medicina, mas ainda não matei ninguém; tenho viajado muito; falo três idiomas, enamorei-me três vezes e, nas três fracassei. Quê mais? Há algo mais a dizer? Sim, é que você me é muito simpática.

Ao chegar até aqui; com a narração que se parecia com uma lição de aluno de escola, os dois se puseram a rir com um riso franco e alegre ao mesmo tempo. Finalmente, ela disse:

- Sabe doutor, que , ouvindo-lhe, esqueço-me de minhas penas e, até de mim mesma? Você tem um não sei quê em seu olhar; em sua conversação há algo que alivia. Eu capto e o sinto, sem analisa-lo... Perto de você, sinto-me ante um parente ou um amigo leal.

- Oh!... Isto é uma honra, demasiado, para mim e, lhe agradeço; mas você ainda não conhece o outro, meu duplo, meu outro eu, terrível por suas furiosas tempestades.
- Gostaria de conhece-lo.
- Asseguro-lhe que se arrependeria de haver-me conhecido.
- Não me diga! Você teme molhar o naufrago? Mas, deixemos este tema e vamos a outro. Agora que já somos amigos, vou dirigir-lhe uma pergunta; é vital para mim e lhe rogo que me responda com toda franqueza: A medicina ainda não descobriu um remédio para a minha enfermidade?

Dony meditou um momento e disse:

- Não, senhorita, porque, ante a medicina, não há enfermidades, há enfermos. A verdadeira medicina não cura enfermidades, sem embargo, cura aos enfermos.

Conquanto a jovem fosse culta e inteligente, não pôde alcançar todo o significado da frase e, titubeando perguntou:

- A medicina pode curar-me?
- É muito possível.
- E qual é o seu conceito pessoal? Não sei porque tenho fé em sua palavra.
- Antes de emitir meu juízo, devo saber certos antecedentes.
- Estou disposta.
- Então venha a confissão de seus pecados, causadores de sua enfermidade.
- Doutor?... que tem a ver uma confissão com minha enfermidade?
- Pois este é o verdadeiro significado da confissão, embora você não o creia. Quando Paulo, o apóstolo dos cristãos disse: “confessai-vos uns aos outros”, sabia o que ele dizia, porque, aquele que confessa, comunica a causa de seus males à pessoa que sabe administrar o remédio. Mas, para quê entrar em detalhes de assuntos que você não tem vivido, para compreende-los?
- Ao contrário, isto me interessa muito, porque várias vezes tenho zombado dos cristãos que se confessam ao sacerdote, para obter o perdão de seus pecados.
- Por outra vez, não deverá zombar de algo que não entende. Agora voltemos ao objetivo principal de nossa confissão. Recorda você algum fato de sua infância, que lhe tenha impressionado muito, causando-lhe um forte medo? Cometeu você alguma falta que lhe tenha causado remorso?

A jovem, mostrou uma indescritível perplexidade e, depois de um momento de silêncio, contou:

- Tinha quinze anos; ia ao colégio com minhas companheiras; não era má, porém orgulhosa, presumida e atrevida. Talvez fosse pela influência, posição e riqueza de minha família; gostava de fazer o que os outros não se atreviam a fazer; hoje posso julgar-me, dizendo que era a mais aloucada de minhas companheiras, as quais não me queriam, e sim, me temiam. Minhas professoras não se atreviam a repreender-me por medo de meu pai. Cometia muitas faltas com elas e com minhas condiscípulas e, depois, me ria, vangloriando-me de meus atos. Mas, para que estender este assunto? Vamos ao principal:
- Em meu caminho, em direção ao colégio, via, quando ia a pé, sentada no umbral de uma porta, uma velha cega e parálitica, que pedia esmolas. Aquela mulher me era muito antipática pela sua sujeira e feiúra. Desde que a vi pela primeira vez, lhe tomei aversão e repugnância. Sempre que passava perto dela, a ofendia com palavras duras e ferinas, até que...

Nazli calou-se, por um momento, como que para reunir as recordações de sua memória.

- Até que um dia, ao passar perto dela, lhe insultei (e aqui calou-se novamente, como se envergonhasse, mas logo continuou) : “Velha suja, bruxa”. A pobre doente me disse:

- Vai-te, moça malcriada e cruel.

Cega de cólera, colhi um punhado de areia e lhe joguei no rosto, enchendo-lhe os olhos de terra... e me detive um momento, algo arrependida, não pelo meu ato, senão por superstição. A velha, no princípio, procurou limpar os olhos com as mangas, depois levantou suas mãos para o céu e imprecou:

- “Maldita sejas... Oxalá tenha esta minha enfermidade, filha do adultério”.
- Não sei o que se me passou naquele instante. Tive um terror indescritível, que penetrava até meus ossos. Senti como que uma corrente elétrica, viajava por todo o meu corpo e uma frouxidão nas pernas. Quase caí no chão, e me sustive na parede da casa; quis gritar, porém não me saía a voz; quis fugir desse lugar, mas estava como que cravada no chão. A mulher continuava falando, mas eu não entendia nada do que dizia. Quantos segundos ou minutos estive neste estado? Não o sei; a pouca gente que passava não reparou em mim.

Por fim, reagi um pouco e segui, temerosa, meu caminho. Cheguei ao colégio, pálida como cera. As professoras e as companheiras verificaram o porquê do meu estado, e eu, por orgulho e medo dizia: “não tenho nada”. Enviaram um recado à minha família e me mandaram um carro para conduzir-me à minha casa.

Estive três dias de cama, com febre. Diversos médicos me examinaram e não atinaram com minha enfermidade. Tive que tomar os consagrados purgantes, panacéia da medicina, em seguida, pílulas, poções, e por último, injeções; cada vez que dormia, sonhava que estava paralítica, e tinha temor de dormir.

Depois de três dias de apreensões em minha casa, e depois de ter chamado médicos e muitos fabricantes de talismãs, cujo número se elevou a mais de vinte, comecei a melhorar fisicamente, mas em minha alma estava aninhado o terror, esse terror que aniquila.

Quinze dias após, recomecei meus estudos, porém, eu já não era eu. Parecia-me que outro ser havia se metido em meu corpo. Transformei-me em uma criatura silenciosa, medrosa e fugia de minhas companheiras. O riso de outrem era como uma chicotada que me golpeava o rosto. Os médicos continuavam assistindo-me e não encontravam nenhuma enfermidade.

Durante as férias e, por prescrição médica, minha mãe levou-me ao Líbano, onde estive muito feliz durante três meses; no entanto, sonhava, constantemente, que era paralítica.

Regressamos novamente ao Egito. Já estava bem; recuperei minha saúde, mas não o meu caráter alegre anterior, pois o medo e os fatídicos pesadelos me perseguiram dia e noite.

Continuei meus estudos; minhas professoras começaram a me estimar e admiravam-se de minha mudança; minhas colegas mostravam vivo interesse em me agradar, porque eu lhes presenteava com muitas coisas e, até com dinheiro, às mais pobres. Nunca mais voltei a passar por aquela rua onde vivia a mulher paralítica; porém, algo em meu interior me induzia, gritava em mim, que eu deveria reparar minha falta para com a pobre cega, na esperança de obter seu perdão, o que talvez pudesse eliminar meus medos e sonhos horríveis. Não me atrevia a ir só; um dia insinuei a duas minhas amigas, uma delas era Sohad, para que me acompanhassem, mas não lhes disse onde iríamos; ao chegar à casa, tive susto novamente. Pedi a Sohad que perguntasse pela velha paralítica; eu queria vê-la e obsequiar-la com grande quantidade de dinheiro, para obter seu perdão e sua bênção; mas, ai! A velha havia morrido, deixando em meu coração e em minha mente sua implacável maldição...

A jovem calou-se novamente, mas sua ânsia, seu temor e sua desesperação eram mais eloqüentes que as palavras.

O médico a olhava em silêncio, estudando todas as suas reações, como o químico estuda as reações das análises.

Ela levantou seu olhar ao companheiro e perguntou:

- Estou lhe cansando com minha história, não é verdade?

- Continua, por favor.

Suspirou e prosseguiu:

- Quatro anos se passaram; terminei meus estudos e já estava para me casar. Porém, meus sonhos e o terror viviam em mim. Muitas vezes até eu mesma provocava a lembrança; e me via parálitica, insensível e inútil, em uma cadeira como esta. O meu estado era uma obsessão. Não me atrevia a conta-lo a ninguém; para que não me considerassem louca. Um dia, consultei-me a um amigo, médico de casa e, ele zombou de mim; por certo não lhe contei nenhum detalhe; somente lhe relatei os sonhos pavorosos que tinha. Minha mãe também me levou a outras clínicas, e todos recomendavam distrações e veraneios no Líbano e na Europa.

Era a noite de 10 de novembro de 1918, fui me deitar mais triste do que de costume e, naquela noite sonhei com a velha, estava sentada em sua porta, repetindo as maldições.

Para quê descrever-lhe meu susto e minha desesperação? Não há palavras suficientes no idioma para poder dizer tudo o que senti. Despertei-me tremendo; não quis acordar minha mãe, para não assusta-la. A noite pareceu-me eterna e que não ia ter fim.

De manhã, minha mãe assustou-se ao ver-me tão pálida; quis chamar o doutor, no que a impedi, dizendo:

- Quero ir distrair-me com Sohad; isto me faz muito bem.

Ela consentiu e me acompanhou de carro até a casa de minha amiga. Tínhamos que cruzar um pátio para subir para ao apartamento de Sohad... Mas, que vejo?

Uma mulher anciã, sentada em um carro como o meu. Não sei se era parálitica ou convalescente; o certo, é que vi nela a velha cega. Sem dar-me conta do que fazia, dei um grito e desmaiei. Quando acordei, estava deitada em minha cama... e parálitica de ambas as pernas...

Médicos, curandeiros, charlatões e exorcistas desfilavam como caravanas ante minha vista. Todos ensaiavam seus métodos, cobravam altas somas e desapareciam conscientes de seu fracasso. Então, começávamos a ocupar os santos maometanos e cristãos, mas, tudo foi inútil. Por fim minha mãe optou em levar-me à Europa, em busca de saúde.

Esta é minha triste história, doutor. No princípio, quis suicidar-me, mas a esperança de curar-me triunfou sobre minha decisão; e, por confiança, sigo vivendo, se a isto se pode chamar vida.

Dony pensou um pouco e logo perguntou:

- Sempre lhe perseguem os mesmos sonhos?

- Ao contrário, desde minha enfermidade, perdi o medo, e, na maioria das vezes, sonho que estou sã e andando.

No rosto do jovem médico assomou um sorriso satisfatório. Em seguida, disse:

- À noite, quando dorme, você troca de posição ou continua de um só lado?

Nazli pensou um instante e disse:

- Inconscientemente troco de postura, deito-me do lado esquerdo e me desperto, às vezes, do lado direito.

O jovem deixou de perguntar e começou a analisar o processo. Ela, com o olhar cheio de desesperação, posto no companheiro, esperava a sentença.

Dony fechou os olhos e sustentou uma luta interna; compreendeu que a enfermidade de Nazli não era orgânica, e sim psíquica-mental; e que sua única cura estaria no poder mental que a dominasse, pela sugestão ou pelo hipnotismo.

Uma voz interna lhe dizia: “Tu podes cura-la”, mas havia outra voz que objetava e contradizia: “E se não a curas”?

A voz do coração insistia: “Deves tentar. O médico deve sacrificar-se pelo seu doente”; enquanto que a outra voz lhe repetia: “não te exponhas à zombaria”.

- “Deixarás de socorrer a esta pobre enferma?”

- “Ela tem dinheiro e vai a Europa; lá encontrará o médico que a curará”.

- Por que não sejas tu o médico? ”

A outra voz calou um instante e logo replicou:

- “Deus não pede ao homem mais do que ele pode dar”.

Aqui, Dony acreditou triunfar com o último argumento, e quis sair de seu interior; mas, naquele instante, ouviu um grito mais penetrante que o raio.

- “Adonai, tu és covarde”!

O jovem tremeu, e disse, como se falasse a outra pessoa.

- “Está bem, obedeço”.

- Que? Com quem está falando?

Dony, como quem se despertasse de um sonho, olhou atônito à companheira, não a recordou a princípio, em seguida, sorriu, dizendo-lhe:

- Não se preocupe; sua enfermidade tem cura.

Nazli empalideceu-se, ao escutar a notícia; depois, seus lábios tremeram, quis dizer algo, mas não pôde e, chorando, expressou seu desespero.

A campainha do barco chamou os viajantes para o almoço. A enferma levantou seus olhos cheios de lágrimas e perguntou a seu companheiro:

- Quando?

- Pronto.

- Tenho fé.

- E será sã.

Chegou Sohad para conduzir sua companheira ao camarote. Nazli disse-lhe:

- Ordena outro almoço para o doutor.

Capítulo V

Teurgia

O doutor foi apresentado à Fauzié, mãe de Nazli. Era uma mulher formosa, moderna, luxuosa e inteligente, mas não caiu nas graças do coração de Dony. Também, foi ele pago com a mesma moeda.

- Ah... o senhor é médico? – perguntou em tom de zombaria.

O jovem olhou-a e respondeu somente com um sorriso sarcástico.

Nazli desgostou-se com o tom de voz de sua mãe, a qual ao observar que sua filha estava a ponto de chorar, objetou com toda a naturalidade:

- Perdoem-me, jovens, se não posso lhes acompanhar; tenho que almoçar com uns amigos. Adeus, doutor; muito prazer; e olhando-o como se fora um velho amigo, continuou:

- Trate bem a sua enferma.

Disse isso e saiu do camarote, dirigindo-se ao refeitório, com a maior naturalidade.

O olhar de Nazli tornou-se suplicante. Dony tomou novamente seu assento e disse, sorrindo, e até com bom humor:

- Bem, se você insiste, ficarei.

A refeição não foi muito alegre, no princípio; parecia que o choque com a mãe afugentou o bom humor. Os três comeram pouco e em silêncio. Cada um estava concentrado em seus próprios pensamentos.

O jovem médico perguntava a si mesmo. Não estarei equivocado? Poderei curá-la? Este tem que ser o acontecimento da viagem. Em seguida, invocou em seu coração:

- “Oh, Tu, senhor, Senhor Supremo, Criador do Universo, abre todas as minhas células para receber tua energia e converte-me em Teu canal de saúde, para curar a esta jovem.”

Sem embargo, naqueles momentos já não se sentia com ânimo de agir, e resolveu deixar o tratamento para outra ocasião.

Nazli, por sua parte, estava triste e, ao mesmo tempo, indignada pelo choque inesperado.

Acreditava que seu amigo já não queria examiná-la. Dony viu-a afugentar as lágrimas, com movimento de cabeça, por uma ou duas vezes. quis consolá-la com uma promessa, porém calou-se.

Sohad comia e, furtivamente, passeava seu olhar de um a outro e, às vezes, sua tristeza chegava a um tal estado que se podia palpar.

Era o temperamento de Dony muito sensível; perdoava, mas não esquecia; por outro lado, sempre foi tímido com o sexo feminino.

O sarcasmo de uma mulher matava nele toda a alegria por extensos momentos. Ele podia perdoar as ofensas mais ferinas dos homens, porém, a zombaria de uma mulher jamais a perdoava. Professava uma espécie de adoração ao sexo débil e o considerava como o sumo da delicadeza e a fonte da ternura.

Dony nunca dirigiu – como muitos o fazem – uma galanteria a uma mulher desconhecida, por temor de ofendê-la e de ouvir o que não desejava escutar.

Outro defeito tinha o jovem: nesse estado, já não podia proferir uma só frase e se tornava silencioso. Sentia-se descontente porque não podia comprazer as suas companheiras com uma palestra alegre. Por fim, aborrecido pela própria atitude, chamou o garçom, e lhe pediu:

- Uma garrafa de vinho Bourdeaux.
- Está bem, senhor.
- Permitem-me, vocês, que eu tome vinho? Já sei que está proibido pelo profeta, porém como o profeta não vai resolver esta situação, seria bom remediá-la com um pouco de álcool.

As jovens sorriram e Sohad comentou:

- Efetivamente não foi um almoço agradável!...
- Veja, formosa, disse Dony, garanto-lhe que muitos almoços agradáveis lhes estão esperando na mesa do futuro, e vocês duas haverão de saboreá-los com prazer.

O garçom entrou, abriu a garrafa e encheu o copo do jovem. Este o tomou até o final e, novamente, o encheu; olhou, em seguida, a enferma e lhe disse:

- Tomo agora este à sua saúde, minha amiga.

Ato seguido, ingeriu o segundo copo e, ao terminar, pediu um cigarro real! E agregou: - Chamam a David, Profeta; eu porém, depois de ler a Bíblia, não encontrei nenhuma profecia de David; pelo menos não me recordo de nenhuma neste momento, mas, se é verdade que foi ele o primeiro a dizer: “Um pouco de vinho alegra o coração”, isto bastaria para consagrar-lhe profeta de todos os séculos... porque a maior profecia é filha da experiência.

Os dois copos de vinhos alegraram o coração de Dony e desataram sua língua para proferir palavras de consolo, porém, quando tomou o terceiro, tornou-se mais sério, mais imponente e acrescentou:

- Escutem-me, meninas: aqui estamos três reunidos, e os três fomos esbofeteados pela fatalidade, como dizem vocês, e, por nosso merecimento, digo eu. O ser

humano, senhorita Nazli, imagina-se como pensa e pensa como sente. Todo pensamento que chega a ser uma idéia fixa e definida na mente do homem, converte-se em força ativa e trata de cristalizar-se no mundo físico. A idéia no plano mental de sua mente, modulou sua enfermidade. Você pensou demasiado no castigo que merecia pelo ato para com a velha. Seu pensamento criou a própria doença atribuiu-a a maldição da velha e ao castigo de Deus.

Para que a idéia se cristalize necessita um período de atividade, relacionado com certos ciclos determinados. Felicidade e infelicidade, poder e debilidade, são idéias fixas no mundo mental do próprio homem, são as criações de sua mente, e Deus não tem nada que ver nestes resultados. Deus é saúde, e Ele não causa enfermidade. Deus é felicidade e não motiva sofrimento. Deus é alegria e não pode entristecer a ninguém. O homem é quem busca a enfermidade e a desgraça, com seu desregramento, para atribuí-las a Deus. Deus, que é fonte de Bênçãos, não pode escutar nenhuma maldição. De maneira que a maldição do doente não foi, nunca, a causa de sua doença, senão seu próprio remorso. Deus não é um ser humano para mudar de opinião cada vez que se lhe suplica. Deus é uma lei perfeita, Justa e Imutável; quando o homem age contra a Lei, sua desobediência provoca seu próprio castigo, e não é Deus quem o castiga. Quando cumpre a Lei, recebe sua recompensa, e não é Deus quem o premia.

De imediato, deve banir de sua mente estes dois erros:

1. Deus não a castigou, porque Ele não pode punir. Foi você que se castigou a si mesma pelo remorso interno.
2. A maldição da velha só influiu na sua própria consciência, e não porque foi acolhida por Deus.

As duas jovens estavam admiradas pelas frases atrevidas, que, antes, nunca haviam escutado de ninguém. Nazli comentou:

- Nunca ouvimos tais conceitos. Que religião você professa?
- Já lhe disse antes: nenhuma, só amo a Verdade.
- Mas como pode você provar-me que minha enfermidade não é efeito da maldição e do castigo de Deus?
- Primeiro, quero que sinta a Deus, e isto é muito difícil. Deus não pode castigar porque é infinitamente bom e, se chegasse a castigar por uma só vez, deixaria de ser Deus. Quando se chega a viver esta verdade, se compreende que ele não pode acolher e nem escutar uma maldição e nem pode ordenar ou permitir seu cumprimento. O sol é a melhor semelhança de Deus. Quando eu cuspo contra o sol, meu cuspe retorna e cai sobre mim, mas o sol nunca se aborrece com o meu ato. Não lhes parece?

Sohad abriu desmesuradamente os olhos e clamou:

- Como isto é grandioso; e como é lógico e verdadeiro! No entanto, os homens miseráveis predicam um Deus mais miserável do que eles!
- Esta é outra verdade, senhorita. Os homens não podem conceber a um Deus que não seja humano e que não tenha seus próprios defeitos. Vão mais além ainda: dão a Deus até a forma e a cor de sua própria raça; o homem branco adora a um Deus branco, o negro a um Deus negro.

Já está convencida, senhorita Nazli, de que Deus não pode acolher a maldição de ninguém para cumpri-la, segundo o capricho e o desejo da criatura que a formulou? Já compreendeu que toda causa tem seu efeito e cada obra tem o seu nascimento?

- Estou, pouco a pouco, entrando no terreno da compreensão, respondeu Nazli, mas a isto há uma objeção.
- Já sei, - é a pergunta seguinte: "E os que nascem enfermos e desgraçados? Não é esta?"
- Exato! Quem os envia assim à vida?

- Eu também, como você, dirijo a mesma pergunta. Quem? Sim, quem? Todos sabemos que Deus deve ser Onisciente, Imutável, Imaterial, Onipotente, Infinitamente Bom, justo e Perfeito. Quem é que lança à vida essas misérias humanas? O infinitamente bom não pode realizar uma obra má; o Perfeito não comete uma imperfeição, a Fonte da saúde não administra enfermidades, o Onisciente não equivoca, o Imutável não está sujeito ao capricho e à vontade alheia para modificar suas leis. Então, de onde procedem tantas desgraças?

As duas jovens olhavam estupefatas, o locutor. Sua voz tinha algo de autoridade, de convicção e de mando.

Em seguida, mudou o tom de sua voz:

- Deus não comete erros. Somente os homens lhe atribuem seus próprios caprichos e ignorâncias, e as batizam, blasfemam contra o Absoluto; sem embargo, Ele jamais pensou em castigá-los por suas blasfêmias. Somente a própria ignorância dos que blasfemam os conduz ao sofrimento e à dor.
- Estamos de acordo, mas, até agora, não nos disse a causa das desgraças incompreensíveis dos que nascem aleijados.

Dony pensou um momento e respondeu:

- Nem tudo o que se sabe, se pode dizer. O mundo atual exige provas materiais que demonstrem a existência de Deus; quer medir o abstrato com aparelhos físicos, quer pesar o espírito em balanças, para poder acreditar na existência Dele. Eu sei, e estou convencido de que tenho espírito, mas, se alguém me exigir uma prova, não posso dar, porque não posso medir, nem pesar, nem fazer com que o espírito possa ser palpado ou saboreado.

Maomé, quando ensinou que Deus existe, não deu nenhuma prova tangível, e houve gente que acreditou no ensinamento. De maneira que eu não blasfemo contra Deus, dizendo: que Ele, por desígnios ocultos, pode enviar todos os horrores e desgraças a seus filhos. Estou convencido de que a ignorância e o erro do homem são os causadores de suas desgraças e enfermidades. Estou, também, convencido do “porque” vem certos seres à vida, com terríveis sofrimentos. Porém, como não posso demonstra-lo aos cientistas, prefiro calar-me, até que o mundo esteja melhor preparado para receber as verdades abstratas; ou até que se descubram certos aparelhos que nos facilitem a comunicação com o mais além da vida física, ou com os mortos.

O objetivo desta longa e, talvez, cansativa conversa era convencer às senhoritas de que Deus não pode enviar uma enfermidade a seus filhos e esta convicção era necessária para sua cura, senhorita Nazli.

Quando acabou de falar, levantou-se, enquanto que as jovens seguiam pensativas, e não se atreviam a afugentar a vibração das últimas frases que continuavam flutuando no ambiente.

De repente, Dony voltou-se bruscamente para a doente e lhe perguntou com ênfase:

- Você tem fé em mim?

A jovem assustou-se, no princípio, pelo movimento brusco da pergunta. Titubeou primeiro, e logo disse:

- Incondicionalmente.
- Olha-me Nazli... Olha-me... Olha-me.

Dois minutos transcorreram-se naquela monótona ordem: “Olha-me”...

Depois, Dony calou-se por um momento e, em seguida, com uma voz de mando, ordenou:

- Levanta-te!

Ele tomou-lhe a mão pela ponta do dedo índice direito e repetiu a ordem:

- Levanta-te, tu podes levantar-te...

E a jovem obedeceu com muita facilidade.

- Vem a mim... anda... caminha...

A parálitica caminhava com toda naturalidade.

A Dony, lhe tremia o corpo de emoção, e se lhe ouvia os batidos do coração através do peito.

- Caminha..., siga andando...

A moça atendia indo e vindo pela cabine, várias vezes...

Continuou dando ordens.

- Tu estás sã e deves mover-se sempre, sem nenhuma dificuldade; agora, desperta-te; já! Desperta-te alegre e feliz.

Nazli voltou a si e, ao ver-se de pé, sem saber o que fazia, deu um grito, que não se pode interpretar se foi de medo ou alegria, e correu aos braços do médico.

Sohad, por sua vez gritava: Milagre! Milagre! E correu a abraçar a amiga.

Entrou o garçom, alarmado pelas vozes e, ao ver os três de pé, ajoelhou-se e, também, começou a clamar: Milagre! Milagre!

Em minutos, o camarote da jovem estava repleto de passageiros com olhos e bocas desmesuradamente abertos.

Dony, pálido de emoção e extenuado pelo esforço, sem chamar a atenção de ninguém, escapou-se ao ar livre. Ao chegar à proa, se meteu em uma espreguiçadeira e fechou os olhos.

Capítulo VI

História de Nur

Eram dez horas da noite daquele dia pleno de acontecimentos, quando Dony deitou em seu leito e, entregou-se às suas meditações. No princípio, Nur não se atreveu a cortar o fio de seus pensamentos, porém, como mulher e, de temperamento inquieto, não pôde resistir ao angustioso silêncio e perguntou:

- Como te foi em cima?

Dony sorriu.

- Como te foi em baixo?

Ela em tom de satisfação:

- Almocei muito bem, dormi a sesta, saí por uns momentos ao convés. Não quis falar com ninguém, muitos se acercaram de mim, porém entrei no camarote. Li algo desta novela e gostei. Não tive disposição para cear, e agora me tens aqui, velando o teu silêncio.

Dony ficou silencioso, como se não tivesse ouvido o inventário dos sucessos de Nur.

- Aborreceu-se com minha conversa?
- Não, continue.
- Sabes? Hoje pensei muito em ti; e queres acreditar-me que tenho por ti um sentimento novo, especial e único?
- Como é isto? – perguntou ele com indiferença.
- É um sentimento de amor, de adoração, respeito e confiança ao mesmo tempo. De ti, não tenho nenhuma vergonha, sem embargo, sinto uma necessidade de ajoelhar-me como ante um bispo, para confessar todas as faltas de minha vida, ou o que chamam de confissão geral. Todos estes sentimentos tenho tido, porém, nunca para uma só pessoa. Amava a minha mãe, respeitava a meu pai, ao cura, adorava-o, no princípio, depois o temia; a Félix queria-o; mas, em ti, se reúnem todos os meus sentimentos anteriores e outros, que não havia sentido nunca.

A conversa atraiu a atenção do jovem, que replicou:

- Tu tens uma inteligência natural, como sabes sentir e expor tão bem tuas emoções! Deve ter sido o sofrimento que te ensinou isto!
- O sofrimento? És o único que tem podido descobrir minha verdadeira personalidade. Todos os demais, bestas humanas, me chamavam “Nur, a alegre” ou “a mulher alegre”.
- Deves desculpa-los. Os olhos miram, mas não vêem.
- Sim, não devo culpa-los! – disse ela, com sarcasmo. Eles pisoteiam a honra de uma mulher, arrastam-na à lama; ajoelham-se, para esvaziar nela o mais asqueroso de seu ser, para, em seguida, dar-lhe uma patada e olha-la como a um ser leproso, imundo, miserável e até indigno de compaixão, e depois, dizer filosoficamente: “Não se deve culpa-los! Não sabem o que fazem! Ah, ah, ah. Isso sim que é cristão ... ah, ah, ah...”.

A gargalhada feriu os ouvidos e o coração de Dony, como as mais vis blasfêmias dos presidiários. Ajeitou-se no leito e olhou a jovem que ria daquela maneira.

Ela continuou:

- Aproximam-se com aquele estúpido e pegajoso sorriso, com palavras açucaradas, com olhos de carneiro degolado! Juramentos falsos, falsas promessas, carinhos de burros; ajoelham e beijam os sapatos, abraçam e prendem as pernas contra o rosto; são escravos, escravos sem nenhuma vontade; “eu te adoro, suicido-me por ti..., queres dinheiro? Queres meu sangue? Eu me converto em teu escravo; não tens mais que ordenar; que linda és, que preciosa! Daria minha vida por um beijo de teus lábios! Mas, como não erguem um altar para ti, para adotar-te. Ah, amor de minha alma, de minha vida, de meu coração! Eu sou teu. Somos um para o outro! Nunca quis a ninguém, como quero a ti”...
- Nur! Gritou Dony em tom de reprovação.

Nur pensou um instante, e continuou:

- “Até outro dia, querida; agora tenho que ir-me”... e vai. No dia seguinte, todos os amigos dele estão inteirados e começam a vir por manadas. Ah, ah,... Não devo culpa-los, não sabem o que fazem!

Os lábios de Dony tremeram. Era verdade tudo o que dizia aquela desventura. É a sociedade que perdoa ao homem, porque é mais forte e castiga a mulher, porque é débil.

- E depois, - prosseguiu Nur – já todos a olham com desprezo, inclusive os mesmos escravos que beijavam seus sapatos, que abraçavam suas pernas e ajoelhavam-se diante dela. Até as mulheres, aquelas que chamam à sua corrupção uma travessura secreta, a desprezavam. Por que? Porque elas souberam escolher o homem ou os homens, que ocultam seus adultérios ou então certos interesses em jogo.

Nur calou-se, mas desta vez, sem rir.

- Nur – disse-lhe Dony – tu sofres muito, criança. Vem cá, dá-me tua mão, levantar-te-ei até mim, senta-te a meu lado.

A moça, ao acomodar-se perto de Dony, colocou a mão na frente e disse:

- Que interessante! Recordo-me de algo distante... algo assim... como um sonho; em que eu estive no teu leito... mas, não... é impossível...

Dony calado, a observava. Ela continuou:

- Queres acreditar, Dony, que minha desgraça faz rir. Vou contar a história da minha vida, para que te rias de mim e comigo. Não esqueças que a ninguém abri meu coração, só a ti vou dar este privilégio.
- E porque à mim? Perguntou o jovem.
- Já te expliquei: amo-te, adoro-te, venero-te e pela primeira vez em minha vida, me alegra confessar-me, por isto, escutes a minha confissão geral:
- “Não te conheço, terás motivos para ocultar-te de mim; deves saber muito de minha família, mas os mistérios de minha vida, não os conhece senão Deus; agora tu vais conhecê-los.” Morreu meu pai; em seguida, minha mãe. Eu tinha 15 anos e minhas irmãs eram pequenas, o Padre Miguel foi nosso tutor.

Meus pais e o Padre eram amigos íntimos; ele comia sempre em casa e eu o servia com todo prazer e satisfação de minha alma. Ensinavam-me como venerar o Padre, como devia beijar-lhe a mão e como devia ajoelhar-me para pedir sua benção.

“O Padre, - me diziam – é o representante de Deus na terra. Ele tem o poder e a potestade de falar com Deus. Ele, durante a missa, transforma o pão em vinho no sangue e no corpo de Cristo. Ele perdoa os pecados, nos obtém graças de Deus, ele nos livra do inferno e nos envia para o céu por meio da confissão”.

Desde pequena, tive do Sacerdote uma idéia que raiava com o sentimento da Divindade. Como eu era feliz, quando deixava beijar-lhe a mão e quando ele acariciava meu cabelo: “Eu beijei a mão de Deus”, pensava, “e acariciou-me”, “como sou feliz”, repetia em meu coração: muitas vezes, senti ciúmes, quando dava sua mão a outras crianças. “É meu Deus”, pensava.

Eu não concebia que um jovem tão belo e simpático como era o Padre Miguel, não fosse o dono e senhor de toda a população. Por quê todos não se ajoelhavam ante ele, para adora-lo?

Um dia – depois da morte de minha mãe – o Padre veio nos visitar; meus irmãozinhos estavam na escola, eu só em casa, preparando o almoço. Quando lhe vi, corri alegre, agarrei-lhe a mão, ajoelhei-me e beijei-a. Ele levantou-me e tomou minha cabeça com suas duas mãos e, logo..., beijou-me na face.

Eu não podia me conter de prazer e ventura; pensava: “Deus me beijou..., Deus me beijou...”, e dei um beijo, quase roubado, em sua barba loura...

Ele sentiu meu receio e prazer e, bruscamente, me olhou. Havia cometido um pecado, ao beijar a barba de meu Deus? Tive temor e me ajoelhei diante dele, pedindo-lhe perdão. Ele, novamente, me levantou, acariciou-me o rosto e perguntou:

- Beijaste a minha barba, não é?

Já ia chorar, quando disse:

- Que tens filhinha linda? Por que estás assustada?
- Não cometi um pecado, ao beijar-lhe?

Ele examinou-me, para penetrar em meu pensamento, e disse-me em seguida:

- Ao contrário, eu te autorizo a fazê-lo, quando queiras; eu também vou te beijar muito.

Será este o céu que o catecismo ensinava?

Eu lhe beijava o rosto, a boca, com a idéia de absorver santidade, e ele fazia o mesmo comigo, não sei o que ele absorvia de mim.

Ele me manuseava os seios, o peito, as costas, as pernas, e eu me deixava acariciar pelas suas benditas mãos.

O Padre movia-se, retorcia-se, aspirava desesperadamente, abraçava-me, apertava-me, e eu sentia alguma dor; mas quem vai pensar em dor nesses momentos felizes?

Às vezes, quando me beijava na boca, sentia que me faltava a respiração e pensava que os beijos de Deus deviam ser assim, fortes. Outras vezes, comprimia meus lábios entre os seus e os molhava com sua saliva...; a primeira sessão durou uma hora, que se passou como um relâmpago, para nós dois; tivemos que suspendê-la, porque ouvimos as vozes de meus irmãos, que chegavam da escola.

- Nur, disse o Padre, com seriedade, a ninguém debes contar isso.
- Nunca, jamais – lhe disse – e ajoelhei para beijar-lhe a mão.

E então, ele me convidou para as seis horas, na igreja.

Só, no quarto do Padre, eu não sabia como manifestar minha alegria pelo privilégio. De suas mãos recebi o primeiro, o segundo e o terceiro copo de vinho. Senti uma alegria feroz; ele me dava um beijo, e eu lhe devolvia dois mais fortes.

- A quantas pessoas já beijaste, Nur? Perguntou.
- Como? A quantas? A meus pais, meus irmãos e ao senhor.
- E por quê me beijas assim, com tanto afã?
- Porque o senhor me dá esta ventura, e o senhor representa a Deus.

O Padre pensou um momento e disse:

- Sim, vou dar-te totalmente esta felicidade; e naquele instante, começou a acariciar-me em todo o corpo, deitou-me em sua cama e me despiu.

Passaram-se meses e dois anos; (Nur relatou certos fatos e histórias com o Padre, que não é possível descrever-los, para não escandalizar os leitores). Continuou dizendo:

- Com o tempo perdi, paulatinamente a idéia de Deus e do céu e me aferrei a amar quem julgava ser a criatura mais respeitada e querida do povo e, sobretudo, ao gozo que ele me proporcionava..., até que um dia... tive medo;... dois meses seguidos sem menstruação! Ele assustou-se; não sabia o que fazer..., não se atrevia a pedir conselhos a ninguém..., também algumas pessoas do povo começaram a notar algo em mim e comentar minhas visitas freqüentes, pela tarde, à igreja...

Por fim, o Padre optou em casar-me, para ocultar minha desonra e, ao mesmo tempo, para ter mais liberdade. Mas, ele necessitava de um homem que não pudesse fazer-lhe competência, e por isto, escolheu a Fábio; tu o conheces.

Em oito dias, ficou arranjado o casamento. Na primeira noite nupcial, ao receber aquele marido animal, abortei. Aos dois dias, já não pude agüentar mais a meu esposo; na semana seguinte, abandonei-o e fui para casa de minha irmã.

Aos dois meses, devolveram-me novamente à minha casa; já tinha eu um jovem por amante. Abandonei ao Padre, que não se atreveu a procurar-me mais. Não gostei do substituto, era muito novo, e o troquei por outro e outro, entre solteiros e casados, mas nunca senti uma satisfação com eles; por fim, encontrei a Félix, que soube como proporcionar-me novamente o gozo. Vivíamos felizes, até que nos aconteceu esta última desgraça”.

Nur calou-se, pensando, como se revivesse, conscientemente, os fatos dos anos passados para, em seguida, julgá-los.

Dony contemplava-a e examinava-a, como a uma nova paciente, para descobrir a causa de sua dor. E reinou o silêncio.

- Não te ris? Não me dizes nada?
- Que vou te dizer? Tens sofrido muito e tua vida tem sido dura.
- Que conceito tens agora de mim?
- Não te creia mais pecadora que Madalena, e nem sou mais puro do que o Nazareno, para emitir um conceito sobre ti; tivesse uma queda, como outras, e tens que levantar-te.
- E meu pecado desaparecerá?
- Pecado? Não cometestes nenhum, nem contra Deus, nem contra os homens; ao contrário, estes pecaram contra ti. Deus não se ofendeu para perdoar-te, porque Ele é sempre perdão; tu não ofendeste a ninguém. Nunca tiveste marido para respeitar sua honra; teu marido foi e é um títere do Padre; teu casamento não foi abençoado por Deus, e sim, fabricado pelo demônio, pai da mentira e princípio do mal. Tu não deves nada a ninguém, e todos devem a ti. Tu és uma flor aromática, pisada pelos porcos que sempre vivem na imundice. Não te aflijas, as dores e os sofrimentos, romperem a casca de tua semente, mas não puderam mata-la.

Sabes, Nur, que és tão pura como quando, inocente, estiveste nos braços de tua mãe?

Tu não eras corrompida e teus erros foram motivados por tua soledade na vida; buscavas apoio para tuas debilidades; querias limpar uma mancha, mas não encontrastes senão lodo; querias chorar tuas penas, ante amigos, e não encontraste senão verdugos.

Sê feliz, minha amiga; tua alma nunca foi prostituta; ao contrário, continua virgem e pura; feliz aquele que chegar, algum dia, a descobrir teus tesouros ocultos.

Nur, eu sou teu Sacerdote. Eu sou o que te desata na terra e, por isto, serás desatada no céu; Eu sou o que rompe tuas cadeias e serás livre...

A única penitência que te imponho é a de que sejas feliz e a de obsequiar a esta triste vida, constantemente, com um doce sorriso que sabes desenhar em teus formosos lábios.

Nur olha-me..., tu não sentes rancor contra ninguém; estás arrependida de teus passados erros e não voltarás a cometê-los de novo; serás feliz, com a tranqüilidade de tua consciência.

Nur deitou-se sobre o peito do jovem e chorou copiosamente, mas, desta vez, seu pranto era de alegria e consolo.

Dony abraçou-lhe e, com sua mão direita, começou a acariciar-lhe o rosto e o cabelo, e continuou dizendo:

- Fostes pela lei natural, sedenta de amor e faminta de carinho, porém, os homens, em vez de dar-te água viva e maná divino, deram-te de beber água do charco em que vivem e te ofereceram alimento impuro, que estão acostumados a comer. Não tens nenhuma culpa, e eles carregarão com toda a responsabilidade.

Nur escutava, surpreendida, todo o novo ensinamento, nunca ouvido em boca de ninguém e temerosa, perguntou:

- E meus pecados?

Dony sorriu:

- Escuta-me com atenção: Tua pergunta é igual a estas outras: É pecado comer? É pecado beber? É pecado dormir? Pois, eu te asseguro que não é pecado comer e, sim, é pecado comer até empachar-se. A união sexual empírica é um crime, até mesmo no próprio matrimônio, mas, a transcendente, a sagrada união é divina. A pureza não consiste na continência, senão no sexo mais ardente. Não é a ausência do sexo o que conduz ao Reino do Céu, senão a plenitude do sexo. A

voluptuosidade do amor é o prelúdio da ressurreição da carne; é o prelúdio da perfeição e da imortalidade.

O fogo do sexo é o fogo da santidade. A origem do sexo tem sua raiz na própria divindade.

O homem, ao orar, invoca a Deus; mas, ao unir-se sexualmente à mulher, converte-se em Deus.

A verdadeira castidade deve estar na pureza e na santidade do sexo, e não em afastar-se do sexo... mas...

O jovem se deteve, algo perplexo. Havia-se esquecido que estava falando a uma mulher ignorante e inculta, mas, quando se deu conta de si mesmo, riu-se com muita satisfação.

Nur olhou-lhe surpreendida, e confundida, disse-lhe:

- Tudo o que disseste é, como se fosse em chinês; mas uma coisa compreendi: é que consideras a união sexual como obra divina.
- Pois, compreendeste mais do que eu pudesse fazer-te entender. Tens muita inteligência natural. Vou te falar mais claro. O verdadeiro casto é aquele que leva sua virilidade até a divindade. Aquele que ama a pureza, deve busca-la no sexo, senão, onde encontrará a pureza, quem foge das manifestações de Deus? Que objetivo teria o homem que foge do sexo, ou que busca o prazer no sexo? O prazer sexual é incompleto longe da pureza sexual; e a pureza sexual não pode existir longe do prazer natural; ambos se completam pela união, e ambos se extinguem pela separação. Sentir o impulso sexual é sentir a divindade em si mesmo, que tende a criar, mas a criação se divide em visível e invisível; e para que a criação seja visível, deve ter uma raiz invisível. Se a origem invisível é limpa, pura e santa, o visível será também limpo, puro e santo.

A jovem, intrigada pela explicação, perguntou:

- Como se pode chegar a pureza invisível?

Aquela pergunta satisfaz a Dony, porque o advertiu de que Nur compreendeu suas últimas palavras, e continuou:

- O sexo deve ser amor, mas o amor não deve ser sexual. Porque há sexualidade carnal e sexualidade espiritual; a carnal é o nascimento e a morte, a espiritual é a ressurreição eterna.

Com o verdadeiro amor, pode-se sentir a sexualidade espiritual; porém, com o querer passional, não se experimenta senão a carnal.

Vou explicar com um exemplo:

Tua união sexual com o Padre não tinha nada de espiritual, porque não havia amor; te entregaste a ele, porque aspiravas ganhar o céu, porque o cria representante de deus na terra, e até o confundiste com o próprio Deus.

Tua união com teu marido foi pior ainda, porque não foi senão para seguir um costume segundo as leis sociais.

Piores foram tuas uniões com os outros, porque nunca foram baseadas no amor, senão que fostes como cega que buscava um caminho.

Tua vida com Félix, tampouco é amor; é uma gratificação de prazer, porque tu mesma disseste ontem que o deseavas como para apertá-lo, comê-lo, bebê-lo. Pois bem, se houvesse encontrado a um ser a quem amasse verdadeiramente como amavas à tua mãe, então haverias sentido e vivido a pureza no visível e no invisível. Agora me compreendes?

- Sim, mas também compreendo, de acordo com tua explicação, que nenhum matrimônio, em nossos dias, é santo e puro como deveria sê-lo.
- Desgraçadamente assim o é.
- E são pecados essas uniões sexuais nesses matrimônios?

- Por desgraça, o são e, por isso, a humanidade vive tão infeliz, enferma e ignorante; vai de uma hecatombe a outra; mas essas desgraças e infelicidades não são enviadas pelo céu, ou por Deus, senão que são provocadas pelos homens e originadas por seus atos. São nem mais, nem menos, como quando um homem come uma comida indigesta, ou, como quando ingere mais do que o necessário. O que entendes agora?
- Muito, mas vejo que, segundo tua maneira de pensar, não haverá remédio para esta desgraça. Não te parece? E, falando de mim mesma, asseguro-te que nunca tive uma ânsia ou um desejo de entregar-me a um homem, como uma criança se entrega confiantemente nos braços de seu pai, senão, que sempre desejava possuir o homem, para obter algo dele, logo afastá-lo para longe e fazê-lo sofrer, desde que soube que os homens gostam de difamar a mulher, depois de possuí-la.

Dony guardou silêncio durante um momento, e disse:

- Enquanto continuares com estes pensamentos, nunca encontrarás o verdadeiro amor, anelado e ansiado, subconscientemente, por tua alma.

Nur, por sua vez, calou-se, com uma tristeza marcante e murmurou:

- Isto é certo. – E, ao dizer, uma lágrima rolou pelas suas formosas faces.

E apressou-se em dizer:

- Agora não compreendo o motivo de teu pranto. O homem deve chorar quando ignora a causa de sua enfermidade e o seu remédio; ao contrário, deve sentir-se muito alegre e feliz ao descobrir a origem de suas dores e sua respectiva cura. Teus sofrimentos foram muitos, mas agora, já estás no caminho da salvação; por este motivo, deves rir, porque voltaste a recuperar tua liberdade, não te parece?

A moça pensou um instante e comentou:

- Tu és um verdadeiro Sacerdote e um verdadeiro médico.
- Sim, sim! Tenho salvado a muitos. Oxalá possa salvar-me a mim mesmo.
- Esta frase é do Evangelho. Porém, creio que Jesus, ao salvar o mundo, não podia salvar a si mesmo.

Esta frase, dita pela jovem, sacudiu o médico até o mais fundo de seu ser. Olhou, perplexo à sua companheira, e em sua mente cruzaram vários pensamentos em uns segundos; depois, todas essas idéias se concentraram nesta frase interna: Sabedoria na boca das crianças é uma compreensão e advertência para os sábios.

Dony não quis continuar o assunto e disse:

- Já é hora de dormir.

E quando Nur desceu para sua cama, o jovem se estirou em seu leito, repetindo mentalmente o tema da noite: “Para salvar aos demais é necessário sacrificar-se e, quem se sacrifica, não pensa em salvar-se a si mesmo”.

Porém, Nur, naquele instante, cortou-lhe o pensamento e, de seu leito, perguntou:

- Podes dizer-me, Dony, como pude eu dormir, ontem à noite, quando estavas a meu lado? O que me fizeste?

Dony sorriu e respondeu com outra pergunta:

- Podes dizer-me porque uma pessoa dorme diante de um espetáculo aborrecido? Foi o que aconteceu contigo.
- Rogo-te que não burles de mim, porque nada me pode ferir tanto como a burla. Digas que não quer dizer-me o motivo, e eu te obedeco.
- Bom, não te preocupes; tudo o que fiz foi pelo teu bem.
- Estou convencida disto. Está bem. Até amanhã.

Capítulo VII

A festa

Conta-se, e Deus o sabe melhor, que, antigamente, existiu um príncipe de uma tribo, cujo maior defeito era a generosidade.

Depois de triunfar em suas guerras e derrotar o inimigo, voltava a seu oásis e repartia a maior parte de seu saque entre os poetas que vinham de terras longínquas, com seus poemas de elogio. A tribo cansada de sua prodigalidade, resolveu abandoná-lo e, em uma noite escura, desapareceu deixando-lhe somente uma camela. Ao amanhecer, o príncipe deu conta do sucedido, e não teve remédio senão carregar sua barraca sobre a camela e dirigir-se para a cidade. No caminho obsequiou a barraca a um poeta que ia com ele com um poema, e a camela a outro, que vinha com o mesmo fim e, assim, teve que caminhar até a cidade.

Ele, como beduíno, não sabia trabalhar em coisa alguma, dirigiu-se ao pregoeiro da cidade e lhe contratou para que lhe vendesse como veterinário muito entendido em cavalos, mas, com a condição de não vendê-lo por menos de cem dinares, e lhe daria trinta por cento da venda, isto é, da quantia que produzisse a venda.

E, voz e lábia do pregoeiro, chegaram ao ouvido da Rainha, que levou ao conhecimento do Rei que jogava uma partida de xadrez.

- Compra-o; nossos estábulos necessitam de um bom veterinário.

O Rei o comprou, em seguida, chamou o cozinheiro do palácio e ordenou:

- De hoje em diante, este veterinário comerá com os seus serventes, e lhe darás um bom prato de comida e pão.

No dia seguinte, deram ao Rei, de presente, uma égua de puro sangue, que agradou a todos; enquanto os palacianos admiravam o animal, o Rei lembrou-se do veterinário e mandou-lhe chamar, quando estava presente, perguntou-lhe:

- Que te parece esta égua?

O beduíno olhou de longe e, num instante, respondeu:

- É boa! De puro sangue; mas desgraçadamente, tem algo de burra, e até posso assegurar a V. M. que a mãe dessa égua foi uma burra.

- Como? Que dizes? Estás louco?

- Não senhor. A égua árabe tem as orelhas levantadas e o rabo arqueado. Olhe, majestade, como tem ela as orelhas e o rabo caídos, como os de uma burra.

O Rei, então perguntou aos que a trouxeram:

- Que respondem vocês a isto?

- Senhor – disse um deles – este veterinário é o melhor do mundo. Este animal tinha oito dias, quando a mãe morreu, e tivemos que amamentá-la com leite de burra.

O rei, ao ouvir isto, saltou de satisfação pela perícia de seu novo veterinário e, para recompensá-lo, ordenou ao cozinheiro:

- Darás ao veterinário, dois pratos de comida e dois pães.

Poucos dias depois, ofereceram ao Rei um falcão e, o que fez em primeiro lugar, foi chamar o veterinário, para que o examinasse.

- Entendo de cavalos, mas, não de falcões. O Rei insistiu; ele então disse:

- É bom caçador, mas, tem algo de galinha.

- Como? Acaso o falcão mamou leite de galinha?

- Não senhor, porém, o certo é que este olhar é de galinha e não de falcão.

- Majestade – falou o que havia trazido o falcão – este homem é o melhor conhecedor de falcões do mundo, pois tiramos os ovos do ninho de um falcão e os fizemos chocar por uma galinha.

Estupefato pela inteligência de seu veterinário, o Rei mandou chamar o cozinheiro e lhe ordenou aumentar a ração para três pratos e três pães, com sobremesa ao final porque também é falcoeiro.

Passaram-se os dias.

Uma tarde em que o Rei jogava com a Rainha e se divertia com ela, lhe disse:

- Vou chamar o beduíno para que te critique.

E ela, para rir-se, lhe respondeu:

- Por quê não? Que venha.

Depois de alguns minutos, chegou o Príncipe, e o Rei ordenou:

- Critique a Rainha.
- Senhor!...
- Critique a Rainha, ou corto-te a cabeça.
- Pois bem, senhor, se esta é vossa vontade, dir-te-ei: A Rainha é uma cigana avara.

O Rei, admirado por aquela declaração, mandou chamar sua mãe e perguntou-lhe:

- Mãe, minha mulher é filha de quem?

A mãe, espantada pela pergunta, respondeu:

- Meu filho, o que te passa? Estás louco? Não sabes que tua mulher é tua prima?
- Não me mintas; o beduíno não se engana. Eu adoro minha mulher, mas quero saber se é cigana.

A mãe, ao ouvir aquelas palavras, empalideceu-se e começou a contar:

- Meu filho! Fazem vinte anos, passaram por aqui alguns ciganos, estiveram na praça do palácio alguns dias; bailavam, tocavam e praticavam diante de nós muitos jogos acrobáticos. Certa manhã, desapareceram, deixando uma menina de dois anos, que chorava. Como meu irmão, teu tio, não tinha filhos, tomou a criança, adotou-a e educou-a; e saiu um exemplo de beleza e dignidade. Esta é tua mulher; que queixas tem contra ela?

O Rei estalava de riso e de gosto pelo que havia ouvido e, entre gargalhadas, determinou ao veterinário:

- Beduíno, critique-me!

Este, sem fazer planos, sorriu e declarou com altivez:

- Tu és filho de um cozinheiro ou de um padeiro.

O Rei, ao ouvir isto, deu um salto e foi diretamente à sua mãe e lhe perguntou:

- Mãe, filho de quem eu sou?

A mãe começou a protestar, no princípio, sob pretexto de que o veterinário querer a desgraça da família real; mas ante a insistência do Rei, confessou:

- Meu filho, teu pai era doente e não podia ter filhos, e para não perder o trono... se... com um cozinheiro do palácio...

Ao ouvir isto o Rei perdeu a vontade de rir, olhou o beduíno e, ao mesmo tempo lhe perguntou:

- Como soubeste que a Rainha era cigana?
- Senhor, quando dois seres se casam, a mulher tem que infundir algo de seu caráter no homem. Se a Rainha fosse de origem nobre haver-lhe-ia comunicado algo de sua nobreza e generosidade, como não é, não pôde contagiar-lhe senão com a avareza de sua raça.
- E como soubeste que sou filho de um cozinheiro?
- Senhor, quando o Rei quer recompensar alguém, lhe dá uma quantidade de dinares, uma casa ou algo valioso; enquanto que as recompensas de Sua Majestade eram sempre um prato de comida e um pão; por isto, deduzi que sois filho de um cozinheiro.

Às vezes, chega-se também a crer, que nosso pai Adão era padeiro e nossa mãe Eva era uma cigana.

Todos os festejos da humanidade consistem em banquetes e bebidas. Nasce um filho, festeja-se com um banquete; casam-se os noivos, oferecem-lhe um banquete; sobressai um artista, pintor ou poeta e, em vez de comprar os quadros ou suas obras, é gratificado com comidas que terminam em bebedeiras.

No dia seguinte ao da cura “milagrosa” de Nazli, os passageiros comentavam o banquete que a Senhora Fauzié ia oferecer aos viajantes da primeira classe, para festejar, desta forma pela milagrosa cura de sua filha.

A mãe ia e vinha de um lado a outro, repartia ordens, pedia conselhos e vigiava tudo.

- Não reduzam gastos – dizia aos cozinheiros – sou milionária. Quero que sirvam a melhor champanhe – ordenava aos garçons.
- Desejaria que o senhor assistisse ao nosso banquete desta noite, suplicava ela ao comandante do navio.

E assim se deslizavam as horas.

Eram oito horas da noite, quando os convidados tomaram seus lugares. No centro da mesa, sentou-se Nazli, a jovem homenageada; à sua esquerda, o comandante do barco e a Senhora Fauzié; à sua direita, o jovem médico e, ao seu lado, Sohad. Depois seguiram os demais convidados, uns em frente aos outros, mas como Dony não conhecia de nome, senão os já citados, tampouco os conhecíamos nós.

A festa era como a de Baltachassar, na Babilônia, mas sem as taças sagradas.

Quando os garçons serviram o aperitivo, o comandante, como bom francês e grande “Causeur”, levantou-se e falou durante dois minutos, explicando o motivo da festa, e que se considerava feliz pelo que havia acontecido em seu navio e que o milagre proporcionou felicidade a todos.

Os presentes aplaudiram contentes até os que não entendiam francês.

Em seguida, começou o desfile de pratos, porém, ninguém falava, como se estivessem esperando uma notícia decisiva sobre um acontecimento importante.

Dony estava aborrecido por aquele silêncio.

Uma dama olhou o jovem com um sorriso nos lábios e disse:

- Verdadeiramente, o senhor fez um milagre.

Todos os presentes prestaram atenção. Dony, respondendo com outro sorriso, limpou os lábios com o guardanapo e respondeu com voz compassada:

- Desde ontem , senhora, até o momento, tenho ouvido a palavra “milagre”, mais de cem vezes. Para o mundo, o milagre é algo sobrenatural, maravilhoso, cujos efeitos surpreendem aos que ignoram as causas, ou que lhe atribuem causas desproporcionadas aos resultados. Mas, a pura verdade é que o sobrenatural não é outra coisa senão o natural extraordinário ou o natural exaltado; não há milagres, a não ser para os que ignoram o fenômeno. Sem embargo, para produzir o natural exaltado, chamado milagre, é necessário colocar-se fora das condições comuns dos demais, por meio da sabedoria ou conhecimento. Eu senhora, não fiz nenhum milagre com minha ex-paciente; tudo consiste em convencê-la de que não estava enferma.

Uma das mulheres exclamou sorrindo:

- Sim, sim doutor, é uma coisa tão simples que qualquer pessoa pode executa-la, não é?

Todos riram-se e Dony respondeu:

- Permita que lhes conte uma anedota, para rirmos um momento:

“Uma vez, trouxeram a Beirute um beduíno com apendicites. O médico resolveu operá-lo, mas o doente teve medo da dor da operação; então, o médico procurou convencê-lo dizendo: Olha, tu deitas sobre esta mesa e este amigo te põe uma máscara no rosto, que tem um remédio que te fará dormir profundamente, e não sentirás nada.

- E se não durmo?
- Vais contar a partir de um; nós saberemos quando estejas dormindo, e verás que é uma coisa muito simples.

Por fim, conseguiram convencê-lo e, quando terminaram os preparativos, ordenaram que contasse.

O beduíno começou a contar em voz alta, no princípio:

- Um, um, um, um,
Dois, dois, dois, dois,
Três, três, três, três,
Quatro, quatro, quatro, quatro,

A voz começou a enfraquecer-se, porém continuou:

- Cinco, cinco, cinco, cinco,
Seis, seis, seis, seis, e calou-se.

O médico acreditou que já estivesse dormindo – esperou um momento e o cortou.

- Ai! Me matas, me matas, gritou o beduíno.
- Por quê não continuaste contando?
- É que sei contar somente até seis.

Os presentes soltaram uma estrepitosa gargalhada, durante uns instantes e, quando se cansaram, Dony continuou sua conversa:

- Resulta comigo, senhora, que eu aprendi a contar até dez, e os demais não têm culpa, se não sabem contar até seis.

As duas pessoas mais alegres da reunião eram Nazli e Sohad. Esta última quis saber:

- Assim cura todos os seus doentes?
- Sim e não; eu, primeiro trato de curar suas almas, e depois, administro o remédio para seus corpos.
- E você acredita na alma? – perguntou um que estava ao lado da mãe de Nazli. – Eu não posso acreditar naquilo que não sei o que é.
- Ouça amigo: se soubesses, que necessidade terias de crer? Com efeito, que sabe o homem de si mesmo? Nada e, sem embargo, não lhe é permitido ignorar nada. Contudo, que entendemos nós por “alma”? A etimologia da palavra nos ensina que alma é “anima”, isto é, vida. Neste caso, eu creio na vida, porque sou a vida.
- Muito bem dito, disse o comandante do navio.

O mesmo interlocutor voltou a perguntar:

- Se a alma é vida, como pode você explicar que desapareça com a morte?
- Quando você se despe, para entrar no banho, deixa de existir? Pois eu não. E assim, quando a vida ou alma se despe de seu corpo, pela morte, ela continuará para sempre.
- Então, você acredita que a alma é criada por Deus.
- Não senhor, eu não creio isto, eu creio que era “com Deus”.
- Desta maneira, vai contra seus princípios, porque a Gênese diz: “e Deus soprou em suas narinas o alento da vida, e o homem se fez alma vivente”.
- Perdoa-me que lhe diga: o senhor não sabe quais são meus princípios a esse respeito; sem embargo, este versículo, citado, confirma minha afirmação que a alma era com Deus, quando Deus soprou-a nas narinas do homem.
- Bravo, bravo – exclamou Nazli – esta é lógica.

A conversa estava interessante, e todos escutavam com atenção.

Entre os presentes, estava um jovem que havia feito seus estudos em Paris e, por tal motivo, acreditava-se privilegiado. Olhava Dony e sorria sarcasticamente, talvez porque lhe tivesse inveja, ou porque não lhe tinha sido simpático.

Esse nosso amigo quis confundir o jovem médico diante de todos e lhe dirigiu esta pergunta, com um tom de triunfo sobre o contendor:

- Deus criou o universo, não é assim?
- Assim é – disse Dony, como para prazer e não entrar em polêmicas religiosas.
- E quem criou a Deus? Perguntou o jovem com a satisfação do vencedor.

Dony, sem se mudar, e sorrindo, respondeu com toda a seriedade:

- Dou-lhe minha palavra de honra que não fui eu.

Ao ouvir a resposta, aquela gente estalou em gargalhadas; uma mulher engasgou-se com a comida; um homem que estava tomando um copo de vinho, soprou o conteúdo sobre os demais, por não poder conter o riso; Nazli tapou a boca com um guardanapo, enquanto que o comandante do navio conteve seu ventre entre as mãos. O único que não se ria era o jovem interlocutor.

Terminado o acesso de riso, continuou Dony:

- Estamos em um momento de alegria, e comendo. O melhor digestivo é o riso. Ah! O riso é a maior panacéia que deus deu ao homem, pois bem, confesso-lhes, meus amigos, que a última resposta que dei não é minha, eu a devo a um menino de escola, e a história foi assim:
- Um professor perguntou a um discípulo: menino, quem criou o céu e a terra?

O aluno assustado pela pergunta, cujo significado ignorava, respondeu rapidamente:

- Professor, juro que não fui eu.

O mestre enfurecido pela ignorância do aluno, saltou de sua cadeira, o insultou e saiu da classe, para ir à sua casa, que era perto, para tomar um pouco d'água; na porta, a mulher inquiriu:

- Por que estás contrariado, meu marido?

E ele respondeu:

- Que te parece? Perguntei a um aluno: quem criou o céu e a terra, e sabes o que ele respondeu? “Juro que não fui eu”...

A mulher ficou pensativa durante um momento, mas depois comentou:

- Pode ser que não tenha sido ele. Por que lhe culpas sem provas?

Novamente, as gargalhadas encheram o salão.

- Mas não terminou aqui o conto – prosseguiu Dony. No dia seguinte, o professor encontrou o pai da criança, e este instigou:
- O que se passou com meu filho? Ontem chegou em casa, chorando e triste.

- Que Deus o guarde! Ontem lhe perguntei: quem criou o céu e a terra, e respondeu que não foi ele. Que lhe parece?
- O pai indignado:
- Não acredite nele professor, é muito mentiroso, sempre faz as coisas e depois nega havê-las feito.
- E outra vez estalaram as gargalhadas, e uma dama gritou:
- Por Deus..., já não posso mais..., as costelas já doem.
 - Nazli apertou, com doçura, o antebraço de seu médico e se ria com todo o gosto de sua alma, enquanto que Sohad secava as lágrimas causadas pelo riso.

Tomemos á saúde da bela Nazli e á de seu médico – disse um convidado.

E o brinde era sincero e alegre.

- Que religião tem o senhor? – disse um dos presentes.
- Nenhuma.
- Não pode ser! Quem foram seus pais?
- Humanos!
- Quero dizer: nasceu cristão, maometano, ou...
- Não senhor, nasci um menino bem robusto, e minha mãe me dizia que ra muito bonito.

Ah... ah... ah...

- Então, não tem religião?
- Não senhor, porque “Eu sou a Religião”, e estou muito satisfeito e contente com o meu Deus.

O homem empalideceu-se; não se sabe se de cólera ou vergonha, e logo disse:

- Que lhes parece aos senhores? O jovem está contente com o seu Deus.
- E por que lhe chama tanto a atenção, meu amigo? Deus é pura satisfação e alegria; não se aborrece, não se encoleriza e sempre deseja a satisfação do homem, que está sempre insatisfeito.
- Como? Não leu a Bíblia, que diz que Deus se desgostou e se aborreceu e, por isto, castigou a humanidade?
- E que culpa tenho eu, se a Bíblia e o Corão querem atribuir a Deus os defeitos humanos?
- Então, o senhor não crê nos livros sagrados?
- Como não crer neles, se os estou citando?
- O senhor não crê no inferno?
- Talvez, quando me casar, acreditarei nele.
- Como... como? Perguntou uma dama.
- Sim, senhora: uma jovem queixava-se á sua mãe que seu noivo não acreditava no inferno; a mãe consolou-a dizendo:
- Casa-te com ele, e nós duas lhe faremos ver que o inferno existe.

Risos... e comentários...

- Que idade tem o senhor?
- Eu não tenho idade.
- Não lhe compreendo.
- Pois, esta é a pura verdade.
- O senhor deve ter um dia, no qual nasceu.
- É certo, mas, por haver nascido, devo de haver antes existido.

- Francamente, é algo novo para mim.
- Para mim, é muito velho.
- E, onde estava o senhor, antes de nascer?

O jovem calou-se, por um momento, como pensando se era conveniente seguir a palestra, e logo exclamou:

- Em várias partes: na Grécia, na América, Europa, Egito...
- No Egito? – perguntou uma voz de mulher.
- Sim, senhora, mas isto foi há muito tempo, pois eu estive presente quando certas pessoas mudaram o curso do Nilo e, de uma árida e arenosa terra formaram o Egito atual.

Os ouvintes deixaram de comer, para escutar o desvario do jovem médico, que continuou falando:

- Pois sim, desde aquele tempo o Nilo desembocou no Mediterrâneo, e o país dos negros ficou estéril e seco.
- Também assisti a destruição do antigo Canal de Suez, que era melhor construído do que o atual; mas é a Lei da compensação, que não perdoa ninguém.

Na Grécia, estive com Aristóteles e, os dois, combinamos nossa filosofia, incompreendida até hoje, apesar das explicações que tivemos de dar na Europa, doze séculos depois.

- E não estive o senhor com Jesus Cristo? – perguntou um ruivo, zombando do médico.
- Sim, senhor; e conheci Judas Iscariotes, que era ruivo e crespo. Mas, enfim, para quê continuar relatando histórias que os presentes não acreditam?
- Como não? Siga. Siga e haveremos de crer cegamente, disse um, em tom sarcástico.

Dony olhou-lhe detidamente, e exclamou:

- Não senhor. Quem tem sua enfermidade, não pode acreditar em nada, porque esta mesma doença mata, no homem, a faculdade da fé e da esperança.

O interpelado ficou atônito e perplexo, ao ouvir estas palavras. Dony contemplou a mulher que estava á sua frente e continuou:

- A senhora acaba de pensar o seguinte: a este homem falta um parafuso na cabeça. Pois, há um provérbio que diz: “de médico, poeta e louco, todos temos um pouco”, e, posto que descobriu minha loucura, permita-me que descubra a sua: toda sua riqueza pode comprar o que busca, mas não poderá reter o que compra com dinheiro...

A mulher empalideceu-se.

- E você, formosa senhorita, que pensa que sou um tapeador, lhe direi: tem enganado várias vezes a jovens que lhe tiveram fé. Cuidado, não se deve encolerizar assim, pois os presentes acreditariam, depois, que eu disse a verdade.

Em seguida, o jovem olhou outra mulher, e quis dirigir-lhe a palavra, mas a senhora gritou:

- Perdão, senhor. Eu não quero ouvir sua opinião a meu respeito.
- Está bem, sua vontade será satisfeita. Senhora Fauzié, está agora gozando com meu desvario, pensando com alegria: Caiu do pedestal.
- Não é certo, disse a mulher.
- Como é difícil dizer a verdade! Sem embargo, senhora, para sua satisfação, lhe direi que, antes de 48 horas, seremos dois bons inimigos, e você poderá dizer de mim tudo o que goste. Você também, querida Nazli.
- Eu? – gritou a jovem.
- Desgraçadamente, não há no barco um galo, para que cante...

Todos compreenderam a alegoria.

- O senhor, comandante, me crê um adivinho, como os que consultava, pois eu não sou leitor de pensamentos; sou simplesmente leitor de fisionomias e dedutor de conseqüências.

O comandante, como homem sincero, lançou uma gargalhada e disse:

- Francamente, acertou.

Dony continuou:

- Alguém deseja que lhe diga o que pensou de mim?

Ninguém respondeu. Em seguida exclamou:

- Com toda franqueza, lhe digo, senhorita, a você, a você que está sentada na segunda cadeira da mesa, embora para zombar-se de mim, encanta-me e quisera que continuasses rindo, porém, em voz alta, para que todos lhe ouçam.

A jovem ficou olhando fixamente para Dony como que fascinada pelo seu olhar e, logo, estalou-se em gargalhadas, há... há... há...

No princípio, quase todos riram por contágio, mas depois, se assustaram, pois ela continuava rindo, e o tempo continuava passando entre há... há... há...

Passaram-se dois minutos.

Aquele riso causou uma onda de desgosto e medo entre os assistentes. Sohad tocou o braço de seu amigo e lhe dirigiu um olhar de súplica. Este sorriu e disse:

- Bem, estamos satisfeitos, basta de rir-se, muito obrigado.

Ela calou-se bruscamente, e reinou um silêncio fastidioso, em que não se ouvia mais do que o som dos pratos e o ruído dos talheres.

Dony começou a sentir-se descontente de si mesmo, como quem se arrependeu de uma má ação. Depois de pensar um momento, falou:

- Senhores, eu lhes devo uma explicação; não devem crer que sou um adivinho; sou um simples observador. Quantas vezes o homem desejou obter alguma maneira de impressionar favoravelmente a outros, para inculcar-lhes suas idéias? Pois existem muitas maneiras. Que cada um prove isto. Concentre-se firmemente em uma pessoa que esteja sentada no mesmo aposento, sem que ela o perceba, e verá que, gradualmente, ela vai se inquietando e, por fim voltará a vista para o observador. Isto é algo muito simples; no entanto, é uma demonstração positiva de que os pensamentos geram uma energia que pode ser captada por outra mente. Vejam os senhores que isto nada tem de milagre e nem de sobrenatural. Todos podemos, com um pouco de sacrifício e de trabalho, chegar a projetar e a captar o pensamento.

- Que maravilhoso é isto! – disse uma dama – e não contradiz a razão.

Dony continuou:

- Isto tem sido um segredo, durante muito tempo, foi ensinado privadamente, como o hipnotismo, a sugestão, o magnetismo e demais ramos da ciência oculta.

Quem estuda esta ciência, torna-se um observador. Há uns que conhecem o homem pela sua fisionomia e descobrem seu caráter; basta olhar o dedo polegar, para descobrir o homem. A quirografia, a quirologia, a astrologia são ciências sagradas, cujo objetivo é conhecer o caráter do homem, para ajudar-lhe na vida. A grafologia é outro ramo da ciência secreta, que manifesta até os pensamentos mais íntimos do ser.

- O que é grafologia? – perguntou uma dama.
- Grafologia é a ciência que descreve e estuda o homem através de sua caligrafia. De maneira que, estudando um pouco cada ramo desta ciência, chega-se a conhecer

as pessoas a fundo, desenvolvem as faculdades internas e com o tempo, pode-se produzir certos trabalhos ou fenômenos, que a ciência normal denomina de ilusões, e o vulgo as aceita como milagres.

- E não há milagres verdadeiros, então? – perguntou o comandante do navio.
- Senhor comandante, para mim, os milagres são efeitos naturais de causas excepcionais. Um seu compatriota chamado Eliphas Levy, disse em sua magna obra intitulada “Drama e Ritual de Alta Magia”, o seguinte: “A ação imediata da vontade humana sobre os corpos, ou, pelo menos, essa ação exercida sem meio visível, constitui um milagre na ordem física”.

A influência exercida sobre as vontades, repentinamente e lentamente é capaz de mudar pensamentos, dominar as vontades e paralisar as paixões; constitui essa influência, enfim, um milagre na ordem moral.

A mente humana atribui a Deus milagres absurdos, tidos como efeitos sem causa e como ficções repentinas da imaginação divina; e não se pensa que, se Deus pudesse conceber um milagre absurdo, romperia sua Lei de Harmonia Universal e lançaria o universo no caos, e nem Ele nem o mundo existiriam um instante depois!

Deus está em ação por suas obras: opera no céu pelos seus anjos e, na terra pelos homens. Os anjos podem atuar em tudo o que seja possível a Deus, e os homens, também, dispõem da onipotência Divina.

A humanidade tem um ciclo de concepções e é a humanidade quem cria a Deus; os homens pensam que Deus os fez à sua imagem e semelhança e, no entanto, eles são que O fazem à sua.

O poder do homem abarca toda a natureza corporal e visível sobre a terra e, se não rege os astros, e as estrelas, pode, ao menos, calcular o movimento, medir a distância, identificar sua vontade e influência: pode, também modificar a atmosfera, agir, até certo ponto, sobre as estações do ano, curar e adoecer a seus semelhantes, conservar a vida e dar a morte, e ainda pode, em certos casos, ressuscitar os mortos.

Uma das damas perguntou, em tom de picardia:

- E o senhor já ressuscitou a algum morto?
- E a senhora. Acreditar-me-ia, se lhe digo que sim? Não creio. Por que perguntar, então? Sem embargo lhe digo, que a morte não existe, e eu não tomaria o desgosto de devolver uma roupa velha e suja ao ser que a abandonou. Porém, se não crê, eu posso materializar o seu falecido marido para que venha lhe dar um beijo.
- Não, não! Gritaram alguns – nada temos que ver com os mortos.

A senhora estava lívida de medo e até, por sugestão, sentia que alguém lhe dava um beijo na boca, e gritou inconscientemente, como se estivesse falando a um ser imaginário: - Deixa-me em paz!

Ao ouvi-la gritar assim, muitos tiveram temor e outros ficaram atônitos.

Reinou novamente o silêncio.

O comandante tomou a palavra e perguntou seriamente:

- Pode o senhor dizer-me como pôde reunir tantos conhecimentos, sendo assim tão jovem? Pois tudo quanto disse é tão raro e racional, porém, não é o que se ensina nos colégios.

Dony pensou por um momento e respondeu em seguida:

- Caro comandante: antes de tudo, devo dizer-lhe que não sou tão jovem como o senhor o crê. Já vivi muito; pelo menos é o que eu sinto. Porém, já é tarde, e eu tenho muito ainda que fazer; continuaremos em outra ocasião.

Tomou seu copo e exclamou:

- À saúde de minha ex-enferma e à de todos!

E depois de beber o conteúdo, inclinou-se e saiu do refeitório.

O relógio marcava meia-noite.

Capítulo VIII

O pagamento

No mesmo camarote, onde Nazli foi curada encontravam-se reunidos, ao redor da mesa, almoçando, quatro pessoas, as quais já nos foram apresentados: Fauzié, sua filha Nazli, Sohad e nosso amigo Dony.

O motivo daquele almoço familiar era o de agradecer ao médico, de uma maneira íntima, e pagar-lhe seus honorários.

Dony suspeitava o motivo e, por esta razão, se pôs em alerta: media suas frases e observava a senhora Fauzié, que manifestava muita amabilidade, mas, em suas entranhas, ocultava algo de antipatia contra o curador de sua filha.

Qual o motivo da aversão? Ninguém o podia saber. Seria a altivez de Dony, em sua maneira de falar, ou seria porque não tinha jeito para render pleito às damas?

Excelente coisa é a simpatia; seu nome quer dizer inclinação e afeto natural. A sociedade subsiste pela virtude da simpatia. Mas, em que consiste esta qualidade?

Será simpatia o sorrir, o inclinar a cabeça ou o suavizar o rosto?

Será simpatia o homem de bem, que se deixa enganar por sua amante, ou que se deixa roubar pelos velhacos?

Será simpatia o galantear uma mulher feia, dizendo-lhe que é a mais bela do mundo?

Todas estas perguntas não têm resposta; mas, a simpatia existe, é inata, natural e escapa á definição.

Falam de muitos tópicos insignificantes e sem interesse. Somente Dony tomava vinho na mesa. As duas jovens estavam alegres e Fauzié aparentava satisfação.

Sohad perguntou:

- O senhor sabe adivinhar a sorte? Sabe ler as linhas da mão?

Dony contemplou sua companheira e respondeu:

- A quirosografia é uma ciência muito séria, mas desgraçadamente, caiu entre os charlatões, que têm a facilidade de falar e falar com fluidez, e são os que triunfam na vida e dominam a seus semelhantes. Quirosografia, astrologia, fisionomia, grafologia e demais ramos, são ciências sérias e úteis para o homem prudente, que aspira ao conhecimento de si mesmo e dos demais; porém, infelizmente, há certos seres que padecem do complexo de inferioridade; lêem um livro sobre uma dessas ciências, ou sobre ocultismo e, para adquirirem certa posição, tratam de enganar aos demais com falsa sapiência. Não é suficiente ler um texto de engenharia, para converter-se em engenheiro; a prática é que faz o mestre.

O verdadeiro grafólogo descobre a pessoa apenas em estudar sua caligrafia, e o verdadeiro quirosófo encontra nas mãos o real ser interno; mas, entre conhecer o caráter e adivinhar o futuro, há ainda um enorme passo, que exige muito esforço e intuição. Não digo que é impossível, porém, sim. Que é difícil e arriscado para a dignidade do homem sério. Olhe minhas mãos. Que conceito faz delas?

Sohad, sem titubear, disse:

- Desde que as vi, invejei-as – e, tomando as mãos de seu companheiro, continuou: - são suaves, delicadas, perfeitas e bonitas. Elas devem embelezar os braços de uma mulher.
- Agradeço a galanteria e a uso para a ciência; você diz que minhas mãos são suaves e delicadas; vamos agora adivinhar ou interpretar o que significam essas duas palavras: Suaves e delicadas nos dão a entender que estas mãos nunca tiveram um trabalho pesado, forte ou encalejador e, aquele que as tem, deve ter uma ocupação mental, ou são de um rico que nunca trabalhou, mas, como viajo de terceira classe, devemos abandonar esta idéia de riqueza. Sua beleza e perfeição nos indicam que seu possuidor é um artista ou um imaginativo de muita fantasia, ou, pelo menos um amante do belo. Pois bem; quando um quirólogo chega a compreender estas quatro qualidades da mão, já pode aumentar seus conceitos relacionados entre seu propósito e a credulidade do indivíduo, dizendo-lhe que ele é um homem inteligente, amante do belo, porém, nunca foi compreendido pelo seu ambiente, etc. e outros milhares de elogios que lhe envaideçam, até o cliente acreditar e dizer: “este homem é um verdadeiro profeta!” Por conseguinte, o leitor de mãos salpica sua conversa com certas profecias, sempre veladas, assim por exemplo: “em breve melhorará sua sorte; o casamento modificará sua vida; seus filhos serão inteligentes” – e qual o pai que não tem o mesmo pensamento e qual o homem que não pensa em ser feliz no matrimônio? – Como se a felicidade pudesse existir nos feitos do homem – e assim por diante, até ganhar a completa fé do cliente...

Sohad olhava atônita a seu interlocutor, absorvia com satisfação suas palavras e, quando ele calou, disse-lhe:

- Segundo você a ciência existe, mas são raros os seres que a possuem?
- É verdade.
- Pode analisar-me pelas minhas mãos, tal como analisou as suas? Há algum inconveniente?

Dony sorriu e disse:

- Seria para mim um prazer. Porém, devo advertir-lhe que não sou tão forte nesta matéria.
- Não importa; podes me dizer o que sabes.

Dony tomou a mão de sua companheira e, depois de olhá-la detidamente falou:

- Antes de tudo o mais, devo dizer-lhe que você tem algo de anemia. Pertenceria isto á ciência ou ao estudo das mãos? Sim. Suas unhas são muito brancas e isto demonstra que tem pobreza de sangue.
- É a pura verdade, doutor – disse Sohad, muito impressionada. Os médicos, no Egito, depois de um longo exame, anunciaram-me uma anemia e, por este motivo, aceitei acompanhar minha amiga nesta viagem.
- Pois, com esta sentença ganhei toda a sua fé, e se eu fosse quiromântico, já então poderia dizer-lhe até as coisas mais incríveis, e você me acreditaria, mas como não sou, seguirei estudando suas mãos como um observador, e não como um quiromântico. Não entrarei em detalhes; seus dedos são compridos, delicados e cônicos; demonstram inteligência, sensibilidade e um sentido artístico. Você capta rapidamente a idéia e a assimila com facilidade. O que mais demonstra seu grau de inteligência é o seu dedo polegar, que é comprido; basta-me ver o dedo polegar, para julgara pessoa, porque para mim, é como uma miniatura do ser oculto. Esta sua miniatura demonstra um caráter flexível e orgulhoso. Talvez, chame a isto dignidade, e pode ser certo também. Agora vou passar a uma adivinhação: você não pode ser feliz no amor, porque seu caráter delicado e refinado exige a perfeição no homem, e este é muito difícil de ser encontrado; por este motivo, pode-se

deduzir que não será muito feliz no casamento se não deixar de exigir o impossível. Toda jovem aspira saber algo sobre o seu casamento, e lhe direi, por dedução, que se casará em breve, por vários motivos: você é bela, culta, inteligente e, por acréscimo, sente a necessidade física e mental do casamento.

Agora, vejamos as linhas, que são o quebra cabeça de todos os quiromânticos. A pessoa que possui todas as linhas perfeitas e bem marcadas tem maior possibilidade de triunfar na vida. Suas linhas são muito débeis e tênues; indicam saúde delicada, pouco triunfo por falta de resistência, acompanhada de pouca sorte. Agora, me perguntará você: como sei de sua pouca sorte? – e lhe direi, também por dedução. O ser delicado, digno e altivo não pode ter sorte, em nossos tempos, e creio que esta é uma verdade irrefutável. Os mentirosos nunca acreditam que há seres verazes; os traidores não acreditam na lealdade; por isto, o ser delicado por natureza, não pode afrontar a grosseria e o dolo, e, pela mesma razão, não pode triunfar. Para triunfar, tem que enganar, e você não sabe enganar; para escalar as alturas, tem que pisotear sobre os demais e, você tem receio até de repreender o amigo por uma falta cometida. Este é seu caráter, senhorita, e agora, antes de terminar, quero dar-lhe um conselho: olhe esta linha e olhe esta outra...

Quando quiser escolher a um amigo, examine, dissimuladamente, estas duas linhas de suas mãos: se estão bem separadas uma da outra, demonstram generosidade nos três planos: espiritual, mental e físico e, se não são bem unidas, trate de evitar sua companhia, porque são míseros, tacanhos e estreitos de espírito. Não divulgue a ninguém este ensinamento íntimo, porque começarão a rezear de você e até fugirão de sua companhia, por temor de serem desnudados ante a verdade. Acertei em algo?

Sohad, silenciosa, olhou demoradamente seu companheiro, sem dizer uma palavra.

- O que tem? Por quê não me responde?
- Diga-me: pode a criatura humana evitar o que está escrito em suas mãos, ou pode preveni-lo?

Dony pensou nas palavras de sua amiga e disse em seguida:

- Vocês, os maometanos, acreditam no “MAKTUB” (“está escrito”), assim como os cristãos acreditam no destino; porém a máxima oculta diz: “As estrelas inclinam, mas não obrigam”. Isto quer dizer que nem tudo o que nos acontece está escrito, senão que somos nós quem o buscamos ou provocamos; vou dar-lhe um exemplo:

Um homem vai à taberna, bebe em excesso, embriaga-se e adocece. Podemos deduzir que estava escrito? – Sim e não; sim porque aquele que bebe muito álcool, tem que sofrer a bebedeira; é uma lei; porém nunca está escrito que ele deve beber para se embriagar; ao contrário, está escrito que não deve tomar álcool desta forma. Os fatos do dia de ontem formam o destino do homem, no dia de hoje. Expliquei-me?

- Perfeitamente.
- Agora explicarei um caso, que é o que interessa: sua saúde; você não deve obedecer e nem deve ficar exposta à debilidade; seu modo de viver acarretou sua anemia, e não está escrito que você deve viver anêmica, porque há destino e há livre arbítrio e, onde termina o primeiro, começa o último. Morrer por uma bala extraviada é destino escrito, porém, adoecer por embriaguez é livre arbítrio. Perder sua fortuna pela falência de um Banco é destino, porém, jogar e perder são livre arbítrio. Compreendido?
- Claramente! Mas, este ensinamento vai direto contra a religião, que ensina que tudo está escrito pela vontade de Deus? Não lhe parece?
- Não, senhorita, este ensinamento está conforme à Onisciência de Deus, que traçou uma Lei perfeita e, aquele que, por sua própria vontade ou ignorância, se atreve a desobedece-la, será castigado pelo seu próprio ato, e não porque Deus se inteviu em sua dor e castigo.

Sohad meditou muito tempo e disse:

- Seu argumento quase que me destrói todo o monumento de minhas crenças.
- Ao contrário: é para construir outro mais sólido e resistente. O sol nos dá o calor para viver; somente o homem, por sua ignorância, sofre a insolação. A natureza nos proporciona alimentos são e simples, e os homens sofrem porque se alimentam de coisas antinaturais; porém, o ser humano é tão estúpido e covarde, que nunca se culpa a si mesmo, senão que busca sempre a quem deitar a culpa, e a aplica a Deus, ao demônio ou a seus semelhantes.
- Isto, também é certo, disse Sohad.
- Seguro que é verdade. Vamos tomar, por exemplo, um fato recentemente ocorrido. Teve conhecimento da peleja que houve, hoje, entre cristãos e maometanos? Pois bem, que tem que ver Deus, Maomé e Cristo com o assunto? Deus, Maomé e Cristo necessitam de defensores? São Eles os culpados da briga e dos ferimentos causados entre os dois bandos? Não. A causa de todo mal é a ignorância, e nada mais. Estes que guerreiam por Maomé e Cristo, não são maometanos nem cristãos; são marionetes e títeres, nas mãos de certos egoístas e sanguessugas do povo, e que se dizem representantes na terra de Cristo e Maomé! Pobre humanidade, quantos milhares de anos ainda necessita para compreender uma coisa tão simples e tão fácil!
- Por quê você não precisa esta nova religião?
- Nova religião? Pois esta é a religião eterna, de todas as idades passadas e futuras; é a que foi ensinada pelas Leis e os Profetas; é o espírito de todas as religiões; é a religião da Natureza e da verdade. São os homens que, movidos por fins pessoais, tergiversaram seu sentido e fizeram dela um instrumento de destruição, para satisfazerem seu egoísmo.

Quando acabou de dizer isto, reinou um grande silêncio. Todos estavam emocionados por aquela seqüência de pensamentos.

Dony tomou um cigarro e, ao acende-lo, sorriu e disse:

- Quem poderia acreditar que tudo isto começou com um cigarro!
- Por acender um cigarro – retrucou Nazli.
- Nunca poderemos pagar-lhe o favor que nos fez, murmurou a mãe.
- É certo, senhora, porque o favor não tem valor; porque, até hoje, não o incluíram na lista de preços.

Sohad suspirou:

- Tem sempre para cada pergunta uma resposta?
- Hum... Não sei; mas, o certo é que não gosto de entregar-me ao elogio, nem ao afeto violento, que se assemelha ao ódio e quase à aversão.
- O senhor amou alguma vez, para saborear o afeto violento? – perguntou Fauzié.

Dony pensou um momento para logo responder:

- Deste afeto, lhe direi com o coração na mão, não o tenho saboreado e, sem embargo, meu amor raiou com a morte.
- Permita-me que eu duvide de seu amor.
- É raro que a senhora não me creia, porque talvez sinta outro amor diferente. Não podemos discutir os gostos, mas, devo dizer-lhe, quando o verdadeiro amor se desperta em um grande coração, é a eternidade que se desperta. Deus se faz amar pelo homem na mulher e na mulher pelo homem, e a felicidade do ser amado nos infunde a grandeza divina?
- Sua filosofia é incompreensível, pelo menos entre nós, os maometanos, e, de certo modo os orientais. Aqui, as mulheres, não têm voz e nem voto no casamento. Nosso único papel é conceber e procriar filhos. Por isto pergunto: o que é o amor?

O jovem sentiu uma profunda tristeza em seu coração. Notou que aquela mulher sofria, e o desprezo que manifestava, às vezes, era conseqüência da decepção pelas leis e pelos costumes.

Ela odiava aos homens, porque defraudaram-na em seus anelos, em seus desejos e aspirações e, por isso, tornou-se áspera e grosseira em seu trato.

Então Dony lhe perguntou:

- Interessa-lhe saber o que é amor, ou satisfazer uma simples curiosidade?
- As duas coisas.

Dony tomou um copo de vinho calmamente. As duas jovens olharam-lhe com ânsia da criança, que espera o conto que o pai lhe prometeu antes de dormir. Fauzié deixou de comer, e pediu ao garçom outra garrafa de vinho.

O jovem médico limpou os lábios e falou:

- Para mim, senhora Fauzié, considero que amar é encontrar Deus na criatura. O ser amado é o representante de Deus no reino da alma. Porque, se uma alma sofre (aqui Dony frisou e repetiu olhando a mulher), se, se uma alma sofre, é porque nunca teve amor, e terá que perecer por falta de luz e de calor divinos. As almas sem amor vivem em despeito e em tédio, isto é, num verdadeiro inferno, e muitas estão condenadas a este suplício.

Temos necessidade de amar, para dulcificar nosso caráter, e de um ser que nos ame, para aliviar nossos remorsos.

O amor legítimo é o verdadeiro casamento. Um casamento de conveniências é um concubinato legalizado, é um convênio entre um macho e uma fêmea. E quem se casa sem amor, se desposa para cometer adultério.

A mulher, deixando a quem ama, e unindo-se a quem não ama, em troca de uma conveniência qualquer, desonra sua dignidade. Uma mulher, que se entrega sem amor para obedecer a seus pais, para satisfazer a uma necessidade mundana ou para desfrutar do marido, comete adultério; e, se tem antes do casamento, um amante, comete poliandria, assim como o homem, poligamia; mas, a poligamia entre os maometanos é permitida.

As três mulheres estavam tão atentas à conversação, como se estivessem diante de uma interessante película de cinema. Deixaram de comer e até se podia exagerar dizendo, que deixaram de respirar. Dony satisfeito seguiu em seu discurso.

- Disse um filósofo: “Casar uma mulher que se entregou por amor, e a quem o amante não abandonou, é desposar a mulher do próximo. Este casamento é nulo ante a Natureza e ante a dignidade humana. Os amores que mudam são fatalidades que atam a cerviz sob seu jugo”.
- Para um coração digno de amor, só existe no mundo uma mulher digna; eu brindo por aquela mulher, cujo amor eleva e dignifica. E, ao dizer isto, quis brindar, mas, a mão de Sohad deteve seu braço e lhe disse, enquanto as lágrimas corriam sobre seu belo rosto:
- Eu também, doutor, quero brindar por ela, com você, se me permite.

Dony teve o desejo de tomar a mão da jovem e cobri-la de beijos, mas, deteve-se e a contemplou com um olhar significativo e eloqüente que fez a donzela se ruborizar.

- O que te passa Sohad? Vais tomar vinho?
- Tomarei até veneno, com prazer, depois de ter ouvido o que ouvi.

Nazli, sem poder conter-se, agarrou a garrafa de vinho, encheu seu copo e disse, levantando-se:

- À saúde daquela mulher!

E tomou o vinho.

As duas jovens puseram-se a chorar. Dony sentiu uma tristeza dilacerante, enquanto que Fauzié permanecia em silêncio e, seus olhos faiscavam. O médico o sentiu e se preparou para a defesa. Depois de acariciar as duas donzelas, disse-lhes:

- Escutem, jovens: ensina um sábio: “Deus contraiu conosco uma dívida infinita, ao nos trazer ao mundo; se Ele fez o abismo da fraqueza humana, Ele é quem deve enche-lo, e por ser o mais forte, perdeu seus direitos e contraiu somente deveres. (Eliphaz Levy)”.

- Doutor, o que está dizendo?! – Clamou Sohad.

- A verdade, senhorita, a verdade, e você é filha da verdade, porque capta minhas palavras, embora, até o momento, não tenha podido assimilá-las.

Dony lembrou-se de uma dívida com Fauzié; dirigiu-se a ela calmamente:

- A senhora me perguntou: o que é o amor, e eu divaguei muito tempo, quisera perguntar: se já sabe o que é amor e se curiosidade está satisfeita?

- Sandices, jovem, sandices! O mundo atual está cheio de predicadores com teorias utópicas. Todos estamos sujeitos ao “Kadar” (destino); mas, porquê nos metermos em coisas insondáveis?! Além dito, o objetivo desta reunião é outro.

- Perdoe-me senhora, eu aceitei seu convite com um único objetivo de desfrutar, com vocês, alguns momentos de alegria e calma.

- Nós também temos o mesmo pensamento, mas, o objetivo principal é o de tratar de pagar-lhe pela cura de Nazli.

- Tratar de pagar-me? Esta palavra “tratar” soa mal, e eu não sei o que significa.

- Significa simplesmente: Quanto lhe devemos?

Dony franziu o cenho, e respondeu com uma só palavra:

- Nada.

- Como nada? Nós não podemos deixar de oferecer uma retribuição por tão grande favor.

- Mas a senhora me disse há pouco que não pode pagar-me o favor.

- Tudo tem algum preço na vida; até os homens têm seu preço.

Dony sentiu o sangue martelar-lhe o cérebro e o coração. Sorriu sarcasticamente e replicou:

- Escute senhora: eu pratico medicina, ou gratuitamente ou bem pago; e como não há quem pague bem pelo que vale um trabalho, opto em não cobrar.

Parece que aquele tom e aquelas palavras exasperavam mais à mulher, que perguntou de uma forma algo depreciativa:

- São suficientes cinqüenta libras?

- A senhora quer obrigar-me a cobrar pela cura de Nazli? Pois bem, lhe direi que não são suficientes.

- Quanto o senhor quer?

- Dez mil libras egípcias.

- Como?!?!?!?

- O q a senhora esta ouvindo.

- O senhor está louco, para pedir esta soma. Todos dizem que estas curas não são duradouras e, que a enfermidade volta depois de certo tempo.

Dony tremulou ao ouvir aquelas palavras, as quais poderiam afetar novamente a ex-enferma e, perguntou em tom cheio de burla colérica:

- Quem são os que disseram tão grande estupidez, senhora? Seguramente devem ser seus companheiros de poker, não é assim?...

A mulher saltou de seu lugar, como que picada por uma víbora, acercou-se de Dony, e lhe gritou:

- Eu faço de meu dinheiro aquilo que quero.

- Está muito enganada senhora; ao desbaratar seu dinheiro, se converte em ladra, que rouba o pão de seus irmãos pobres da humanidade.

A mulher, ao ouvir aquilo, proferiu enfurecida:

- Tu és um... – mas, não encontrando a palavra suficientemente aniquiladora, calou-se, e levada pela raiva saiu do quarto.

Nazli, ao ver aquela cena e, indignada pelo trato que o médico usou para com sua mãe, recriminou-o dizendo:

- Seu comportamento para com a senhora é... é... é... pouco cavalheiresco.
- Não necessito de sua opinião, senhorita, para tratar as damas.

Sohad, que havia permanecido calada até aquele momento, tomou a mão do médico, acariciou-a entre seus dedos, e, muito emocionada, sussitou:

- Perdoa-as doutor, porque não sabem o que dizem; estão loucas de orgulho e fatuidade. Seja sempre assim: um ser divino que reparte suas bondades a mãos cheias; seja como este sol que ilumina sem pedir gratidão. Pela cura de minha amiga, eu posso oferecer-lhe minha vida, se dela necessita... Aceite meu respeito e meu carinho, enquanto viva.

Dony ouvia-a e sentia que as lágrimas acudiam aos seus olhos e o coração lhe saltava de ternura. Quando Sohad terminou, ele a beijou em sua fronte; caminhou silencioso em direção à porta; e, ao sair, voltou-se e disse, com um sorriso nos lábios:

- Senhorita Nazli: o galo já cantou pela terceira vez.

Nazli tremeu e ele desapareceu.

Capítulo IX

Issa

Até no último suspiro, o homem pode recordar as alegrias da infância; o êxtase do amor na juventude e o entusiasmo da idade madura.

Sim, pode-se construir uma eternidade no belo sonho da vida e da recordação.

Viver nos outros, com os outros e para os outros é o segredo da imortalidade. Aquele que ama vive no ser amado; pensa seus pensamentos, adivinha seus desejos e participa de seus afetos.

O homem que pensa, já não está só, porque o homem que pensa em um ser vive nele e com ele.

Uma recordação perpétua e constante rompe a eternidade do tempo e a imensidão do espaço até encontrar o ser recordado.

Dony conservava uma recordação, que martelava sua memória dia e noite. Quando saiu do camarote das mulheres e, apesar de seu desgosto, de seu desengano e de sua decepção, esqueceu-se das palavras feridoras e dos gestos insultantes, para se recordar de um fato passado há mais de três anos. Por quê? Não havia nenhum motivo para rememora-lo. Sem embargo, seguiu andando, e uma sucessão ia desenvolvendo-se como filme cinematográfico ante sua memória. Deteve-se um momento para analisar o fenômeno curioso, e perguntou a si mesmo: “O que tem que ver aquilo com isto? Que relação tinha minha salvação do lago de lodo com este almoço desagradável? Que extraordinário é o homem, e que estranhas são a mente e a memória!!!” Em seguida, caminhou em direção à escada que descia à segunda classe; porém ao chegar ao primeiro degrau, e ao querer baixar, olhou para

frente, viu um homem, e ficou cravado em seu lugar como que petrificado. O coração a princípio, deteve seu palpar, mas depois, soltou sua carga de sangue com tanta rapidez que se assemelhava ao galope de um cavalo. Era um sonho? Era uma ilusão ótica? Nada disso; era uma realidade. Aquele homem vestia, impecavelmente, um terno preto; seus cabelos, ondulados, chegavam até seus ombros; sua barba era negra, aforquilhada, e os bigodes completavam seu perfil; a fronte, serena, tinha a cor da neve banhada pelos últimos raios de sol; seus olhos – mas, como descreve-los? – Não se lhes podia qualificar senão de divinos! Aquele que mirasse seus olhos se esqueceria de todos os demais detalhes de seu rosto.

Os dois contemplaram-se. Dony notou que os olhos daquele Apolo sorriam, e sentiu uma alegria interna indefinível. Quis dizer algo, mas, não lhe veio nenhuma palavra à mente. O tempo que transcorreu não chegava a cinco segundos, embora o relato destes sucessos ocupe mais de dois minutos.

Por fim, o estranho ser alçou a mão e, com o dedo indicador, fez um sinal acompanhado com a palavra – Venha!

Dony o seguiu silencioso, a seu luxuoso camarote e, enquanto caminhavam, desfilavam na memória do jovem os detalhes de sua recordação:

“Era o verão de 1917. Ele, Adónis El Kadus, em Hurán, caminhava, em um dia quentíssimo, como os do deserto; com muita sede, e a povoação mais próxima distava cinco quilômetros – uma hora e meia, mais ou menos, para um homem são, e três horas para Adónis, o jovem esgotado.

À distância de cinqüenta metros do caminho, o jovem distinguiu uma lagoa e correu, precipitadamente para ela; mas ao aproximar-se, deparou com três obstáculos, que o impediam de saciar-se: o primeiro deles consistia em que o lago era fundo; o segundo, que não havia escadarias para chegar-se à água; e o terceiro, a falta de recipiente, com uma corda, para tirar o líquido tão desejado. Então, ele se estendeu de bruços sobre a beirada do lago e começou a estender-se paulatinamente, crendo que assim, talvez, pudesse alcançar, com a mão, e embeber a ponta da língua, como diz a parábola do Evangelho; mas em vez de alcançar o líquido, precipitou-se de cabeça, no lodo pegajoso do charco, afundou-se e sentiu que se asfixiava; sua desesperação aumentava de instante a instante; fez o possível para voltar a levantar a cabeça, a fim de poder respirar; tratou de livrar-se daquela armadilha, porém, só conseguia afundar cada vez mais e mais; quis gritar, porém, quem ouviria seus gritos naquele deserto? O perigo lhe fez esquecer a sede; ante sua situação, acabou por olvidar também a desesperação e terminou rindo de sua desgraça; pensou na morte e a desejou, porém, não queria sofrer demasiada dor. Havia passado mais de quinze minutos neste estado imóvel, enquanto que pelo seu cérebro desfilavam milhares de idéias e pensamentos trágicos. De repente, ouviu o galope repentino de um cavalo, que se aproxima, tirou-se o ensimesmamento; gritou desesperadamente e, cavalo e cavaleiro aproximaram-se do lago. O homem desatou uma corda presa á montaria do cavalo e começou então a obra de salvação; cinco minutos após de esforços, Adónis, mudo de emoção, apenas pôde, num momento, fixar o rosto do homem, que tinha sua cabeça envolta em uma coifa, porém, sua figura ficou gravada, indelevelmente, em seu coração e em sua mente. Ninguém poderia esquecer os olhos e o olhar daquele beduíno civilizado!

Sem saber por quê, aquela recordação perseguia a Adónis continuamente”.

Quando os dois entraram, o salvador disse a Dony:

- Vejo que me reconheces.
- Senhor, nunca pude esquecer este olhar, mas infelizmente, não sei sua graça.

Ele sorriu e disse:

- Talvez me conheças com outro nome.

Um relâmpago de luz cruzou a mente de Dony, que clamou estupefato:

- Ah!!...

- Senta-te, - falou com doçura. – Foste salvo para salvar e, assim, pagarás tua dívida; tua mão já está sobre o arado, e não podes voltar atrás. Tens que duplicar os talentos que te foram confiados. Bem-aventurados os ricos de espírito, porque o Poder Onisciente vem a eles. Chegou a hora de proclamar a humanização de Deus e a Divinização do homem. Já estás admitido na Universidade Interna, para cursar os quatro ramos da Ciência. Tua missão consistirá em transmitir aos homens os princípios cósmicos, ditados para a era futura. Estes princípios estão resumidos aqui neste papel. Podes lê-los”.

Dony começou a ler mentalmente:

- “Cidadania Universal”;
- “Estados Unidos do Mundo”;
- “Abolição de fronteiras”;
- “Uma só Religião e um só Credo, baseado no Amor”;
- “Abolição do nacionalismo e de tudo o que induz à separatividade”;
- “Abolição de todo sistema de armamentos”;
- “Organização de um parlamento para reger os assuntos gerais da Humanidade”;
- “Supressão de todo trust financeiro, bloco político ou poder autocrático”;
- “Garantir a educação, uma profissão e um trabalho para todos”.

Houve uma pausa e, em seguida acrescentou:

- Depois, poderás assistir às sessões internas para receber ordens. Encontras-te pequeno ante a magnitude da Obra? Pois tu não vais realizá-la sozinho. E, ao dizer isto, sorriu.

Calou-se, durante um minuto, enquanto o jovem olhava-lhe com profundo carinho e respeito; depois continuou:

- Agora, com a chave direta, visitarás o mundo interno. Lembra-te da Lâmpada do Aladino. Busca somente a “Lâmpada”.

Capítulo X

A língua é a causa das desgraças

As línguas de Ésope têm passado como uma sábia fábula em todas as literaturas. Janto, seu senhor, lhe ordenara que comprasse no mercado o que houvesse de melhor, e ele não comprou senão línguas, e disse:

- “O que pode haver melhor que a língua? Ela é o laço da vida civil, a chave das ciências, o órgão das verdades e da razão; com seu auxílio se constróem as cidades, e as civiliza e as instrui...”
- “Pois bem – respondeu Janto, figurando-se que lhe ia por em aperto – traga-me, amanhã, o pior que haja”.

No dia seguinte, não fez servir senão línguas, dizendo:

- A língua é a mãe de todas as discussões e pleitos; a origem das divisões e das guerras; causa de erros e das calúnias. Por meio dela se destroem as cidades, e é ela o órgão da mentira, etc...”

Na literatura, as línguas de Ésope designam as coisas que podem, ao mesmo tempo, ser louvadas ou injuriadas.

Desde uma hora da tarde daquele memorável dia, estalou um alvoroço, igual a uma bomba, na primeira classe do navio; cinco minutos depois, o mesmo aconteceu entre os passageiros da segunda; e após quinze minutos, era o assunto geral entre todos.

Realizou-se um milagre, no navio!!!

- O que se passou... O que se passou???!!!
- Algo sobrenatural: uma jovem parálitica há anos, e que viaja na primeira classe, foi curada e está andando.
- Bendito seja o nome de Jesus!
- O que tem que ver Jesus com isto? A jovem é maometana, e o autor do milagre é o Profeta Maomé!

O cristão, ao ouvir o comentário, irritou-se e quis tomar a defesa do fundador do Cristianismo, dizendo:

- Oh... Quando foi que Maomé fez milagres?

Quis continuar sua descarga, mas o maometano, defensor de seu Profeta, deu-lhe um golpe na cabeça, com um ferro que tinha na mão. Outro cristão acudiu em defesa de Jesus e de seu correligionário e, com a rapidez de um pestanejar, desembainhou uma adaga e atacou o maometano; este, vendo o perigo, esquivou-se, e a arma penetrou-lhe na nádega esquerda. Ao sentir-se ferido, gritou, e acertou uma acometida contra o cristão, que caiu desvanecido.

Houve maldições e blasfêmias; as mulheres gritaram, os passageiros se dividiram em dois grupos, maometanos e cristãos, e começou a batalha, ou o duelo de morte.

Em poucos segundos, caíram vários feridos. Os marinheiros, pressentindo a gravidade da situação, lançaram contra todos, as mangueiras de água quente.

Este método produziu ais de dor e de blasfêmias, mas, deu um excelente resultado; todos fugiram espavoridos, deixando Jesus a sós, para que acertasse suas diferenças com o Profeta Maomé...

Os orientais continuam combatendo, para defender seus santos e profetas, enquanto que os europeus ocidentais batem-se por seus partidos ou chefes de seus partidos! Os homens sempre buscam motivos para matar-se e, conquanto a causa seja única, seu nome varia segundo o país ou o povo. Uns a chamam: Deus; outros pátria; outros, partido e etc...

O resultado da peleja foi o seguinte: o maometano gravemente ferido; oito contundidos levemente, e muitos com queimaduras passageiras, devido à água quente.

Dony contemplou o final da cena com um triste sorriso. Quis atender aos feridos, mas, o Comandante do navio ordenou que todos fossem trasladados à enfermaria.

As quatro da tarde do dia seguinte; enquanto Dony e Nur contemplam o mar, em frente à cabine, uma voz dizia:

- Doutor, suplico-lhe que me conceda um momento de seu tempo.

Ambos olharam na direção de onde vinha a voz; era Sohad, que olhava Dony com olhos suplicantes.

Nur não compreendeu de que se tratava; pensou que a jovem estivesse equivocada, e que tomava seu companheiro por outra pessoa; mas, sua admiração chegou ao máximo quando ouviu Dony dizer:

- Em que posso servi-la, querida Sohad?
- Desejaria falar-lhe a sós.

Dony olhou sua companheira, apelando:

- Com sua licença, Nur.

Dirigindo-se a Sohad, continuou:

- Às suas ordens – e enquanto encaminhavam-se para um lugar isolado, acrescentou: neste local não há cadeiras de viagem, mas, podemos nos sentar sobre estes caixotes.
- Não quer subir ao salão?
- Não, - respondeu. – Aqui estaremos mais tranqüilos.

E, ao dizer isto, convidou a jovem para se sentar em frente a ele. Ela obedeceu e, depois de um momento de silêncio, perguntou:

- Doutor, o que você fez à minha amiga?

Ele olhou-a com seriedade e respondeu:

- Creio que nada de mal fiz a ela.
- Ela curou-se de sua paralisia, e teme perder a razão. A cada instante, levanta-se e anda, como quem não acreditasse que recuperou o movimento. A cada momento, chora; não quer receber mais aos que vão felicitar, e se isolou em seu camarote.
- E que tenho eu que ver com isto?
- Você começou uma obra e tem que termina-la.
- Que diz senhorita? De que obra me fala? Se ela chora, é porque está triste e, pouco a pouco, há de adaptar-se à sua nova vida. Sofre? Pois antes sofria mais e, em breve, deixará de sofrer...

Quis continuar, mas, viu que Sohad chorava; calou-se para contemplar aquelas lágrimas, cujos efeitos nunca havia podido resistir nos olhos da mulher. Tomou a mão da jovem e disse-lhe:

- Pede-me o que quiser e será atendida.

A jovem acariciou a mão do médico dizendo:

- Devia ser mais tolerante com elas.

Calou Sohad, por um momento, e em seguida exclamou:

- Nazli já está sã?
- Totalmente.
- Não recairá com a mesma enfermidade?
- Jamais.
- Palavra de honra?

Dony franziu o cenho e replicou, com tom de plena censura:

- Você também duvida de minhas palavras, senhorita Sohad e, se é assim, porquê se preocupa em vir a mim?

E, ao dizer isto, levantou-se; ela lhe tomou a mão e suplicou:

- Perdoe-me; é o medo que nos faz perder a razão. Até agora vemos e não cremos; quando vejo minha amiga andar, esfrego os olhos, belisco-me, para certificar-me de que não estou sonhando. Você se dá conta de tudo isto? Centenas de médicos trataram de Nazli; todos fracassaram, e agora, sem nenhuma medicina, e tão só com uma palavra, está andando, depois de dois anos de prostração. Que classe de poder teve você sobre ela? Como pôde cura-la?
 - Eu não a curei, senhorita; ela não estava enferma.
- Com os olhos ainda cheios de lágrimas, objetou:

- É certo que sou ainda jovem em idade, mas os sofrimentos prematuros envelheceram minha alma, de maneira que não é tão fácil fazer-me acreditar no incrível. Mas, falemos de minha amiga. Talvez porque você tenha pedido aquela soma, que a mãe não quis pagar. Ela não soube compreender, de princípio, e está assustada, triste, sofre, chora,...
- Diga-lhe que não tenha medo e que não vou exigir o pagamento; ao contrário, se ela oferecer-me esta quantia, eu a recusarei.

Sohad, algo indignada, censurou-lhe:

- Também, você quer aferrar-se a seu capricho?
- O jovem pôs-se sério, pensou um momento, e respondeu com outra pergunta:
- Você também tem, de mim, o mesmo conceito que sua amiga?
 - E você sabe qual é o conceito que minha amiga tem de você? Pois lhe adora e lhe teme.
 - Escuta-me, senhorita: eu sei porque você veio procurar-me: sua amiga lhe enviou a mim, como embaixadora, a fim de apaziguar-me, temendo que, com meu desgosto, possa recair no estado anterior. Pois agora pode levar-lhe minha resposta: dou minha palavra de honra que não estou aborrecido, e prometo, solenemente, que ela não voltará a ficar parálitica.

Sohad olhava a seu companheiro e, ao ouvir suas palavras, se pôs lívida. Quis falar e tartamudeou nas primeiras palavras:

- Você... É... Muito humano e, às vezes, muito duro.
 - Mais ou menos, algo no estilo – disse o jovem, rindo.
 - E se lhe peço um favor?
 - Incondicionalmente, menos o de ir ver sua amiga.
- Sohad tremeu. Depois de um instante, quis dissimular sua surpresa e perguntou:
- Não é possível voltar a ganhar sua confiança?
- Dony sorriu, dizendo:
- Você nunca a perdeu, senhorita – e, continuando,: - De sua amiga, já estudei as mãos e a fisionomia; é um ser delicado, hipersensível; ama e odeia ao mesmo tempo; capta e exterioriza igualmente; dedos compridos, finos, que terminam em ponta aguda e demonstram inteligência e capricho, conforme o momento e o estado interno. Ela é capaz de ofender a todos e, em seguida, chorar sua culpa e seu defeito; franca até a grosseria; grosseira até o desafio. Já observou o perfil de seu rosto? É igual a um parêntese, no final de frase: “)”. Este perfil demonstra uma franqueza extremada, divulga até seus mais íntimos segredos, mas, geralmente, tem bom coração. E, com isso, tendo dito tudo.

Sohad meditou um instante e disse, perplexa e assustada:

- Meu amigo... Você tem um grande coração.
- Porém, infelizmente ninguém o saberá, nem permito que ninguém entre nele. Meu coração é como a eletricidade; útil ao mundo e desconhecido por ele, embora muitos de meus conhecidos assegurem que me conhecem.
- Pensa demorar-se muito fora do país?
- Nada mais do que toda a minha vida.

Sohad olhou a seu companheiro, surpreendida pela frase, que parecia uma sentença inapelável. Perguntou com surpresa:

- Tanta aversão tem à sua Pátria?
- O jovem olhou-a com severidade e não respondeu.
- Ela continuou:
- Permita-me pedir-lhe um favor?
 - Sempre, desde que possa satisfazê-la.

- Sim, com boa vontade pode. Porque não voltar como antes, e reatarmos nossa amizade?
Dony guardou silêncio, e depois disse:
- Amanhã chegaremos a Marselha; prometo-lhe que tudo continuará divinamente. Aconselha à querida Nazli que goze a vida, porque ela está completamente sã... Antes de desembarcarmos, darei a você uma carta fechada, que somente deverá ser aberta quando estiver em seu hotel. Nesta carta, lhe revelarei um pequeno segredo, dando-lhe um conselho; você deve segui-lo, para ser feliz em sua vida.

Em um luxuoso hotel de Marselha, Sohad lia a carta de Dony:

“Querida amiga Sohad”:

Seguramente será a última vez que me ouvirá; mas, antes de separar-me definitivamente de você, desejaria contribuir para sua felicidade.

Não pergunte como descobri: seu mistério, e o segredo de seu coração, mas, tudo foi para seu bem.

Depois de muitos séculos, as almas voltam a unir-se; você está enamorada de um jovem chamado Fuad Hissri, que trabalha no Banco do Egito, com o qual deve casar-se.”

Sohad, ao ler o trecho, deu um grito forte e tapou a boca com a mão; depois continuou a leitura:

“Seguramente esta carta vai lhe produzir uma confusão mental, porém, será de uma duração momentânea”.

“Adeus, Sohad. Espiritualmente estarei sempre com você. Dony”.

A jovem estava transportada, não sabia o que pensar, nem no que crer... Como podem as almas voltarem-se a unir, depois de muitos séculos? Fuad, a quem ela amava estranhamente, viria a ser seu marido? Várias vezes ele lhe declarou amor, mas, ela, sabendo de sua situação, e o pouco que ganhava em seu emprego, não quis alimentar esperanças; agora, porém já não há dúvida. O homem misterioso o descobriu e disse: Com ele deve casar-se...

Resolutamente telegrafou:

Fuad Hissri.
Cairo – Egito
Banco...

Aceito!
Abraços.
Sohad

Segunda Parte

CAPÍTULO I

Medicina sem moral

A Lei Divina nunca é cúmplice de nossa loucura. A Lei Divina é a profunda paz na própria vida. Tudo o que perturba esta Paz, ofende a Natureza pela qual Deus se manifesta.

Se o milagre divino pudesse sair do domínio da Lei, mataria a Deus.

Um homem pode curar, sem remédios, porque Jesus, os Santos e os magnetizadores o fizeram, e o fazem ainda a cada momento.

Um homem pode realizar o que Jesus executou, porque Ele disse: “Aqueles que crêem, farão as coisas que faço e ainda maiores”. (João Cap. 14 V. 12)

O verdadeiro milagre é a obediência da natureza à razão, é a sabedoria que pode crer e sabe duvidar, sem amargura e sem cólera.

Mas, ai! O divino escapa à mente vulgar complexa, assim como o homem justo passa despercebido, por não aborrecer a ninguém. A ignorância atrevida atrai a atenção. A ordem e a sabedoria são silêncio e calma.

Há muitas pessoas que, como a maioria das crianças, gritam, com o pretexto de demonstrar que são sábios.

“O verdadeiro sábio cala, porque suas obras falam por ele. Deus é a onipotência que oculta na natureza suas Obras”.

“O homem vaidoso e impotente procura sempre mostrar-se”.

- Vamos, senhores, dar uma volta pelas salas (enfermarias). Assim dizia o professor Raundin, catedrático da Faculdade de Medicina de Paris, Médico-cirurgião do Hospital São João de Deus. Administrador de Hospitais, e outros cargos. Os alunos o chamavam “chefe”, porque, durante a guerra, foi chefe do Corpo Médico Militar.

Raundin, seguido por um enxame de estudantes, ia de uma sala a outra, atravessando os corredores e sorteando as camas.

A religiosa assinalava com o dedo os gráficos de temperatura, colocados ao pé das camas. Os enfermos, deitados, olhavam os visitantes e, com isso, saíam, pelo menos, do tédio sombrio que os envolvia.

Sentada na cama, uma jovem olhava aos que se acercavam dela. O “Chefe” deteve-se ante a enferma e ordenou:

- Adonai, examine esta mulher.

O interpelado acercou-se do leito e, com toda a delicadeza, fez a enferma deitar-se de costas; afastou o lençol sem deixa-la completamente descoberta e, levantando a camisola, lhe descobriu o ventre e o peito até a altura dos seios. O professor, aborrecido pela delicadeza, agarrou as cobertas e as lançou longe, deixando todo o corpo desnudo, ao mesmo tempo, recriminou com sorna:

- Sentes vergonha em olhar a vulva de uma mulher?

Adonai perturbou-se, por um momento, mas depois reagiu e respondeu:

- E se esta mulher fosse sua própria filha, doutor?

O “chefe” franziu o cenho. Soube-se, depois, que tinha duas filhas.

É verdade ampla que a repetição do ato forma o caráter, e o médico acaba por esquecer toda delicadeza, e até que o enfermo é um ser humano.

O caso que examinavam era um câncer. Todos os estudantes deviam apalpar o ventre, e o “chefe” indicou alguns que fizessem um tato vaginal.

A mulher, com o corpo nu e o rosto afogueado, tapava seu rosto com os dois braços para sufocar o pranto. Quando mestres e discípulos se afastaram, Adonai acercou-se dela e depositou cinco francos em suas mãos, piscou-lhe o olho e com um sorriso especial, lhe disse, em voz baixa:

- Para tuas guloseimas; não chores mais; tu nos prestas imenso serviço. Devemos mais a ti do que tu a nós mesmos; até logo, e seca estas lágrimas.

A jovem olhou, com os olhos atônitos a seu interlocutor, tomou sua mão enluvada, beijou-a e sorriu.

Mais além, o grupo deteve-se, e repetiu o mesmo exame com outra doente. Esta, no entanto, permaneceu indiferente, como se o corpo não fora seu. Assim continuou, durante horas, a procissão. Algumas expressavam, em um triste sorriso toda a angústia e miséria da situação. Outras reclusas incuráveis em seu canto choravam silenciosamente, talvez, recordando seus anos idos e, com eles, a saúde que haviam perdido. Nenhum dos estudantes se preocupava com elas, nem se detinha, sequer, para prodigalizar-lhes algumas palavras de consolo.

Adonai sofria em seu interior, mas, um pudor estranho lhe impedia de manifestar publicamente sua bondade. Temia a zombaria de seus professores e companheiros; com muita cautela e sigilo, acercava-se delas para depositar naquelas mãos pálidas e fracas um bombom de chocolate recheado de nozes. Em sua mente afluíam as lembranças de sua meninice e adolescência. Naqueles anos, quando o mestre castigava a um companheiro, ele e alguns de seus discípulos, repartiam com o castigado suas guloseimas e não faltavam alguns gulosos, que se faziam castigar, para fartarem-se de confeitos.

A inspeção dos doentes de câncer havia terminado. Tocava-lhes a seu turno, a enfermaria de crianças. Esses anjinhos que, com suas pupilas dilatadas, serenas, resignadas, seguiam os movimentos do grupo de estudantes, dilaceravam o coração de Adonai. Ali estavam em suas caminhas alinhadas, com os semblantes pálidos, as cabecinhas serenamente reclinadas sobre os travesseiros brancos, enquanto seus olhos, dolentes de vítimas, não cessavam de olhar os visitantes.

Adonai as amava deveras. Gostava de brincar com elas, porém, poucos minutos. Sentia que a carícia prodigalizada aos pequenos devia ser breve, porque muitos mimos fazem com que percam o respeito aos mais velhos. Como ele tinha o costume de levar-lhes tabletes de chocolate e pequenos brinquedos, toda vez que entrava na enfermaria com seus companheiros, elas lhe buscavam com o olhar, o que deixava intrigado o Professor que, aconselhava ao discípulo:

- Deves especializar-te e dedicar-te às crianças.

Adonai sorria, sem responder.

Ainda faltava visitar a sala de operações, para completar o trabalho do dia. O professor entrou e perguntou à religiosa:

- Consultou a minuta de hoje?
- Sim doutor, respondeu ela. Temos uma raspagem uterina e uma histerectomia.
- “Mãos à obra, então. Tu, Rity, faz-lhe a ráqui”.

A “ráqui” é um trabalho rápido e simples: uma injeção de novocaína na espinha dorsal assegurava a perfeita imobilidade do abdômen.

O professor fez primeiro a raspagem. Em seguida, ordenou a “ráqui”, para a segunda mulher. Praticada a injeção, foi a paciente imediatamente estendida sobre a mesa móvel de operações, enquanto que um dos alunos acionava a manivela que fazia levantar mais alto uma de suas extremidades. A mulher estava, agora, com os pés mais altos do que a cabeça e o cirurgião se dispunham a começar operá-la.

Uma rápida incisão com o bisturi deixou a descoberto as capas musculares, enquanto que os ajudantes secavam o sangue que brotava dos vasos seccionado e o cirurgião pegava com pinças estes últimos, ligando-os, deixando a ferida relativamente livre de sangue. Raundin continuava sua tarefa. Rapidamente foram separadas as capas musculares e aberto o perônio. As vísceras estavam, agora, completamente descobertas; os estudantes, à semelhança de camelos sedentos, que se inclinavam para tomar água na corrente do rio, esticavam o pescoço, apertavam-se uns nos outros, ao redor do professor e seus ajudantes.

Raundin, dirigindo-se a eles, disse:

- Olhem, esta desgraçada teve uma hemorragia do qual nem sequer tratou de curar; aqui temos o resultado: infecção, metristis, inflamação dos ovários, anexias, etc. é necessário tirar tudo isto, não há outro remédio...

Era a hora do almoço. Adonai atravessava uma das enfermarias comuns do hospital. O garçom havia repartido as tigelas de louças, os garfos e as colheres de lata. Agora passava com a caldeira cujo conteúdo era uma mescla confusa de carne de boi, batatas, feijão, etc. depois de servir uma concha a cada enfermo, ouvia-se o rumor de todas as bocas, que sorviam a sopa. Como não tinham facas a carne devia ser despedaçada com as mãos e os dentes. Tão pouco havia guardanapos, mas, os lençóis os substituíam, quando era preciso. Todos tinham que comer depressa, porque se chegasse a hora de distribuir a sobremesa, e alguém não houvesse ainda terminado, o garçom despejava a marmelada em cima do que restasse na tigela.

- Esta é Paris, a Cidade-Luz? Perguntava a si mesmo. César dizia: “É preferível ser porco do que filho de Herodes”. Pois, eu preferia estar morto a ser tratado neste hospital.

Na porta, encontrou-se com um companheiro praticante que lhe perguntou:

- Que te parecem nossos hospitais?
Adonai pensou um instante e respondeu, com sorna:
- De qualquer maneira, consolam muitas misérias.
- Recriminas a beneficência pública?
- Não, homem, não. Somente afirmo que, nas ruas, uma destas pobres mulheres não tinha um ser caritativo que lhe ajudasse com uma moeda, enquanto que aqui a vemos atendida por professores, examinada por todos os estudantes, alguns dos quais até expressam astutamente seu interesse por suas formas desnudas.

Tudo isto foi dito com um tom de amargura, embora fosse maior a ironia que fluía de seus lábios.

Adonai calou-se por um momento, e acrescentou:

- Não sei quem dá mais; se estes pobres e desgraçados enfermos, ou o médico que os assiste. Já não existe o contato de homem a homem. Aqui os enfermos são como presidiários. Acostumam-se a ser “números”. Às vezes, quiçá, pior, pois estes, pelo menos, não são coelhinhos da Índia. O hospital matou o irmão dos deuses: o médico. Você sabe quais são os melhores médicos deste hospital? As irmãs de caridade. Estas mulheres-anjos enxergam sempre mais claramente as coisas que nós. Pressentem melhor as conseqüências de uma intervenção cirúrgica, do que todos os médicos; “este não se curará”, - dizia-me uma irmã, anunciando-me de antemão a morte de um paciente que estava sob a sua dependência, que de fato faleceu no mesmo dia; “este outro, - acrescentava, - em compensação, é um espantalho que afugenta a morte”; e o doente sarou.

- Em Beirute existem melhores hospitais? – perguntou o companheiro.
Adonai olhou-o, e leu em seu rosto a intenção da pergunta. Depois respondeu:
- Sim, são melhores, embora lhes falte muito para merecer o nome de hospitais.
- E os médicos?
Adonai voltou a olhá-lo, e disse:
- Se não são melhores, são iguais aos daqui. França e América nos enviaram sempre alguns de seus melhores médicos. Ademais, o estudante, entre nós, não necessita da perfeição de um “Chefe”, para ser um bom médico. Lá surge quem estuda e trabalha.

- Por quê veio a Paris?
- Porque já não gostava mais do Líbano.
O companheiro quis continuar perguntando, porém Adonai lhe falou:
- Já chega meu amigo. Até mais tarde; na sala de tuberculoses nos encontraremos.

O pavilhão XV era a enfermaria onde os doentes adoeciam de verdade. Noventa por cento dos que ali se debilitavam, há alguns meses ainda trabalhavam, mas agora, estavam inúteis. E, quanto aos dez por cento restantes, se houvesse uma ligeira melhora, o médico lhes dizia: “este vai melhor”. O enfermo ia embora, prometendo ter cuidado, não cometer excessos, não cansar-se, etc. mas, antes de seis meses, voltava ao hospital para morrer; voltava para não ser uma carga à família, pois, ao contrário, teria negado a “curar-se” por medo à submissão dos contínuos suplícios e martírios cirúrgicos. Esses horrores consistiam em um regime de super-alimentação, repouso total, silêncio, soledade, vida encarcerada naquele ar viciado de doenças; depois começavam as primeiras intervenções, lavagem dos brônquios, insuflação de ar na pleura para produzir o colapso nos alvéolos e deixá-los em repouso. Cada quinze dias se lhe fazia o pneumotórax, introduzindo-lhe o trocate entre as costelas. Mas, não terminava aí. Às vezes o pulmão criava alherências na parede costal; era preciso cortar essas bridas e desprendê-las mediante o termocautério. Isto equivalia a uma operação cirúrgica, pois era preciso abrir caminho através da parede costal. Finalmente, se tudo isto não produzisse nenhuma melhora definitiva, insistia-se então, na super-alimentação. Mas os estômagos, partes integrantes desses organismos enfermos, não podiam resistir muitas vezes as sobrecargas, e o resultado era: dores, diarréias, etc., que terminavam causando perda de peso, exatamente ao contrário do que se desejava.

Outras vezes, tocava-lhe a cirurgia de maior envergadura: trata-se de anular o nervo fréico, pois, como este enerva o diafragma, paralisar-se-ia a metade deste músculo, com o qual se efetuaría colapso do pulmão. Para este fim, ou se lhe injetava álcool, para anulá-lo, ou se procedia diretamente em cortá-lo, fazendo o que os cirurgiões chamam de frenicectomia.

Alguns meses de trégua e, nova recaída: super-alimentação frenética! Como conseqüência disso, gastrite, icterícia, transtornos hepáticos e intestinais, colites, etc. então usam-se recursos mais decisivos e drásticos. O que haveria melhor do que a toracoplastia? Esta era uma operação simples: nada mais que cortar algumas costelas, suprimir, em suma, a caixa torácica no sítio das cavernas, para que ao produzir o colapso do pulmão, desaparecesse a cavidade deste, buscando assim sua destruição e cicatrização. A princípio, o desgraçado do enfermo se opunha a tudo isto, mas, afinal, acabava por aceitar tudo, inclusive a super-alimentação com carne crua de cavalo!

Quando chegava uma mulher pública – uma jovem com “carnet”, era isolada em um quarto, para não contaminar a moral das demais! Naquele antro de enfermidade e miséria, ainda se pensava nessa classe de “moral”, como se a enfermidade não fora, em si mesma, a maior das imoralidades humanas – Ademais, os médicos desse hospital estavam tão cheios de moral! – Porém, à noite, as mocinhas de quatorze anos iam dormir com mulheres casadas, que se divertiam em corrompê-las, explicando-lhes suas baixas intimidades com os maridos, e o que tinham que fazer para não terem filhos. Sem embargo, essas mesmas mulheres qualificavam de prostitutas às chamadas de “carnet”!

Buscavam aquele prazer como um paliativo ou consolo em sua enfermidade e, em realidade, era a única “distração”, mas era uma distração que as arrastava, galopando, à tumba.

Quando chegava a morte, algumas sentiam um terror inaudito: desesperavam-se, blasfemavam e vociferavam de horror!

Os demais enfermos escutavam seus gritos e seus ais, atônitos de medo. Desesperação de uma humanidade sem fé e sem esperança! Miséria de seres que carecem de ideal e de luz!

Muitos dos pacientes eram abandonados e esquecidos por seus parentes, porque essas enfermidades tão longas acabam cansando a melhor das vontades. Outros familiares negavam-se a que o doente voltasse ao lar, por temerem o contágio. Alguns iam ao hospital para falar em separação e divórcio, e havia, ainda, quem, esquecendo-se da mulher, do filho, do pai ou da mãe, nunca os havia visitado.

Segundo as estatísticas do hospital, de cada cem doentes, oitenta acabam abandonando-o, e só Deus sabe o que seria deles. Dos vinte restantes, doze morriam e oito saíam curados! Sem embargo, a suprema caridade da mentira devia ser usada como remédio entre os desgraçados, até que algum dia se descobrisse o remédio eficaz, para a cura da “peste branca”.

- “Nunca se deve deixar governar pelos sentimentos ou pelo coração, ordenava o médico professor a seus discípulos. A medicina exige homens fortes, que devem chegar à meta, embora tenham que pisotear no caminho, certo número de vítimas. É a lei da vida. E a batalha eterna! Eliminaí os sonhos, sede fortes contra os sentimentos que encadeiam a inteligência e afugenta a verdade dos fatos. Toda ciência necessita de vítimas. É lamentável, mas a vida dos demais e o conhecimento os reclamam! A vida é seleção! O que objeta o filósofo libanês? Onde está Adonai?!”
- Aqui estou, mestre – respondeu o jovem – e eu quisera perguntar-lhe: porque dirige-se sempre a mim?
- Muito simples: quero saber sua opinião.
- Pois minha opinião não há de satisfazer a ninguém. Porque a verdade é dura.
- Estamos na França, e não... Quis dizer algo mais, porém, trocou a frase e continuou: - não nos fere a verdade.
- O senhor está seguro, Mestre?
- Seguríssimo.
- Pois bem, escute minha opinião: Se o senhor estivesse enfermo, se o senhor estivesse tuberculoso... E cravou o olhar no professor; como quem quisesse dizer-lhe: “o senhor está doente” – aplicaria em sua pessoa o mesmo método que emprega em seus doentes?

Nem o raio faria o mesmo efeito que causaram aquelas palavras. O mestre perturbou-se tanto que os estudantes olharam-se primeiramente entre si, surpreendidos, em seguida, ao professor e, por último, a Adonai. Por fim, o professor dominando sua confusão, mirou detidamente seu interlocutor e exclamou:

- Ouça jovem, não penses que estou aborrecido. Quiçá, seja verdade o que disse. Viria você, uma destas noites em minha casa cear comigo?
- Será para mim um grande prazer, mestre – respondeu Adonai.

CAPÍTULO II

Curo-te para que martirize menos aos seus enfermos

O professor Renaud passava muitas horas em um tamborete; o olho em um microscópio examinava um escarro em pequeno disco luminoso, salpicado de manchas; penetrava com sua atenção no mais profundo daquele universo, manobrava as cremalheiras, esquadrihava, explorava mais e mais, e viajava no seio do infinitesimal vestígio de escarro colocado sobre uma lâmina de cristal. Nesta lâmina encontrava-se um outro mundo, tão próximo e, no entanto, tão inacessível a ele, como a lua refletida num recipiente de água. Neste mundo, estranhos e minúsculos habitantes lutam, crescem e, finalmente, desaparecem, depois de terem tecido, sem sabê-lo, sua existência através dos homens, causando, às vezes, pavorosos estragos. Mas, o especialista do micróbio, é, afinal, agarrado por este, cedo ou tarde, por havê-lo desdenhado demasiado, à força de conhecê-lo e, quiçá, também, por outros motivos que a generalidade dos homens ignoram. Sem dúvida, não haveria adoecido se não fosse médico, professor e sábio. Em geral, cabe sempre olvidar-se de sua própria vulnerabilidade.

Ele havia ocultado a todos sua enfermidade, e estava esperando as férias para ir à Suíça, em busca de saúde. Porém, as palavras de Adonai infundiram-lhe medo, porque acreditou que a doença já estava manifesta para todo mundo.

ultimamente falava-se muito de Adonai, e chegava-se até ao exagero. A juízo dos que o conheciam, era ele de um saber pouco comum; diagnosticava rapidamente, com exatidão, dir-se-ia que penetrava no interior do enfermo e via o foco da doença; tinha grande prudência e carinho para tratar aos doentes. Todos os seus pacientes melhoravam prontamente ou, pelo menos, sentiam-se aliviados e resignados. Sem embargo, tal estado de coisas começava a produzir-lhe inquietação. Os companheiros olhavam-no com receio, por não compartilhar de suas brincadeiras e grosserias. Os professores olhavam-no com algo de indignação, porque o encontravam sempre atento e silencioso, como quem trata de descobrir suas mentiras, ou como se fosse um espia, que não quisesse deixar escapar o mínimo detalhe.

Um dia, encontrou-se, no corredor, com um médico que saia do quarto de um doente.

Adonai saudou-o e o facultivo disse-lhe:

- Estou contente e tranqüilo pelo estado de meu enfermo.

Adonai olhou-lhe detidamente e sussurrou:

- Já morreu? Pois o vejo atrás de si.

- Quem?

- Seu enfermo.

- Você está louco?

- Não. Vai vê-lo.

O médico precipitou-se, novamente, para o quarto e encontrou-o sem vida. Este acontecimento foi muito espalhado, até entre os professores e aumentou ainda mais os comentários que já faziam a respeito de Adonai. Ele, no entanto, arrependido, lhes dizia:

- Foi uma brincadeira que, por desgraça, se converteu em realidade.

O professor Renaud, em frente a Adonai, na sala de jantar de sua casa, tomava chá, depois da ceia.

Renaud não era casado. Vivia com uma loura formosa mulher, que se aproximava dos quarenta anos, e sua filha Violette, fruto de seu primeiro amor, que contava apenas vinte primaveras. O professor não queria ter filhos e, tampouco Jeane, sua amante, os desejava. Mãe e filha conversavam familiarmente com Adonai. A mulher francesa é muito educada e comunicativa. Quando chegou o momento de tomar o chá, mãe e filha se despediram, e deixaram em liberdade, a sós, os dois homens.

Renaud, satisfeito com a educação e comportamento tão corretos de seu hóspede, comentou:

- Seguramente o Líbano é um país muito civilizado, se o queremos julgá-lo através de um de seus filhos.
- Há de tudo em todas as partes – respondeu o jovem. – Eu, por exemplo, sonhava que Paris deveria ser o céu na terra; eis-me aqui em Paris.
- Não gosta de Paris?
- Gostava mais em meus sonhos. Agora vejo, perfeitamente que aqui, chamam a hipocrisia de finura; a libertinagem, de liberdade; o sujeitar-se à moda, de civilização. Mas, porque falar destas coisas, não lhe parece?
- Ao contrário; é muito interessante o que você diz. Agora, diga-me: como você adquiriu o equilíbrio da madureza, sendo tão jovem?
- Já passa de cem o número das pessoas que me fizeram a mesma pergunta. Em realidade, eu mesmo nunca me dou conta de nada do que eles vêem em mim. Sem embargo, se lhe digo mestre, que eu tenho vivido muito... Acreditar-me-ia o senhor? Não; no entanto, esta é a verdade; tenho vivido muito!
- Você acredita na alma, não é assim?
- Não senhor; eu não creio na alma; EU SOU A ALMA. Eu não creio na vida: EU SOU A VIDA. Eu não creio, enfim, na morte, porque EU SOU A RESSURREIÇÃO. Porém, isto é outro tema que não vem ao caso presente. Fechemos esta porta.
- Você vive fora do mundo e da realidade, jovem.
- Eu sou A REALIDADE, mestre, e, fora dessa Realidade, não existe nada.

Renaud, surpreendido, contemplou a Adonai, como se duvidasse do equilíbrio mental do jovem. Adonai sorriu e disse:

- O senhor não me chamou em sua casa para ouvir-me sobre temas metafísicos, mas sim, como um afogado que encontra uma tábua de salvação, no mar. Este é o verdadeiro motivo desta ceia, embora não queira confessá-lo. Escute, mestre, eu posso lhe salvar, é certo, se o senhor quiser salvar-se.

O professor, ao ouvir aquelas palavras, sentiu que transpirava dos pés à cabeça e, acrescentou, com voz tremula de emoção:

- Sabe, também, ler o pensamento?
- Mestre, estamos obrigados a penetrar, às vezes, na mente de nossos enfermos, para saber o que pensam e, assim, poder curá-los melhor. Agora vejo que surge em sua mente esta pergunta: Por quê não cura, então, a todos os seus doentes? Pois bem, saiba o senhor, que nem todos podem ser curados, nem eu posso curar a todos.

O temor ocupou, desta vez, o lugar da perplexidade no rosto do professor, depois de ouvir estas frases.

Em seguida, Adonai continuou:

- Nunca se sabe até onde a ciência nos pode conduzir: mas deve-se ver tudo, esquadriñar tudo, para chegar a uma conclusão.

Uma enfermidade do estômago repercute no coração, no fígado, nos pulmões, no cérebro, no sistema nervoso, etc. não é assim? Agora cabe-me perguntar: Como adquirimos uma enfermidade? A primeira resposta que surge é: Não há enfermidade, senão enfermos. E se lhe pergunto, mestre com todo o respeito devido a seu cargo: O senhor, durante sua

carreira, curou, realmente, ao enfermo, ou tratou somente de aliviar ou maquiá a enfermidade? O que me responderia, o senhor?

- Pois lhe respondo com o coração na mão: nunca pensei nesta Máxima; nunca me lembrei do doente; apenas pensava em encontrar o remédio para aliviar a dor, seguro de que assim se cura.
- Então, para o senhor, existem doenças locais, e segue a lista de sintomas para cada enfermidade, segundo os manuais. Isto é uma tolice, porque jamais encontraremos todos os sintomas, e às vezes deparemos sintomas desconhecidos. Os manuais fabricam médicos medíocres, que receitam calmantes sem haver, sequer, visto o paciente, porque nunca estudaram o homem.
- E você se atreve a dizer isto na Suborne ou na Faculdade?
- Não senhor; eu sou semeador e não um ditador. Porque há muitos que tem olhos e não querem ver e, ouvidos e não querem ouvir. Com os tempos, a medicina clássica terá que mudar e evoluir. Terá que adotar a idéia da “unidade da enfermidade”, assim como a “unidade da saúde”, pois a enfermidade é uma... O homem adoece pelo nariz ou pela boca. Não é assim?...
- Algo de verdade, há nisso – disse o professor.
- Toda a verdade está nisso; ao falar do corpo físico. Seguramente que os pensamentos também enfermam; mas disto, falaremos mais tarde. Pois bem, o que chamamos enfermidade, não são senão os múltiplos e saudáveis esforços de nossas energias vitais, para purificar o corpo das inflamações, febres, diarreias, vômitos, etc. são reações defensivas que tratam de expulsar e limpar. A natureza serve-se de um órgão emunctório – via evacuação -: intestinais, pulmões, pele, bexiga, olhos, orelhas. E nós, por preguiça, não queremos dar uns passos mais além, e nos detemos a fabricar nomes de enfermidades: enterites, bronquite, eczema, furúnculos, cistites, conjuntivites, otites, etc. se a saúde é uma, porquê a enfermidade é múltipla?

Nós nos cingimos ao órgão que trata de expulsar os produtos tóxicos e, em vez de audá-lo, aumentamos sua carga com remédio e super-alimentação; então o órgão fatigado abre caminho ao micróbio, que se instala nele, provocando uma tuberculose, uma pneumonia; uma colibacilose, ou qualquer outra.

Todos nós esquecemos que, se o estado geral fosse cuidado e alimentado de uma maneira pura e natural, jamais o micróbio se instalaria no corpo. Portanto o organismo deve recobrar sua pureza humoral, para achar-se em condições de expulsar o micróbio.

- Isto é verdade – disse o professor.
- Por outra parte, todo o ser cheio de milhares de micróbios – continuou Adonai – de tuberculose, pneumonia, difteria, etc., mas são inofensivos, desde que vivamos harmoniosamente; porém, na desarmonia, eles desencadeiam-se em nosso terreno humoral. Isto demonstra que não se trata de micróbios, e sim, de terreno.

Os micróbios podem provocar, no enfermo, a mesma enfermidade com os diferentes sintomas especificados em enfermidades diferentes. O mesmo estreptococo provoca, em um indivíduo, uma erisipela; em outro, uma angina; em um terceiro, um flagmão ou uma scetecemia... Um mesmo micróbio pode promover um herpes, uma pneumonia, ou uma meningite. Enfim, o que importa são as deficiências do organismo e suas debilidades, e não os micróbios; porque se a teoria clássica tivesse razão, nenhum ser humano poderia subsistir em meio a tantos micróbios.

- Então você – disse Renaud – crê que a medicina oficial segue participando destes princípios e que, para ela, existe uma multiplicidade de enfermidades que têm de ser tratadas localmente, sem levar em conta o estado geral do organismo?
- Não é segundo minha opinião, professor, senão que é a evidência dos fatos. Os médicos confundem os sintomas com a própria enfermidade. Para isso dispõem de todo um arsenal: uma diarreia se detém mediante o bismuto e o ópio; a febre, pelos

hipotérmicos; os vômitos de sangue, pela hemóstases; a hipertensão, pela adrenalina ou os tônicos; para os micróbios, tem os anti-sépticos, os soros e a vacina. Que lhe parece nossa medicina?

Ambos ficaram calados por um lapso. O professor havia-se esquecido de sua enfermidade, e sua mente engolfou-se nos métodos da medicina oficial e na maneira de renová-los; por fim disse:

- O que havemos de fazer, amigo? Onde podemos achar a fonte da saúde, a não ser no regime e no medicamento?
- Eu não vou contra o regime, e sim, contra a maneira errada de escolhê-lo e de empregá-lo; o medicamento que acreditamos ser mais rápido, mais eficaz e mais fácil, não cura em realidade, senão que nos engana, ao encobrir os sintomas por algum tempo. Onde achar a fonte da saúde, ou qual é o método mais adequado e acertado que cura os enfermos? Pois, não lhe posso dizer. Eu posso lhe curar, mestre, mas, não lhe posso revelar como. O mundo está cheio de sábios e de “sabe-tudo”. Quem se atreve a ir contra seus métodos? O medicamento que faz os sintomas desaparecerem por algum tempo é nossa panacéia, embora o paciente venha a recair depois de um mês e, por isso, o indivíduo e a raça estão se consumindo. Nossos sanatórios e asilos estão abarrotados. A tuberculose, a despeito de nossos métodos, ganha terreno. O que nos demonstra tudo isto?

Silêncio...

- A diabete e o câncer se estendem. Constroem-se maior número de hospitais e sanatórios, buscam-se vacinas, soros, específicos, anti-sépticos e extratos glandulares; gastam-se milhões em institutos, mas, esquecem-se de começar pela raiz: a Medicina Preventiva.
- A Medicina Preventiva, você diz?
- Sim senhor; porquê o Estado e a Igreja obrigam a criança a obedecer as leis cívicas e morais, e não lhes ensinam a respirar bem, comer bem, exercitar seus músculos, viver, enfim, cumprindo as leis naturais e depurando, assim, seu corpo e sua alma? Por quê, em vez de esgotar todo o tesouro da nação em política e em guerras, não constróem vivendas sadias para os pobres e necessitados? Nos hospitais podem caber dois ou três mil enfermos, mas, que fazemos com os trinta ou cinqüenta mil que estão gerando sua enfermidade? Por quê, em vez de encher a mente do aluno com dezenas de matérias – muitas delas são tolices – que esquece em grande parte ao sair da escola, e não lhe ensina a viver saudavelmente e se lhe submete a um exame de saúde a cada mês? Esquece-se que antes da Álgebra e da Geometria, está a saúde, e que se deve, primeiro, aprender a viver saudavelmente. Assim, quiçá, conheceriam menos dessas ciências, mas a sociedade não teria uma carga tão pesada. Ademais, quantos deles recordarão e utilizarão todas essas ciências que aprendem no colégio? Sem embargo, doutor, estamos em Paris, Cidade-Luz.
- E você crê que os médicos poderão realizar isto? Pois é uma utopia o que você proclama.
- E utopia continuará sendo a cura definitiva dos enfermos – replicou Adonai, levantando-se para dar uns passos no salão. Logo, se deteve bruscamente e perguntou:
- Quem são os que implantam a vacina em todas as nações do mundo? Não foram os médicos? Por quê, agora, não podem introduzir a Medicina Preventiva nas escolas e nos lares? Os rifões dizem sempre a verdade: “Prevenir é melhor do que curar”.
- Segundo você, qual é o método ou o sistema que a Medicina Preventiva deve estabelecer?
- O único método e o único sistema devem ser o da Medicina Universal, isto é, o fixado pelas leis da Natureza. Este sistema natural, se assim queres chamá-lo, está baseado no dormir; no exercício físico, ao ar e ao sol, necessário e obrigatório, acompanhado

todo ele da prática de outras noções de higiene geral. Evita-se assim a causa da enfermidade, gerada pela má alimentação pelo não saber comer, pela má respiração, ou pela falta de higiene, etc.

- Isto é tudo?
- Não senhor, isto é a ante-sala da vida e da saúde. Porém, não me atrevo a falar mais porque temo que o Professor Lapeyard me prenda com seus loucos.
O professor Renaud riu picarescamente e disse:
- O que me diz do sistema de curarização do professor Matex?
- Se ele pedir minha opinião, francamente lhe direi: pelo fruto se conhece a árvore.
O professor calou-se por um instante e, em seguida, insinuou:
- Seguiremos nossos temas, não é melhor assim?

Adonai sentiu uma espécie de desgosto contra si mesmo; para que falar tanto? Era necessário deter-se. Como ia convencer o grande catedrático, que todas as enfermidades, quais quer que sejam, podem ser tratadas da mesma maneira? Ensinar ao Professor que o reumatismo, a cistites, a prostatites, os furúnculos, as verrugas, os pólipos, têm como verdadeira origem uma perturbação do estado geral do organismo? Que o médico, em nenhum caso, deve limitar sua ação a um tratamento local ou a um medicamento de ação unilateral? Proclamar que a enfermidade é, em certo modo, o começo da saúde, porque é uma reação e um esforço que o organismo executa para purificar-se e, que, portanto, em vez de impedir este esforço com os agentes farmacêuticos, deve-se ajudar, o mesmo, atuando sobre o organismo e seus movimentos naturais, por meios também naturais? Afirmar que o sofrimento é o grande educador do homem e que a medicina clássica ensina a odiar e a temer a enfermidade, sem instruir nem obrigar ao paciente a evitá-la? Depois de meditar em tudo isto, Adonai sorriu e disse:

- O plano preestabelecido, que conduz o mundo para um futuro melhor, é um. Algum dia os laboratórios descobrirão quatro ou cinco remédios que varrerão todas as enfermidades existentes: um, por exemplo, para curar as infecções, outro, para curar certas doenças de origem desconhecidas, como o câncer e até um para recuperar a razão ou o juízo. Enquanto isto podemos esperar!

Calou-se. Em seguida, assentou e engolfou-se em seu mundo interior. O professor, perplexo pela mudança de atitude de Adonai, respeitou seu silêncio, embora estivesse interiormente aborrecido.

- Perdoe-me, mestre – disse repentinamente Adonai. Às vezes o sofrimento dos demais me atormenta: introduzir um trocal entre as costelas de uma criança; perfurar a envoltura externa do pulmão, ou a membrana externa da pleura e insuflar-lhe ar para afastá-lo; mas se existem aderências e estas retêm o pulmão e impedem seu colapso, novo suplício: meter então um estilete côncavo entre as costelas e fazer surgir uma chispa elétrica, que queima as extremidades da carne e, logo, um segundo trocal do tamanho de um lápis, que tem em uma de suas extremidades uma lâmpada elétrica, enquanto que na outra há um jogo de espelho que permite ver a pleura durante a intervenção; depois, seccionar o nervo que movimenta o diafragma, introduzindo a agulha que injeta o álcool que a destruirá; e, por último cortar três, quatro, cinco costelas? E tudo para quê? Para morrer depois de todos estes sofrimentos, sem contar o que se agrega no final, como conseqüência desses métodos: enterites, congestão do fígado, dispepsia. Isto se chama medicina?!...

O professor estava perturbado pelo que havia ouvido. Sabia que Adonai criticava um método desumano. Este jovem, que chamava às clínicas e hospitais “fábricas de saúde” e aos médicos “acadêmicos de enfermidades”, lhe havia feito penetrar seus argumentos em forma aguda e dilacerante. Quis dizer algo, porém, Adonai continuou:

- Rogo-lhe, mestre, que compreenda meus sofrimentos por minha inutilidade em não poder fazer nada neste assunto. “Entre o senhor comigo nesse grande edifício

moderno, cientificamente instalado sob a direção de um conselho administrativo, e que funciona algo assim como as fábricas ou garagens de automóveis”; apenas o enfermo passa o umbral, o submetem a uma revisão muito parecida com a que se faz em um automóvel avariado, em uma oficina mecânica. Cada peça tem seu valor para que necessita; busca-se, pois, a avaria “desses enfermos”, para ser submetida à “reparação”, e o que sucede? Chegam a pé e saem carregados, ao contrário dos automóveis, que chegam carregados e saem andando”. “(da obra: Cuerpos y almas – Maxence Van Der Meersch)”

- O que devemos fazer, então? E, em definitivo, como se deve agir, para que seu sistema seja aceito e publicamente ensinado?
- Mestre, a Medicina Universal contém mais de quarenta métodos para curar uma enfermidade, entre eles, por exemplo, a Helioterapia, a Hidroterapia, a Psicoterapia, etc., etc.... O verdadeiro médico deve empregar todos os métodos para triunfar em seu intento de curar os enfermos.

Para que o senhor se ria, lhe direi que há dois dias atendi a uma enferma, muito grave, segundo o diagnóstico dos grandes facultativos: dor de cabeça, febre de 40 graus, delírio, respiração acelerada, taquicardia, etc. o senhor quer saber com quem a curei? Pois, com uma lavagem intestinal, porque a mulher tinha dez dias que não evacuava...

O professor riu-se com muita graça. Adonai continuou:

- Agora, pergunto a mim mesmo: Por que o médico não começa por atender ao funcionamento geral do corpo, antes de receitar drogas e emitir opiniões errôneas? Mas isto é impossível: fazem falta muitos fracassos da medicina e inumeráveis intentos abortados, para que os médicos compreendam que estão em um círculo vicioso e consintam, finalmente, em trocar seus conceitos básicos. Quando? Não sei. O tempo dirá.
- Por quem você não escreve uma obra que explique, enumere e aclare seu método de cura?
Adonai se pôs a rir.
- Quem sou eu para escrever uma obra e para tratar de ensinar esses princípios aos grandes facultativos e mestres da Universidade? E o senhor, mestre, recomendaria minha obra a seus discípulos?
Ambos ficaram pensativos.
- E por quem quer me curar? – perguntou o professor.
- Para que martirize menos aos seus enfermos – respondeu Adonai em tom severo. – E, ademais, para que aprenda a curar, com amor e, para que o senhor seja o primeiro obus lançado pelo canhão da verdade, o qual estalará em algumas mentes e seu estampido seja ouvido pelos nossos amigos, os médicos.

CAPÍTULO III

Uma mulher sem coração

Eliphaz Levy disse: “Há certas verdades que devem permanecer sempre ocultas para os néscios”. Um verso árabe diz: “Toda enfermidade tem sua cura, mas, a necessidade é incurável”.

“O néscio é o ignorante que não sabe e não quer aprender. É o ignorante que nega porque lhe ocorre negar, sem haver tomado o trabalho de estudar e meditar. É o que fala sem saber, e afirma, sem certeza. Sem embargo, são os tolos os que matam os gênios: são os charlatões os que fazem fortuna. A estultice é inexorável como a agulha e, implacável como a fatalidade. O néscio é um animal humano que despreza o instinto. O progresso não existe para este ser, por que julga que nada tem que aprender”.

Tu não deves pensar, porque outros já pensaram antes e, se eles não compreendem, é porque o fato é terminante e definitivamente incompreensível. Eis aqui o dogma da necessidade. Tens o intento de chamá-los néscios? Não! Chamá-los de idiotas apenas lhes proporciona um insulto, o qual, certamente, se converte na cicuta para Sócrates, proscricção para Aristides e, na cruz para o Nazareno.

A política seguirá sempre a senda da mentira, e da simulação que dirige ao crescido número de idiotas. Enquanto predominar a maioria dos néscios, haverá um Renan, que escreva a Vida de Jesus, para agradá-los, e um Nietzsche, que sonhe com a existência do super-homem, afastado da moral e da piedade, e disposto a pisotear a todas as vítimas, para satisfazes seu orgulho néscio.

Queres chegar ao poder? Não divulgues teus pensamentos nem ao ser mais querido, nem à mulher amada.

“Há sofrimentos que se é preciso suportar até o final. É necessário resistir, até que se esgotem, e cesse a dor. O homem acaba sempre por agüentar tudo, até a enfermidade mais dolorosa. Mas, quem precisa do consolo da fé, somente alcança esta resistência à dor pelo esgotamento da sensibilidade, que não é outra coisa senão a faculdade de sofrer, desenvolvida pelo próprio sofrimento, embora pareça paradoxal dizê-lo. Quando o homem morre espiritualmente, seu coração é uma chaga, o cérebro recusa a evocação e a lembrança e, então, o bruto reclama seu papel e seu direito: deita-se na cama e procura conciliar o sono”. (Eliphaz Levy).

Adonai cometeu muitos erros, durante sua prática nos hospitais de Paris, os quais lhe motivaram muitos dissabores e contrariedades. Uma vez, escutou o grande psiquiatra Matex ensinar em uma classe o seguinte:

- Morre o seguinte e morre tudo com ele. Não sei porque o homem, desde o princípio do mundo, tem se obstinado em viver no meio do horror e da destruição perpétuos que arrasta em sua vida. Ai! A vida, jogo horrível, invenção de pesadelo. Tudo nela é destruição. Prefiro não crer na existência de Deus, porque é preferível não crer do que ter fé em uma inteligência divina, soberanamente desapiedada e perversa: um monstro obtuso, que anda às tontas, surdo e cego, criando sem saber, fracassando, voltando a começar, chapinhando no absurdo, desde o plesiosauro até o micróbio, matando, torturando, obstinando-se em esforços incoerentes e carentes de objetivo. Sim, o vazio, o nada é o único fim. Não vos parece?

Todos aplaudiram e aprovaram as palavras do grande sábio, autor de dez obras sobre medicina psiquiátrica, condecorado com a “Legião de Honra”, Catedrático da Faculdade de Medicina de Paris, Presidente e Membro Honorário de numerosas Academias Científicas do país e do estrangeiro, etc., etc.,.

Adonai seguia silencioso, ante o tumulto da aprovação, enquanto um semi-sorriso vagava em seus lábios.

O professor contemplou-lhe um momento e, ao sentir sua impassibilidade, disse-lhe:

- Parece que você não comparte de nossa opinião, não é assim?
Sorriu o jovem, e falou com calma:
- Que é minha opinião ante a grandeza e sabedoria de vossa ciência, senhor professor? Eu também teria algo que dizer contra esse Deus, ou essa Inteligência Divina designada pelo senhor, porém pergunto: por quê, frente a tudo isto, existe em mim um sentimento de rebeldia, ao dar-me conta, conscientemente, de tamanha injustiça, se eu sou filho do nada e voltarei ao nada?!
- Estas palavras satíricas produziram um silêncio fatídico na classe de psiquiatria.
- Então, tudo o que existe é perfeito? - Perguntou o mestre.
- A imperfeição é filha de nossa ignorância; se eu adoeço é porque ignoro as leis da saúde, ou porque não quis observá-las. Não lhe parece acertado?
O professor, segundo parece, considerou que a pergunta não merecia resposta, pois continuou com sua classe, citando a Jean Rostand:
- “O reino da ciência abriu, algo assim, como uma época glacial na História espiritual de nossa espécie. Não está ainda absolutamente provado que a tal chamada “alma humana” possa resistir ao clima vigoroso da razão”.
- Este era o império da razão, reinante em quase toda a Europa, depois da primeira guerra mundial. Seus postulados eram soberanos nos diferentes ramos da ciência ocidental. Ir contra aquela corrente, seria expor-se á zombaria e a mofa... a tolerância é um sonho dos sábios, mas os científicos não têm sonhos, e por isso dizem: “A fé é a razão dos imbecis; não cremos em nada e não nos submetemos a ninguém”.
- Certo é, sem embargo, que o professor e os alunos foram tolerantes com Adonai, seja porque todos sentiam-se sábios, ou porque este lhes havia dão um osso duro de roer. Seja como for, Adonai só obteve deste incidente, o resultado de se fichado como algo diferente.

Georgette? Ah, sim! Como esquecer-se dela? Georgette era, naquela época, estudante de medicina. Era uma jovem de pequena estatura, um pouco delgada, de muita formosura e com três distintivos: olhos felinos, sobrancelhas à moda, semelhantes às de Baphometo de Mendes, e um lábio inferior tão provocante que convidava a um demorado beijo. Georgette era o ídolo de seu pai, o Catedrático de Psiquiatria, o professor Matex, era, também, o idílio de 22 sobre 23 alunos que compunham a classe. Tinha vinte e cinco anos e, já havia assistido, ao lado de seu pai, ao novo método de tratar a esquizofrenia, mediante o coma hiperinsulínico ou a crise de epilepsia artificial.

Ela era orgulhosa e tinha motivos para sê-lo: sua beleza, a situação de seu pai que, com seu novo tratamento, havia adquirido muita fama, como acontece sempre com tudo o que se opõe à moda e, por outro motivo, se suma importância – pelo menos para os estudantes – que explicaremos a continuação: para aquele que quisesse seguir a carreira de medicina, e chegar a ser algo mais do que um praticante era estritamente necessário o apoio de um professor. Em todos os concursos, os aspirantes eram classificados segundo seu “protetor”, mas, na cadeira de Psiquiatria, a “protetora” era Georgette, que patrocinava os aspirantes, dispunha as equipes, etc... de maneira que, com este sistema, os resultados e ditos concursos eram, de antemão, conhecidos antes de sua realização. Sem embargo, deve-se declarar, em honra à verdade, que Georgette, embora fosse o ídolo de seu pai, o idílio da classe e a que decidia, finalmente, os concursos, precedia com muita prudência o equilíbrio, antes de traçar os destinos dos candidatos.

Dos 23 alunos da “Cadeira”, somente Adonai não procurava granjear o seu apoio e, por isto, ela sentia-se ofendida. E, assim estava, pois, decretado o destino deste jovem: ele não seria, nunca, favorecido, porque não havia sido ou não queria ser agradável.

Adonai, porém, conhecera a miséria, a fome e a pobreza. Rara vez havia sido feliz em sua vida e, aquele estado de sofrimento ia se estampando suas marcas em seu rosto, bem como em seu ânimo e em sua alma. Ele não pretendia nada e nem pedia nada. Tudo o que desejava obter era uma cartolina de tamanho 30X50 cms., que levasse a inscrição: “A Universidade de Paris...”, expedido em seu nome e que contasse depois, no final, com algumas firmas ilegíveis de professores e catedráticos, que lhe autorizasse a curar, e que lhe protegesse, em caso de morte de seu paciente...

Para realizar tal desejo, não era necessário que se convertesse em escravo do “protetor”, nem servo da “protetora”, pois bastava que fosse cortês com eles. Mas, parece que os protetores exigiam mais do que cortesia e pediam mais do que urbanidade.

Georgette professava o idealismo do pai: “o nada”. Por que cuidar, por quê curar ao homem incurável? Os espartanos arrojavam ao precipício os recém-nascidos aleijados.

A guerra mata os robustos; pó que a medicina conserva aos fisicamente menos dotados?

Georgette ia mais longe ainda, no que se concerne, com suas conclusões lógicas. Mas, havia algo inexplicável, que subleva o coração e a razão humana: o conflito entre a razão e a consciência. Por quê não aplicar o método de seleção humana? Por quê não levá-lo a cabo?

Georgette, também, praticante da medicina, ridicularizava os escrúpulos dessa ciência, e dizia: Se o câncer é uma enfermidade incurável, não constitui maior crueldade permitir que o enfermo carregue com todos esses sofrimentos? Acaso, uma pequena injeção e uma morte rápida não seriam mais humanas, já que não há esperanças?

Adonai a olhava admirado, cada vez que ouvia discorrer sobre esse assunto, pois lhe era difícil acreditar que o coração de uma mulher pudesse aninhar tanta crueldade.

E o sexo?

Este era o tema diário entre os praticantes da Faculdade.

- Há dias, - disse um companheiro, - caiu em minhas mãos uma enferma completamente virgem, apesar de seus vinte e oito anos!
- Sim...? – disseram alguns surpreendidos.
- Deve ser algum modelo de fabricar diabos – falou Georgette.
- Não – replicou o praticante – era muito bela; mas, Síria, egípcia ou coisa parecida.
- Ummm... – entonou Georgette, como sabendo o motivo. E continuou com sorna: E não estava cosida? Porque há certas tribos no Oriente que cosem a recém-nascida e, ninguém pode descosê-la, senão seu futuro marido. Não praticam isto no Líbano, Adonai?
- Não Georgette – replicou o interpelado com palavras saturadas de fel – no Líbano as mulheres nascem e crescem cosidas!
- Não há homens no seu país? – perguntou de maneira ferina, um terceiro.
- Assim deve ser. Lá, todos nascemos por obra do “Espírito Santo” – respondeu Adonai, enquanto tratava de acalmar a sua excitação nervosa.
- Não se aflija, rapaz. Agora estamos na França, e o civilizaremos um pouco!
- Levando-nos teu homossexualismo? Perguntou Adonai, cravando naquele atrevido seu irresistível olhar.

O jovem ficou petrificado. É certo que o homossexualismo em Paris não é uma vergonha, mas aquele jovem o praticava em segredo, e lhe feria muito, sem saber o porquê, que outras pessoas chegassem a descobri-lo.

Os outros companheiros, ao verem a palidez daquele a quem Adonai havia-se dirigido, ficaram perplexos. Era, pois, certo o que este libanês dizia?

Georgette recebeu um golpe duro em seu amor próprio. Ela havia tentado “lançar o anzol” a aquele jovem, para completar certa coleção que estava empenhada a levar a cabo!...

Por mais de um minuto, reinou um silêncio carregado de fúria, de ódio, de decepção, de perplexidade e desencanto.

Em seguida, Georgette disse asperamente:

- Já é hora da inspeção. Vamos sortear as camas. Quer tirar as fichas?
Adonai introduziu a mão na sacola e tirou duas fichas: nº 1 e nº 23. Então, olhou a Georgette e comentou:
- Sinto muito, senhorita. Tenho estes números, mas, se você deseja, podemos trocá-los. Ela, com um sorriso sarcástico, ofereceu a sacola a outro.
O número 1 correspondia a Georgette e o 23, a Adonai; naquela tarde teriam que visitar, juntos, a seção que lhes tocava.

Esta criança de 8 anos padece de coréa, ou dança de São Guido. Há dois meses que está internada, sem demonstrar nenhuma melhora. Remédios, calmantes, sudoríferos e tônicos. Passa a maior parte do dia dormindo, pelo efeito dos hipnóticos.

Georgette quis despertá-la, para fazer o exame, mas, Adonai lhe ordenou enfaticamente:

- Não lhe toque.
A jovem olhou-o com cólera; mas, ele, sem fazer caso, assentou-se ao lado da enferma, colocou a mão direita sobre sua frente durante um instante, depois se inclinou e falou baixinho no ouvido da criança adormecida. Ninguém ouvia o que dizia. Após dez minutos, a pequena abriu os olhos. Seu rosto era alegre, um sorriso desenhava-se nos lábios e começou a brincar com o cabelo de Adonai, sem mais nenhuma convulsão.
Adonai lhe sorria. Depois tirou do bolso um caramelo e pôs em sua boca. Ele ajudou-a e lhe disse:

- Já estás curada, amorzinho. Diga à mamãe que te leve para casa.
Georgette, a Irmã e os enfermos vizinhos olhavam os dois ensimesmados. Adonai notou esta curiosidade. Sorriu e disse:
- Essas enfermidades vêm de súbito e desaparecem da mesma maneira. Os remédios foram muito eficazes! – E ao falar isto, levantou-se, para continuar sua visita, deixando a criança feliz e contente e guardando consigo seu olhar.
- E você, por quê está aqui? – perguntou a um jovem, acamado, cuja temperatura era alta e a barriga dolorida.
- Você deverá ir à sala de operações, para que lhe extraiam o apêndice.
Voltou-se para a Irmã e expressou:
- Irmã, quer fazer-me o favor de comunicar isto ao médico? Este jovem não tem nada no fígado; sua enfermidade está em seu apêndice.
- As radiografias asseguram o contrário. – disse Georgette.
- Eu também tenho direito de pensar e afirmar diferentemente, senhorita. Veremos quem tem razão.

“Nota: Soube-se que o jovem foi operado, alguns dias depois e que se lhe foi extraído o apêndice, porém, tarde demais, pois havia sido declarada uma peritonite mortal”.

Adonai descobriu o ventre da mulher. Apalpou-lhe com as gemas dos dedos, enquanto afastava seu rosto, para não aspirar o alento da enferma. Meditou um instante e perguntou:

- Desde quando está com febre?
- Faz cinco dias, respondeu a Irmã, ocasião em que foi internada.
- Irmã, daqui a meia hora ela vai destapar-se por cima e por baixo e, dentro de uma hora, não terá mais febre. Seria conveniente usar lençóis de borracha, para não sujar a cama.

A segurança com que Adonai falava, deixava pasmadas a Irmã e Georgette.

Efetivamente, aos 25 minutos, a mulher arrojou, sem saber porque, tudo o que tinha em seu ventre e em seus intestinos e, depois de uma hora, estava curada.

- Senhorita Georgette, pode examinar este doente. Eu não lhe toco, porque, dentro de duas horas, deixará seu corpo.
- Como, deixará seu corpo?
- Em outros termos: entregará seu espírito, falecerá, morrerá, ou como queira classificá-lo. Quer dizer que ele deixará seu corpo para autópsia...
- E de quê morrerá, se já o sondaram a tempo e o levaram?

Adonai não pôde conter o riso, ante a desgraça, recordou de um desenho de Goya, que representa um burro tomando o pulso de um enfermo, e pergunta a si mesmo: de que morrerá?

Franziu as sobrancelhas e disse:

- Morrerá, por não querer viver. Tomou um veneno para livrar-se da vida e fugir para longe da mulher amada que o abandonou, depois de enrolar sua dignidade e roubar-lhe as economias. As sondas e as lavagens não chegam à alma.

Georgette sentia uma mescla de admiração e indignação para com seu companheiro. Com que autoridade diagnosticava e prescrevia?

Ele não era mais do que um praticante, e como ordenava a ela e a Irmã para fazer isto e deixar de fazer aquilo? E que necessidade tinha de falar, a cada momento, de espírito e da alma?

- Você já viu a alma?
- Eu tenho sentido a vida e, quem sente o amor, não necessita vê-lo; mas não estamos em aula de filosofia. Vejamos o que diz esta “minuta”.

Uremia...

- Esta toca a você – disse Georgette, em tom de desafiante, como quem quer vingar-se. – “Eu não toco, porque vai morrer”. – acrescentou, usando sarcasticamente, as mesmas palavras com que Adonai havia-se dirigido a ela.
- Você o crê? Pois está equivocada...
- Veremos...

Sentou-se ao lado da mulher enferma, já em estado comatoso. A fetidez que desprendia era insuportável até para os médicos. Adonai olhou-a detidamente; balbuciou, entre lábios, certas palavras inaudíveis; colocou a mão esquerda sobre a cabeça da paciente e ficou imóvel naquela posição.

Georgette olhava-o com atenção, e a religiosa, ao pé da cama, contemplava os três.

Adonai estava ensimesmado. O suor começou a banhar-lhe a testa e o rosto. Depois de pouco tempo a enferma deu um gemido e começou, aos poucos, também, a transpirar; aquele suor fétido manava e resvalava sobre as têmporas e as faces; minutos depois, as cobertas e o colchão estavam ensopados; a doente já respirava com força, embora ainda com

dificuldade. Adonai tirou o lenço do bolso e secou seu rosto, endereçou-lhe um sorriso de satisfação e esperou cerca de quinze minutos naquele estado...

A doente se queixou, dizendo:

- Eu estava bem; por quê me trazem de novo aqui? Eu não quero voltar, quero ficar lá!...
- Onde quer ficar? – perguntou Adonai.
- Lá!...

Adonai palmateou-lhe, suavemente, o rosto e se levantou; estava pálido.

- Não se desespere; você tem tempo para voltar “lá”...

Georgette petrificada continuava olhando à enferma, e seu rosto revelava uma palidez aterradora. Adonai soprou-lhe suavemente, no rosto e lhe disse:

- Seguimos?

Ela olhou-lhe assustada e caminhou silenciosa diante dele.

Adonai disse à Irmã:

- Creio que, com três dias de jejum absoluto, esta mulher ficará completamente curada.
- Mas, se já está curada – objetou a religiosa.

Mais adiante, Georgette lhe disse, em tom de dúvida:

- Esta é a medicina que viemos praticar no hospital?

Adonai olhou com tristeza, deteve-se, e respondeu:

- O bem que se faz a um enfermo é passageiro. Garanto-lhe que esta mulher, amanhã, não me reconhecerá. Mas o meu objetivo é levar as verdades eternas aos homens. Todos esses sofrimentos são por culpa de uma ciência sintomática, que desconhece a unidade da enfermidade e a unidade da saúde, tratar, unicamente, das doenças locais. A verdade é simples, mas, o médico ainda não tem devida compreensão, e poucos querem entendê-la. Sem embargo, escute bem o que lhe digo, senhorita Georgette: Eu tenho minha medicina e vocês têm a sua. Eu nunca serei médico, senão curador de almas e corpos. Eu não exercerei a medicina. Eu curarei, de passagem, aos enfermos que me tocam curar. Não tenho medo de ninguém, porque não quero postos e nem peço nada. Não tenho medo nem da morte, porque sou eterno e não creio nela.

Calou-se por um momento, como se escutasse uma voz longínqua, e depois disse:

- Eu não estou aqui para aprender esta medicina. Minha Universidade e meus Mestres estão... Muito longe daqui, mas, devo continuar em Paris para cumprir um programa...

Deteve-se, novamente, e continuou:

- Ah, estamos perdendo tempo. Vamos ver o que tem esta mulher? Hum!... Tens sorte, menina, mas te advirto que a Natureza sabe ser boa mãe e, às vezes, golpeia duro a seus filhos. Aborto provocado! Parece que não há perfuração, nem sinal de peritonites. Pois bem, podes vangloriar-te de tua sorte. Se eu fosse teu médico, faria a raspagem sem anestesia, para ensinar-te que o vinho da Babilônia tem algo de amargo no final. Não creias que te julgo, somente te reprovo, porque foste covarde e não te atrevestes a levar o título que dignifica: o de Mãe.

Uma tentativa de suicídio! Há vinte e quatro dias, disparou o revólver no pescoço. A bala não lhe cortou a vida, porém, incrustou-se na quinta vértebra cervical. Resultado: paralisia total e mudez. Operação de extração muito perigosa!

A opinião médica: “Este néscio ficou inútil para toda a vida; devia ter escolhido uma parte do corpo mais segura para matar-se. Não há nada que fazer. Um advogado a menos. “(Era um advogado com apenas 8 anos)”. O desgraçado ouvia tudo, e não podia articular uma palavra sequer!

Quando Adonai aproximou-se, o paciente olhou-lhe com olhar suplicante que, talvez quisesse dizer: “Salva-me ou mata-me de uma vez”. Adonai permaneceu quieto, olhando-o durante um momento. Sentou-se ao seu lado e introduziu sua mão direita debaixo do pescoço do paciente. Depois de comprimir-lhe um pouco as vértebras, disse:

- Admiro-me porque não queres falar!

- É que não posso – respondeu o interpelado, sem dar-se conta do que dizia.

A Irmã fez o sinal da cruz. Georgette não podia sustentar-se mais de pé, e sentou-se. O rapaz sorriu e falou com ênfase:

- Tu podes falar e mover o teu corpo. Senta-te e demonstra a esta formosa jovem que estás são, e que até podes enamorar-se dela. O doente sentou-se e começou a chorar em voz alta dizendo:

- Sim, já estou são; quero ir para minha casa. Onde está Suzi?

- Calma rapaz! Amanhã irás – olhou a Irmã, ordenou:

- Deve lavar-lhe os intestinos. Já sabe Irmã!

- Bendito seja Deus, bendito seja o nome da Virgem Santíssima! – foi a resposta da Irmã.

Na noite daquele dia, Georgette renunciou a uma reunião de amigos, sob pretexto de sentir-se cansada. Retirou-se cedo a seu aposento. Deitou e começou a voar no mundo dos pensamentos.

CAPÍTULO IV

Sono, sonhos e visões

O que é o sono e que são os sonhos? Pergunta a mim senhor sábio? Pois eu não posso lhe dar nenhuma resposta. O senhor tem Freud e seus discípulos, que dizem haver decifrado todos os mistérios do sono! Bom proveito!

Estas minhas palavras são dirigidas às mentes simples: O sono é o estado durante o qual a Alma perde, por algum tempo, sua vida individual, para submergir-se no mar da luz Universal, a qual está animada por duas correntes contrárias: Luz Branca e Luz Negra, ou, como dizem outros: Magnetismo ativo e Magnetismo passivo. Por este motivo, todos os sábios espiritualistas aconselham que é preciso empregar, com grande vigilância, a hora que precede o sono. O sono é um banho na Luz da Vida ou nas trevas da morte. “Quem adormece com pensamentos de Santidade, banha-se nos méritos dos santos; mas, aquele que se entrega ao sono com pensamentos de luxúria, banha-se no mar lodoso do erotismo”. (Levy).

A noite é o melhor terreno para semear. Quem nela semeia ânsias de saber, despertará na Sabedoria Divina.

“A almofada é boa conselheira”, quer também dizer: “à noite...”

Os maus pensamentos agitam o sono, e uma consciência limpa é a melhor almofada, se tem dito.

O que o homem irradia durante a vigília, não cessa durante o sono. Santo Agostinho disse: “Só conquista a virtude da castidade, quem impõe a modéstia a seus sonhos”.

Nossos sonhos são, muitas vezes, o reflexo de nossos desejos mais secretos.

Adonai dormiu e sonhou... Sonhou? – uma voz dizia:

- Vamo-nos!
- É hora?
- Que fazes aqui, Georgette?
- Quero estar contigo.
- Agora não posso. Tenho que ir-me...
- Leva-me contigo!
- Adonai consultou sua companheira com um olhar, e disse a Georgette:
- Tu não podes vir. Depois te verei.

- Olha! São meus enfermos!
- Não temos tempo a perder. Vamos! Acelera tuas vibrações.

E, de repente, apesar de não haverem movido de seus lugares, achavam-se em uma florescente e populosa cidade.

Adonai deteve-se um momento para contemplar aqueles luminosos monumentos, e perguntou à sua companheira:

- Já chegamos?
- Sim, é a cidade etérea dos grandes sábios de todos os ramos da ciência! Aqui estão as Universidades submergidas, onde ensina-se tudo aos homens. Aqui aprende-se como a mente opera, e de que maneira a forma do pensamento age no cérebro. Na vida corporal, raríssimos são os seres que compreendem que, quando o pensamento chega a certo grau de irradiação mental, este comunica sua energia vibratória à vida celular do cérebro. É por este meio que nos pomos em contato até com outros sistemas planetários, para descobrir seus mistérios. Nossa cura mental é como um mapa de nosso sistema solar. O cérebro é sua miniatura dentro do crânio.
- Isto quer dizer – disse Adonai – que cada pensamento é captado pela aura mental e enviado à vida celular do cérebro e, daqui, a todo o organismo.
- Esta é a verdade, e por isto aqui viemos, para estudar a Medicina Universal, e aprender as causas das enfermidades, assim como a maneira de evitá-las e curá-las.
- E como faremos para recordar tudo, ao voltarmos ao corpo?
É muito difícil nas primeiras lições; mas algo nos ficará de cada uma. Com o tempo e a prática, chegaremos a reunir um caudal apreciável de conhecimentos.
- Que idioma usam aqui para ensinar? – disse Adonai.
A companheira sorriu e respondeu:
- É o idioma da compreensão e do sentir. Quando lançamos um beijo, no ar, ao ser querido, que idioma usamos?
Detiveram-se a contemplar, e “sentiam” ver os globos de luz, que afluíam de horizontes longínquos, e se detinham na cidade etérea.
- Não estamos na Europa? Perguntou Adonai.
- Não, estamos sobre uma república da América do Sul. E, antes de terminar a frase, um “sol” iluminou e eclipsou todas as demais luzes presentes.
- Chegou o Mestre ascendido.

A Universidade não era um lugar ou um edifício determinado, era como um espaço cercado e rodeado de cores e matizes. Assemelhava-se a um aposento de cristal transparente, que dava a sensação de que, os que estavam dentro podiam ver os que estavam fora, porém, a visão de fora para dentro era impossível.

Adonai contemplou com atenção, os presentes, e sentiu, como se fora no corpo físico, um abalo de surpresa e de alegria: a seu lado estava Aristóteles. A alegria era como um mar, no qual ambos se banhavam.

- Olha – pensava – dizendo Aristóteles a Adonai – Já te disse antes que teu elo estava conectado com o meu e eu com outro.
Adonai sentiu – vendo o ser que estava com Aristóteles, e que era S...
O gozo do jovem era indefinível e, sobretudo quando percebeu de longe à As...
- Pai – pensou – dizendo Adonai – Eu conheço muitos aqui presentes. Sinto como irradiam sua satisfação para mim...
- Sim, meu filho, e sempre o faziam... Agora o Mestre desta classe está fazendo ascender o Mestre Individual de cada ser aqui presente à sua aura mental, para que funcionem todas as suas energias latentes e esquecidas. Todos os novos, como tu, que chegam à classe, têm que submeter-se a isto, e assim abrir-se-ão os arquivos esquecidos e se recobrará a sabedoria perdida. O futuro do homem depende de sua aura Mental.

Os rituais são para por o homem em contato com seu mundo interior, onde se acha o instinto, que é a memória da natureza.

- Olha, o Mestre dá início à aula: Aí, está um enfermo materializado no mundo da alma, ou melhor, dito, a Alma de um homem enfermo. Sinta o que o Mestre ensina.

O Mestre falava com pensamentos:

- “A primeira condição que o Anjo exige do médico, para ensinar-lhe as causas das enfermidades, como diagnosticá-las com exatidão e como curá-las, é a pureza do pensamento e o amor ao enfermo. Porém, se o enfermo não obedece à Lei do Íntimo, o Anjo o abandona aos átomos da morte, que destroem o corpo”.

Ao pensar isto, o Mestre materializou um enfermo, da mesma forma que havia feito com o anterior; mas, neste caso, o corpo anímico e os pensamentos do paciente desobedeciam às Leis da Natureza. O Mestre o aconselhava amor, perdão e domínio pessoal; mas aquele pobre homem não escutava conselho algum e dava rédea aos pensamentos de vingança, ódio e gratificação de suas paixões.

O Mestre continuou:

- Assim, a enfermidade começou neste corpo, atraída pelas ânsias exageradas, pelas emoções desarmônicas e desejos desenfreados, para mais tarde, refletir-se no corpo físico.

O curador, com seu Anjo, cura primeiro as almas enfermas, impessoalmente, para dedicar, em seguida, sua atenção ao físico. Há certos sons vocais e notas, cuja entonação produzem as vibrações necessárias para reestabelecer a harmonia da Natureza, no corpo enfermo. Cada centro magnético rege uma região determinada do corpo e manifesta, nela, uma cor e um som próprio. Estes ao serem bem entoados, ajustam o Centro correspondente a seu verdadeiro ritmo.

“Olhai isto”: O Mestre alçou sua mão direita, traçou um sinal sobre um novo enfermo e, logo, entoou certas vogais. Imediatamente manifestaram-se cores cambiantes, as quais penetravam no corpo fluídico do paciente, que se restabelecia, à medida que se produziam certas sacudidas internas que lhe devolviam os átomos da saúde. Em seguida, o Mestre continuou:

- “O Médico-curador deve ser positivo, para triunfar sobre os átomos da enfermidade. O verdadeiro médico-curador é amor e sacrifício; todas as noites viaja com o corpo mental à nossas universidades, para aprender mais e dar mais saúde a seus enfermos. A Mãe Natureza põe em mãos deste seu filho a espada flamígera que consome, com seu fogo, o que é indesejável e desarmônico”.

Ao dizer isto, o Mestre estendeu a mão direita e um raio flamígero, em forma de espada, se deixou ver, com sua língua de fogo, consumia todas as luzes e emanações perturbadoras que saíam e envolviam o paciente. Depois, continuou:

- “O curador, antes de tudo, deve utilizar as duas energias: solar e lunar. Estas energias fluem, para vitalizar e conservar são a cada ser. O Mago as absorve a vontade e as dirige a seus enfermos, para reestabelecê-los”.

Aqui temos um ser pessimista, desanimado, medroso e com todas as derivações destes defeitos. Este deixou, há um bom tempo, de utilizar a energia solar e, por tal motivo, tem o estômago, o fígado, os intestinos e o coração doentes. O sangue está desvitalizado e todo o corpo necessita de energia e vida.

Tende em conta que todos estes transtornos são produtos dos defeitos que dominam o paciente. O remédio é, pois, curar primeiro seu corpo psíquico, com o poder mental e o pensamento e, administrar-lhe, em seguida, a energia solar, para alimentar seus sistemas nervoso simpático e central. Como médico, pode administrar certos tônicos, mas, como curador, deve injetar no paciente a energia solar positiva, como o remédio mais eficaz, trabalhando sempre impessoalmente, incognitamente.

O médico espiritual descobre, localiza o órgão enfermo dentro do corpo, mediante uma análise sensitiva, porém, ele não crê em enfermidades locais, sintomáticas, embora dirija sua energia ao órgão, e o utilize como canal, para curar o conjunto.

Para diagnosticar e localizar a enfermidade, é necessário identificar-se com o paciente desta maneira: “Com ansiedade, atrai ao corpo um átomo psíquico, parasitário, disse”: “Aqui está o câncer, motivado por emoções e tensões contínuas e permanentes. Este estado tensional de ansiedade, atrai ao corpo um átomo psíquico, parasitário, que se introduz na região ou órgão mais débil do homem. O domínio desta praga, que em tempos futuros tomará mais auge, se fará por meio de outros átomos parasitários, mais fortes, que se encontram na própria Natureza, e que anulam os efeitos do parasita canceroso”.

- “O médico deve saber que a enfermidade começa em um corpo mais sutil que o físico, para refletir-se, depois, neste. Na Alma ou corpo dos desejos aninham-se todas as enfermidades por motivo de ódio, luxúria, inveja, glotonice, etc... Estes vícios perturbam, primeiramente, os centros de nosso sistema nervoso, e obstruem as correntes vitais diminuindo a energia física. Eles abrem uma brecha na aura defensora da harmonia e da saúde”.

“O pensamento tem seu tipo de onda, com a qual imprime no ser, seu caráter, e pode provocar transtornos na vida atômica e celular”.

“O pensamento cura e enferma. A aspiração, a inspiração e os pensamentos puros, são os únicos meios que mantêm o homem equilibrado e são; ativam a secreção glandular e depuram as impurezas do organismo”.

“Certas vogais e sons fazem vibrar as glândulas e, lhes dão assim, o poder de eliminar certas impurezas do organismo, aumentando sua capacidade funcional. As letras têm seu poder, e o Verbo-Som tem sua magia”.

“Deveis fazer esforços para recordar e gravar em vossas mentes o que aprendeis durante o sono, sobretudo as causas de certas enfermidades e a maneira de curá-las”.

“O enxerto de glândulas animais, animaliza, um tanto, a Alma e, desta maneira, o órgão enxertado deixa de obedecer ao mandato do EU SOU e seguirá como uma brecha no corpo de desejos, para ligar o homem à animalidade”.

“Já vos foi dito: o pecado é enfermidade e a enfermidade é pecado. O pecado é a desobediência, consciente ou inconsciente, às leis naturais”.

“O homem é trino, por ter três centros de vida: a cabeça é o centro da vida pensante; no peito está a vida pela respiração; no abdômen, pela alimentação. Por isto pode-se dizer que o homem adoce pelo pensamento, pela respiração e pelo alimento. O corpo é o Templo do Espírito, é o Templo de Deus”.

“Aprendeis e ensinai a comer”.

“Aprendeis e ensinai a respirar”.

“Aprendeis e ensinai a pensar”.

“E assim podereis ser Curadores e verdadeiros médicos”.

“Deveis saber que a avareza, a mesquinhez e seus derivados debilitam o sistema vital e criador”. “Olhai”.

Materializou um avaro com seus corpos vital e astral feito pedaços, e esses sofrimentos internos se refletiam no corpo físico. O coração e o sangue não funcionavam em uníssono com a Lei vibratória da Natureza!...

Depois continuou:

“A inveja debilita o estômago, os intestinos e o sangue. A luxúria ataca o cérebro, a memória, os olhos e debilita a vontade, etc...”

O ódio enferma o fígado e o coração. A gula enferma a garganta, o estômago, o fígado, o pâncreas (diabetes).

“O medo e o egoísmo transtornam o cérebro, a mente, o coração, o estômago, o fígado e os sistemas circulatório e respiratório”.

“A tuberculose é o fruto do abuso nos vícios, e na violação das leis divinas e naturais”.

“A cólera produz a paralisia parcial do sistema capilar. Diz-se: “está vermelho de ira, “branco” de raiva. Tudo é sinônimo da supressão temporal da ação de grande motor da circulação e, tais perturbações, influem, seriamente, no coração e no espírito”.

“O corpo é o instrumento da mente. Ele não depende de nenhum credo, culto ou escola; assim como os vícios podem enferma-los, também, as virtudes, as emoções positivas do ânimo, o júbilo, a fé, a esperança, etc., aumentam a vitalidade e fortalecem o sistema físico, pondo-lhe em condições de rechaçar o ataque das enfermidades”.

“O curador trata, primeiramente, de expulsar de seu enfermo as emoções negativas, com seu poder mental e divino, para curar, depois, seu corpo físico”.

“Icterícia, queda dos dentes, desordens uterinas, erisipelas, eczemas, impetigos, etc., etc., têm por canal o medo, o qual causa a obsessão em certas idéias ou pensamentos destrutivos”.

O Mestre sempre ensinava apresentando os enfermos modelos, para que os discípulos pudessem relacionar a enfermidade e seus efeitos no corpo físico.

O Mestre tratou de desvelar o homem e seu corpo. Explicou, com seus modelos viventes, as causas e os efeitos. Descobriu a mente em suas três fases. Suas lições, depois do preâmbulo anterior, tornaram-se sistemáticas.

As lições em curso tratavam dos seguintes temas:

As células do corpo e como funcionam. (Sempre com visão clara das demonstrações vivas, para que os discípulos pudessem contemplar o trabalho e desenvolvimento de cada célula, da mente celular e como funciona).

O Sistema Nervoso e seu admirável funcionamento.

Anatomia e Fisiologia no ser vivo. Patologia explicada de igual forma, etc...

Depois o Mestre repetia sempre:

- “O médico que não dá seu corpo como alimento e seu sangue como bebida para seus enfermos, será sempre um curandeiro e um traficante da saúde” o Curador deve vigiar seus pacientes até no sono”.

Em outra ocasião, outro médico disse:

- “Os sábios antigos conheciam mais acerca das leis fundamentais da Natureza e do ser humano, do que se admite na atualidade”.

“Há sabedoria e há ciência: Esta rodeia o templo da sabedoria e aquela penetra no templo. Uma é superficial, e faz muito barulho; a outra é profunda, silenciosa, e foge do bulício popular”.

“As estantes da medicina atual estão cheias de livros, os quais estão repletos de teorias, nomes, sistemas, patentes de drogas e remédios. Por isto, o médico atual assemelha-se ao comerciante de tecidos da moda: gaba os fabricados hoje, até conseguir vendê-los e, amanhã, colocará no artigo velho uma etiqueta com nome novo, e anunciará como a última moda”.

“Recordai-vos do que foi dito há séculos: Há duas espécies de conhecimentos; há uma ciência médica e uma sabedoria médica. A compreensão animal pertence ao homem medíocre, porém, a compreensão dos mistérios divinos pertence ao espírito divino nele”.

“A chave para curar a enfermidade acha-se na compreensão da lei fundamental, que dirige a Natureza do homem e, para isto, é preciso uma medicina que conheça o homem em seus três aspectos ou mundos. Os sábios antigos sabiam acerca de sua verdadeira natureza mais do que tem sonhado as escolas de medicina”.

“O sentimos pelos materialistas, porém, o homem é mais do o corpo físico que estamos vendo. Vossos corpos estão adormecidos, e estais aqui presentes. Deveis seguir assistindo as aulas, até chegar à compreensão de que todo o saber está dentro de vós próprios. Nós, que estamos ensinando, somos simples guias para a Fonte Divina e Universal, que está dentro de cada ser”.

CAPÍTULO V

Medicina Universal

Os homens são degraus da escala Divina; uns estão submergidos nas trevas e outros, no cimo da Luz.

Os iluminados vêm claramente e não discutem; os que estão nas trevas, matam-se por e para interpretar as palavras.

Os sábios são videntes; os ignorantes são cegos crentes, mas, existe outra categoria: a dos néscios, que duvidam de tudo e não são nada.

“Nem todos estão preparados para falar-lhes a respeito da verdade. “Jesus vestia suas verdades com parábolas. “Explicar o porque de certos fenômenos subjetivos, e dar fórmulas razoáveis seria inútil para os sábios e um engano para os estúpidos”.

“A verdadeira Ciência das Idades é o fruto da experiência, que é formosa à vista do sábio e amarga na boca do néscio”.

“Há seres que têm religião; outros, que têm filosofia; mas, os incrédulos não têm nem filosofia e nem religião”.

A estupidez humana deve ter uma religião absurda. No absurdo está a superioridade das religiões. A religião ou a ciência que não tem mistérios no absurdo, não tem também absolutismo. Propagar a verdade absoluta com razão e virtudes e, desnudá-la aos loucos, é convertê-la em arma terrível nas mãos destes, contra seu propagador.

“Cada homem é sacerdote enquanto seja hábil e, sobretudo, santo que cura e entusiasma os homens; mas, o dia que chega à genialidade, deixa de ser santo, sacerdote e hábil diretor”. (Levy)

- “Tens que familiarizar-te com estes mundos” – dizia a amiga que guiava Adonai – “porque deves continuar explorando-os em vida, antes de deixares, definitivamente, teu corpo físico”. Vamos acelerar nossas vibrações, para chegarmos à classe de Issa...
 - Como? Veremos Issa?
 - Um pouco de ansiedade amorosa e um instante de concentração, são suficientes.
 -?.....?
- Issa dizia:
- É obrigatório descer, primeiramente ao Inferno, ou região inferior do homem, para estudar a densidade dos que chegaram ao abismo do mal, e para anular suas tentativas contra o mundo.
 - “Tereis que sofrer horrivelmente, se não tiverdes o dom do amor e do perdão... Pronto sereis conduzidos a esta região, sob a vigilância de “Experts”, que são necessários, pois, sem eles, muito poucos poderiam resistir à atmosfera de luxúria e paixão terrivelmente intensificada. Lá vereis como os agentes das trevas externas empregam a mulher para o domínio do mundo físico, e como eles oferecem, a seus seguidores o gozo sexual e as fortunas...”

“Deveis dedicar mais tempo ao estudo e à prática da medicina universal, porque as afecções nervosas e desordens mentais estão flagelando a humanidade. Os médicos que nunca tiveram um desenvolvimento mental-psíquico, não podem ensinar como imunizar os homens contra essas enfermidades”.

Vemos que os males que afligem a humanidade parecem estar mais recônditas e, são menos susceptíveis de serem tratadas de acordo com os antigos métodos. Isto nos explica que as doenças atacam os corpos sutis, antes de manifestarem-se como estranhas causas desconcentrantes no corpo físico.

“É indispensável ser algo clarividente ou, pelo menos, intuitivo, para determinar, com certeza, qual é a origem da perturbação”.

“Deve-se elevar as emoções ao plano espiritual, por meio da oração e da análise. É necessário manipular as correntes que guiam e espiritualizam, para passarem pela consciência da humanidade”.

“A cada classe de indivíduo, é necessário curar segundo seu tipo. Há almas que necessitam da oração, como poder curativo, e outras devem buscar à Natureza”.

“Vós sois os arautos fiéis da nova Religião futura, que será uma nova face da antiga Religião da Verdade. Assim, também, sereis arautos da Medicina Universal, que trata a Alma e o corpo ao mesmo tempo de maneira científica e mental”.

Em outro momento, disse a amiga a Adonai:

- “Devemos praticar algo de arte, pintura, música, etc. necessitamos assistir a essas aulas. Vamo-nos”.

-?.....?

Assim, passavam de uma vibração a outra.

Adonai, de temperamento artístico, tratou de captar e abarcar muito em pintura e música; mas, seus grandes anelos eram a Medicina Universal, a Origem e os Mistérios das Religiões, a Cosmogênesis e a Pré-história do Mundo e, sobretudo, o Mistério do Homem.

Depois de um período mais ou menos longo, Adonai tirou em conclusão as seguintes verdades:

1º - O corpo físico é uma História Universal e o homem pode ler em seu mundo interno, a História da criação desde o seu começo.

2º - O corpo físico é um centro de estudos que contém ensinamentos primários, secundários, superiores e especializados, que estão a cargo de Mestres Internos.

3º - O Amor aumenta a sensibilidade e a inteligência, para a compreensão e para a expressão do poder adquirido pela sabedoria.

4º - Que, pelo Amor, o homem aspira os átomos-anjos afins a seu sentir e pensar.

5º - Que, cada Mestre de Sabedoria, maneja com sua vibração, um dos centros internos do homem. Cada Mestre ensina um ramo da Sabedoria, já escrita na consciência dos átomos, que nos acompanham desde a formação do mundo.

6º - Para ingressar no Colégio Interno, o discípulo precisa se tornar criança (neófito) e apresentar totalmente limpas as páginas finais de sua mente, onde os Mestres de Sabedoria escreverão a História das vidas passadas...

7º - Existe, realmente, uma palavra misteriosa, que, quando vocalizada devidamente, pode abrir as portas do Templo Interno.

8º - Que o homem, escravo de suas paixões, não pode adquirir a Energia Cósmica, nem os ensinamentos do Mestre Interno.

9º - Que, pelo Sistema Simpático, podemos nos comunicar com o Mundo Interno real e invisível e, pelo Sistema Central, podemos expressar e manifestar o que temos aprendido no mundo interno.

10º - O ser que desenvolva todos os seus Centros Angélicos dentro de seu corpo, transcende o sentido da limitação; sua Religião será o Amor. Sua Família, a Humanidade. Sua Pátria, o Universo; sem limites nem fronteiras.

11º - O Super-Homem emprega o pensamento como meio para introduzir a reforma na mente humana.

12º - O homem pode, durante o sono, por sua aspiração e desejos, ingressar nos Colégios Internos; comunicar-se com os Mestres e com os que vivem em países longínquos, para pedir orientação e conselhos. Ao se despertar, sentirá feliz, com a inteligência clara, para realizar muitas de suas obras.

13º - Todo o ser que tem tendências artificiais, literárias ou de qualquer índole, será guiado por seu mestre, o EU SUPERIOR, à fonte de inspiração. Porém, o dia em que ele chegar ao discipulado e, depois, à Mestria, então saberá caminhar só, conscientemente, no mundo subjetivo, para chegar à sua meta.

14º - Que, há um só fim, em todas as religiões, escolas e livros sagrados, que é a Divinização do Homem. Quando o homem chega a sentir-se Deus, toda a sabedoria, todo poder e toda a harmonia lhe são possíveis, por sentir “EU SOU DEUS EM AÇÃO CONTÍNUA E PERFEITA” – e Ele é Ele.

15º - Por último: o objetivo dos ensinamentos e Universidades Internas é o de conduzir o homem para sua Divindade. Seu Templo-Corpo é o livro onde deve estudar o saber, praticar todo o poder e emanar todo o amor.

CAPÍTULO VI

O Homem Invisível

Os mundos subjetivos são os mistérios que a ciência ignora, porque a ciência se converteu em um ponto fixo, em cujo derredor exige que se faça circular a razão.

A ciência quer ser o princípio da sabedoria, mas, a sabedoria não pode esperar a marcha lenta da ciência, tendo em si mesma a fé sensata.

O sábio, ante um fenômeno estranho, sente o desejo e a ânsia de estudar a parte oculta de tal fenômeno. O cientista se contenta em dizer: fenômeno raro, estranho.

O verdadeiro saber é crer, esperar e amar, ao contrário, o que significam todos estes nomes arbitrários, (chamados técnicos), sem fé, esperança e amor?

Que outros tenham chegado a um limite e tenham se detido ali! Não importa, eu seguirei a marcha do ponto onde eles se detiveram, e abrirei a porta da tumba, para saber o que há mais além!

- “Não podes”!
- Porquê não posso?
- “Porque nós não o temos podido”!
- E por que devo eu ter vossas limitações e sofrer vossos fracassos?
A amiga de Adonai lhe dizia:
- “Olha: esta é a morte. A diferença estriba em que hoje podes regressar a teu corpo, enquanto que, com a separação definitiva, não voltarás a ele”.
- “Todos nós que nos dedicamos a estes trabalhos, temos uma ciência que permite experimentar e demonstrar as teorias da ciência do oculto”.
- “Olha como tudo brilha: este é o mundo astral, este é o mundo da Alma, que anima cada uma das células do corpo físico, para que o Espírito Eterno se manifeste através dos dois”.
- “O mundo da Alma, chamado Astral, é o princípio intermediário (o mediador plástico), entre o “EU SOU DEUS” e o corpo físico. Deixemos aos materialistas, que não crêem

em nada, e aos filósofos e metafísicos de nosso tempo, que duvidem, e vamos experimentar a verdade.

- “Este é o seu corpo; veja o teu sono. Observa como está adormecido, e como seus órgãos cumprem a Lei da Vida, sem que tua consciência intervenha em seu funcionamento. Nem o mais sutil raciocínio filosófico poderá destruir as funções do Grande Simpático. Vê pois, como a Alma, quando o homem dorme, não intervém de modo algum em sua consciência? E sem embargo, isto não impede que o coração palpite e o estômago digira. Será o Espírito quem fabrica secreções orgânicas, como dizem certos filósofos? Pois, isto é absurdo, porque a própria fisiologia nos ensina que a vida vegetativa tem suas funções quase independentes dos atos da consciência. Por isto, neste estado podemos estudar detidamente o processo, e veremos como as correntes vitais entram e saem através do corpo, segundo leis pré-concebidas e executadas com inteligência e precisão”.
- “As sensações do mundo externo são acompanhadas de apetites, impulsos e paixões, que nascem de nós mesmos. Podemos satisfazê-los e dominá-los, pela nossa vontade livre”.
- “Quando este ser impulsivo, passional, que mora em nós, deseja algo, põe em marcha todo o organismo, para obtê-lo; mas, temos outro ser que raciocina e pode deter, livremente o impulso, ou deixá-lo seguir ao seu desejo. Será este ser judicioso e raciocinador, produto de secreções glandulares, como ensinam os materialistas, ou será um poder inerente a que chamamos Espírito? Como pode a matéria dar-nos o que ela não tem?”
- “A Lei da Trindade deve existir em tudo, par que haja manifestação”. Quando o homem deseja tocar piano, o cérebro se converte em instrumento do desejo, e ele ordena á mão para tocar. O cérebro representa o Espírito; a mão representa a Alma, e o piano, o corpo físico. Assim, podemos compreender que a Alma é o intermediário ou o Agente que une o Espírito à Matéria.
- “Deixemos a ciência seguir sua marcha lenta, e vamos explorar o desconhecido, adiantando-nos a ela”.
- “Dizem, ultimamente, que há 101 elementos químicos. Sejamos nós mais generosos e obsequiemo-lhes alguns mais, até chegarem a 144. Assim será sobrepassado o número atual”.
- “Olha teu corpo, e certifiques da verdade pelas diferentes radiações de seus elementos”.

Os dois contemplaram o milagre dos milagres e a maravilha das maravilhas: o corpo físico do homem. Ambos penetraram pouco a pouco em seus mistérios: olhavam e analisavam o funcionamento de seus órgãos, e observaram a causa e o efeito de cada movimento.

Estudaram os efeitos do medo, do ódio, do amor, da valentia, da fé, da incredulidade e de todas as emoções humanas.

Observaram a maravilha da dor, funcionamento como a sirene de alarme de nosso corpo. Perceberam a torrente de bilhões de glóbulos vermelhos no sangue, assim como, também, dos glóbulos brancos, que são a “força armada” do organismo. Apreciaram o “forno vivente e a calefação central do corpo”. Viram a maravilha dos sentidos, que são mais de 24, e não apenas cinco, como se diz atualmente, pois, em realidade há o sentido do calor, o sentido do frio, o sentido da radiação, o sentido do esforço muscular, que nos dá a sensação de profundidade, o sentido do medo que provém, em grande parte, do músculo cardíaco,

enquanto que o temor moral provém do cérebro; o sentido do equilíbrio, cujo assento é o labirinto do ouvido interno, e assim sucessivamente. Também compreenderam que o homem, ao perder a vista e o ouvido, pode chegar a ver e ouvir através dos dedos de sua mão. Descobriram o mistério do olfato e o enigma do ouvido, os quais, até o momento, nenhuma das teorias existentes conseguiu explicar o fenômeno por permanecerem no mistério.

Ao estudarem a estrutura do olho, o ser contempla e adora, em silêncio, o Poder que modelou este órgão assombroso. É uma maravilha pensar que nosso órgão da visão está construído de acordo com todas as leis da ótica. Está habilitado e formado de uma maneira quase perfeita e, ligado ao cérebro, que não só é assento das percepções físicas, como também, das correspondentes psíquicas e espirituais. E enfim, uma obra mestra de seu Inventor.

O cérebro, com seus quatorze mil milhões de células, é quem cria novos centros de cultura e madurez. A inteligência humana está sempre em evolução, e o há de continuar no futuro. Estudaram o cérebro em suas diferentes partes: diencéfalo, mesencéfalo, e as que continuam: telencéfalo, bulbo, protuberâncias, pedúnculos, cerebelo e, inclusive, a pituitária e a hipófises, que formam os centros diretores das funções corporais. A inteligência se predica no córtex ou na matéria gris, onde as diferentes funções estão localizadas em sítios determinados.

- “Sim – replicou a companheira – mas, está detida ainda em muitos aspectos”. Adiantou-se em certos ramos do saber, mas não na parte moral e espiritual. Não estamos aqui para julgar e, sim, para familiarizarmo-nos com o manejo do mundo da Alma.
- “Tu aspiraste o poder e o domínio. Buscaste a Magia e ainda praticaste algo de quiromancia, astrologia e demais sistemas de adivinhação, que te proporcionaram fama e honras. Acreditaste que assim chegarias a Super-Homem. Porém, concluístes que não és ninguém. Então, ao ver que não havias desenvolvido nada, deixastes de ser Mago e abandonastes o Ritual de Alta Magia, para consagrar-te a Taumaturgia”.
- “Tuas curas surpreendentes tiveram um pouco de exibições teatrais; já verás o que te espera por elas. Felizmente, tua bondade te salvará sempre. Deves deixar essas exibições e voltar ao mundo interno; ali, podes efetuar os chamados milagres, silenciosamente”.
- “Escute, Adonai, tu foste escolhido para tratar e curar alguns governantes do mundo. Surpreende-te? Pois é a verdade. Os Irmãos sabem que o enfermo absorve muitos átomos de seu Curador Espiritual e, por tal motivo, terás que tratar a vários Reis e chefes de estados, e cura-los de suas doenças”...
- “Agora vou te ensinar como se projeta o astral sobre os seres queridos ou necessitados. Isto é muito simples durante o sonho consciente. Agora deves aspirar, pensar e...

- “Olha, ali está uma tua doente. Notas como ficou alegre ao ver-te? Ela acredita que és um santo. Amanhã estará muito melhor”.

- “Esta é a melhor maneira de curar os pacientes; mas, sempre debes recordar que tu não és mais do que um canal, por onde flui a saúde que emana de Deus Íntimo”.
- “Neste estado, o homem crê que viaja de um lugar a outro, e a verdade é que o espaço não existe para o Espírito. Um “ano-luz” dos astrônomos não chega ser um milímetro de distância para um Espírito Ascendido e luminoso. Se o homem soubesse vibrar na tonalidade de Marte ou Júpiter estaria neles, instantaneamente, sem dar um só passo. É o mesmo que ao entrar em um quarto escuro, onde não se vê nada, e ao apertar um botão, o quarto todo se ilumina e tudo se vê claro”.
- “A parte visível do homem manifesta a parte invisível. Assim como no corpo físico circulam, invisivelmente, fluidos e células, fatores incessantes do organismo, também, na natureza invisível, circulam forças, seres e fatores incessantes desse plano”.
- “O mundo da Alma, chamado Astral, é o mundo intermediário; assemelha-se ao filme negativo da câmera fotográfica, nele, o negro se vê branco e vice-versa. O plano físico viria a ser de acordo com esta comparação, positivo. O negro do astral, igualmente se vê, no físico, como branco e o branco, negro”.
- “Em resumo: cada forma orgânica ou inorgânica, que se manifesta a nossos sentidos, é uma “fotografia em positivo” de uma idéia vinda de um artista criador, originário de um plano mais sutil ou superior, que o chamaremos plano de criação ou arquétipo. O negativo da mesma fotografia é o reflexo desta mesma idéia no mundo intermediário ou plano astral.
- “Nesse mundo de criação, acham-se todas as idéias e princípios primordiais, da mesma maneira que se acham, primeiramente, no cérebro do fotógrafo, as idéias do que pensa fazer, e que serão fotografias, cujos negativos reproduzirá logo em positivo. Desta maneira, teremos a compreensão clara de que, entre o plano superior e o mundo físico, existe sempre, o mundo intermediário, em que gravam as idéias – ordens do mundo arquétipo – e as realiza, ou melhor, manifesta logo na matéria. A Alma no mundo Astral, não só recebe idéias do mundo superior; tem também, outra propriedade: a de receber impressões do inferior ou físico. De modo que também o homem influi sobre este mundo intermediário e sensível. A idéia do homem assemelha-se à mente divina. Cria, em princípio, o que possa ser ou manifestar-se em forma de “negativo” no plano da Alma. Este “negativo” é pois o molde da imagem ou a idéia originada, primariamente, na mente do homem. Uma vez feito o molde, a criação Astral está terminada, e começa a manifestação da idéia humana no plano físico ou mundo visível”.
- “A idéia em forma astral agita-se sobre a matéria e dá nascimento à forma física. “E a terra estava vazia e o Espírito de Deus voava sobre as águas”, diz a Bíblia. Dito de outra maneira: o “negativo Astral” imprime-se sobre os átomos materiais e produz o “positivo físico”. Assim, o Astral ou Alma, como molde, reproduz exatamente no físico, o que o homem pensou ou concebeu em sua mente ou em seu coração. Essa reprodução negativa seguirá até que o mesmo pensamento a modifique”.
- “Os agentes do plano Astral, ou fluído criador, dos quais a Providência e os homens se valem para modificar seus moldes ou “negativos” astrais, são dois: os elementos e os elementários. Toda a manifestação visível é a realização de uma idéia invisível. Disto deduz que, na Natureza, existe uma hierarquia de seres psíquicos, que se assemelham à que se encontra no homem, em forma de diversos tipos celulares, os quais vão desde a célula óssea, epidérmica e muscular, até a nervosa. Por isto, se pode dizer que cada célula está composta de elementos vivos, inteligentes e diversos”.
- “Estes seres psíquicos que habitam na região das energias físico-químicas, são chamados elementais ou espíritos dos elementos, e forma eles que modelaram “a substância dos céus e da terra” tal qual diz a Bíblia. Pode-se, também, comparar aos glóbulos vermelhos e, sobretudo, aos leucócitos no sangue do homem”.

- “Os elementais são os que se movem nas camadas inferiores do plano Astral, em relação imediata com o corpo físico. Estes elementais obedecem, por carinho ou por medo, ao homem, na mesma forma que o fazem os animais domésticos, ou melhor ainda: tal como o soldado obedece ao seu general. O exorcismo os domina e as orações os atraem”.
- **“O Mago e o Sacerdote, pelas evocações, acumulam o magnetismo universal, no qual pululam os elementais, chamados Anjos pelas religiões, e os utilizam para o bem dos fiéis e do mundo”.**
- “Mas já temos aprendido muitas teorias. Devo ensinar-te a prática e o manejo neste mundo. Olhemos detidamente o mundo físico dos homens”.
Adonai perguntou:
- Por que a maioria dos vivos vai sempre acompanhada destes seres luminosos? Serão estes, os chamados anjos de guarda?
- “Efetivamente, às vezes são os Protetores Invisíveis. Aquela criança está acompanhada por sua mãe. Esse jovem está vigiado por sua amada. Este outro é guiado por seu Mestre; mas, às vezes... Olhe esta mulher: verifique como a perseguem vários homens. Com os quais teve relações ilícitas, vendendo o seu corpo”.
Adonai viu e sentiu que aqueles seres a banhavam com um fluido que se assemelhava à baba; enquanto que ela caminhava e irradiava uma chama de cor vermelha, coberta de fumaça da mesma cor. Às vezes ela sorria e outras, aborrecia-se. Sua figura transformava-se de acordo com seu estado de ânimo momentâneo. Ela caminhava e seu fluido contaminava a todos que se aproximavam. Vários homens a olharam e alguns, por seus desejos luxuriosos, foram banhados com seu miasma, e a seguiram.
- Não se pode fazer nada por ela?
- “Não, por enquanto, mas, se te interessa o caso, seguiremos o seu desenvolvimento até o final, para atender às suas conseqüências”.
- “Esta é a escola, do mundo da lama, e devem estudar seus resultados todos os iniciados, para aprenderem e, por sua vez, ensinarem, aos que queiram aprender, os dolorosos efeitos destas causas. – “Olha” :
A mulher continuava caminhando, mas, os tentáculos de seu fluido envolviam a dois homens que a seguiam. Um deles se deteve; sentiu como se alguém lhe falasse e ele escutasse; efetivamente, via-se a seu lado uma mulher bela e luminosa, que se acercava e lhe abraçava com ternura.
- “É sua amada – disse a companheira de Adonai – Ela o ama, mas ele busca outros gozos animais, que não atreve solicitá-los à mulher amada”.
Felizmente o homem pareceu-se capacitar, e voltou atrás. O outro a seguiu. Ela chegou a uma casa, abriu a porta, entrou e olhou ao seu seguidor, afim de convidá-lo que entrasse. Aparecia-se um espetáculo horrível: os seres astrais ou elementários, que acompanhava o par, puseram-se, pela excitação que o momento lhes produzia, num verdadeiro estado de loucura. Desesperavam-se; todos queriam apoderar-se da mulher. Porém, como não lhe era dão alcançar seus desejos, isto aumentava a desesperação, e exacerbava sua animalidade. Assim, tanto o homem como a mulher, ficaram envoltos em um verdadeiro mar de miasmas, enquanto que todas as entidades astrais apoderavam-se deles, e lhes insinuavam idéias cada vez mais luxuriosas e cheias de concupiscência.

O homem regressou à sua casa, envolto de viscosidade fatídica. Sua esposa saiu ao seu encontro e, com um sorriso nos lábios, procurou abraçá-lo e beijá-lo.

- Não, não! – gritou Adonai, sem dar-se conta de seu estado, nem do que dizia, ao ver que o homem envolvia e contaminava a mulher, com uma nuvem suja, ao abraçá-la e beijá-la.

- “É inútil – disse sua amiga. – Ainda não sabes manejar o pensamento neste mundo”!

A mulher, ao beijar o marido, notou algo estranho que não sabia compreender, nem definir. Era como se o beijo não fosse de seu esposo, e sim, de um estranho. Experimentou um desejo de satisfazer uma excitação vaga, que fervia no mais recôndito de sua mente e de suas entranhas. Sentiu ao mesmo tempo, uma espécie de repugnância pelo cônjuge e, sem saber porque, pensou em um amigo que a galanteara em outros tempos.

- “E depois perguntam os homens: Porquê minha mulher me traiu”? – disse a amiga de Adonai.

- Queres dizer que o próprio marido, coma s vibrações e fluidos corrompidos, corrompe a mulher?

- “Sem dúvida, embora pareça mentira”. – disse a amiga, e continuou:

- “Eu estou contigo para ensinar-te o manejo no mundo da Alma. Vejo que estás adiantado. Agora deves voltar ao corpo. Esperam-te trabalhos e dias muito duros”.

- Quero ver Astaruth!

- “Aconselho-te deixar isto para mais tarde”.

Cinco minutos mais depois, Adonai despertava e tratava de recordar o sonho, tal como foi ensinado; porém, muitas páginas ficaram em branco no arquivo da memória. O que foi relatado nos capítulos anteriores equivale, sem embargo, ao que o homem poderia recordar no total de seus pensamentos, palavras e atos, durante o dia.

Capítulo VII

O Duelo

Georgette, a praticante de medicina, teve o bom gosto de nascer em Paris!

Sim, nascida na “Cidade-Luz”, segundo o dizer de todos, e o autor não pode contradizer à “Vox-Populi”. Cresceu, até chegar a um metro e cinquenta e dois centímetros, estatura que haveria de conservar por toda a sua vida. Estudou em um colégio de Irmãs Religiosas, em seguida, em outros colégios laicos e, finalmente, ingressou na Universidade de Paris, onde

seu pai ocupava a cadeira de Psiquiatria. Estudou com muito proveito e era sempre felicitada pelos professores, segundo diziam os que se haviam graduado com ela.

Além de parisiense, a jovem era formosa e “chic”. Há mais ainda: era franca, demasiado franca, e sem muito escrúpulo, caráter adquirido pelo trato com o próprio pai e demais companheiros na Faculdade.

Georgette era daquelas virgens prometedoras, porque tudo nela era promessa: o olhar, o gesto, o sorriso, o piscar do olho, e até o fluído e o perfume tinham muito de entorpecedor e cativante.

Era difícil diagnosticar com que droga ou veneno de graça ela embriagava. Seu olhar envolvia, e seus olhos azuis escuros paralisaram a quem ela olhasse.

Os movimentos do corpo, quando não estava muito ocupada ou distraída, eram serpentinos e voluptuosos, que atam neles o mirar. Seus braços torneados, nem muito gordos e nem muito delgados, convidavam o amado a ser envolvido por eles, a dormir sobre o esquerdo para ser coberto com as carícias do direito.

Há mulheres que não são belas como Vênus de Milo, nem sequer são bonitas e, sem embargo, às vezes, tem um poder incalculável sobre os homens. Pois bem! O que diríamos das que, como Georgette, possuem formosura, simpatia, atração e inteligência que podem ser aproveitadas?

Naqueles tempos, depois da guerra de 1914, regia, como nos tempos atuais, esta filosofia:

“O amor tem toda a ciência; cria o que nenhuma ciência tem podido criar! A célula viva”.

No mundo nada vale. Só no sexo se pode alcançar a felicidade. Um beijo úmido de uma mulher amada vale por todas as ciências, que não puderam aumentar mais um ano em nossa existência.

Os gregos eram muito mais sábios, mais belos e mais civilizados do que nós, porque eles veneravam o falo e Vênus! Eles alcançaram uma civilização muito mais adiantada de que nós.

“O amor era, naquelas civilizações refinadas, um rito sagrado. Nunca infamava. O nu era expressão plástica da beleza”.

“O princípio de nossa moral é a folha de figo: a hipocrisia. O amor é a vida, é a perpetuação da espécie. Por quê considerar a doce melodia como vício e crime? Pois, e a obra imoral da hipocrisia de nossa moral”.

Esta era Georgette em corpo e alma, por dentro e por fora.

Quando Georgette conheceu Adonai, lhe prestou nenhuma atenção no princípio, mas, quando quis zombar dele, por ser libanês, e segundo ela, quem não fosse francês e parisiense, não merecia ser considerado homem civilizado, sentiu que Adonai era um osso duro de roer.

Quis perturbá-lo, por maio de sorna, chamando em seu auxílio todos os companheiros de aula, mas, todos se sentiram como se estivessem dando marrada em uma rocha.

O jovem libanês lhes afrontava, quando era necessário, para logo encerrar-se em si mesmo, depois de devolver o golpe por outro mais duro.

Georgette enfurecia-se cada vez mais, ante a imperturbabilidade do jovem.

O que fazer para dobrá-lo.

Adonai não tinha necessidade de sentir-se superior a seus companheiros de classe, mas, sentia que a ignorância deles afirmava e negava com temeridade e estupidez; por tal

motivo, tratou de isolar-se e afastar-se para não ganhar a inimizade de todos. Sem embargo, essa decisão não livrou o jovem dos ataques.

Como diminuir este homem? Pois bem, já se apresentou a ocasião.

Depois da visita aos enfermos, e depois, das curas instantâneas, Georgette encontrou a arma para expressar seu ódio, embora em seu coração sentisse admiração e invejasse aquele poder que ordenava e mandava nas enfermidades, e essas lhe obedeciam. Porém o ódio triunfou sobre a admiração, e a jovem acusou Adonai de praticar empirismo nos hospitais.

- Se voltares a praticar essas curas, serás expulso da Faculdade – ameaçaram-lhe os professores, no dia seguinte.
- Está bem – murmurou Adonai.

Georgette, às vezes, ardia em fogo de raiva e, também, de arrependimento. À noite não podia dormir e, quando conciliava o sono, sonhava com Adonai. O fenômeno é natural, segundo os psíquicos, porque os sonhos são repetições de nossos pensamentos e atos do dia. Mas, Georgette em sonho, sentia carinho por Adonai, ao invés de aversão e ódio.

Por fim, terminou o ano escolar e os estudantes estavam preocupados com os exames. Todos estavam destinados a ocupar cargos, exceto Adonai, que devia continuar como médico praticante no hospital, e Georgette, usando sua influência, assim o dispôs.

O único Professor amigo de Adonai, perguntou-lhe:

- O que há entre ti e Georgette e o seu pai? Por quê não lhe deram algum cargo?
- Adonai sorriu e respondeu:
- Porque não mereço o cargo, eis tudo.
 - Queres trabalhar comigo? Tudo o que é meu é teu. Não posso esquecer o que fizeste por mim.
 - Obrigado, muito obrigado, porém, ainda não tenho a “cartolina”; quando a receber, pensarei...

Adonai prestou, como os demais, um exame brilhante; todos ganharam a classificação de dez sobre dez, exceto ele, que obteve oito sobre dez. sem embargo, estava muito contente; logo ver-se-ia livre daquele ambiente, com a obtenção de seu diploma de médico.

Professores e ex-discípulos radiantes de alegria, pensavam em festejar o acontecimento. Caramba! Obter o Grau de Doutor em Medicina, depois de tantos anos de estudo, vale a pena celebrar com o festim de Babilônia e com uma embriaguez à Romana, no tempo da decadência.

Adonai não queria assistir, mas não podia evitá-lo.

Sentia que algo desagradável ia lhe suceder durante a festa, mas, às vezes não se pode evitar o mal, embora se lhe tenha previsto.

“Que festin que celui de Babilonne”

“de salón en salón de colonne en colonne.”

Disse um poeta francês no começo de seu poema: “Lê festin de Balchassar”.

Em um dos maiores salões de Paris realizavam-se o festejo mais soberbo da Faculdade de Medicina.

Mestres, discípulos e convidados chegavam com trajes elegantes e jóias preciosas.

As alegrias e as felicitações invadiam o salão. Os parentes dos graduados felicitavam-se uns aos outros. As jovens sorriam contentes à seus namorados. Muitos convidados estavam já alegres, de ânimo predisposto para beber e gozar a vida.

As mulheres desfilavam tais como aqueles manequins de moda, e o bom humor reinava em todo o ambiente.

Adonai não teve outra felicitação, a não ser, a de seu próprio Mestre e ex-enfermo, Dr. Renaud.

Georgette era a alma da festa; tomava champanhe como se fosse água. Todos os novos doutores estavam no apogeu da alegria. Começou a champagnada, em seguida, o conhaque e, desta forma, o álcool produziu o seu efeito nos cérebros dos presentes. Começaram os discursos dos professores e dos discípulos. Depois o baile.

Adonai estava sentado perto de uma velha condessa, que olhava com alegria os pares e, com mais satisfação, à sua neta Nina, que dançava com todos, e sorria de modo muito franco e contagioso.

Georgette dançava, porém, seus pés fraquejavam.

- Esta é minha neta – dizia a condessa de La Valse à Adonai – o baile muito lhe agrada. Por quê você não dança?
- Não estou disposto, senhora. Não me sinto bem.

Quis dizer mais alguma coisa à condessa, quando, chegou Georgette com seu companheiro de baile – um dos novos graduados e companheiros de estudo. Na classe, davam-lhe o apelido de “Touro”, por ser o mais robusto e lutava sempre dando golpes com a cabeça. Ai de quem recebesse um desses golpes.

Ambos estavam bêbados, e se detiveram ante a condessa e Adonai.

- Por quê você não dança? – inquiriu Georgette.
- Porque não sei dançar, senhorita.
- Não sabes dançar? – perguntou o “Touro”. – O que sabes fazer então?
- Olhar, observar.
- O que queres dizer com isto? – perguntou ele, e aproximou-se de Adonai.

Este, levantando-se de sua cadeira e replicou com calma:

- Estou falando em francês, meu amigo, e minhas palavras são bem claras.

Georgette sorria com satisfação pelo desenrolar dos acontecimentos e pelas suas conseqüências.

O “Touro” que já estava em frente do jovem libanês, disse-lhe:

- Teu amigo, libanês sujo!!!

E, ao dizer isto, lançou-se contra Adonai com a cabeça. Este sabendo de antemão que ia suceder, desviou-se do golpe com presteza. Com desequilíbrio do “Touro”, Adonai com a mente clara, fechou a mão esquerda e descarregou um golpe sobre o nariz do “Touro”, e dando-lhe um pontapé de meia tonelada sobre o traseiro. O “Touro”, devido à embriaguez em que se achava, rodou a três metros de distância, com o nariz sangrando.

A condessa deu um grito. Georgette proferiu uma maldição e um insulto. Todos os assistentes aproximaram-se, para saber o que havia acontecido.

- O que há, o que há?...
- Nada, senhores; este jovem insultou-me, avançou, contra mim e tive que dar-lhe uma resposta...

Georgette estava pálida de fúria. Olhava a Adonai como a hiena prestes a lançar-se sobre sua presa.

A condessa, aborrecida, resmungou:

- Este sem-vergonha merece muito mais por sua grosseria; ou pensa que, por estar ébrio, se deve tolerar sua estupidez?

Depois, olhou para Adonai e começou:

- Você fez muito bem, jovem. Sente-se aqui a meu lado; e vocês vão continuar a festa. Todos os presentes, aborrecidos pelo acontecimento, afastaram-se para continuar o baile, embora muitos deles tivessem perdido o entusiasmo para dançar.

Alguns amigos levaram o “Touro”, para lavar-lhe o rosto e limpar-lhe o sangue.

Momentos depois chegou Nina, e a avó apresentou:

- Esta é minha adorada neta; o senhor é...

- Adonai, para servi-la – disse o jovem...

- Você é Adonai?

- Em carne e osso. A senhorita já me conhecia?

- Sim, já ouvi falar de você, uma vez, mas, lhe acreditava de mais idade e um tipo diferente.

Adonai riu-se.

- Sinto muito pela decepção que lhe causei.

- Decepção? Não sei o que dizer.

- Nina era daquelas jovens que agradava sem prólogo nem apresentação. Um corpo fino e perfeito; cabelo meio ruivo e meio castanho, olhos verdes escuros, feições delicadas e bem proporcionadas. Havia aprendido muitos gestos de mimo encantadores. Tinha o espírito de artista, e se deixava amar por todos. Seu grande prazer era chamar a atenção e ser admirada e adorada. Em honra à verdade, declaramos que o coração da jovem era muito puro. Não lhe haviam chegado os amores.

Adonai a contemplava com prazer interno, mas, ao mesmo tempo, sentia uma inquietação oculta, enquanto a olhava.

Não soube a que atribuir essa sensação, por fim, disse para si próprio: “Nuvens de verão...”

E enquanto assim falava consigo mesmo, acercavam-se dele dois senhores, e um lhe perguntou:

- Podemos falar com você a sós?

- O que há, senhores? – perguntou a condessa.

- Nada, senhora, são amigos. Com sua licença, volta já.

Levantou-se e acompanhou aos dois cavalheiros; e, a uma prudente distância, lhes disse:

- Dá-me o cartão, e que escolha a arma que desejar.

Os dois ficaram perplexos.

Adonai continuou:

- Meu endereço é “Rue de la Paix”, nº... Ali podem liberar com meus padrinhos.

- E, ao dizer isto, voltou, sorridente, para onde a condessa e sua neta se encontravam.

Os assistentes não haviam recuperado toda a alegria devido ao incidente. Dançavam, porém, sem muito entusiasmo.

O “Touro” despertou-se de sua embriaguez e voltou a dançar com Georgette. Esta bailava quase inconscientemente, pois sua mente estava muito longe. Ela havia instigado o “Touro” contra Adonai, com a intenção de humilhá-lo; porém, tudo aconteceu ao contrário e, além disto, era ela a causadora de um duelo. Quem sabe, poderia morrer qualquer um dos dois, e ela seria a única culpada.

Que fazer? Não acreditava em Deus, para pedir sua ajuda, a fim de impedir o duelo. Sabia perfeitamente, que Adonai era o ofendido. Sem embargo, não poderia solicitar ao “Touro” que se desculpasse e, muito menos, rogar a Adonai que perdoasse ao agressor:

- “Deus, se é verdade que existes, ajuda-me!”

Queria chorar, mas não atrevia. Sob um pretexto qualquer, largou seu par e retirou-se ao “toalete”.

A tristeza contagia mais do que a alegria. Dois estavam tristes: Adonai e Georgette.

Adonai, com seu sorriso, apresentava uma alegria que estava muito longe de sentir. Sua tristeza interna contagiou à condessa e à neta. Estas, à meia-noite – fora de costume – despediram-se dos festejadores e saíram.

Cinco minutos depois, Adonai despediu-se de seu amigo, o professor, com um abraço e, dos demais, com uma inclinação de cabeça e com leve movimento da mão direita.

A maioria dos presentes condenava o “Touro” e, interiormente, à Georgette. Para cúmulo de sua decepção, a todos lhes havia passado o efeito do álcool, e não faltou quem dissesse: apesar dos gastos e preparativos, a festa foi um fracasso!...

Dois dias após.

Em um sábado à tarde. Os contendores tinham que encontrar-se com os padrinhos fora de Paris, a uma hora de viagem de trem.

Era num recanto rodeado de árvores, onde não havia perigo de serem molestados.

Às quatro da tarde de um formoso dia de Julho, achavam-se no ponto assinalado, porém, o que mais chamou a atenção de Adonai, foi a presença de Georgette, seu pai e o Dr. Renaud, além dos padrinhos.

Ao ver de longe, à jovem, sentiu fúria contra ela; mas ao acercar-se teve pena dela, quando contemplou sua palidez e o avermelhado de seus olhos. Não soube o motivo, nem quis sabê-lo.

Chegou, fez sua saudação com um riso nos lábios, e disse ao seu amigo, o Professor:

- Mestre, por quê o senhor está aqui?

- Vim ver meu discípulo e acompanhá-lo nestes momentos.

Todos os presentes olharam ao Dr. Renaud.

- Sim, senhor, devo minha vida a este jovem.

Um dos padrinhos acercou-se dos dois contendores, dizendo:

- Senhores, é bom ser tolerante e acertar pacificamente os assuntos. Faremos todo o possível, como homens de honra, para não chegar a um desenlace fatal.

O “Touro” ergueu a cabeça, franziu as sobrancelhas e não pronunciou uma palavra.

Adonai, porém sorriu e respondeu:

- Concordo inteiramente com o senhor, meu caro. Sem embargo, para não chegar a conseqüências fatais, não tenho nenhum inconveniente em pedir-lhe desculpas.

Todos os presentes olharam a Adonai de modo depreciativo, por acreditarem ser ele um covarde, e que não se atrevia a afrontar um duelo.

Adonai sentiu o sangue subir-lhe à cabeça e seu coração bater com rapidez e força. Enquanto reinava um vergonhoso silêncio, levantou a fronte e, com frases cheias de veneno, disse:

- Como são estúpidos os homens! Crêem que a bondade é covardia e que a mansidão é debilidade! Pois, escutem: há seres que vêm à vida para completar um número, e outros, para cumprir uma missão. Senhores, eu vim para cumprir um objetivo, e nem um fio de meu cabelo será atingido, antes de terminá-la. De antemão lhes digo que este pavão real – dirigiu-se ao “Touro” – não vai me tocar com suas balas, enquanto que sua vida está em minhas mãos; ou lhe mato ou lhe inutilizo essa mão que quis fazer-me dano. Não querem crer? Pois, vou certificar-lhes.

E, neste momento, Adonai tirou do bolso um revólver, pegou-o com a mão direita e, com a esquerda, agarrou uma caixa de fósforos, e a lançou ao ar; com uma rapidez incrível, começou a disparar contra a caixa; as balas a perfuravam e lançavam mais alto ainda; ao quarto disparo, incendiaram-se os fósforos; viu-se uma chama e um pouco de fumaça.

Os assistentes não se atreviam a mover-se.

Adonai recolocou no bolso e disse:

- Com minha primeira bala disporei da sua vida. Senhores, estou às suas ordens. Os padrinhos não se moveram. O “Touro” estava pálido. Não se sabia se era de medo ou sugestão.

O Professor Renaud estava satisfeito e alegre, porque seu amigo Adonai não corria perigo.

Reinava um silêncio sepulcral. Ninguém dizia algo; nesse angustioso momento, Georgette correu, chorando, e se deteve ante Adonai, que estava em seu posto, como se fora o “anjo da morte”, e rogou-lhe:

- Eu peço perdão por ele.

- E por ti, senhorita, quem pedirá perdão?

A jovem não respondeu, mas, Adonai continuou:

- Se tu lhe amas tanto, eu te presenteio sua insignificante vida.

Voltou-se para os padrinhos:

- Senhores, novamente peço perdão a este senhor, e rogo-lhe que aceite minhas desculpas, porque é mil vezes melhor humilhar-se, do que carregar, durante toda a vida, uma consciência manchada de sangue.

Naquele momento, o “Touro” correu e gritou:

- Eu te peço perdão, posto que sou o único culpado.

E, ao dizer isto, apresentou sua mão à Adonai, que a estreitou e disse sorridente:

- Ambos somos culpados; mas deixemos isto agora. Tenho que chegar cedo à Paris, porque estou convidado para a Ópera. O senhor quer acompanhar-me, Mestre Renaud?

- Não, filho, eu volto com meus companheiros.

- Então, adeus a todos, e muito obrigado por tudo.

CAPÍTULO VIII

Isto é o que chamam destino?

A qualquer dia de Janeiro, horroroso pelo seu frio, em Paris, Adonai despertou-se e, por preguiça, não quis abandonar a cama.

- Este frio morde com dentes de serrote, se diz.
- Hoje é domingo, e não tenho motivos para levantar-me cedo. Perguntarei, mais tarde, pela enferma; não há outros casos de gravidade e vou dormir mais um lapso. Mas, Adonai não conseguiu voltar a conciliar o sono.

Enquanto que, em uma hora antes deste solilóquio, escutava-se, em outra parte, uma conversa:

- Georgette, minha filha, suplico-te: o que podemos fazer por Nina? Chama teu pai, para que ele a atenda, contigo e com os demais médicos.
- Não, minha senhora, meu pai não tem nada que fazer neste caso. Qualquer outro médico será melhor do que meu pai, pois ele se dedica, somente, a curar loucos, e não, aos nervosos e neurastênicos, como é o caso da querida Nina.
- Procure outro médico, Georgette, outro que possa acertar com a causa.
- Já acertamos com o diagnóstico, mas, é o remédio que se nos escapa das mãos.
- Ai, que desgraçada que sou, Georgette!
- Talvez, o único médico que possa fazer alguma coisa por Nina, seja Adonai; mas, eu não me atrevo a chamá-lo nem a afrontá-lo.
- Adonai? Recordo-me deste nome. Onde? Quando?
- É o que, no salão, golpeou o jovem, durante a festa de colação de grau.
- Ah, ah, agora recordo-me; mas, ele poderá curar Nina? Então, eu mesma irei vê-lo.
- Não sei se poderá curá-la, mas, posso jurar que praticou diante de mim algumas curas quase milagrosas.
- Vamos vê-lo agora mesmo.
- Temos que nos certificar se ainda mora na mesma casa de antes.

O telefone tocou.

- Quem será o impertinente, assim tão cedo, disse Adonai. Tomou o fone com impaciência: - Fale! Ouviu uma voz de mulher, que perguntou:
 - Falo com o Dr. Adonai?
 - Sim, com o filho de minha mãe.
 - A voz riu.
 - Um momento, a Condessa vai falar.
 - Condessa? Que Condessa é esta? Está enganada. Mas, naquele momento ouviu outra voz, que dizia:
 - Sou eu, doutor, a Condessa de la Valse; Nina está doente...
 - O que posso fazer por Nina? Sinto muito, senhora; eu atendo no hospital, não tenho consultório.
 - Seja bom; venha vê-la, mesmo que seja uma vez.

- Não se trata de bondade, senhora, mas de curar uma enferma e... – interrompeu-se a ligação.
- Fiz muito mal – pensou Adonai, - devia ter consolado à Condessa. Mas... ela é muito rica e pode consultar aos melhores facultativos de Paris. Quem lhe terá dado meu endereço? Já estou-me tornando famoso?

Meses haviam se passado; Adonai sentia-se asfixiado com a atmosfera e o ambiente de Paris; não voltou a encontrar-se com nenhum de seus companheiros de estudo. Uma só vez viu Georgette no hospital, e fugiu dela. Aquela mulher lhe perseguiu até o fim. Saiu da Faculdade e não lhe deram um cargo, como foi dado aos demais, por este motivo tinha que trabalhar como ajudante, para poder manter-se, o que conseguia com muita dificuldade.

Não tinha dinheiro para abrir um consultório.

Adonai visitou todas as sociedades secretas espiritualistas estabelecidas em Paris, que eram muitas. Mas, em uma só delas encontrou as condições requeridas, para ser um bom centro de Iniciação.

Muitos acreditavam-se clarividentes, magos, taumaturgos, e se intitulavam Mestres.

Já haviam desaparecido os verdadeiros Mestres, como Eliphas Levy, Papus, Stanislau de Guaita, Saint Yves d'Aveydre e outros. Henri Durville continuava a escola de seu pai.

Os três ritos da Maçonaria trabalhavam em França: a Maçonaria do Rito Escocês, a de Memphis Misraim e do Direito Humano, com outras Lojas mais.

- Não, não, este ambiente não é para mim. Não posso adaptar-me a ele, dizia a si próprio.

Seus irmãos e amigos, nas duas Américas, lhe escreviam que não devia perder a vida com tantos estudos. Fulano, em dois anos, já possuía cinco mil dólares; outro ganhou dez mil, enquanto que outro já é proprietário de uma fazenda. Todos se enriqueciam, e ele não tinha nem para suas necessidades.

O mundo gira em volta do dinheiro e ao redor do sol.

- Mas, esta velha Condessa perturbou-me o ânimo, com sua voz dolorosa e entrecortada. Eu devia perguntar-lhe, embora por educação, o que se passa com Nina. Esta preocupação afugentou de sua mente a idéia do frio; sentou e começou a vestir-se. Queria acender sua pequena cozinha, para preparar o café e fumar um cigarro.

Enquanto isso, em outra parte da cidade, a Condessa dizia a Georgette:

- Que homem tão desumano; não quis atender-me.
- Não, Condessa, não se equivoque; levante-se e vamos surpreendê-lo em sua casa. Verá como se torna tão manso diante da senhora.

As duas deixaram a paciente com a enfermeira, tomaram um automóvel e dirigiram-se à casa de Adonai.

O jovem tomava a segunda xícara de café e fumava. Não podia tirar do ouvido a voz da velha Condessa.

Levantou, deu uns passos pelo quarto, olhou pela janela. A Natureza triste chorava, talvez, a perda de um ser querido; o céu estava escuro e as nuvens carregadas...

Uma voz dizia: "Nina está doente".

- Oh! Que tenho eu que ver com Nina? – gritou ele.

A voz repetia: "Nina está enferma".

- Bendita seja minha sorte! Vamos ver o que tem esta Nina.

Neste momento, bateram a porta. E ele, sem saber porque, gritou:

- Já vou, senhora Condessa.

E, ao abrir a porta, encontrou a Condessa diante dele.

O jovem ficou perplexo, enquanto que a visita lhe dizia:

- O que é isto, doutor? Adivinha sempre as pessoas que vêm lhe visitar, antes de abrir a porta?

Georgette entrou depois da anciã.

Adonai, sem saber o que fazia, murmurou:

- Vamos ver sua neta, senhora, já me perturbou bastante.

- Eu? Como?

- Vamos, agora não é hora para explicações... – Têm o carro, não é assim?

- Sim, vamos, - disse a anciã, e deu o braço ao médico.

Havia dois meses, Nina tinha perdido completamente o apetite, o sono e a alegria. Não queria ver ninguém e, até a luz do dia lhe molestava. A medicina, nestes casos, tem seus métodos: soporíferos, para forçar o enfermo a dormir; obrigá-lo a engolir alimento; passeios ao ar livre e, por acréscimo: conselhos ao doente para que desenvolva sua força de vontade... Mas, o resultado é sempre o inverso: os hipnóticos intoxicam; o estômago devolve a maior parte dos alimentos; Paris, no inverno, e nem em outra estação, tem ar puro, e, por último, a força de vontade do enfermo consistia em não sair do quarto e em não querer ver ninguém; tampouco agüentava o sol.

A jovem estava na cama com o olhar cravado na obscuridade da parede, como se estivesse vendo visões.

Adonai entrou. Pediu à enfermeira para deixá-lo a sós com a paciente.

Depois de contemplar a enferma por um momento, lhe perguntou:

- Nina, recorda-se de Adonai?

A jovem, ao ouvir esta voz estranha, olhou seu interlocutor com centelhas de luz nos olhos; sorriu, mas, não falou.

Adonai sentou-se a seu lado, tomou-lhe as duas mãos pelas munhecas e, depois de olhar-lhe os olhos, disse:

- Aposto que você não se lembra onde nós nos conhecemos.

Olhou-lhe com atenção, sorriu dizendo:

- Sim, lembro-me quando você lançou por terra aquele antipático.
 - Que boa memória você tem! Mas, olhe-me, esqueci-me de perguntar-lhe porque está na cama. Está doente?
- E, ao dizer-lhe isto, começou a acariciar-lhe a cabeça, a fronte e continuou:
- Não há febre. Tudo está normal. Mostre-me a língua.
- Ela, obediente como uma criança, mostrou a língua, que estava coberta de uma camada branca, sinal de que seu estômago estava vazio a muito tempo.

Adonai perguntou-lhe:

- O que é isto, Nina? Você está jejuando, ou está fazendo greve de fome?
- Ela riu e disse:
- Pelo menos, você não é fofo como os demais.
 - Como?
 - Sim, você não é vazio. E, ao dizer isto, rompeu em choro.
- O jovem fez-lhe inclinar a cabeça sobre o braço e deixou que ela chorasse à vontade, porque sabia que o pranto a aliviava.

Depois de um momento, Adonai segredou:

- Ainda não tomei meu desjejum. Permite-me que peça para nós dois?
- Não, eu não tenho fome.
- Bom; então não é necessário. Eu também posso passar sem comer agora.
- Não, não, rogo-lhe. Bem, peça para dois; farei um esforço.

Após ter tomado um copo de leite com um pedaço de pão torrado, confessou:

- Não posso dormir.
- Não se preocupe; de hoje em diante você vai dormir como um tronco.
- Tenho muitas coisas que contar-lhe, mas, agora não posso.
- Não importa, amanhã será outro dia. Agora tem que dormir, para recuperar as forças.
- Faz-me o favor, então, de apanhar este tubo que está sobre a mesa.
- O que há neste tubo? – perguntou Adonai, ao mesmo tempo em que lia seu rótulo e, jogando-o a um canto do quarto, continuou:
- Busca o sono com soporíferos? Não, meu amor; de hoje em diante, você vai dormir de uma maneira natural; deita!

A jovem obedeceu, e, depois de quarenta minutos, dormia o sono dos justos.

Adonai, fatigado, a deixou e saiu ao salão, onde lhe esperavam as três mulheres, e disse à avó:

- Condessa, sua Nina está salva. Ela dormirá vinte e quatro horas, isto é, até amanhã. Que ninguém a incomode.

A Condessa pôs-se a chorar. Georgette baixou o olhar, enquanto que a enfermeira, perplexa, olhava Adonai.

Adonai continuou:

- E se os médicos vierem, tampouco deverão incomodá-la. Entendido?
 - Sim, disse a Condessa; mas, fique hoje conosco.
 - Não, senhora, tenho que ir ao hospital ver uma doente.
 - E trabalha, também, aos domingos?
 - O que se vai fazer, senhora, se há pessoas que têm o mau gosto de adoecerem aos domingos. Não tem direito. Não é assim?
- E, ao dizer isto, Adonai riu com as mulheres.

- Vem esta tarde?
- Não é preciso. Virei amanhã.

- Emmmmmm... Vovó, que horas são? – disse Nina, espreguiçando-se.
- São nove horas, minha filha.
- Como, então, não dormi nada?
- Adonai, aproximou-se e ordenando:
Levanta-se, preguiçosa, o jejum nos espera.
- Nina olhou-o surpreendida, mas, ele continuou:
Sim, sim, você dormiu vinte e quatro horas e quinze minutos. Agora, vamos comer; eu tenho fome.
- A jovem saltou do leito e começou a cantar; quis dançar, mas as pernas, ainda débeis, não lhe permitiram.
- Ah, que linda é a vida! Não é Georgette?
- A interpelada correu a abraçar-lhe e aconselhou:
Não deves fatigar-se assim, querida.
- Tenho fome.
- Oito dias passados, Nina estava completamente boa, mas, seguiu-lhe, então, uma nova mania: já não queria que Adonai abandonasse a casa.
- O jovem médico julgou que o motivo daquele apego era o magnetismo, e que Nina era como uma de tantas outras, que se enamoram de seu Curador.
- Você tem que dormir esta noite aqui; dar-lhe-ei meu quarto preferido, o número sete. Estou doente e não pode deixar-me.
- Isto é mimo; você está curada e eu tenho que ir-me, porque já não me necessitam aqui.
- Não, não me abandone.
- Voltarei amanhã.
- E se despediu.

- Nina chorou aquela noite, e seu sono não foi tranqüilo.
Novamente a avó começou a intranqüilizar-se pela saúde da neta.
Quando Adonai, no dia seguinte, percebeu a desmelhora da enferma, perguntou:
- O que aconteceu?
 - Ninguém respondeu.
 - O que você tem, Nina? Por quê estão inchados os seus olhos?
 - Nina não falou, mas a avó suplicou:
Adonai, faça-nos o favor de acompanhar-nos um mês mais, até o completo restabelecimento de minha neta.
 - Adonai, ao ouvir as palavras da avó, não soube o que responder, nem a que atribuir aquela mudança, e perguntou:
O que sucede a você, Nina?
 - Nina, ao escutar a pergunta, correu a ele e disse:

- Você tem que curar-me de todas as minhas doenças, e, se não vem morar conosco, nós iremos viver com você, em sua habitação.
- Adonai contemplou o quadro em sua mente: a Condessa e sua neta com ele, em sua habitação, e pôs-se a rir de uma maneira estrepitosa. A Condessa perguntou-o:
- Por quê se ri?
 - Ao imaginar ambas em meu quarto, - respondeu Adonai.
- Todos riram. A Condessa murmurou:
- Nós não te perguntamos o quanto te devemos, porque, o que fizeste por nós, não se pode pagar com dinheiro; mas, se me permites insinuar: são suficientes vinte mil francos?
- Adonai, ao ouvir aquilo, sentiu que lhe faltava o ar e que o coração deixava de palpitar. A mente humana é a obra mais maravilhosa da divindade do homem.
- Em cinco segundos, Adonai traçou milhares de planos: com vinte mil francos, comprarei isto e isto; terei novas roupas; comerei em restaurantes melhores (porque sua alimentação era deficiente), e, por último, uma passagem segura para a América, país da liberdade e do trabalho.
- Pois, sim, neste lapso de tempo, planejou tudo e, com um sorriso nos lábios, respondeu:
- A senhora é muito generosa, Condessa; sim, são suficientes.
 - E depois, cada dia de permanência em nossa casa, terás mil francos.
 - É demasiado, Condessa.
 - Bem, te daremos trinta mil francos, quando Nina estiver completamente curada.
 - Aceito, com uma condição: virei aqui nas horas disponíveis e, se Nina, após certo tempo, e estando curada, não quiser se livrar de mim, eu terei o direito de livrar-me dela.
- Adonai sentiu-se triste, sem saber o porque. O que estará o destino tramando contra ele?
- Aqui tens um cheque de trinta mil francos, em teu nome.
- Adonai recebeu o cheque e, sem olhá-lo, o dobrou e o colocou na carteira. Estava triste e contente ao mesmo tempo. O cheque era um instrumento que rompia suas cadeias; mas, acaso temos somente cadeias físicas? Não há outras mais fortes e invisíveis?.....

CAPÍTULO IX

A sós

- Amaste alguma vez, Adonai? – perguntou-lhe Nina.
 - Por quê falar de tolices? – respondeu o jovem.
 - Qualificas o amor como tolice?
 - E o que mais pode ser, com os jovens de nossa época?
 - Crês que eu não sei amar?
 - Tu és a que menos sabes amar.
- Nina ficou pensativa um momento, e acrescentou:
- Quisera saber por quê dizes isto.

- Se eu fora teu amado, te diria; mas, como não o sou, não posso dizer-te nada.
 - Suponhamos que somos namorados.
 - Não, Nina, entre tu e eu há um precipício infranqueável: nem tu podes vir a mim, nem eu posso ir a ti; não nos é possível fazer tal suposição.
 - Nina calou-se com tristeza. Adonai teve pena dela quis aliviar a situação e perguntou: O que é feito de teu amigo, o Visconde?
 - Nina ruborizou-se e nada falou.
 - O amas muito.
 - Se queres que te diga a verdade, respondo que sim.
 - Pois bem, se queres que ele corresponda a teu amor, não deves prender-se muito em seus lábios.
- A jovem tremeu, e acreditou, talvez, que Adonai estivesse lendo seus pensamentos.

Ele continuou:

- Se queres segurá-lo, trata de despertar nele o ciúme; porque é ele um jovem soberbo, que crê possuir a chave mágica para abrir todos os corações femininos.
 - Sinto que não gostas de Visconde.
- Adonai limitou-se a sorrir.

A curiosidade e o ciúme despertaram-se no coração de Nina, ao contemplar o sorriso de Adonai. É coisa muito natural que a amante se alegre e sofra pelo que se refere à seu amado. Perguntou em tom cálido:

- Por quê lhe tens essa aversão? Tens algum motivo contra ele?
 - Adonai a contemplou sorrindo. Respondeu em tom calmo: Aversão? Pois, às vezes, tens certas expressões tolas. Eu, ter aversão a ele? Busca a palavra exata e digas melhor: indiferença, com letras maiúsculas.
 - A jovem pensou um pouco e murmurou: Eu queria perguntar-te se deveria casar-me com ele; mas, agora, já sei antecipadamente, a resposta e não há mais razão para a consulta.
 - Estás muito equivocada! Tu pediste o meu parecer sobre um indivíduo, isto nada tem que ver com o teu próprio sentir. Vamos analisar as coisas com imparcialidade:
 - 1º: Ele te falou em casamento?
 - Não, mas, é fato sabido por todos.
 - Adonai sorriu e continuou:
 - 2º: Ele te ama tanto, como tu a ele? Não te convidou a levar-te ao campo ou a seu aposento?
 - Seguramente. Mas, que tem isto?
 - Nada, - disse Adonai sarcástico.
 - 3º: dedica-te ele a maior parte de seu tempo, durante as reuniões sociais!
 - Mas, Adonai! Um homem como ele, tão conhecido, como pode dedicar-se a mim exclusivamente? Não vês que estamos em Paris?
- Adonai, ao ver a cegueira de amor, não quis perguntar nada mais e, contentou-se em

dizer:

- Neste caso, podes casar-te com ele.
- Nina, verificando que a retirada de Adonai era suspeitosa e rara, falou-lhe de supetão: Se tivesses uma irmã, não a casarias com o Visconde de Vitrée!
- Simplesmente, não.
- Nina ficou decepcionada. Para ela, a opinião de Adonai era de muito valor.
- Adonai, como se lesse os pensamentos de Nina, conjeturou: Porque a mulher do Visconde seria a mais desgraçada das esposas. Vocês, as jovens ocidentais e, sobretudo, as francesas, não fazem caso dessas pequenezas. O marido vai com outra mulher? É uma coisa corrente. A mulher com outro homem? Esse é o

costume. Vocês são, ou muito boas, ou muito estúpidas, porque não lhes importa a traição do cônjuge.

- Não senhor, eu sou mulher muito zelosa, e o que é meu, deve ser exclusivamente meu.
 - Se é assim, aconselho-te a não desposar o Visconde, porque ele se vende a cada momento, e muito barato.
- Nina pôs-se a chorar.

Decorridos dois dias, Nina perguntou a Georgette:

- Tu que conheces bem Adonai, podes dizer-me algo dele e de sua vida? Há um mês está conosco, e ainda não pude entender este homem.
- Georgette ficou pensativa um instante, e respondeu em tom um pouco triste:
- Quem pode decifrar esta esfinge? Mas, porquê me perguntas dele? Acaso tu o amas?
 - Oh, Georgette, isto é ridículo!
 - E tu Nina, não sejas tola. Há algo em teu íntimo que te fala dele e tu não sabes o que é. Sem embargo, dou-te um conselho de irmã: se amas a Adonai, ama-o completamente. Vai-te ao centro, não Andes, tontamente, de um amor a outro; porque, assim te queimarás, estupidamente, e teus sofrimentos serão horríveis. Mas, se não o amas, debes despedi-lo o mais rápido possível e...

Georgette calou-se, e as comissuras de seus lábios revelaram uma profunda preocupação.

Nina, perplexa pelo que havia ouvido de sua amiga, não soube a que atribuir aqueles conselhos e, depois de contemplar detidamente a companheira, disse-lhe:

- Não sei o que te passa; perguntei-te de Adonai, porque, há dois dias, pedi o parecer dele a respeito do Visconde e, ele zombou de meu amor e me falou em termos muito duros.
- Georgette olhou para Nina e guardou silêncio.
- Por quê não me dizes algo?
 - O que vou te dizer? Adonai deve ter suas razões para não formar bons conceitos do Visconde. Por que não o perguntaste?
 - Perguntei-o, e ele me disse que o Visconde vende-se barato, e a cada momento e outras coisas mais duras.
 - Emmm...: Não sei porque falou isto; mas, se estes são seus conceitos, ele deve ter suas razões. Os homens conhecem-se bem, assim como as mulheres se conhecem entre si.

As duas jovens ficaram pensativas por um momento. Georgette continuou:

- Adonai te curou e agora te considera como sua obra. Seu procedimento deve ter uma de duas razões: ou ele te ama e, por zelo, não quer que ninguém se aproxime de ti, ou ele te considera como algo seu, que salvou de um perigo, e teme que sejas maculada pela companhia de seres indesejáveis. Falou-te alguma vez de amor?
 - Nunca; ao contrário, ele me disse, ontem, que entre nós há um abismo intransponível... Mas... Em momentos... Sinto uma ternura em seu olhar, e várias vezes tive a intenção de lançar-me em seus braços e entregar-me a ele.
- Georgette riu, e em tom picaresco advertiu a companheira:
- Estás enamorada de teu médico, sem o saber; ou... não quiseste sabê-lo.

- Não, não, eu amo a Armando, e a ninguém mais posso amar.
 - Está bem, posso estar enganada.
 - Diga-me Georgette: O que há entre tu e Adonai? Por quê não se aproxima mais dele? Por quê se tratam como simples conhecidos? Ele te feriu alguma vez?
 - És muito curiosa, menina; mas vou satisfazer tua curiosidade. Existem certos seres no mundo que podem se bons, mas, por desgraça, não podem esquecer uma ofensa, e Adonai é um deles. Atualmente, este homem não tem fé na amizade dos homens e nem no amor das mulheres. A humanidade, para ele, é uma inimiga amada. Eu não acreditava na existência de Deus, mas, Adonai, obrigou-me a crer. O que dizer mais, Nina. Adonai nos confundiu, a todos, e saiu ileso de nossos ataques.
 - Georgette! – gritou Nina, - tu amas a Adonai.
 - Meu caso com Adonai é único em seu gênero: eu o amo até o ódio e o odeio até o amor. Pois bem, este é o meu caso com ele. Zombei dele no princípio e, quando o vi imperturbável, o odiei e fiz tudo o que estava ao meu alcance para diminuí-lo e arrastá-lo aos meus pés. Eu o deixei sem emprego; eu o vi, às vezes, em estado calamitoso, por falta de recursos. Ele, porém, seguia com a fronte alta, como um general que volta triunfante da guerra... Meu ódio aumentou, porque comecei a amá-lo. Instiguei contra ele o ódio de meus amigos e companheiros; induzi o “Touro”, para que lhe desse uma surra e o humilhasse publicamente; mas, as coisas saíram ao revés, e tive que humilhar-me ante a ele e pedir-lhe perdão para salvar a vida do “Touro” de uma morte certa. E sabes o que ele me fez naquele momento? Pois, cravou-me um dardo em meu coração, dizendo-me: “E, por ti, quem pede perdão? Pois bem, se o amas tanto, eu te presenteio sua vida insignificante”.
- Aquele relato de Georgette realizou um efeito estranho na mente de Nina.
- Por quê a jovem sentiu-se triste? Por quê sua vista ficou cravada em um ponto fixo?
- As palavras de Georgette despertaram nela algo adormecido. Os psicólogos têm analisado este sentimento humano, dando-se conta como sucedem estes fenômenos.
- Ao assistir uma exibição cinematográfica, a maioria dos assistentes se identificam com o herói do filme e muitos se sugestionam até o extremo de querer imitá-lo em todos os seus atos.
- Em árabe há um verso que diz: “a miúdo o ouvido se enamora antes do que o olho”.
- Pois bem. Nina, ao ouvir as elogiosas frases de Georgette a respeito de Adonai, sentiu que algo se desgarrou de seu coração e ficaram a descoberto muitos sentimentos ocultos. Aquilo seria amor? Ela não podia compreender. Era algo novo que se despertou? Não, isto não podia ser amor por Adonai, porque ela ama ao Visconde Armando de Vitree. Mas, enfim, o que seria? Ela não o sabia. Também não o sabemos, e devemos esperar o desenrolar dos acontecimentos.

- Minha querida, quanto tempo sem ver-te!
- Quando voltaste, Armando?
- Fazem três dias, e estava para telefonar-te; mas, tive tantas ocupações, que não quis avisar-te de minha chegada antes de desocupar-me e poder dedicar-me a ti. Como está tua avó?
- Ela está bem. Ontem à noite, estávamos te recordando.
- Que boa és, meu amor! À noite estive ceando com o Ministro da Guerra.
- Ah! E como está Lili?
- Ela perguntou-me por ti; é uma criatura adorável.

- Sem dúvida, - disse Nina pensativa.
- Mas por quê estamos de pé. Entremos em um Bar, ou se queres, vamos ao meu apartamento, que está muito perto daqui.
- Nina recordou-se das palavras de Adonai; olhou a seu amado e disse sorrindo:
- Várias vezes me convidaste para ir à tua casa; o que há nela? Eu quisera saber, - disse a jovem com segunda intenção.
- Meu amor, em minha casa há comodidade, tranqüilidade e alegria.
- Estou tentada em aceitar teu convite.
- Vamos! Vamos! E verás que felizes estaremos nela!
- Dez minutos mais tarde, Nina estava sentada, comodamente, em uma poltrona, enquanto que Armando, cheio de júbilo, movia a garrafa de champanhe no gelo.
- Este deve ser o nosso ninho, meu amor. Devemos vir aqui com freqüência.
- Nina sentiu uma espécie de angústia e, sem saber porque, pensou em Adonai. A mente do Visconde foi golpeada com o mesmo nome e, pensando nele, perguntou:
- O libanês continua em tua casa?
- Nina assustou-se, ao ouvir a pergunta, achou rara a coincidência dos pensamentos, e respondeu:
- Sim, está conosco, nos poucos momentos disponíveis.
- E até quando vai continuar assim?
- Por quê me perguntas isto?
- Não posso tolerar este homem.
- Mas, por quê, Armando? O que te fez ele?
- Nada, nada... Simplesmente antipatia... Mas, deixemos este assunto, e agora vamos beber por nosso amor.
- Nina preocupada, tomou o conteúdo da taça, como se tomasse água, sem saboreá-lo.
- O Visconde sentou-se perto da jovem, abraçou-a com a esquerda e estampou em seus lábios um beijo sufocante, enquanto que sua mão direita passava na sua formosa cabeleira. Nina correspondeu ao beijo ardente; mas ao fechar os olhos ouviu Adonai dizer: Não deves prender-te muito em seus lábios.
- Ela tremeu e retirou-se com suavidade.
- Armando acreditou que o tremor era motivado pelo excesso de paixão e excitação; então encheu novamente as taças e brindou pelo amor.
- Nina sentia-se enlouquecer, mas triunfou nela o pudor, e ao mesmo tempo, pensou em aclarar sua situação com Armando.
- De novo, beijaram-se com fervor, e o Visconde começou a palpar os seios virgens da jovem.
- Nina sentia-se enlouquecer, mas triunfou nela o pudor, e retirou-se com um gesto algo brusco.
- Afasta-te um pouco, Armando, e falemos.
- De que vamos falar, Nina? Acaso, o amor, não é a linguagem mais sublime?
- Seguramente; mas, quisera saber quando nos casaremos?
- O quê? Acaso nestes momentos não somos um do outro? Há tempo suficiente para pensar no outro casamento. Hoje não devemos pensar, senão em nossa felicidade. Tomemos a taça em louvor a ela.
- Nina não quis tomar, mas, ele insistiu com beijos e promessas.
- Ela tomou, porém, em seguida, pôs-se de pé, dizendo:
- Tenho que ir-me.
- Como?
- Sim, devo ir-me.
- Tu não vais em parte alguma, meu amor, vem aos braços de teu querido... e ao dizer isto, quis abraçá-la, porém, ela retrocedeu.

O Visconde percebeu que seu procedimento afugentou a presa. Deteve-se um instante e a seguir comentou:

- Não sei porque, meu amor, te portas assim. Se queres ir, vamos.
- Sim, tenho que sair, minha avó espera-me.
- Como queira, vamos.

O jovem arrependeu-se de sua precipitação para com a amada e, na espera de outra ocasião melhor, pôs seu chapéu, abriu a porta e saiu depois dela.

Na rua tomaram um carro que conduziu a jovem à sua casa. O Visconde despediu-se, não quis subir, prometeu voltar outro dia.

Nina foi diretamente ao seu quarto. Queria chorar, a cama é o melhor acolhedor das lágrimas.

Ela estava confusa. Sua mente não podia esclarecer nada da situação. Ela ama, ela adora o Visconde; mas, por quê ele a tratou como a uma amante vulgar? Teria ele a intenção descabelada de desonrá-la e fazer dela um instrumento de sua paixão?

Não, ela não podia acreditar nisto; mas, já a dúvida começou a estender seus tentáculos no coração da jovem.

“O Visconde vende-se barato” – disse Adonai. O que quis dizer com isto?

“Estou confusa, nunca posso crer que Armando deixe de me amar honestamente; mas... Meu Deus! Não é o que fez que me espanta, porém a maneira como o fez. Eu sentia que estava perto de um animal, e não de um ser humano”.

Sem embargo, posso estar equivocada. “Não te convidou ele a ir ao seu apartamento? – Perguntou, há dias, Adonai. Quer dizer, então, que, naquele apartamento, recebe ele suas queridas? Que crueldade! Como pode ele degradar-se e rebaixar-se tanto?!”

“Não, não creio. Ele não é capaz de fazer isto”.

E assim o amante busca culpas e desculpas com respeito ao ser amado. Com mimo, o ataca e com amor, o defende.

No entanto, o procedimento do Visconde magoou muito à Nina.

Pensou em Adonai e repetiu, mentalmente, todas as suas palavras atinentes ao Visconde.

“Adonai deve saber muitas coisas a respeito dele, mas, nunca as divulgará, por cavalheirismo. Armando o odeia, porque ele descobriu os seus segredos, e este deve ser o motivo da antipatia existente entre os dois”.

O que devo fazer para atrair Armando? Ele parece não pensar em casamento e quer viver a vida a seu modo.

Adonai, por quê me perturbas a mente a cada instante?

Pensou durante um momento, enxugou os olhos com o dorso de sua delicada mão e, como que atacada por um acesso de loucura, saltou do leito e gritou:

- “Que devo fazer”?

Deu vários passos pelo aposento e voltou a deitar-se de costas. Começou a vagar num mar de pensamentos. Alinhavou e desalinhavou muitas idéias, e sempre chegava a sentir o mesmo medo interno, quando pensava em Adonai e em suas palavras.

Depois de construir e destruir muitos castelos mentais e, enquanto formava planos para o futuro, a campainha do quarto soou, chegou a hora da ceia.

Adonai tinha que cear com duas mulheres. A avó, intimamente, via nele o homem da casa, e lhe dava este título a miúdo.

Ele comprazia-se com o tratamento que a anciã lhe dispensava e começou a querê-la como a uma mãe; ele também, a chamava de avó.

Nina chegou com os olhos inchados e vermelhos, porém, com o semblante sereno. Saudou, e foi diretamente a Adonai; abraçou-o e beijou-o no rosto.

Ela já o havia beijado outras vezes, mas, não como agora. Adonai olhou-lhe nos olhos e, perguntou sorrindo:

- Vamos ver: o que queres pedir-me?

Ela, sem vacilar, contestou:

- Amor.

- Mais amor?

- Todo o amor.

A avó não soube explicar nem entender as palavras da neta.

Adonai sorriu maliciosamente e convidou-a a cear, acrescentando: “ventre faminto não tem ouvidos”, dizem vocês.

- Eu não tenho fome, Adonai.

O jovem médico conduziu as duas mulheres à sala de jantar, e comentou com ternura:

- Tu tens fome e sede, Nina; Oxalá possa eu satisfazer a uma e apagar a outra.

Durante a refeição, falaram de coisas fúteis. Nina comia pouco e nadava num mar de preocupações.

Adonai a estudava, como se fora uma lição. Depois de terminar o terceiro prato, ordenou:

- Bem, agora, já podes confessar...? Já recebeste alguma desilusão amorosa?

Nina sobressaltou-se, ao ouvir a pergunta. Olhou o médico sem dizer nada.

- Diga-me, o Visconde já chegou?

Nina reagiu e perguntou:

- Como soubeste que ele estava ausente?

- É uma coisa simples: seres como o Visconde sempre deixam rastros por onde passam.

Nina tremeu novamente, ao ouvir a frase evasiva de Adonai. A avó olhou-o perplexa e, depois de um momento, perguntou:

- Como te parece o Visconde como marido de Nina?

- Péssimo marido será – disse o médico.

Houve um silêncio. Ninguém se atreveu a perguntar o porque.

- Se a querida Nina quer seguir meus conselhos, lhe direi: afasta-se o mais cedo possível do Visconde, ele lavrará sua desgraça.

Enquanto Adonai falava, Nina fazia esforço para conter-se. Terminada a sentença, lançou um gemido e correu a chorar sobre o peito de sua avó.

Adonai pôs-se de pé e ficou olhando as duas mulheres, sem saber o que dizer. Arrependeu-se de haver dito aquelas palavras, embora tenha sentido a satisfação íntima de havê-las proferido. Voltou novamente a sentar-se, e permaneceu calado, traçando um plano em sua mente.

Depois de um momento, Nina enxugou as lágrimas e voltou-se silenciosa a seu lugar.

- Que tola sou eu! Disse, quebrando o silêncio.

- Isto já te disse antes, e não quiseste acreditar-se – murmurou Adonai, rindo-se.

- Tens razão, Adonai.

- Bom, esta ceia será uma espécie de despedida. Penso ir-me a Lyon.

- Quando? – Perguntou Nina, com precipitação e ansiedade.
- Talvez amanhã ou depois.
- Nina baixou o olhar e ficou pensativa.
- Quando voltas? – perguntou a avó – É muito urgente esta viagem?
- Adonai, examinando o estado da jovem, não quis afetá-la e respondeu: Por quinze ou vinte dias somente.
- Nina olhou-o tristemente, mas, não pronunciou uma palavra sequer.

Naquela noite, Nina não pôde dormir; pensava em Armando e Adonai ao mesmo tempo.

“Armando, aquele ser adorado, risonho, alegre, que enche os salões com suas conversas, e dança como um pião; é cobiçado por todas as beldades de Paris. Oh! Armando, amor de minha vida! Tive medo de ti. Eu sou uma tola, ao duvidar de tua honorabilidade para comigo; amanhã te chamarei. Não posso viver sem ti”.

“Adonai! Ser misterioso! Teu riso franco brota de um coração sincero. Teu olhar, doce e triste, cativa. Não sabes dançar, mas, tuas palavras fazem os corações bailarem. Não tens fé em ninguém. Tua ternura infunde tranqüilidade. Adonai, quero-te e tenho medo de querer-te! Tu me prende com um não sei quê, mas, o amor de Armando me liberta de tuas cadeias”.

No dia seguinte, Nina chamou a Armando, e pediu-lhe desculpas pelo estado nervoso da véspera.

Armando, satisfeito, convidou-a ao teatro.

A avó estava inquieta pela tardança de Nina.

A jovem chegou às duas e meia da madrugada, muito abatida, e com algumas taças de champanhe... Ela foi a olhar-se diante do espelho e ao contemplar seu rosto, pensou:

- “Estou um pouco pálida, os olhos fundos, mas, o sono me reestabelerá”.
- O que aconteceu?

O novelista (escritor) tem entrada franca em qualquer lugar.

Vamos com ele, e vejamos o que aconteceu:

Nina e Armando não foram ao teatro. Visitaram vários cabarés e, em cada um, tomaram uma quantidade de licor.

Quando o jovem estava demasiadamente alegre e sua companheira, algo contente, tomaram um automóvel e foram ao referido apartamento.

Armando começou por acariciar Nina, e ela, alegre e excitada, deixava-o fazer o que bem queria, mas, por desgraça ou por ventura, o ébrio – depois de um momento de excitação, - foi acometido por uma cólica, começando a arrojar por cima e por baixo.

Nina, mais consciente do que ele, sentiu medo à princípio, depois, retirou forças de sua fraqueza e arrastou-o até a cama. Deitou-o com roupa e tudo. O jovem, de tanta embriaguez em que se encontrava, acabou por dormir. Então, ela o deixou sobre os lauréis, saiu à rua e tomou o primeiro carro que a conduziu à sua casa. Isto foi tudo o que aconteceu.

Amanheceu. Nina despertou-se às onze horas do dia.
Tinha asco; asco de comer, asco de si mesma, asco dos homens e asco de todos.
Armando? Ah! Que asco!

- Vovó, meu amor, perdoa-me. Ontem à noite estive ébria; como tenho asco, vovó! Onde está Adonai?
A avó chorava em silêncio.
- Prometo-te vovó linda, que, de hoje em diante, não darei mais um passo a não ser contigo.
E, ao dizer isto, precipitou-se nos braços da anciã, com os olhos lacrimejando.

CAPÍTULO X

Adonai, casa-te comigo!

Em uma das noites mineiras que caminham para o verão e voltam o olhar para a primavera, Adonai “lanchava” em casa da Condessa e sua neta.

Nina havia sofrido em poucas semanas muitas mudanças internas, que repercutiram em seu semblante. Parecia ter a jovem uma ânsia insatisfeita e irrealizável, e este estado de ânimo roia-lhe o coração.

Adonai a examinava mentalmente, nas poucas vezes que visitava as duas. O estado da jovem preocupava-o, mas, não se atrevia a insinuar nada.

O sorriso de Nina era muito diferente do de antes; parecia uma espécie de contração involuntária. A jovem sofria e, não queria manifestar seu sofrimento, como quem tem medo ou vergonha de abrir seu coração a alguém.

A esperança perdida! A confiança enganada! O amor defraudado! Em sua mente, Nina analisava a situação e, talvez, se considerasse a mulher mais indigna do mundo; porque amou com todos os seus sentidos a um homem vulgar em seus sentimentos e, quiçá, segue ela amando-o até o momento, sem perceber; não pôde esquecê-lo, apesar de seus atos indignos com ela.

Menospreza-o? Sim.

Odeia-o? Sim. Porém ela não era psicóloga para compreender que entre o ódio e o amor, só há um passo.

Adonai ausentou-se de Paris. Nina perguntava sempre por ele; mas, agora que já voltou, nunca o chamou por telefone, nem o convidou a cear com elas.

Adonai analisava, silenciosamente, sua situação.

Nina estava enfurecida contra Adonai. Por quê? Ela própria não o sabia, mas, não se atrevia a manifestá-lo.

Por quê Adonai não adivinhava seus pensamentos? Por quê não correr a seu lado, para aliviar o peso de seu coração e a carga que levava em sua alma? Por quê ele não tratava de curar seu espírito? Por quê não satisfazia todos os seus caprichos? Por quê não lhe beijava com fúria? Por quê...? Por quê...?

Todos os seres, mimados como Nina, pensam igualmente: Querem que o mundo adivinhe seus pensamentos, para logo satisfazer seus desejos, sem que eles tenham o incômodo de pronunciar uma palavra.

Ela perguntou:

- No dia 10, às onze e meia da noite, onde estavas?
- Em minha casa – respondeu Adonai.
- O que fazias?
- Pensava em ti – disse sem meditar.

Nina permaneceu calada, algo confusa. Quis falar, mas, não encontrou palavras.

Adonai continuou:

- Tu me viste naquela noite? Por quê ocultas?
- Sim, sim; então não estou perturbada mentalmente? Não estou louca, não é assim?
- Nem perturbada, nem louca. Tu estás bem sã. Mas, és uma tola.
- Ah! Que martírio! Eu me acreditava uma louca, que via visões. Como pode ser isto? Quando estava doente, sim, te via, mas agora...
- Antes e agora me vias, porque há uma afinidade psíquica entre os dois.
- Como acontece isto?

Adonai riu-se de sua curiosidade, embora justificada, e logo contestou:

- Aonde vai o pensamento, vai o homem... Os pensamentos são a quintessência do ser.
- Não entendo nada! Que ignorante sou!
- Não digas isto, Nina; muitos seres dariam uma parte de sua vida para chegar a ter teu estado de sensibilidade. Nem todos têm este privilégio.
- Queres dizer que, quando eu quiser ver uma pessoa, a verei?
- Não é muito difícil, sobretudo se a mesma pessoa pensa com intensidade em ti, naquele momento.

A jovem pensou um instante, e talvez nesse período estivesse lembrando do ser que amou e que ama ainda.

Um véu de tristeza cobriu seu rosto, e ela guardou silêncio.

Sua tristeza comoveu Adonai, que sentiu um grande desejo de aliviá-la, embora lhe custasse um sacrifício. Era sua obra, mas, uma obra incompleta; salvou-lhe o corpo, mas, continuava enferma da alma.

E, enquanto ele pensava na maneira de como deveria curá-la, ela, de sopetão, soltou-lhe esta súplica:

- Adonai, casa-te comigo. Leva-me para teu Líbano.
Um relâmpago brilhou na mente do médico. Olhou, detidamente, à Nina e disse:
- Agradeço-te, mas, não te felicito, agradeço-te pelo grande conceito que tens de mim, e não te felicito, porque isto não é um remédio para teus males, querida Nina.
A jovem pôs-se pálida, ao ouvir estas palavras, e perguntou agitada:
- O que queres dizer?
Adonai respondeu:
- Não te explicarei nada, enquanto estiveres agitada mental e emotivamente.
Nina fechou os olhos e estendeu sua mão à Adonai, que a tomou, e ela suplicou:
- Perdoa-me!
- Pois bem, tu foges de algo para refugir-te em mim; queres empregar-me como um imã, como isca. Não, não te desgostes e deixa-me continuar: vou oferecer-te minha pessoa para realizares teu intento, porém, recorda-te bem de tudo o que vou te dizer. Toma este papel e este lápis e escreva com letras grandes: “NA REALIZAÇÃO DE MEU DESEJO, ESTÁ MINHA DESDITA”, e, te digo que, desde agora, ninguém poderá, então, te salvar. Vais guardar este papel em tua secretária, e volte para continuarmos a conversa.

Nina não soube o que dizer; quis rasgar o papel, mas, uma vontade, mais forte do que a dela, a impediu.

Levantou-se, dirigiu-se ao seu quarto e, depois, voltou.

Adonai, sorriu tristemente, e Nina perguntou:

- Tu me crês tão indigna, Adonai?
- Nunca pensei nisto.
- Tu não crês que te amo?
- Tu não me amas, Nina; tu me veneras, por agradecimento.
- Isto não é certo, eu te não. E, a quem melhor do que a ti, posso aspirar? Novamente insisto em oferecer-te minha mão, se tu a queres.
Adonai estudou mentalmente a situação; depois de um minuto, disse:
- Aceito-te... Mas, com uma condição.
- Qual é?
- Termos que passar seis meses de noivado, antes de nos casar.
- Aceito.
- Tenho que amoldar-te à minha maneira e tens que obedecer-me.
- Contanto que não me prives de minhas amizades.
- Por aqui devo começar, - disse Adonai.
Nina pôs-se séria e preocupada. Adonai, sorriu e continuou:
- Não te aflijas, Nina. Eu serei o noivo mais condescendente. Nunca te privarei de coisa alguma, nem sequer hei de dirigir-me uma censura.
- Não, assim não serve; isso quer dizer que não me amas.
- Ao contrário, isso significa que deixo que teu amor te guie para teu destino.
A jovem não entendeu a frase, e perguntou:
- Tu virás viver conosco, não é assim?
- Por enquanto, não. Se nosso noivado marchar bem, virei depois de três meses.
- Quando vamos festejar nosso compromisso?
- Quando quiseres.
- Domingo à tarde?

- Não há inconveniente.
- Vou anunciar a boa nova à vovó.
- Adonai começou a rir, dizendo mentalmente:
- Que noiva amorosa! Ela sela o noivado com a notícia à sua avó.
- Naquele momento, entraram as duas mulheres. A anciã estava algo confusa e perplexa. Adonai pôs-se de pé para saúda-la, e ela perguntou:
- É certo o que Nina me conta?
- Devemos colaborar para a felicidade desta mimada.
- Obrigado, Adonai!
- A vovó o agradece, por que se casa comigo?
- Amor de minha alma, peço a Deus que isto se realize, para que eu possa morrer feliz e tranqüila.
- Adonai tomou a mão da anciã, dirigindo-lhe um olhar de gratidão, sem dizer uma palavra.
- Vamos festejar o acontecimento – disse a Condessa. Que venha a champanhe.
- Nina tocou a campainha e comunicou a ordem ao mordomo.
- Depois de alguns minutos, a avó balbuciava comovida:
- Por nossa felicidade!
- Por vossa felicidade – respondeu Adonai.
- Estás feliz, Adonai? – perguntou Nina.
- O que me falta para não sê-lo?
- Ao ouvir a resposta, a jovem sentiu como que uma martelada no cérebro e uma opressão no peito. Até agora não se aproximou de seu noivo para dar-lhe um beijo.
- Ela sentiu que Adonai estava lendo seus pensamentos.
- Então, deixou a taça na mesa, aproximou-se dele, pôs suas mãos sobre os ombros e disse:
- Perdoa-me.
- Ao ouvir a resposta, a jovem sentiu-se comovida.
- Nunca te dirigirei uma censura.
- Mereço uma bofetada, mas, tu és bom e me dás um beijo.
- Bem, trocaremos a bofetada por um beijo, disse sarcasticamente o médico.

Passaram-se algumas semanas.

- Nina, por quê teu noivo não te acompanha?
- Meu noivo é médico e tem muitos deveres a cumprir.
- Menos o dever de acompanhar-te ao baile, não é assim?
- Nina pôs-se pálida, e sentiu uma dor aguda em seu coração.

- Pobre jovem – dizia uma mulher à sua vizinha – casar-se com um insignificante médico e deixar o visconde: deve estar transtornada.
- Dizem que ele a hipnotizou e obrigou-a a que se casasse com ele.
- Deus nos livre de certa gente!
- Deve ser isso, porque não se explica de outra maneira. Veja como anda, como uma autômata.
- Cala, pois alguém pode nos ouvir.

- O que teu noivo te presenteou na cerimônia do noivado?
Nina sentiu uma opressão no peito, e disse, com voz entrecortada:
- Presenteou-me a jóia mais valiosa do mundo! Seu amor – contestou à sua interlocutora, enquanto que a voz de seu orgulho lhe dizia: mentes, mentes!

- Posso saudar à minha adorada?
Assim se expressava o visconde, ao entrar no camarote de Nina, na Ópera.
Nina tremeu dos pés à cabeça, ao ouvir a voz. Ele beijou a mão da jovem e sentou-se ao seu lado, desculpando-se.
- Estive ausente e, ao regressar à Paris, comunicaram-me as boas novas, e ia visitar-te para apresentar as felicitações.
- Agradeço-te, Armando, mas, eu sei de fonte fidedigna que estivestes sempre em Paris e não foste a nenhuma parte.
- Mulher adorável, tu estás sempre a par de minha vida. Tens que ser minha e de ninguém mais, tarde ou cedo.
- Como estás convencido de tua ilusão, Armando!
- Não, meu amor; eu estou convencido de meu amor por ti e do teu amor por mim; por isto, tenho a certeza que seremos um do outro.
Nina sentiu-se feliz, ao ouvir a frase. A lembrança de Adonai a perturbou por um instante e calou-se
- Por quê não me falas, anjo meu? Tens que ser minha, dou-te minha palavra.
- Terás, tu palavra?
- Espera-me três meses, e verás o que farei por ti.
- Esperei-te muito mais e nada decidiste.
- De hoje em diante será diferente. Poderei visitar-te amanhã?
- Sim, podes.
- E o que dirá teu noivo?
Nina despertou-se de seu letargo amoroso, pensou um momento e respondeu:
- O que há de dizer? Ele sabe que somos amigos.

Georgette estava ausente e, quando regressou a Paris e soube da notícia, correu à casa da Condessa e, ao ver Nina, gritou-lhe:

- É verdade, Nina? Pois, deixa-me abraçar-te e dar-te um beijo. Felicito-te de todo o coração.

Nina ficou pensativa.

- O que te passa? Não és feliz?

- Tu, a inimiga de Adonai, me felicitas?

- Mas, menina, se não nos damos bem, os dois, isto não significa que Adonai não mereça teu amor.

- Todas as minhas amigas compadecem-se de mim; somente tu me felicitas.

Georgette cravou o olhar na jovem, como o médico que examina um enfermo, e perguntou:

- Nina, tu estás em teu juízo perfeito? Tuas amigas? Chamas amigas a estas que te compadecem? Pois deves saber que ser a mulher de Adonai, é ser a esposa mais feliz. E, o que o teu noivo diz?

- A desgraça é que Adonai não diz nada. Parece que tem um plano traçado de antemão, e o segue ao pé da letra.

- E tu? O que sentes para com ele?

- Quando ele está ao meu lado, esqueço-me de tudo, mas, quando se vai para o trabalho, começo a sentir medo e quero fugir dele.

- Continuas amando o visconde?

- Cada dia mais e mais.

- Ah! Que desgraça! – gritou Georgette.

- E pior é que estou segura de que Adonai sabe tudo e não me dirige uma censura. Há dias estava me beijando e logo me afastou com suavidade, mas, de forma categórica; em seguida, olhou-me; sorrindo, sem dizer nada. Não sei se ele notou minha vergonha e palidez.

- Pobre Nina, tendo Adonai e pensar em Armando! Que destino implacável! Então, voltaste a Armando, como antes!

- Sim, e por desgraça, pedi a Adonai que se casasse comigo.

Nina calou-se, por um momento, e depois continuou:

- Naquele dia, ele me disse: “tu me utilizas como isca”, e me fez escrever esta frase terrível: “AO REALIZAR MEU DESEJO, PERDEREI MINHA FELICIDADE!” Não sei o que fazer e nem o que pensar. Não está, acaso, minha felicidade na realização de meu desejo? Queres que te confesse algo que não me atrevo a dizer a ninguém, porém, vou dizer-te: eu amo a Adonai, porque ele não tem os mesmos gostos dos demais. Não, não, não é este o meu verdadeiro pensamento. Tenho medo dele, porque não tem os mesmos defeitos e debilidades dos demais. Não podemos nos harmonizar senão com os seres que comportem de nossos anelos e loucuras. Não te parece?

Georgette ficou calada. Que conselhos poderia dar a Nina? Viu que tudo era inútil; mas, sem embargo, disse-lhe:

- Nina, é a primeira vez em minha vida que não encontro palavras para aconselhar. Tu amas a dois homens ao mesmo tempo. Cada um deles é diametralmente oposto ao outro, em todos os sentidos. Tua felicidade depende de Adonai, mas, tua ilusão está em Armando. Adonai sabe de todos os teus movimentos e de toda a tua conduta e, se rompe contigo, é porque não se considera atado a ti por compromisso algum. Adonai não te ama, porque sabe que tu não o amas, e, por este motivo, não te defende e nem defende seu direito sobre ti. Verdadeiramente, estás lavrando tua desgraça, como

quando um louco brinca com uma víbora. Estou para crer que o destino dos malvados é mais favorável do que o dos homens! Ah, se eu pudesse fazer algo por ti, tomaria tua mão e te afastaria da borda do precipício. A maior desgraça está em que tu sabes que estás no caminho da perdição, e te empenhas em seguir avante. Por quê Adonai não te salvará outra vez? Ele pode, mas, parece que não quer. Eu irei suplicar a ele, Nina; me humilharei, para que te salve.

- Silencio, eu não quero abandonar este caminho. Casar-me com Armando não é minha felicidade? Não é tudo o que desejo em minha vida?
- Georgette silenciou-se, ao levantar-se para despedir-se, imprecou:
O destino é uma cadeia irrompível. Adeus Nina.
- Nina chorou.

- Por quê não me beijas mais, Adonai?
- O jovem olhou-a, sorrindo, e respondeu:
Eu te prometi não dirigir-te uma censura sequer.
- Podes dizer-me, sem censurar-me.
- Pois bem, não te beijo mais porque cheiras a concupiscência.
- Nina, ao ouvir a resposta, sentiu o sangue ferver em suas veias. Moveu várias vezes os lábios, para logo dizer:
Que grosseiro és, Adonai!
- Eu te creio, Nina.
- Mas, a jovem não escutou, porque havia corrido para seu quarto.

- Vovózinha, eu quero romper com Adonai.
- A anciã entristeceu-se e replicou:
Tu o perseguiste, Nina, e não deves tratá-lo desta maneira.
- Já não posso mais.
- Nina, estás decretando um futuro muito negro para ti. Adonai é o único que pode fazer-te feliz.
- Não posso, toda vez que estou a seu lado começo a tremer, vejo-o muito gigante e tenho medo dele.
- Gigante? Mas, se é como todos os demais homens.
- Vovó, tu não podes me entender.
- Sim, minha filha, eu te entendo muito bem: tu estás louca por Armando.
- É verdade; fale com Adonai; para que me devolva a palavra empenhada.
- Eu não posso satisfazer-te, Nina. Tu tens que acertar com ele.
- Não posso, não me atrevo.
- Sim, podes. Não é a primeira e nem a última que não cumpre seu compromisso.
- Ah! Me consideras, então, como todas as outras jovens?
- Não vejo nenhuma diferença entre tu e elas.
- Vovó! – gritou Nina, indignada.
- A velha Condessa tomou seu lenço e enxugou uma lágrima que se ressalva de seus olhos.

Nina passou vários dias pedindo conselhos a seus amigos e amigas, e todos burlavam dela. O que significa uma palavra dada, quando tratados internacionais não são respeitados? Quantos esposos e esposas juram mutuamente eterna fidelidade e nunca cumprem seus juramentos?

Nina, ao ouvir as razões e conselhos de seus amigos decidiu-se a enfrentar seu noivo.

Em uma noite de Abril, Adonai ceava em casa da noiva. Mostrava-se, como sempre, muito carinhoso com as duas mulheres. Depois da ceia, a avó desculpou-se e retirou-se a seus aposentos.

Nina ficou com Adonai, mas, não se atrevia a enfrentar seu olhar.

O jovem parecia ler seus pensamentos e, com atitude bondosa ou amorosa, veio em seu auxílio, dizendo-lhe:

- Vem cá, amor; diga o que queres confessar a teu médico, amigo e noivo. Não tenhas vergonha. O que posso fazer por ti?

Nina empalideceu-se e não pôde articular uma palavra.

Adonai continuou:

- Voltaste a amar ao Visconde? Escuta bem, meu amor, o que vou dizer-te: não penso em ceder-te a ele. Não percas tempo; o Visconde é um ser indigno, capaz de forjar tua desgraça e, por este motivo, não te cedo a ele.

- Prefiro ser desventurada com ele, do que ser feliz contigo – respondeu a jovem em tom colérico.

Adonai sorriu e replicou:

- Tu, como criança ingênua, dás muito pouco valor às palavras. Salvei-te uma vez a vida física e tua saúde mental e não posso, agora, permitir que um ser malvado...

Ela cortou-lhe a frase e gritou:

- Não permito que fales assim de Armando.

Ele, sem se perturbar, continuou:

- Pois sim, um ser tão malvado e tão indigno como Armando venha destruir minha obra. Desta maneira, não te devolverei nunca a palavra, e terás que casar-te comigo, pela razão ou pela força. – disse em tom de burla.

- Tu és um indigno, porque me obrigas a casar-me contigo, sem que eu sinta nenhum amor por ti.

- Não me interessa o teu amor; interessa-me somente tua pessoa.

Exaltada pelas múltiplas emoções, e sem saber o que fazia, Nina ajoelhou-se diante de Adonai e suplicou:

- Olha, peço-te, de joelhos, minha liberdade.

- Deixa-te destes dramas; recobre teu juízo.

A jovem começou a chorar e, sem querer levantar-se, disse com voz entrecortada:

- Peça-me o que quiseres, Adonai. Queres dinheiro? Ofereço-te uma boa soma, desde que não intervenhas mais em meu caminho.

Adonai, com o coração dolorido, compreendeu que era impossível impedir a queda da jovem no precipício que lhe apontava o destino, e afirmou com tristeza:

- Que quantidade podes me dar, para que te deixe livre?
- O que quiseses: cem mil francos, duzentos mil.
- Adonai pensou um instante e disse:
- Está bem, Nina. Convenceste-me.

Era uma hora da madrugada, e o jovem ainda não havia podido dormir. Passado esse tempo cavilando e meditando na sorte de Nina. Não havia possibilidade de salvá-la. Ele não tinha o direito de dominar sua vontade, porque existem certas leis que não admitem reformas.

Cansado de tanto pensar, entrou em um estado letárgico, muito parecido ao do sono, mas era um sonho consciente. Tinha seus olhos fechados, mas, sem embargo, via... Viu Nina ajoelhada, como antes, a seus pés; chorava copiosamente e, em tom lastimoso, dizia-lhe:

- “Adonai, meu único amor, livra-me de Armando; afasta-me dele; leva-me para muito longe, para não ver mais esta besta. Olha-me, eu te peço pelo mais sagrado, não me deixes em suas garras traidoras. Tu podes salvar-me, Adonai. Vamos para a América. Vamos para teu Líbano, para onde tu quiseses, e viveremos longe deste ambiente corrompido”.
- Adonai, em sonho consciente, abraçou-lhe com ternura e respondeu:
- “Tu não queres salvar-te, Nina. Estou fazendo o possível, mas, tu não queres cooperar comigo”.
- “Mata-me, golpeia-me; eu necessito de alguém que me corrija com energia e severidade”.
- “És um espírito vacilante, querida Nina. Tu representas um papel muito nefasto entre o Visconde e eu. Nunca soubeste escolher com franqueza, entre os dois, aos quais pertencestes... E, por tua causa, temos sido sempre inimigos... És débil de caráter; tens as paixões exaltadas; não sabes distinguir entre a moral e a virtude. De todo coração, quero livrar-te dele, mas, tu tens duas personalidades diferentes: em tua vigília queres grandezas, luxos, mimos, honras e bailes, e, por isto, estás louca por Armando; enquanto que em teus sonhos, em tua intuição, queres estar tranqüila, ser pura e digna e, por isso, vens a mim. Mas, por desgraça, tua vigília sempre triunfa sobre a intuição. Não posso fazer nada por ti. Tu me fazes sofrer, mas, eu posso suportar o ódio de tua vigília. Ambos temos que sofrer: eu, consciente, e tu inconscientemente. Converter-me-ei em consolador de tuas penas e, assim, pagarei o resto de minhas dívidas para contigo, até que chegue a hora de nossa separação”.
- Tu nunca me amaste, e por isto, me abandonas agora. Mata-me, mata-me!”
- Este não é o remédio; a saúde é filha da dor”.

Ao despertar-se, Nina recorreu mentalmente a cena da noite anterior, e logo sentiu uma ânsia interna de chamar Adonai por telefone. Novamente sentia carinho por ele. “Por quê não odeio hoje à Adonai, como o odiei ontem à noite? Francamente, sou uma mulher com dupla personalidade. Como? Quando? Quem me disse esta frase? Recordo-me que alguém já me a disse”.

Fechou os olhos e submergiu-se na imensidade de sua memória, mas, a recordação começou a esfumar-se. Moveu a cabeça, e pensou: “Não, não pode ser”.

Em seguida, lembrou-se de chamar a Adonai; tomou o telefone, mas, em vez de pedir o telefone do médico, subconscientemente, pediu o de Armando e, quando este respondeu, sofreu um sobressalto. Quis retificar, mas já era tarde.

- Escuta Armando, necessito ver-te com urgência, hoje, às doze horas. Onde posso ver-te?
- Queres vir à minha casa, meu amor, ou preferes outro lugar?
- Está bem, irei à tua casa.
- Espero-te às doze horas em ponto.

Quando Nina, depois de uma hora, aproximava-se da casa de Armando, sentia que o coração se lhe saltava do peito. Não soube a que atribuir aquele estado de exaltação. Seria, por acaso, devido ao que aconteceu na semana passada? Por quê tinha tanto medo? Quis voltar; quis ordenar ao chofer para mudar o itinerário; muitas idéias vieram em sua mente. Depois, disse a si mesma:

- “É preciso terminar, de uma vez, com este tormento”.
E, naquele instante, o automóvel parou.
Havia chegado.
Ela pagou e entrou no edifício.
Dois minutos depois, os namorados se abraçavam loucamente, sentados em um divã.
Quando se acalmaram, por um momento, ele exclamou:
- Quão feliz estou, ao ter-te outra vez em meus braços, com toda a liberdade.
- Escuta, Armando:...
- Não quero escutar nada; já te disse que tens que ser minha, somente minha.
E, ao dizer isto, voltou a beijá-la, enquanto que, com sua mão, começou a profanar-lhe o corpo.

Nina havia perdido toda a noção de vontade. Adonai já não acudia mais à sua mente como guia e defensor, senão como um ser odioso, que aceitou seu dinheiro para devolver-lhe a liberdade. Nestes momentos ela estava com o ser amado de seu coração, com o ser adorado. Ela já não se defendia da besta; e a besta seguia chupando o seu sangue. Sim, a absorvia até esgotá-la... E depois, a abandonou, triunfante, como a hiena que, depois de beber o sangue de sua vítima, começa a lambar com satisfação seu focinho.

Quando Nina chegou em casa, foi diretamente para seu dormitório, e assentou-se em frente ao espelho; olhou-se, contemplou-se a si mesma, e logo pensou: - “Falta-me algo? Sou a mesma? O que é que perdi? Meus olhos estão iguais e minhas feições também? Sim. E, por quê sinto este peso em meu coração?”

- Sorriu.
- “Meu sorriso não é o mesmo. O que lhe falta? Meu semblante, por quê está pálido? Isto se remedia com um pouco de cognac; mas, com que se pode curar a ferida da alma?”

Será que todas as mulheres sentem o que sinto agora? Que inferno! Este é o verdadeiro inferno”.

- “Este é Armando? Este é o homem perseguido pelas jovens de nossa sociedade? A quantas ele já devorou? Agora já sei porque tenho medo, Adonai porque estás mais elevado do que todos nós e voas por cima de todas as nossas baixezas e sujeiras e, sem embargo, troquei-te, miseravelmente, por Armando. Não, Adonai, não! Eu te livreí de mim; tu és digno de melhor sorte; eu seria para ti uma cadeia pesada. Agora já compreendo as palavras de Georgette. Oxalá não voltes mais aqui, eu não poderia afrontar teu olhar. Meu Deus! Como pude fugir ao encontro com Adonai? Mas, que me importa tudo isso? Já estou condenada, dir-lhe-ei tudo, e ele faça o que lhe agradar. Nada mais importa”.

A desesperação de Nina era ilimitada; várias vezes pensou em tomar veneno, mas, não tinha à mão, nenhum tóxico.

Chamou a criada e ordenou-lhe:

- Quero dormir, que ninguém me incomode.
Em seguida, apanhou um frasco que continha certas pílulas hipnóticas e tomou três delas.

Apenas acabou de despir-se e deitar-se, sentiu os efeitos da droga, e entregou-se aos braços daquele anjo que nos faz esquecer o mundo dos sofrimentos, levando-nos ao do sono e do ouvido.

Às sete horas da manhã do dia seguinte soou o telefone de Adonai. Era a própria Condessa que lhe suplicava para vir à sua casa, antes de se dirigir ao hospital.

- Nina está com febre e delirando, - dizia a anciã.
- Vou imediatamente.

Era incrível a mudança que sofreu a pobre jovem, de um dia para o outro. Parecia como se estivesse doente há meses; sua palidez era terrível; seus olhos, afundados, davam a sensação de um cadáver. A cada momento, lançava um gemido lastimoso e, às vezes, pronunciava uma palavra incompreensível, que parecia dizer: “Maldito”, ou algo parecido.

O estado da jovem era grave. Adonai não quis carregar com a responsabilidade, e insinuou que chamassem outro médico. A avó chamou um velho facultativo, amigo da família e, também, a Georgette, a amiga confidente de sua neta.

Georgette chegou primeiro, o outro médico estava ausente no momento./a jovem entrou e encontrou Adonai sentado ao lado de Nina, acariciando-lhe o cabelo com a mão esquerda. Ele também estava pálido como cera.

A enferma, tranqüila, já não se queixava. Ele levantou-se e saudou Georgette, que perguntou:

- O que teve ela?
- É uma febre nervosa, e das mais malignas. Parece que seu sistema nervoso está destroçado. Já mandei chamar outro médico.
- Como? É tão grave?
- Ela sofre como quem teve uma perda irreparável.
Georgette tremeu; em seguida, acercou-se da enferma e ao tocar-lhe a fronte disse:
- A temperatura não está muito alta.
- Agora já baixou, mas, poderá subir quando ela se despertar.

Georgette olhava Adonai com a admiração igual a uma criança que se manifesta ao ver um objeto raro e estranho.

- Você pode salvá-la, Adonai, como a salvou da outra vez.
- Quem sabe? Parece que ela não quer salvar-se desta vez.
Georgette não ousou dizer nada, porque uma dúvida havia cravado em seu coração, e não se atrevia a perguntar.
- Vocês continuam noivos?
- Oh...! Nunca fomos. Era somente um capricho dela.
Georgette mordeu o lábio e calou-se, pensativa.
O médico chegou e, ao ver a jovem adormecida, não quis tocá-la. Averiguou de seus dois colegas, os sintomas da enferma e aconselhou calmantes.
Quando o facultativo saiu, Adonai conduziu Georgette à sala, fê-la sentar-se e sentou-se ao seu lado.
Depois de um instante de silêncio, ele lhe disse em tom familiar:
- Georgette, desta vez, depende de ti a saúde de Nina.
Surpreendida, a jovem quis falar, mas Adonai silenciou-a com um gesto e continuou:
- Vamos curá-la, desta vez, porém, não será como nas outras ocasiões. Nina necessita de um confidente; você é sua melhor amiga. Nina quer confessar algo, mas, não a mim. Ela quer e deve depositar o segredo de seu coração em outro coração.
Calou-se um momento e murmurou:
- Escuta Georgette: nunca fomos amigos; talvez porque eu seja um homem intolerável e grosseiro, como me disse ela, há alguns dias, ou porque, talvez, não tenha eu a faculdade de ganhar amizades; pois bem, apesar disto, o dever hoje nos une para salvar a um ser querido.
Falava, olhando para o chão e, ao chegar a este ponto, ouviu Georgette chorar desesperadamente, cobrindo o rosto com as mãos.
Adonai, seja porque tenha descoberto algo no coração da jovem, ou porque tenha atribuído ao estado de Nina, disse-lhe:
- Não é para tanto. Vamos salvá-la. Não chores mais. Tens que arrancar essa confissão de Nina, para poder aliviá-la. Ela teme que eu descubra algo que quer ocultar, ouves-me?
- Ouço-te, mas, nada entendo.
- Não importa; depois que Nina melhorar, a primeira coisa que vai necessitar é livrar-se de seu segredo, que lhe está consumindo até os ossos.
Georgette secou o resto das lágrimas, e comentou:
- Você advogava muito a favor da Medicina Preventiva. Por quê não tratou de evitar que ela chegasse a este estado?
Adonai olhou-a desgostoso, mas, quando contemplou o ar sincero de Georgette, dulcificou seu olhar e contestou:
- Ela não queria mais obedecer-me. Chegou até a sentir aversão por mim, e não quis obrigá-la a ser mais dócil. Bem, agora já estamos no final da novela, e não quero que se conclua com uma tragédia.
- Ela não se casará com você?
- Não.
- Então, voltará para Armando?
- Sim? – disse Adonai, aparentando completa ignorância e indiferença.
Georgette esperando uma resposta mais satisfatória, falou:
- Então, você não se importa que ela se case com o Visconde?
Adonai respondeu:
- Se o Visconde quer casar-se com ela... – e aqui calou-se um instante, como quem não tem fé no que diz – eu seria o primeiro a cooperar para a realização desse casamento.
- Então, você nunca amou Nina?
O jovem sorriu enigmaticamente.

- Você sempre é enigmático e ninguém pode chegar a seu coração.
- Não creia, senhorita. Muitos têm entrado e arrancado pedaços.
- E, ao dizer isto, levantou-se.
- Georgette estava triste; queria pronunciar algo, mas nada lhe ocorreu.
- Neste momento, a enfermeira chamou e avisou que Nina havia-se despertado.
- Adonai entrou, seguido de Georgette.
- Ouve, preguiçosa: Até quando pensas em continuar na cama?
- Nina, ao ouvir a voz, tremulou.
- Georgette abraçou-a com carinho.
- O noivo ao ver que Nina estava melhor, pôs-se alegre e, depois de algumas brincadeiras com as jovens, despediu-se para ir ao hospital.
- Georgette suplicava-lhe com um olhar que não lhes deixasse ainda, mas, ele se fez de desentendido, e saiu.

CAPÍTULO XI

MENE TEKEL

Nina melhorou, mas, adquiriu outra enfermidade: o medo. Não se atrevia a permanecer sozinha. A soledade aterrava-lhe, porque lhe devolvia o passado, onde voltava a contemplar, com os olhos da alma, fatos e seus pensamentos.

Georgette, apesar de seus múltiplos trabalhos, teve que acompanhar a jovem vários dias e várias noites.

A avó começou a decair física e moralmente, desde a enfermidade de sua neta. Adonai tratou de alentá-la, mas, conseguiu muito pouco.

A Condessa dizia-lhe:

- Sou velha, Adonai; já não posso reagir.

O jovem lia a desesperação que roia o coração daquela mulher. Nina via o decaimento de sua avó e sofria, indizivelmente, porque sabia que a anciã padecia por sua causa. Sentia, também, que, entre ela e Adonai, um abismo infranqueável havia sido aberto, embora ele a tratasse de igual modo como antes.

Dias depois, Nina perguntou a Georgette:

- O que Adonai disse de mim?
- De ti? Nada; somente, que estava muito preocupado por tua saúde.

Nina suspirou e disse, em seguida:

- Quantos dissabores tenho causado a este homem!

Georgette, para arrancar-lhe o segredo, replicou:

- Não importa; depois de te casares com ele, o recompensarás com duplo carinho.
- Emmmmmmmm..... Emmmmmmmmmm.....
- O que queres dizer?
- Isto quer dizer que Adonai não se casará comigo.

Georgette como que admirada:

- Não posso acreditar-te. Ele te ama.
- Amava-me, mas eu lhe ofereci dinheiro para que me devolvesse minha liberdade, e...
- E, ao dizer isto, inclinou-se no ombro de Georgette e chorou desesperadamente.

- Mas, não há motivo para tanta desesperação. Tudo o que me contas poderá ser remediado, se tu o amas.
- Nina afogou, repentinamente, seu pranto, e com voz lastimosa retrucou:
- Não Georgette, minha enfermidade não tem cura. Estou totalmente perdida.
- São apreensões apenas.
- Mesmo que Adonai me perdoasse, ser-me-ia impossível perdoar-me a mim mesma. Ele deve ser de tudo e, sem embargo, cala-se para não me lastimar. Há mais; por desgraça, cheguei a conhecê-lo somente depois de havê-lo perdido.
- Não te entendo em nada.
- Ele disse-me: “Na realização de teu desejo, está tua desventura”. “E ninguém poderá salvar-te”.
- Ao acabar de dizer isto, levantou-se, foi à penteadeira, abriu uma gaveta e tirou um papel, onde estava escrita, há meses, a frase anterior.
- Entregou o papel a Georgette e continuou:
- Como vou crer que Adonai não esteja a par de todos os meus movimentos. Mas, certifico-me muito bem que, por delicadeza, não me queira ferir. Escuta-me, Georgette: Eu já não sou tua Nina de antes. Já sou uma do montão. Sempre tive o louco desejo de pertencer a Armando, crendo-se o branco de meus ideais e, como uma mulher indigna, uma prostituta, entreguei-me a ele de corpo e alma, pisoteando, assim, minha honra e de minha família e a honra de Adonai. “Realizei meu sonho e agora sou a mulher mais infeliz”, como afirma este papel.
- Enquanto Nina falava, Georgette sentia como que gotas de chumbo caindo em seu coração, abraçando sua amiga, consolou-a:
- Não te aflijas tanto, amor. Armando pode casar-se contigo e livrar-te de tudo isto.
- Ah... Ah... Armando? Ele quer cinco milhões de francos para livrar-se de certos compromissos de honra e, como eu não lhe posso proporcionar, vai casar-se com Lili.
- Que homem tão vil e tão baixo!
- E eu que insultei a Adonai, quando o qualificou desta mesma maneira!
- Novamente reinou silêncio entre as amigas. Nina continuou:
- Já não me interessa nada e nem ninguém. Tampouco posso suportar mais a altivez de Adonai. Dar-lhe-ei os duzentos mil francos, e estaremos em paz.
- Que história é esta de duzentos mil francos?
- É o que lhe ofereci, para livrar-me do compromisso que contrai com ele.
- E ele aceitou o teu dinheiro?
- Creio que sim.
- Que raro.

Em uma das noites, nas quais Adonai ia cear com as duas mulheres, pela primeira vez, levou um bouquet de rosas para a Condessa. Esta, ao ver as formosas flores, pôs-se a chorar.

Adonai, ao contemplar as lágrimas da anciã, comoveu-se e aproximou-se dela; sentou-se a seu lado e, tomando-lhe a mão, acariciou-a neste momento, Nina chegou e, ao ver o quadro, precipitou-se de joelhos em frente da avó, abraçando-a, comovida.

Adonai, levantou-se e falou em tom de censura:

- Que sorte tenho! Trabalho o dia inteiro e, quando quero distrair-me por uns momentos com meus amigos, estes me recebem com lágrimas.
- Reagindo, então, a anciã disse:

- Vem, meu filho; estas flores me comoveram. Aproxima-te, e deixa-me te dar um beijo.
- Bem, - disse Adonai – mas, tenho fome, e ademais, esta noite quero tomar muito vinho.

Depois de cear, o jovem conduziu a anciã a seus aposentos, acomodou-a e, ao dar-lhe as “Boas Noites”, ela implorou-lhe:

- Adonai!... Sê caritativo e indulgente com tua irmã Nina...
Adonai surpreso, arregalou os olhos! A anciã continuou:
- Sim, Adonai, de hoje em diante ela será tua irmã; cuida-a, protegê-la ela está só. Eu vou morrer breve e te abençoarei da outra vida. Tu tens que salvá-la, agora, como salvaste antes, não é, filho?
O jovem sentou-se na cama, e aconselhou:
- Escute, mãezinha: antes de tudo, debes tirar de tua mente a idéia da morte. Nina te necessita muito, da senhora. Seja forte, levante este ânimo e tudo se reparará. O tempo é o melhor médico e o melhor remédio. Deves sair com Nina de Paris por algum tempo. Vão para o campo, durante um ou dois meses, e verás como a situação melhora.
- Se for para o bem de Nina, iria nesta mesma semana.
- Pois sim. É muito urgente sair agora deste ambiente; depois veremos o que acontecerá.
- Amanhã começarei os preparativos da viagem. Mas, não sei se Nina quererá ir.
- Ela irá com satisfação; agora, a dormir! Amanhã, domingo, virei cedo, para ajudar-vos. Até amanhã, velhinha.

Na sala, estava Nina sentada em uma poltrona, com a cabeça apoiada em uma almofada de seda.

Adonai chegou e sentou-se a seu lado. Os dois permaneceram pensativos.

Nina levantou-se, foi ao seu quarto, voltou, em seguida e, entregando a Adonai um papel dobrado, disse-lhe:

- Isto é o combinado.
Adonai o examinou, e viu que era um cheque de duzentos mil francos. Deixou-o a um lado e falou:
- Nina, sua avó está muito abatida, e tu tens que colaborar comigo para devolver-lhe a saúde e a alegria perdidas. Eu aconselhei-a sair de Paris por uma temporada e ir para o campo contigo. Creio que estas férias farão bem a ambas. Não te parece?
Nina refletiu um pouco e concordou:
- Creio que é o mais acertado.
- Então, amanhã podes começar os preparativos para a viagem. Com referência a este cheque, te direi que sempre te equivocas comigo. Eu não sou chantagista, Nina. Isto são tuas economias; guarda-as para momentos mais oportunos. Não nego que não me portei contigo como o devia. Eu tive toda a culpa por não saber captar... Enfim, teu respeito; mas nunca chegarei a merecer teu desprezo.

Nina saltou de seu assento com ímpeto de fúria e, golpeando sua cabeça com as duas mãos, exclamou:

- Meu Deus! Não possa mais!
Adonai acudiu-a, abraçou-a com ternura e a reconduziu ao canapé. Tomou o cheque, rasgou-o em pequenos pedaços e, ao jogá-los em um cinzeiro, disse com calma:
- Quando voltares de tuas férias... Falaremos. De agora em diante estás livre de teu compromisso para comigo, e até posso assegurar-te que nunca o tiveste, em verdade.

Mas, aconselho-te, que não abuses muito de tua liberdade, porque tens muitos deveres que cumprir contigo mesmo, com tua avó e com teu futuro.

- Com meu futuro! – disse Nina, com sorna.
- Sim, alguma missão tens que cumprir na vida.

A jovem suspirou, colocou os cotovelos sobre os joelhos e tapou o rosto com as duas mãos. Chorava por dentro, Adonai teve receio de seu estado e, querendo que ela exteriorizasse a dor, aconselhou:

- Chore, minha amiga; chore minha irmã; vem a mim e encontrarás outro coração mais dolorido do que o teu.
- Nina não pôde agüentar mais, e chorou copiosamente sobre o peito de Adonai.

Era aniversário do Sr. Miray...

- Conheces a Senhorita Lili Delavre?
- Não!
- Vem, para que sejas apresentado a ela. Os dois aproximaram-se da jovem. Marcel Guillen manifestou:
- Senhorita Lili, tenho o prazer de apresentar-te a meu amigo Adonai; médico, meu discípulo.

Os dois jovens olharam-se com surpresa. Adonai dizia, mentalmente, a si mesmo: “Ela é a noiva do Visconde”.

Lili pensava: “Este é o noivo de Nina”.

Adonai foi o primeiro a falar:

- É para mim uma felicidade poder conhecer uma das mais formosas e inteligentes representantes da sociedade parisiense.

Lili, como toda mulher, sentiu uma alegria intensa, ante a lisonja à sua vaidade e, ao mesmo tempo, sentiu uma simpatia indefinida por Adonai e proferiu:

- Agora já não me chama a atenção e nem me causa surpresa o amor de minha querida amiga Nina pelo grande Adonai.
- Por favor, senhorita Lili! Eu não meço mais do um metro e oitenta centímetros, e não posso aumentar nem mais um centímetro à minha estatura, apesar de seu bondoso qualificativo.
- Sem embargo, a você, tem que se olhar de baixo.

A mente de Adonai cruzou, como um relâmpago, uma idéia e, imediatamente, a pôs em prática.

Os assistentes, admirados e perplexos pelo jogo de palavras dos dois jovens, esperavam o final da conversa. Adonai, depois de escutar a última frase da jovem, ajoelhou-se sobre um só de seus joelhos e galanteou:

- Se em seu conceito, sou tão alto, eu me inclino humildemente ante seus pés, senhorita Lili.

Os que escutaram o elogio, não puderam deixar de aplaudir com entusiasmo.

Lili tomou o braço de Adonai e lhe rogou com carinho:

- Consideremo-nos como se fossemos amigos de muitos anos e, agora, acompanha-me a tomar algo.
- Já estou ébrio, senhorita.
- Lili olhou-o com carinho e disse-lhe em voz queda:
- Que feliz deve ser Nina!
- Que feliz deve ser o Visconde!

A jovem calou-se e os dois encaminharam-se para o bar da casa do anfitrião.

Serviram-lhe dois conhaques, e Lili brindou:

- Pela segurança de nossa sincera amizade!

- Por nossa sincera amizade e por sua felicidade!

Os dois tomaram o conteúdo dos cálices.

Depois de um instante, ela perguntou:

- Quando é o casamento?

Adonai não entendeu a pergunta, nem a quem se referia, e respondeu com outra pergunta:

- Que casamento?

- Como, que casamento? O teu.

- O meu? Pois, nunca tive esta feliz idéia.

- Não brinques, Adonai. E Nina

- Ah! Agora já te entendo. Pois bem, vou te contar um segredo: Nina teve um capricho passageiro, mas já passou; isto é tudo.

- Capricho, dizes? Não estão noivos?

- Nunca fomos, em realidade.

- Posso perguntar a Nina?

- Vejo que não me crês. Pois bem, Nina está no campo; podes escrever-lhe.

- Que curioso! Acaso, vocês se amam?

- Amamo-nos, ainda, mas de maneira diferente! Porém, diga-me quando te casas?

Ela olhou-o em forma contemplativa e permaneceu calada um momento, para perguntar em seguida:

- Adonai, por quê tu e Armando não podem ser amigos?

O jovem estudou o olhar de Lili, num momento, e respondeu:

- Como posso ser amigo ou inimigo do visconde, se não o conheço?

- Como! Vocês não se conheceram?

- Nem sequer de vista.

Lili ficou admirada e perguntou mentalmente a si mesma: “Se Armando não conhece Adonai, por quê fala tão mal dele e o ataca?” E em voz alta:

- Ele não visitava Nina e sua avó?

- Pode ser que haja feito.

- Diga-me Adonai, que conceito tens de Armando?

- Como posso formular conceitos sobre uma pessoa que me é desconhecida?

- Mas, deves ter ouvido falar dele.

- Efetivamente, mas o que tenho ouvido são conceitos alheios e não meus.

- És muito reservado comigo, Adonai! Sem embargo, vou abrir-te meu coração.

- Rogo-te que não o faças, porque em tal caso, me farás teu cúmplice.

- Considera-me enferma, como Nina; teu dever é, então, o de curar-me.

Adonai disse-lhe com precipitação e desgosto:

- Para quê? A fim de pisotear meu coração, depois?

Lili olhou-o com tristeza e perguntou-lhe:

- Nina fez isto contigo? Pois eu te juro que não te pedirei mais do que queiras dar-me.

- E eu lhe asseguro que Nina nada me pediu.

- Explica-me; não te entendo.

- Não há nada que explicar; ela tinha idéias irrealizáveis. Aí está tudo.

- Continua ela enamorada de Armando?

Adonai riu-se, em forma quase estrepitosa, e respondeu:

- Ela não me contou nada a respeito.

- Por Deus, Adonai! Entenda-me. Eu necessito de um confessor, de um apoio, de um médico; deixa-me acercar de teu coração.

- Mas, por quê escolhe a mim, justamente entre milhares de amigos que tens?
- Sei bem que tu podes guiar meus passos.
- Que grande sou! – disse com sorna. – Bom, venha esta confissão.
- Tu me dirás toda a verdade?
- A verdade, senhorita, é como a jovem honesta e pura; não se lhe pode despir ante os olhos de todos.
- Ante mim, tens que desnudá-la; por que meu futuro depende deste momento.
- Não vês que o lugar não é apropriado para estas confissões?
- Tens razão; vamos ao jardim. Mas, antes, quero tomar um cálice duplo, para dar-me coragem.
- Adonai riu-se, e acompanhou Lili para tomar a bebida e, depois, dirigiram-se ao jardim.
- No salão, ouviu-se uma voz que dizia:
- Pode-se saudar o par?
- Era Georgette. Adonai saudou-a com deferência. Ela sentiu-se contente, e abraçou Lili, que lhe disse com um sorriso:
- Levo-o ao confessionário, para que escute minha confidência.
- Felicito-te por haver-lhe convencido.
- Algum dia vou obrigar-te a que te confesses comigo, para castigar-te com uma penitência interminável, disse Adonai.
- Georgette estendeu a mão ao jovem e, com resolução, replicou:
- Aceito, toma minha mão.
- Adonai, em vez de dar-lhe a mão, acariciou-a o queixo com os dedos, e dizendo:
- Não, Georgette, tu não me necessitas. “Eu vim somente para os enfermos”. Os sãos necessitam de médicos.
- Georgette balbuciou inaudivelmente: - Rancoroso!
- Lili rompeu o mal estar:
- Até logo, Georgette!
- No jardim, sentaram-se, um em frente ao outro:
- Há muito tempo tinha desejo de conhecer-te, Adonai, devido as opiniões sobre tua pessoa. Eram muito contraditórias. Fostes muito discutido em nossa sociedade, e muitos foram até, dissimulados, para te conhecer, mas, voltaram decepcionados, por não poderem compreender-te. Fostes para eles, impenetrável, e até, para alguns, insignificante. Talvez tenham envenenado o coração de Nina, convencendo-a de que te amava; mas, depois, por tolice, tenha-se esfriado um pouco.
- Adonai riu-se nervosamente.
- Mas, Lili, estás confessando a falta de Nina e não a tua.
- Meu objetivo é chegar à meta. Nina me havia confessado várias vezes que estava enamorada de Armando, e ele, dela. Mas, quando cheguei a conhecer o Visconde, conclui que ele não pode amar, realmente, a ninguém. Ele é um caçador de fortunas.
- Lili calou-se por um momento e prosseguiu:
- Fez-se amigo de meu pai e, por ele, o autor de minha vida, chegou ao posto que ocupa atualmente; logo se fez amigo da casa. No princípio enamei-me dele, cegamente, por sua elegância e seu desenvolvimento na sociedade, por sua conversa amena, e outras coisas mais. Acedi a seu pedido, por insistência de meu pai; converti-me, pois, em sua noiva. Mas, durante este tempo, descobri muitas coisas neste homem, que o converteram-no, ante a mim, em um ser repugnante e intolerável.
- A jovem calou-se. Adonai continuava meditando em suas palavras.
- Depois, dirigiu-lhe esta pergunta:
- E te entregaste a ele?
- Lili tremeu e ruborizou-se, por não esperar tal pergunta. Abaixou seu olhar, e respondeu com uma só sílaba:

- Sim...
 - Muitas vezes?
 - Sim...
- Adonai levantou-se e deu alguns passos para frente, enquanto que Lili continuava petrificada em seu assento.
- Quero saber mais da vida de Armando. Voltou a sentar-se ao lado da jovem, tomou de sua mão e averiguou:
 - Não te aflijas tanto. Vamos buscar o remédio. Mas, diga-me: o que ele te contou de Nina?
 - Ele mente muito; disse que Nina se lhe havia entregado e oferecido toda sua fortuna. Mas, eu não o creio, porque Nina é uma moça pura e inteligente, que não se entrega tão facilmente a um homem, sem ter certeza de casar-se com ele. Logo cravou seu olhar no companheiro, e murmurou:
 - Não me censure em teu coração. Se eu quisesse, casar-me-ia com Armando agora mesmo, por isso fui sua. Já que o conheço, quero livrar-me dele. Prefiro ser uma de suas vítimas a ser sua mulher.
 - Posso saber por quê o odeias tanto? O abraço do amor não pode produzir repugnância entre os amantes, senão jamais existiria um só casamento no mundo. Lili respondeu precipitadamente:
 - O abraço do amor, sim; mas não o abraço da bestialidade.
- Ao ouvir a confissão, Adonai, por sua vez, tremeu. Engolfou-se, logo em seu mundo interno, durante um lapso, e, quando voltou de sua viagem mental, perguntou a Lili, que estava quieta como uma estátua:
- E agora, o que posso fazer por ti?
 - Aconselhar-me o que devo fazer para livrar-me dele.
 - Estás resolvida a afrontar as murmurações e as línguas viperinas?
 - Estou.
 - Pois, tens que livrar-te publicamente de teu compromisso esta noite, se não quiseres, amanhã, te tornares uma noiva viúva.
 - Como? O que dizes?
 - Quando ele chegar, haverá um pretexto; imediatamente. Então, tirarás o anel de compromisso e o lançarás ao rosto, diante de todos.
 - Haverá duelo?
 - Não, somente duelo de palavras.
 - Bem vamo-nos; ele acaba de chegar.

Enquanto Adonai conversava com Lili, no jardim, chegou o Visconde Armando.

Todas as moças correram para saudá-lo, acompanhadas de muitos jovens. Ele passeava seu olhar entre os presentes, mas não viu sua noiva. Quis perguntar por ela, quando, então, viu-a entrar no salão, de braço com Adonai.

O Visconde mudou de cor, porque reconheceu o jovem médico, a quem havia visto uma vez com Nina. Agora, ao ver Lili apoiada em seu braço, teve uma retrospectiva de consciência. Recordou sua traição a Nina e seu noivo e sentiu um pavor indefinido. Temeu que Adonai se vingasse, arrebatando-lhe a noiva e, com ela, a fortuna. Lembrou de seus credores, aos quais havia outorgado inúmeros cheques sem fundo e, por um momento, viu-se no cárcere, escarnecido pelos próprios amigos e pela imprensa. Sentiu como se uma hecatombe se lhe viesse em cima.

O jovem endividado perdeu a calma e uma parte de seu juízo.

Adonai olhava-lhe com os olhos bem abertos, como quem quer injetar-lhe uma dose de fúria. Armando avançou entre os assistentes, até chegar ao próximo par, que já estava no centro do salão. Aproximou-se de Lili e arrancou-lhe do braço do companheiro, bramando:

- Nunca debes acercar-te de certa classe de gente!

Os presentes exclamaram um “AH!” de surpresa e desgosto.

Lili, com as faces injetadas de sangue pela raiva, tirou o anel de compromisso e o lançou ao rosto de Armando, dizendo-lhe:

- Toma teu anel e, de hoje em diante, tenha muito cuidado em cruzar em meu caminho, se não queres que te cuspa na cara.

Essa atitude de Lili foi muito bem acolhida por vários convidados. Armando ficou cravado em seu lugar, sem saber o que dizer e o que fazer. Nesse momento, Adonai aproximou-se e lhe disse com voz calma, que chegou bem clara aos ouvidos de todos os presentes:

- Jovem, uma mão invisível escreveu em tua fronte estas palavras: “**MENE TEKEL**”, que significam, segundo a Bíblia: “Deus te pesou e te encontrou vazio. Por isso, pronto entregarás a alma”.

Muitos dos que presenciavam a insólita cena, sentiram a morte bater asas ao seu redor, ao escutar aquelas palavras.

Adonai tomou o braço de Lili e saiu do salão.

O Visconde, ao ver-se humilhado e, talvez, ao pensar na ruína que lhe esperava, além de sua desonra, tirou uma pistola Colt do bolso e, dirigindo-a para seu coração, deu dois disparos, antes que os presentes se despertassem de sua perplexidade.

A profecia de Adonai cumpriu-se ao pé da letra. O Visconde Armando morreu imediatamente. Muitos credores perderam seus dinheiros, mas, muitas jovens iludidas salvaram-se de suas garras.

CAPÍTULO XII

O Batismo do Fogo

E ra à noite de 25 de Junho.

Adonai, como de costume, trabalhou no hospital e, à tarde, teve desejos de ir para casa, em vez de dirigir-se a um teatro ou um cinema.

Quando chegou, sentou-se à escrivaninha para descansar, antes de trocar de roupa.

Em um minuto visualizou muitas coisas: viu, mentalmente, Nina, Lili, Georgette, seus enfermos; pensou na viagem `a América, atendendo ao chamado de seus irmãos e amigos, que insistiam em sua ida, porque lá ganhava-se muito dinheiro em pouco tempo.

América! ... Ah... Ah... Converter-me em comerciante; vender tecidos e ganhar cento por cento...! Que maravilha! Depois de tantos anos de estudo e de sofrimentos para adquirir um título e, afinal, fazer-se comerciante...! Que destino me espera.

Quanto discorria, mentalmente, ouviu três suaves pancadas na porta.

- Entre.

A porta girou, e uma mulher entrou.

Adonai olhou-a e sentiu como que uma corrente agradável percorria todo o corpo. Seus olhos cravaram-se nela.

A mulher sorriu, fez um sinal misterioso e falou:

- Mandaram-me conduzir-lhe ao lugar da reunião.
Adonai permaneceu sentado, e perguntava mentalmente: onde a vi?
Diante a imobilidade do médico, a visita acercou-se e perguntou:
- Quer que ajude a levantar-se?
Adonai pôde articular uma só palavra: “Astaruth”!
É que o semblante da mulher tinha muito de parecido com a jovem morta. (Veja o livro Adonai).
Inclinou-se sobre a mesa e rememorou fatos passados e ternas lembranças.
Momentos após, os dois saíram.

O Conselho dos Treze reunia-se...

No mundo externo, como no interno, existem as hierarquias e os hierarcas. O Conselho dos Treze estava composto de seres que foram iniciados para progredir até o estado de serem **“LIVRES ENQUANTO VIVAM”**.

O Conselho dos Sete se compõe de seres livres que se converteram em canais das supremas bênçãos divinas atraídas sobre o mundo.

Mais além deste Conselho está à identificação com a Própria Providência, e cada ser se converte, conscientemente, em Cristo, que desce da Divindade ao corpo físico.

Em toda nação existem alguns conselhos dos Treze; poucos, dos sete e raros, dos Três.

Não podemos estender-nos com mais detalhes, porque o mundo atual não está preparado para receber estas verdades; mas, afirmamos que todos estão trabalhando e planejando a evolução da era.

A obra deles consiste em apaziguar os ânimos da humanidade; tratar de afastar as guerras, e os ódios raciais; eliminar os sectarismos religiosos e implantar os princípios que foram dados a Adonai, por Issa, como se lê em um capítulo anterior.

O Grande Hierofante decidiu formar um novo Capítulo. A decisão recaiu sobre Adonai para ocupar o número décimo terceiro.

O Círculo dos Treze estava composto de homens e mulheres.

Jesus, o Cristo, ao dizer: “Quando duas ou três pessoas se reúnem em seu nome, eu estarei entre elas”, estabeleceu, assim, o Conselho dos Treze, no mundo físico.

Os realizadores do plano universal são membros destas Hierarquias. No curso das idades, e quando um ciclo está por terminar e outro novo a alvorecer, apresentam-se certas condições que devem ser realizadas por estes seres, que se dedicam à obra. Então os Deuses, ou o que chamamos “Irmãos Maiores”, lançam o “Fiat Lux”, para que os homens na terra e em todas do universo façam sua parte com a introdução das mudanças necessárias para a evolução.

O “Fiat Lux” foi lançado. Os membros das Hierarquias reúnem-se, para ajudar a que se verifique a substancial mudança, e para dirigir totalmente o pensamento ao fim desejado.

A Grande Obra foi começada, e os irmãos se reúnem, hoje, para renovar seus votos feitos no longínquo “ontem”.

Os membros do Conselho estavam descobertos... Uma Luz intensa banhava o aposento.

- Adonai! – disse o Hierofante – abençoado sejas filho.
- Tua companheira nos chamou a atenção sobre ti. Advogou muito por tua causa, e ficou fiadora ante os membros. Estás seguro de ti mesmo, para receber o batismo de fogo?
- Não, supremo Hierofante – respondeu Adonai, com precipitação – não sou digno, nem posso prometer nada; não sinto capaz de afrontar as conseqüências do batismo de fogo.
Reinou silêncio profundo, depois da resposta. Adonai continuou:
- Não tenho muita confiança em minha resistência e, por este motivo, escuso de aceitar a garantia da Irmã.
- Supremo Hierofante! Adonai foi tentado várias vezes e resistiu, - advogou a mulher.
- Sim, porque a ocasião não foi propícia e, assim, fui honesto à força.
- Adonai – disse o Hierofante – a sarça arde em ti e o fogo se converte em luz; é isto o que se exige do membro.
- Sem embargo, ninguém pode medir minha resistência.
- Eu carrego com a responsabilidade, supremo Hierofante, - replicou a companheira.
Adonai comoveu-se visivelmente, quase se lhe nublaram os olhos, e comentou:
- O Santo Hierofante está vendo minha debilidade humana. Em meus olhos há algo ainda que se assemelha a lágrimas.
A mulher murmurou:
- O sentimento divino, às vezes, manifesta-se em lágrimas.

- Adonai! – disse o Hierofante – tu és o único que deves julgar teus atos; nós te pedimos obras.
 - O que valem as obras sem os atos?
 - O médico pode ser ateu, libertino e bom médico, ao mesmo tempo. A humanidade se interessa pelo saber do facultativo, e não, pela sua vida pessoal.
 - E se fracasso?
 - Nenhum membro do Conselho pode fracassar. Esta palavra não existe para nós. Podemos cair várias vezes, mas, temos o poder de nos levantar e seguir. Nossa queda será uma nova responsabilidade pela qual cada um tem que julgar-se a si mesmo. Mas, a obra deve que seguir avante e, quanto mais acelerada, melhor.
 - Porque estás dotado de um fogo ingente, e nós necessitamos desta energia, para realizar nossos fins.
 - Eu tenho muitos desejos ainda a satisfazer, e não os posso arrancar de minha mente.
 - Deves saber, meu filho, que o reino de Deus inclui o reino das satisfações do mundo. Quando o coração sente um desejo justo e positivo, que não prejudique a ninguém, é o próprio deus Interno que desperta e incita o homem para satisfazê-lo. É a própria Providência que quer expressar-se.
- Adonai, ao ouvir estas frases cortantes, que haviam sido sempre sua convicção íntima, decidiu:
- Obedeço e aceito!
- Todos demonstraram satisfação. O Hierofante ordenou:
- Descobre-te Adonai...

O Hierofante falou:

- O Batismo de Fogo é o Batismo do Espírito Santo.
- “Sobre o Batismo de Fogo foram fundadas todas as religiões, com seus símbolos, rituais e liturgias”.
- “O mistério do fogo é o mistério da criação, da geração e da evolução. O amor é filho do fogo e, sem ele, não há amor, nem inspiração nem beleza”.
- “A alma, fragmento indivisível do espírito, é FOGO BRANCO, colocado dentro da Trindade do homem”.
- “O FOGO da alma alcança o cérebro, o coração e o sistema genital, que é o depósito do poder. A chama deste fogo é o selo da imortalidade. O ser que acendeu a chama do altar torna-se Deus”.

- Irmãos! – clamou o Hierofante – FAÇA-SE A LUZ... E A LUZ FOI FEITA. Houve longo silêncio.

O Hierofante olhou aos presentes e exclamou:

- Todos já estão selados pelo Fogo.
Depois de uma pausa, continuou:
- Amados, o Batismo do Fogo é o Batismo da dor. Aquele que foi batizado, já não pertence a si mesmo, senão ao mundo.

- O Batismo de Fogo vos leva ao Sacerdócio de Melquisedec, mas, antes de transpassar os umbrais, devei ler o arquivo de vossas vidas no mundo interno, para poder medir as próprias forças e capacidades. Todo sacerdote deve ser crucificado, de uma maneira ou de outra. Ide, Irmãos, estudar vosso passado. Eu vos esperarei no dia marcado.

CAPÍTULO XIII

No Mundo Submerso

Há um Espírito Único, que enche a imensidade; está em todas as partes, sem estar confinado em parte alguma.

Os espíritos emanados d'Ele, não podem viver sem envolturas, realizam uma ação que lhes protege de ser absorvidos no infinito.

O Único Espírito não pode ter forma, mas não podem existir espíritos sem formas.

Os astros têm alma. A Terra é um ser vivente, que tem alma, que é múltiplice em suas manifestações, **PORQUE A MATÉRIA NÃO É MAIS DO QUE O SUBSTRATO DOS ESPÍRITOS MANIFESTADOS.**

Uma voz silente disse:

- Já podes fechar as portas externas, para entrar nas do coração. Agora tens que sonhar algo, que não seja mais razoável do que as visões do sonho, segundo o mundo...

Adonai entrou...

Era a morte em vida. A perda do corpo físico não converte o homem em outro diferente. No mundo interno não se viaja a nenhuma parte.

Segundo as vibrações do indivíduo, pode-se comunicar com seres cujas vibrações são afins às suas. Os de vibrações rápidas podem descer aos de vibrações lentas, mas, estes não podem subir às etapas sutis.

Para a alma não existe, no mundo interno, nem distância e nem tempo; de maneira que o homem vê os seres e coisas presentes diante dele, dentro da área de suas próprias vibrações.

Cada centro magnético, dos sete que tem o homem, comunica-lhe com um dos planos de vibração do mundo submerso.

O mundo interno está composto de energias atômicas, inteligentes, diversas e infinitas, que vibram de acordo com o plano em que se acham.

Um sentimento de amor tem vibrações muito sutis e diáfanas, enquanto que as do ódio são densas e opacas; daí pode-se assegurar que, neste mundo submerso, chamado mundo astral, ou de desejos, por uns, e mundo da alma, por outros, é onde se encontram o inferno, o purgatório e o céu, pois nele não há recompensa nem castigo, mas conseqüências de tudo aquilo que um homem haja feito, dito e pensado, enquanto viveu no mundo físico.

O demônio é um átomo criado pelo próprio homem; é o conjunto de todos os pensamentos, palavras e obras que desenvolveu durante sua vida física. Este mesmo demônio se encarrega de lhe fazer sofrer, porque reside com ele e nele.

A bondade e o amor abrem a porta do coração, que conduz aos diversos apartamentos do Reino Interno. O pensamento de sacrifício desce, como o fez Cristo, ao Inferno (Inferno) para salvar as almas encadeadas naquela região.

O céu e o inferno são estados de espírito que se encontram no homem que os criou.

CAPÍTULO XIV

No Inferno

A donai havia lido a “DIVINA COMÉDIA”, de Dante; também fez a tentativa de penetrar no corpo de um sentenciado à morte, para saber o que sente um ser desesperado; sem embargo, suas experiências foram como que brinquedos de crianças, ante a realidade daquilo que chama “inferno”.

Quando estudava, dentro do condenado à forca, sentiu uma desesperação indescritível: rememorou sua infância, o amor de seus pais, os jogos com os companheiros, as esperanças, amores e todo o agradável na vida. Sentiu a corda ao redor de seu pescoço, a asfixia, os movimentos desesperados para respirar o ar que lhe faltava, e seu corpo, que tremia e movia-se no espaço. Sentiu todos estes horríveis sofrimentos, mas, no final, tranqüilizou-se, filosofando: são poucos segundos e, depois, desaparece toda a dor e toda a desesperação. MAS, AGORA, NO INFERNO, TUDO ERA UMA DESESPERAÇÃO ETERNA.

Ele percebia que os horrores devem ter um fim, mas nunca sabia quando e como.

Ouviu uma voz que lhe gritava: Sem vergonha! Já estás aqui? Viu-se completamente descoberto e despido, com uma mulher. Os assistentes o contemplavam com sorna como se estivessem em uma praça pública, representando um drama teatral.

Neste maldito mundo, tudo está descoberto e ninguém pode ocultar nada de sua vida.

Ele se retorcia de vergonha e de arrependimento. Percebeu a dor que havia causado ao mundo, por infringir a lei da Natureza. Sentiu o sofrer que causou a cada um dos que havia feito desesperar. Compreendeu que foi ele quem contribuiu em criar este inferno e, nele, havia colocado a estas almas.

Naquele momento começou a atenuar-se à obscuridade, e uma luz vermelha como sangue surgiu lugubrememente.

Adonai viu o que nenhuma mente humana pode descrever com palavras. Agora, já não era medo, mas um horror, ao ver as desgraçadas criaturas em suas terríveis dores e sofrimentos.

O jovem começou a estudar a situação; queria saber o que deveria fazer nestes casos.

Seu próprio estado era calamitoso...

- Se tens medo, leitor amigo, ou se sofres do coração, aconselho-te a não continuar lendo este Capítulo...

Adonai, consciente do menor detalhe, achava-se em um ponto central, daquela região.

Estava rodeado?... Estava preso? Não se pode definir o estado em que se achava. Envolvido, (talvez seja esta a palavra mais própria, que pode interpretar o sentir do momento), de uma atmosfera, ou estava dentro de outro ADONAI, que lhe apertava como se fosse uma roupa muito estreita ou como uma cinta que comprime o abdômen de uma pessoa gorda.

Sentia-se rodeado por bestas que lutavam entre si, para chegar primeiro e apoderar-se da presa. Não eram de carne e osso; possuíam contextura diferente, assemelhavam-se estrela do mar de uma matéria viscosa e colorida. Cada entidade arrojava uma baba suja e podre.

umas tinham tentáculos, como polvo, outras estavam munidas de garras e outras, ainda, aparentavam ter dentes afiados.

Já viste, amigo leitor, embora tenha sido no cinema, como a jibóia aperta suas vítimas até romper-lhe os ossos? Pois, assim, aquelas entidades apertavam Adonai; viviam nele e com ele, como se seu corpo fosse sua guarida. Alimentavam-se da vitalidade do jovem, como plantas parasitárias, no tronco das árvores. A simples vista, parecia que o homem e seus animais viviam harmoniosamente, ou, com a conformidade do ser cujo mal não tem cura.

Todos eles formavam, em conjunto, o dragão da obscuridade externa que, segundo certos ocultistas, é chamado o fantasma do umbral.

Adonai sentiu-se que era a alma, rodeada de uma alma falsificada. Que era espírito, cercado por outro, também, falsificado; mas, ambos eram criação sua e, neles, estava gravado seu destino.

O tempo transcorreu-se sem cronometria.

Agora, Adonai, já podia ver na obscuridade. Em seu redor, e em sua frente, achavam-se milhares de seres que pareciam mais bestas do que criaturas humanas. Todos debatiam-se naquelas trevas e cada um reconstruía seu passado horripilante, cheio de crimes e maldades.

O que fazem estes homens?

Aqueles!... Estão reconstruindo seus crimes cometidos há meses.

Um está sentado em frente a uma mesa, tomando seu copo. Do outro lado encontra-se um amigo ébrio como ele. Falam e riem... Logo se desgostam por uma palavra... Um agarra seu revólver e o dispara à queima-roupa; o amigo desembainha uma adaga e lhe a crava no peito. Ambos caem e abandonam o corpo; mas, até o momento, continuam dando facadas e tiros de revólver.

O ódio os cegava até depois da morte; não queriam escutar conselho algum dos salvadores... E... Foram abandonados até outra ocasião.

E aquela?...

Reconstrói seu passado e sua vergonha.

Jovem de vinte anos! Rememora! A paixão a devora! Ela o ama e o deseja, com todo furor de suas vinte primaveras... Ele se aproveitou dela e a abandonou. Jura matá-lo se não legalizar seu filho; mas, morreu, com ele, no parto. Não pode acreditar que estivesse morta, maldiz ao homem que a enganou e deixou o seu bastardo, sem nome. Sofre, grita, chora pela desgraça de seu filho; deseja assassinar o causador de seu infortúnio.

Adonai teve compaixão da mulher, e procurou sair do casarão ou de sua alma falsificada, mas, sentiu uma espécie de tremor em todo o corpo. Os animais uivaram e se prepararam para a luta.

“Por quê te metes no que não te convém?... Quem será ela para ti? Nem sequer, uma conhecida... Não deves fazer um bem para tropeçar com um mal... Cada qual recebe o que merece...”

Milhares foram os conselhos sofisticos, dados por aquelas entidades, que lhe apertavam como serpentes com seus anéis.

Novamente teve medo, e compreendeu que até o homem mais santo pode prejudicar os demais seres com maus pensamentos. O pensamento é um fluido que sai da mente em busca de outras mentes afins.

Pensou em fugir, e muitas vozes gritavam: fuge, vai-te, livra-te a tempo...

Mas, escutou a voz saída de seu coração: EU SOU O AMOR PODEROSO EM TODO O SER.

Naquele momento, ouviu-se um bramido infernal que se assemelhava a trovões e a queda de torrentes de águas, quês saíam da entidade horrível que lhe envolvia e lhe apertava, para precipitar-se nas trevas eternas, deixando, atrás de si, uma fumaça asfíxiante.

Adonai estava livre. Olhou a seu redor e viu muitos seres luminosos, que lhe rodeavam, custodiando-o, sem que ele, antes, houvesse percebido sua presença.

Lhe disseram, com uma voz cheia de amor:

- Continua!

Obediente, falou à infeliz mulher, aproximando-se:

- Escuta: não chores mais; eu me caso contigo e darei meu nome a teu filho.

A jovem olhou e nada respondeu.

Instantes após, ambos se viram em uma igreja, ante um sacerdote, que abençoava seu casamento.

A mulher feliz e tranqüila foi rodeada por uma atmosfera doce e luminosa. Alguns seres de luz apareceram para ajudar a nova visitante.

Adonai voltou novamente ao inferno.

Apresentou-se, ante ele, um ser malvado, que havia empregado o poder da ciência para prejudicar aos demais, e, às vezes, nem por proveito pessoal. Era um daqueles seres que descobriram os mistérios da magia, e causam muitos males a seus semelhantes.

Cravou a atenção em Adonai e lançou todos os seus poderes e forças para dominá-lo e arrastá-lo a seus pés. O jovem sentiu um formigamento de temor em seu corpo; mas, resistiu e, enquanto lutava com seu contentor, viu Issa a curta distância. Sentiu-se cheio de valor e clamou:

- Eu sou o amor.

Ao pronunciar esta afirmação, o ser maligno caiu de bruços no solo, e rolou, até chegar-se a seus pés.

Adonai alegrou-se, e sentiu ver Issa vigiando-lhe.

Esta primeira divisão é a mais horrorosa e terrível. É o verdadeiro inferno no homem. Aqui residem os átomos e almas de desejos e instintos vis, que formaram e criaram esta etapa densa no homem para que, no futuro, seja nela aprisionado, sofrendo as mais densas vibrações.

É muito difícil eliminar estes germens, porque eles se tornaram partes da natureza do ser, agarram-se a ele, como se fossem sua própria carne.

Aqui estão os criminosos, assassinos, suicidas, ébrios, ateus depravados, e todos que torceram e transgrediram as leis naturais.

Eles acendem suas paixões brutais e apetites ferozes de vingança e ódio. Moldam até a fisionomia segundo seus desejos animais e, esperam o momento para obsediar ao homem.

Adonai notou aqui algo muito especial; quando o homem sobe ou desce a uma etapa do inferno ou do céu, que se encontram em seu próprio corpo, FICA, DE FATO, EM COMUNICAÇÃO COM OS SERES E ALMAS HUMANAS QUE HABITAM ESSA ETAPA.

Os mundos internos são diferenciados pela qualidade das vibrações e, não é como o intelecto pensa, que são vários degraus umas sobre as outras. O inferno, o purgatório e o céu estão em um só lugar, se assim nos permite expressar, porém, se diferenciam pela sutilidade dos átomos e almas que residem neles.

Muitos seres de luz estavam naquela região, salvando as almas já arrependidas e martirizadas pelos seus erros e crimes. Estas almas chamam, em sua ajuda, aos seres superiores, prometendo cumprir o castigo de suas culpas, sem queixas e, assim, neste estado, atraem a atenção dos salvadores e de seus discípulos, e de acordo com suas intenções serão ajudadas.

A alegria, ali, está absolutamente ausente. Se a mãe encontra-se com o filho, ou o amante com a amada, manifestam repugnância mútua, em vez de satisfação.

Adonai contemplava o trabalho dos SERES DE LUZ nesta região. Todos estavam dedicados à salvação, e o SER que mais amava, conquistava maior número de sofredores.

Chegou um momento em que Adonai ficou isolado de todos. Sentiu uma soledade desconsoladora. Tudo era tédio e aborrecimento. Percebeu como causava, por meio de seus pensamentos, as desgraças dos demais. Compreendeu o motivo pelo qual o Iniciado não deve ter cólera, tristeza e aborrecimento, afim de não contaminar aos demais.

Concluiu que este estado de coisas é irremediável, enquanto existirem homens que pensem sempre mal e que agem incorretamente.

Como poderia ele por termo a estes sofrimentos???

Enquanto meditava, verificou que era alvo de muitas mudanças. Neste instante, aconteceu algo inusitado.

Sobre ele foi projetada a atenção de certos seres poderosos. Depois de um lapso, viu-se rodeado de entes desconhecidos.

Um deles aproximou-se de Adonai e disse-lhe:

- Em nome de nosso senhor, viemos oferecer-lhe tudo o que teu coração anseia: o saber, o poder e o amor.

“Olha, todos estes arquivos serão teus, e tu não tens senão que descer e estar conosco, para estudá-los e extrair deles o necessário para dominar o mundo externo. Aqui está escrita a ciência das idades. Ela será tua, e tu serás o mais sábio dos séculos... Com o saber está o poder que começa com o dinheiro e, logo, com o domínio... Transformaras-te no grande general, cujo exército será invencível e, pela guerra dominarás os inimigos, e esta região no mundo será tua e, assim, devolverás à tua raça o prístino, brilho e glória”.

No amor, serás o sol, em cujo derredor estarão as mais belas e interessantes mulheres do mundo...

Adonai via diante de si todos os quadros projetados pela mente dos mensageiros. Eram quadros nítidos, completos, atraentes e tentadores.

O arauto continuou:

- Não exigimos nada de ti; somente pedimos que te unas conosco e não perturbes nossos trabalhos.

Adonai respondeu em tom de sorna:

- Nada mais? E se não aceitasse tua proposta, o que aconteceria?

- Pois, olha por ti mesmo:

Vários quadros começaram a desfilar diante do jovem, que projetavam-se de um centro interior. Ele os contemplava com detida atenção, como se presenciasse a um interessante filme cinematográfico.

Causas e efeitos desfilavam-se; dores e alegrias sucediam-se; mortes e vidas contínuas traçavam suas marcas nas areias da eternidade.

Tempo e espaço estavam cheios dele. Sucesso e mudanças eram intermináveis; cadeia eterna que une o antes ao depois!

Cada átomo, no mundo inferior, era um arquivo bem guardado, que projetava, com nitidez, as sucessões das épocas.

Ele tinha que lê-los, senti-los e vivê-los, novamente.

Adonai percebeu o que o esperava, como efeito de uma causa anterior.

Não nos incumbe relatar suas vidas passadas, mas, podemos, a título de exemplo, expor a relação causal de uma delas.

Ele vivia em uma casa incrustada no peito de uma montanha, à qual dava o nome de “O ninho da águia”.

Era casado e tinha filhos. A mulher e um de seus filhos eram seus inimigos, porque queriam tudo para si e ele se defende de suas artimanhas.

De vez em quando, o esposo abandonava o lar, por temporadas em busca de tranqüilidade e descanso nervoso.

Uma vez retornou, secretamente. Nenhum dos vizinhos soube de sua volta; mas a mulher e o filho, que visitavam a uma família, suspeitavam de seu regresso. Era perto de meia-noite, e tinham que chegar em casa secretamente, para que ele não notasse a ausência; mas, ao entrar, produziram um ruído. O homem, crendo que foram ladrões, exclamou: Quem é? Ninguém respondeu. Tomou seu revólver e, às escuras, disparou para o lugar de onde vinha o barulho.

Ao ouvir as vozes de dor, acendeu a luz e viu que ambos estavam estendidos e mortos pelas balas da arma.

Aflitamente saiu da casa e fugiu.

Estando longe da região, ouviu dizer que os ladrões entraram em sua casa e assassinaram sua mulher e filho.

...Adonai deveria desposar a mesma mulher e ser pai do mesmo filho para reparar o dano que lhes causou na vida precedente e, ao mesmo tempo, para plantar o amor em seus corações.

O jovem viu o que deveria sofrer nesta vida. Seria um ser incompreendido pelos demais, mal recompensado e vituperado pelos seus.

O hoje é uma consequência do que foi ontem. É ele, um ser sensível, amoroso, digno, consciente de seu dever nunca reclama um direito, fiel à sua palavra e, sem embargo, deveria viver em um ambiente mentiroso, astuto e cruel, que tudo pede e nada dá.

Contemplava os sofrimentos e, sobretudo, ouvia o juízo dos outros contra si. Procurava elevá-los e proporcioná-los a felicidade, e era qualificado de inútil, inepto e iluso. Tinha muito amor próprio e dignidade, e sem embargo, necessitará deles...

Naquele momento, recordou Jesus no horto e repetiu as mesmas palavras:

- “Pai, afaste este cálice...”
- Escolha, agora mesmo, teu futuro e teu destino – gritaram os assistentes, para cortar-lhe o pensamento.

Aquele grito perturbou-lhe, no princípio; mas, em seguida, recordou sua situação e reconquistou o ânimo, lançou o desafio, com o qual selou seu destino.

- EU SOU DEUS em ação em todo o tempo e em todo o lugar.
- A Luz brilhou nas trevas e varreu com todas as entidades sinistras.

Adonai ficou surpreendido ao ver-se vigiado por outros seres de luz que lhe rodeavam em sua tentação.

Encontrou-se com um ser ateu, perdido em uma escuridão intensa, e que ao perceber Adonai, murmurou:

- Eu sempre dizia: a morte é o fim de tudo; depois dela, não há mais nada!

O médico contemplou-o e perguntou compassivo:

- Tu não és nada depois da morte, meu amigo?

O homem perturbou-se e permaneceu calado. Adonai continuou:

- Recordas daquele que dizia: “Sou ateu pela graça de Deus?”

A perturbação e a dúvida foram as primeiras sementes lançadas na alma do homem.

O mais horrível, desta região, era que seus habitantes não tinham corpo completo. Uns estavam sem ventre, a outras lhes faltava uma parte do rosto, alguns carcomidos, como se fossem leprosos e outros viam-se perfurados... Todos sofriam dores tremendas, gritavam, blasfemando e maldizendo. Era que todos padeciam a desintegração do corpo de desejos, onde foram desenvolvidas suas paixões. Aquele estado era a segunda morte, a pior tortura, do qual falou o Apóstolo do Apocalipse.

Mais além, isto é, em uma atmosfera menos densa, encontravam-se legiões inumeráveis de seres luxuriosos e libertinos, que viveram somente para satisfazer as paixões carnis, interessando-se pelas trivialidades da vida. Tinham corpos incompletos, desfigurados, fedorentos, ardiam-se pelo desejo e luxúria, sofrendo o indizível, como seres que são aprisionados bem perto da água, sem poderem alcançá-la. Gritavam, falavam, retorciam-se e corriam de um lado para outro em busca de uma satisfação carnal. Os prazeres desenfreados os deixaram com escassa inteligência. O elemento feminino era o que mais falava e reconstruía maiores visões eróticas. O gozo fugia deles. Enlouqueciam-se pela intensidade do desejo.

Não eram mais do que pedaços de seres, queimando-se com seus próprios fogos. O quadro era horripilante e fatídico. Adonai compreendeu que ele, também, contribuiu nesses sofrimentos, muito mais do que imaginava. Em muitas ocasiões, alimentou os desejos desses seres, com os seus próprios desejos...

No exército de enlouquecidos concupiscentes, distinguiu uma jovem que chorava desconsolada. Seu corpo não tinha as mesmas desfigurações dos demais. Acercou-se e compreendeu que ela acreditava ter cometido um pecado mortal por ter-se entregue ao amante, morrendo sem confissão e, por estas razões merecia o inferno.

Adonai disse-lhe:

- Vem comigo; eu te levo ao sacerdote para confessares.

Ela alegrou-se muito. O jovem, com sua visualização, formou o quadro. A pecadora viu-se ajoelhada ante um confessionário, relatando ao sacerdote sua única culpa, por haver muito amado.

O salvador a felicitou pelo perdão de seu pecado e a deixou alegre e contente, realizando uma transformação vibratória.

Depois viu legiões de avaros, aqueles que buscavam o proveito pessoal a custa de sofrimentos alheios.

Esses pobres seres imaginam, certos quadros, para conservarem seus tesouros, a defendê-los da invasão alheia, produzindo até risos no próprio inferno.

Adonai aproximou-se de um deles; era um ancião sentado à porta do cofre de suas riquezas. Ao ver o jovem avizinhar-se, tomou o revólver e descarregou vários tiros contra o visitante.

Céu e inferno são dois estados do ser, dentro do próprio ser. Não são lugares e nem regiões em alguma parte do espaço...

O homem é o criador de seu inferno e de seu céu.

Os pensamentos e atos são os forjadores do bem estar e da dor, em vida e depois da morte.

O mal não existe; é o homem quem, abusando de seu privilégio, converte o bem estar em dor...

- Adonai, a seguir, viu-se sentado diante de Issa que lhe perguntou:
- Em qual estado queres trabalhar?
Respondeu, sem meditar:
 - Se me é permitido, direi: quero trabalhar em todas as etapas.
Issa contemplou o jovem, com satisfação.
 - Vai-te, - disse-lhe, - as portas estão abertas diante de ti, e o mundo é teu campo.
 - Me protegerás em minhas debilidades, não é assim?
Issa sorriu e, com a bondade de um pai, respondeu:
 - Já és bem crescido, e tuas quedas serão novas lições úteis para ti.

Ao despedir-se de Issa, Adonai sentiu que algo se arrancava de seu coração. Instintivamente pôs a mão direita sobre o peito.

Issa lhe disse:

- Pelo coração começou a tua vida espiritual e, pelo coração, terminará a tua vida física.
Adonai compreendeu que deverá morrer.

CAPÍTULO XV

A Ordenação

No dia 14 de Julho, enquanto toda a França festejava o dia da liberdade, o Círculo dos Treze achava-se reunido, para outorgar o Batismo de Fogo e consagrar os escolhidos ao Sacerdócio de Melquisedec.

O Supremo Hierofante explicou aos presentes:

- Irmãos: deveis nascer de novo, pelo Fogo do Espírito Santo. A eternidade é representada em círculos, e a salvação, que tem um aspecto desse mistério, se realiza por meio de círculo.

Formai-vos, em círculo, no centro do Templo.

Agora escutai os ensinamentos que vos preparam para receber as Chaves dos GRANDES MISTÉRIOS. Vos serão dadas de BOCA A OUVIDO. A religião e o serviço não se

praticam em um dia especial; porém todos os dias e minutos, com o único objetivo de manter sempre ardendo a Chama Sagrada.

NUNCA DEVEIS DEIXAR QUE O FOGO-LUZ SE APAGUE. ESTE É O GRANDE MISTÉRIO DO DEUS VIVENTE NO TEMPLO CORPO.

NESTA LUZ ENCONTRA-SE A VIDA, TUDO O QUE ERA, É, E SERÁ. ENCONTRAI ISTO, E HAVEREIS DESCOBERTO O GRANDE MISTÉRIO.

Os que não desvelam este segredo, nunca sentirão a Deus vivente; para eles. Deus será uma estátua no altar de uma igreja.

Os Sacerdotes de Melquisedec são os que rendem culto ao PODER CRIADOR DA VIDA.

A humanidade adora o símbolo do Criador, que se traduz em geração e regeneração. Esta dupla atividade do Poder Criador foi simbolizada pela cruz, que substitui o símbolo da Força Criadora.

Para a humanidade, a cruz se converteu em instrumento e símbolo de tortura e de morte, mas, para nós, é o emblema da vida e da felicidade, porque sublima a semente criadora.

Sem geração, não há almas para salvar.

Por intermédio do homem, o Criador desce ao ventre da mulher, e, no ato da procriação, o Sacerdote VÊ SOMENTE A DEUS.

O homem é considerado como cooperador de Deus, e o FALO era seu emblema ou representação mais sagrada.

Antigamente, em todas as religiões, os homens ofereciam a Deus, por meio da circuncisão, as premissas do fruto da vida, como sinal sagrado da aliança entre ELE e os homens.

Os antigos juravam, solenemente, colocando a mão sobre a cruz genésica da pessoa a quem se fazia o voto ou promessa. Os tradutores da Bíblia trocaram-na por "Coxa".

Os antigos rendiam culto à cruz, que é o símbolo da salvação pelo poder viril, posto que, em realidade, o homem esgotado, impotente, perde a saúde e ARROJA FORA A PRÓPRIA ALMA OU FOGO DIVINO DE SUA ALMA, TORNANDO IMPOSSÍVEL SUA IMORTALIDADE CONSCIENTE...

O homem sexualmente incompleto não pode ser Sacerdotes, nem Mago, porque é pelo Fogo Divino que deve converter-se em Luz que o leva ao Pai, que mora em seu próprio corpo.

O Poder Sagrado deve ser manejado pela Sabedoria, a Razão e a Utilidade.

A ALMA DO HOMEM É O SOL DO HOMEM.

O SOL FÍSICO É A ALMA DO SISTEMA.

O SOL ESPIRITUAL É A ALMA DE TUDO O QUE EXISTE.

O iniciado tem que encontrar a Luz em si próprio, porque esta Luz comunica-se, diretamente, com o Sol Espiritual, manifestação suprema de Deus.

A paixão é a fonte vital de toda a procriação. Esta energia onipotente é a força atuante do PAI CRIADOR DOS CÉUS E DA TERRA.

A ENERGIA ÍGNEA NO HOMEM É DIVINA; MAS, SE É USADA COMO SATISFAÇÃO DESENFREADA, CONVERTE-SE NA SERPENTE DO ÉDEN E SERÁ A CAUSA DAS DESGRAÇAS.

O DESEJO CRIADOR É O DESEJO DO CRIADOR NO SER. O ABUSO, PELA SATISFAÇÃO DO PRÓPRIO DESEJO, É A SERPENTE QUE SE ARRASTA, É O TENTADOR, PAI DA MENTIRA E Opositor DO BEM.

Este é o significado alegórico da serpente do Paraíso, que conduz o homem a trocar o abraço divino e a união divina, em gozo da carne.

A função dos sexos é o ato mais santo que o homem deve realizar; mas, ao mesmo tempo, é o ato mais enegrecido que o homem pode levar a cabo e, assim, vemos que a

degeneração dos homens degenerou a sublimidade do ato; porque, tal como pensa o homem em seu coração, assim é ele e assim são seus atos.

Cinco mil anos antes de Cristo, a Cruz era o símbolo mais sagrado, porque representava a divina união entre os sexos, a qual conduz à vida eterna, à luz que imortaliza. A união simbolizada pela Cruz era, é, e será a salvação da vida, por ser considerada como uma RE-União com Deus e absorção na alma Divina.

O abraço divino despertou uma REALIZAÇÃO DA ALMA E LHE DEU LUZ PARA A IMORTALIDADE, QUE SUCEDE À MORTALIDADE.

HOMEM E MULHER JUNTOS têm o poder da salvação e da imortalização, mas, isolados, são impotentes e estéreis.

Nisto consiste o segredo da Onisciência que formou o homem em dois sexos, em vez de um.

Poucas almas se unem com o duplo propósito de afirmar “O QUE DEUS UNIU, O HOMEM NÃO PODE SEPARAR”.

O Hierofante calou-se, durante um instante, como quem se prepara para dizer a PALAVRA PERDIDA E ENTREGAR AS CHAVES DO REINO AOS SACERDOTES. Depois falou em voz muito baixa:

“O FOGO EDUCA A VONTADE, E A VONTADE É A MAIS PODEROSA ARMA NAS MÃOS DO MAGO...”

Aqui abaixou demasiadamente a voz e disse algo que não chegou ao ouvido do autor...

- Com isto, podeis abrir as sete portas do poder, que a alma só alcança por meio do AMOR-FOGO...

Este é o ELIXIR DA VIDA E A PEDRA FILOSOFAL...

Aspirai o ESPÍRITO SANTO, QUE DEVE ATUAR EM VÓS POR MEIO DO AR... PARA A COMBUSTÃO QUE BROTA DO AMOR-FOGO, QUE É A LUZ.

ASPIRANDO A DEUS-AR, GERA-SE A LUZ MEDIANTE OS PULMÕES...

RETENDO A DEUS-AR NOS PULMÕES, SE COLOCA EM CONTATO COM O FOGO CENTRAL DA ALMA.

MAS, O HOMEM ASPIRA OS ÁTOMOS AFINS A SEUS PENSAMENTOS...

O SACERDOTE MAGO PODE, À VONTADE, PRODUZIR FOGO E LUZ EM TODO O SISTEMA, AO UNIR O AR COM A ENERGIA CRIADORA DO PLEXO SOLAR...

Para atuar, o FILHO tem que ser UNO com o PIA, para fazer a vontade da ONIPOTÊNCIA...

O DIVINO NÃO É SEM O HUMANO, NEM O HUMANO É SEM O DIVINO.

SEM O AR EXTERIOR, O FOGO INTERIOR NÃO PODE CRIAR NEM VIDA, NEM LUZ...

Depois exclamou:

- Irmãos, despojai-vos de vossas túnicas!

Todos os presentes se despiram. Só um avental de linho cobria os órgãos sexuais.

- De joelhos – voltou a ordenar o Supremo Mago: - As mãos para cima! Impetremos ao Infinito Poder do Altíssimo em nós!

Os outros doze sacerdotes e sacerdotisas formaram uma cadeia ao redor dos treze ajoelhados.

O Supremo Hierofante começou a invocar:

- ABRIREI AS PORTAS DE VOSSO TEMPLO E A LUZ INEFÁVEL IRRADIARÁ PELO MUNDO...

Em seguida, os doze sacerdotes, que estavam de pé estenderam suas mãos sobre os que estavam ajoelhados.

Em um momento dado, houve uma claridade muito intensa, e todos os presentes levaram as mãos aos olhos.

E OS SACERDOTES AJOELHADOS ENTRARAM EM ÊXTASE.

Eram seis da manhã quando os novos consagrados voltaram a si. Antes, tiveram que descer ao inferno, porém, agora, “experimentavam o céu em vida”.

Estavam completamente transformados, e aquela transformação afetava e influía até na fisionomia de cada um deles.

Eram os mesmos e, sem embargo, não eram os mesmos...

O Supremo Hierofante disse:

- Sois Sacerdotes do Altíssimo, porque haveis nascido Sacerdotes, e não fostes feitos por mãos humanas. Já sois donos do Único Poder: CIÊNCIA-FÉ. Porque, quem crê sem saber é um néscio perigoso, e quem sabe sem fé, é um indigno. Cada um de vós deve ser SACERDOTE E MAGO, ISTO É, SUPER-HOMEM.

EM VOSSAS MÃOS, SOMENTE EM AS VOSSAS, PELO SABER E A FÉ, ESTÃO AS CHAVES DO CÉU E DA TERRA; DA ALMA E DO CORPO.

VOS FOI DADO O MAIS ALTO PODER DA EXISTÊNCIA: O AMOR. VIVEI-O, GOZAI-°... e ADORAI-°. Até encontrar a Deus nas criaturas.

O CORAÇÃO DO MAGO É FEITO PARA AMAR.

IDE IRMÃOS: VÓS SOIS DEUSES!

CAPÍTULO XVI

Outra vez Nina!

Após a ordenação, Adonai regressou a casa. Durante o trajeto, pensava na responsabilidade que tinha sobre os ombros, e teve medo:

- Eu não devia ter aceito – dizia mentalmente. – Até quando serei um homem sem caráter, medroso e incapaz de dizer categoricamente: NÃO!?

Esta mulher que se parecia com Astaruth me enlaçou... Não, não é esta a palavra: ela me dominou... Que fiz eu para merecer o SACERDÓCIO?

O SACERDÓCIO DE MELQUISEDEC É PARA OS HOMENS SANTOS E PUROS; e este filho de minha mãe não cheira nada à santidade, nem a pureza... Dizem que o Hierofante não se engana... Mas, desta vez, equivocou-se comigo.

Nesse momento, o jovem acreditou ouvir uma voz:

- Trate de não comprometer, então, ao Hierofante!
- De que maneira? – perguntou ele, e, sua voz despertou-o de seu letargo: Olhou a seu vizinho, no metrô e verificou estar falando consigo mesmo; seu companheiro dormia profundamente e os demais estavam ocupados em assuntos políticos.
- Já estou desvairando – pensou. Se Moliere estivesse presente, escreveria outra nova comédia com o título: “Um Sacerdote contra sua própria vontade”, como escreveu: “Um Médico contra sua própria vontade” – Sim, todos somos Sacerdotes, mas, somente o Super-Homem pode e deve exercer o Sacerdócio, porque Ele ordena a Deus que venha, e Deus vem. O Sacerdote é o médico do Espírito; ELE CRIA A DEUS PELA SIMPLES PALAVRA... Sim, o poder do Sacerdote é o mesmo poder de Deus. “A vontade do homem justo é a mesma vontade de Deus!” – disse Eliphaz Levy. Mas, ordenar-me a mim Sacerdote, o ser ignorante e de pouca fé? Isto é demasiado perigoso... Agora preciso fazer-me santo à força. Um santo à força de mutismo e de silêncio... Acaso não dizem que o sábio se cala?... Então me calarei, para aparentar sabedoria. Ocultarei meus vícios e erros para manifestar minha hipócrita santidade, oh...

Na estação mais próxima de sua casa, desembarcou e se dirigiu à habitação, acompanhado dos torturantes pensamentos que martelavam em seu cérebro, para descobrir a melhor maneira de fazer-se santo.

Enquanto colocava a chave na fechadura, ouviu o tocar do telefone.

- Tão cedo. – pensou – e, sem fechar a porta, tomou o fone e clamou:
- Alô... O quê...? Georgette...? Sim, sim, melhor, vem logo, espero-te...
Com isto, ficou pensativo:
- Que novidade é está? Onde se meteu esta louquinha?... Não pode ser. Mas, já são três meses. Que desgraça! Pobre velha; primeiro, temos que encontrá-la. A história se repetirá? Estará Nina em uma fábrica de abortos? Em Damasco, tudo era possível, mas aqui em Paris...? Oh, quando Georgette chega? Sempre esta jovem está atada a mim por causa de Nina...! Que destino e que leis impenetráveis!

Andou umas vinte vezes até a porta para ver se Georgette chegava. Não entrando ninguém, voltava e sentava-se; formava-se em sua mente uma espécie de círculo ao redor de Nina. Nina, onde estás, Nina?... E de repente... Pareceu-lhe vê-la em sua frente, com um semblante cadavérico... Gritou: Nina!... Mas, a visão demorou poucos segundos, e a sombra desapareceu. Começou a falar à alma da jovem, por senti-la perto de si:

- Não te assuste, menina. Sofres? Vou ver o que posso fazer por ti. Não fujas. Tenhas confiança. Diga-me: Onde estás? – Adonai calou-se, com a esperança de ouvir alguma voz que pudesse guiar as pesquisas, quando entrou, Georgette sufocada, por subir a escada rapidamente.

Deteve-se na metade do quarto; cravando seu olhar em Adonai com um gesto que se podia traduzir por um espanto ou, pelo menos, de perplexidade.

- Bom dia, Georgette. Mas? O que passa? Por quê me olhas assim?
A moça fechava e abria os olhos várias vezes e, sem responder, sentou-se em uma cadeira em frente.
- O que tens, Georgette?
- Tu és Adonai? – perguntou ela. – Não sei o pensar. Sim, tu és Adonai, mas, não és tu mesmo.
- De boa dúvida me tiras – respondeu. Se eu não sou eu mesmo, quem sou eu, então?
- Não sei, não sei o que dizer; parece que estou perturbada.
- Não tens nada... Agora, diga-me: Que história é esta de Nina?
- Ah!... Sim. Ontem a Condessa me falou, por telefone, perguntando por Nina. Não soube o que responder... Explicou-se que a neta quis vir a Paris por quatro ou cinco

dias, e já fazem oito. Não voltou, nem telefonou... Chamei-te mais de vinte vezes, durante a noite.

- Eu não estava em casa.

Adonai tomou o telefone e chamou a casa da Condessa. O mordomo esclareceu:

- Há oito dias Nina veio, tomou uma maleta de roupa e se despediu, "vou a uma excursão com umas amigas", e desde esse dia não sabemos mais nada dela.

- Quem lhe arrumou a maleta?

- Ela mesma e minha mulher.

- E, por acaso, não saberias dizer-me o que a senhorita levou?

O homem calou por um momento, e informou:

- Levou somente roupa interior e camisolas de dormir.

- Muito obrigado.

O jovem médico permaneceu silencioso, pensando; contemplou Georgette com insistência, como se estudasse seu rosto.

A jovem inquiriu:

- O que é que há em mim? Por quê te vejo diferente do que eras?

- Escute, Georgette: a alma de Nina está aqui conosco, quer nos dizer algo, mas, nossos sentidos físicos não estão em condições de entender, nem captar a linguagem sua. Nina sofre muito. Ela nos suplica, nos vê, mas, não a podemos ver. Sem embargo, tenho uma probabilidade. Creio que podes descobrir seu paradeiro, porque tu és uma pessoa muito sensível...

Georgette, atônita, cortou-lhe a palavra:

- Até agora não entendo nada do que me dizes.

- Pois bem... Eu devo extrair tua alma, isto é, tira-te a ti de teu corpo, para que possas comunicar com ela. Mas, para isto, é preciso de tua confiança e deves entregar-te à minha vontade, sem receio.

- Escute, Adonai: eu tenho fé em ti mais do que em mim mesma. Faça de mim o que quiseres... Talvez assim possa viver em paz; ou possa crer na alma, em Deus e em tudo o que tu crês. Me compreendes?

O médico comovido tomou a cabeça da colega com as duas mãos e estampou em sua frente um demorado beijo, dizendo:

- Peço-te perdão. De hoje em diante seremos melhores amigos. Bem, agora, vamos trabalhar. Tome esta pílula... Escute: vou te compensar pela confiança que depositas em mim... Depois, convencer-te-ei de que és uma alma que tem um corpo. Vais comunicar-te com Nina e recordar tudo o que sucederá entre vocês, até as próprias palavras, e aí, a tua fé será firme como tua convicção na existência... Vamos... Agora... Senta-te... Feche os olhos... Pense um momento em Nina... Nina está perto... Está aqui conosco... Agora... Acalma-te... Fique tranqüila... Vem... Vem...

- E, ao dizer isto, oprimia certas vértebras da coluna vertebral da jovem...

Depois de dois minutos, Georgette começou a mover os lábios. Adonai ordenou:

- Fale...

- Ela está enferma. Com temperatura alta. Febre puerperal.

- Onde está?

- Clínica São Luiz, nº 789.

- Georgette – ordenou Adonai – tu tens que recordar tudo o que sucedeu, sem esquecer, absolutamente, nenhum detalhe. Voltas paulatinamente ao corpo... Sim... Pouco a pouco... Recordando sempre todos os detalhes... Sim... Já podes mover-te. Levanta-te. Georgette gemeu desesperadamente e, sem perceber, ao princípio, onde estava, levantou-se para sair, dizendo:

- Clínica São Luiz.

- Espera, Georgette – disse Adonai rindo-se. – Não queres que eu vá contigo?

- Ah! Agora recordo tudo, mas, vamos depressa ver Nina. Está muito grave, tem febre puerperal... Mas... (Aqui, deteve-se pensativa). O que aconteceu? Como pode ter ela esta febre?...

Calou-se, e a palidez cobriu seu rosto. Adonai tomou-lhe o braço e ambos saíram do quarto. Neste instante, o telefone chamou, o mordomo da Condessa, lhe comunicava um telefonema da Clínica São Luiz, que a senhorita Nina estava lá.

Duas horas depois, Nina estava deitada em sua própria cama, atendida por dois melhores facultativos.

Adonai enviou à Condessa, usando o nome de Nina, para não assustar à anciã, o seguinte telegrama:

“Não posso regressar. Necessito tua presença... assinado: Nina”.

CAPÍTULO XVII

Uma batalha desesperadora

A donai contemplava o delicado corpo da paciente, abrasado pela febre. Pensava e traçava o plano do ataque contra a morte. A guerra estava declarada; o inimigo enviou seu exército de micróbios, que invadiram o sangue. As pulsações do coração e os movimentos respiratórios debilitavam-se. Quando a febre baixava a 39 graus, a enferma voltava a si, por poucos minutos e, quando sua acima, perdia o próprio controle e delirava. A asfixia aumentava e a morte reatacava a fortaleza, querendo apoderar-se definitivamente de sua vítima.

Georgette chorava em espírito, e olhava a Adonai com os olhos injetados pelo esforço de conter as lágrimas. Esperava e desesperava a cada instante.

A febre baixou e Nina abriu os olhos; ao ver Georgette, sorriu, mas, ao ver Adonai perto dela, deu um grito:

- Vai-te, vai-te, - e logo desmaiou.

Um véu de palidez cobriu o rosto do médico.

Minutos depois, a doente começou a delirar:

- Adonai! Meu amor! Leva-me para teu Líbano. Salva-me! Maldito, eu arranquei teu fruto... Adonai, vamos... A.. do... nai...
Nina agitava-se, e a asfixia aumentava.
Às três horas da tarde, chegou a Condessa. Com poucas palavras, Adonai convenceu-a de que o pranto e a desesperação não são remédios nesses casos. Recomendou calma.
À noite, depois de administrar uma lavagem vaginal e outra retal, ordenou:
- Esta noite ficarei só com a enferma.
- E eu? – Quis saber Georgette.
- Tua vez será amanhã, durante o dia.
- Tenho fé em ti. Tu podes salvá-la.
Adonai sorriu tristemente:
- Espero merecer tua fé!

Eram onze horas da noite, quando o doutor fechou a porta e deu ordem para ninguém lhe incomodasse.

Assentou-se na cama da enferma, descobriu-a e, ao tocá-la, sentiu que a febre consumia o resto da defesa.

Deu um salto, como quem acometido de um ataque de fúria, começou a livrar-se do paletó, de camisa e camiseta, até ficar com o busto totalmente nu e disse em tom desafiante:

- Vamos ver, senhora Morte, quem deve triunfar neste combate. Várias vezes te derrotei, e agora também vou derrotar-te.

Depois de dois ou três minutos de meditação profunda, levantou-se, aproximou-se, colocou sua mão esquerda sobre o ventre desnudo da enferma e a mão direita na cabeça, cochichou certas frases em seus ouvidos... Em seguida, ordenou com voz que não admite réplica:

- Nina! Sai fora de teu corpo...
Minutos depois, o corpo de Nina estava tranqüilo e quieto.
Adonai colocou os cinco sobre os cinco, e assim ficou dez minutos...

No sono, Nina relatou a sua história: Ela queria abortar o fruto do estúpido amor. Buscou uma infeliz mulher, intitulada PARTEIRA, que lhe feriu profundamente durante a operação. O feto estava completo e perfeito. A fístula atingiu o interior da vagina. A obstetrix assustou-se e chamou um médico, amigo e cúmplice, que ordenou o internamento da parturiente numa clínica.

A jovem perdeu muito sangue. O coração principiou a falhar e a síncope foi grave. Manifestou-se a asfixia, e a morte apresentou-se com seu sorriso característico. A sceptemia puerperal declarou-se, e eram poucas as esperanças. A calentura consumia o corpo e a desesperação da enferma consumia a alma.

Administraram-lhe injeções de óleo canforado, de cafeína, soro artificial, para reanimar a pressão sanguínea e, como desinfetante, várias lavagens intra-uterinas e, intestinal. Tinha sempre a bolsa de gelo sobre o ventre. Não obstante, todos estes cuidados produziram

poucos efeitos. A morte ganhava terreno. Os médicos moviam a cabeça, os ombros e as mãos em gestos típicos que traduzem nesta frase: “Nada mais se pode fazer”.

Naquele estado especial, Adonai começou a acariciar o rosto e o cabelo da jovem, falando-lhe com carinho:

- Escuta! Tu amas muito a vida e deves ansiar a saúde.

Nina sorriu e disse, com voz apenas perceptível:

- Eu amo a ti, somente.

Este era o estado de Nina, em sua enfermidade. Durante o sono ou o desvanecimento, não falava senão de seu amor por Adonai, mas nos momentos de vigília, não podia suportar sua presença, e o injuriava com descaso.

Que mistério é o ser humano, e como estão iludidos os que acreditam que chegaram a descobrir este mistério! O “Conhece-te a ti mesmo” será sempre a sabedoria indefinida e ilimitada...

- Tu vais ficar completamente sã. Repete comigo: Eu sou feliz e sã.

- A teu lado sinto-me sempre feliz. Eu não estou enferma. O que tenho é algo estranho e diferente do normal.

- Olha teu corpo como está.

- O que importa meu corpo? Não o quero mais.

- Tu vais receber meus eflúvios em teu corpo e tens que voltar a ele, porque eu quero e te ordeno.

O corpo de Nina estremeceu, ao ouvir aquelas palavras, e logo sussurrou:

- Se tu me amas, eu volto...

Na manhã seguinte, Georgette e a enfermeira ao entrar no quarto, encontraram Nina na cama, completamente descoberta, e Adonai, estendido no chão, com o busto nu, ambos dormiam.

O moço despertou-se precipitadamente:

- Não me gritam assim. – Censurou.

Georgette espantou-se e ele, completamente desperto, suplicou:

- Perdoa-me, Georgette. Mas, não tolero que me olhem estando eu dormindo.

- És um ser invulgar, Adonai!

Nina despertou-se; olhou a seu redor e viu Adonai. Contemplou-o murmurando como se estivesse vendo-o pela primeira vez.

- Tu? Tu estavas, estás... Oh... Não sei como... Calou pensativa e pediu: - quero comer...

Ele tocou-lhe a fronte. A febre era baixa.

Durante quinze dias, Adonai tratou de encher aquele corpo exausto, com sua própria energia, e de curar da desesperação a alma que o habitava. Por fim, a morte foi derrotada, e abandonou o médico com um aceno que significava: “algum dia o terás comigo”. Mas Adonai, riu-se da ameaça, e lhe respondeu, pensando: Tu não te atreverás a aproximar-te de mim, até que eu te chame.

Sentia-se feliz pelo triunfo. Muitos médicos queriam vê-lo, para felicitá-lo. Ele, porém refugiava-se. Somente Georgette podia estar com ele longos momentos.

Teve que deixar o hospital para atender à enferma e preparar seu futuro plano.

Georgette perguntou a Adonai, certo dia:

- Não achas incomum o caso de Nina? Por quê te odiava em vigília e te adorava no sono?
- Não, isto não me chama a atenção, e até posso dizer que tu, também, Georgette, no princípio eras igual: Me odiavas em vigília e...
- Calou-se repentinamente. Georgette suplicou:
Continue, eu te rogo!
- Adonai sorriu.
- Mulher! Sempre curiosa; pois bem, o que vou dizer não é agravo para ti, por não acreditares na alma; tão pouco é uma glória para mim. Tu me odiavas em vigília e me adoravas no sono!

Quantas vezes pediste para que te levasse em minhas viagens mentais, mas, não te era possível viajar porque a incredulidade te acompanhava até ao mundo submerso, e a densidade de tuas vibrações atava-te em plano muito inferior... Já vês que não podes entender?

Georgette levantou-se bruscamente, talvez para não chorar, e perguntou com ênfase:

- Serei eu tão desgraçada para não poder sentir como os demais?
- Não, minha linda; mas, deves saber uma coisa, que é verdade, e está comprovada pela medicina: “Tal como o homem pensa em seu coração, assim ele é”. Desde pequena, tu não tens pensado senão em idéias materialistas e, por tal motivo, és materialista. Para sentir o Espírito, deve-se pensar em Espírito.
- Neste caso, eu mesma estaria inventando o Espírito, mas não convencida de sua existência.
- É possível, mas, a mente não consegue pensar no que não exista. Podes tu pensar no “nada”? Podes pensar em que nunca exististe antes, ou que algum dia deixarias de existir?
- Georgette meditou em silêncio, fechou os olhos e replicou:
Sim, posso pensar na não existência.
- A gargalhada do médico antecedeu a resposta:
Felicitó-te, menina, mas, eu quisera saber quem estava pensando no não existir?
- Georgette captou a idéia:

- Que estúpida sou! Tens razão, para poder responder a isto, é preciso meditar muito.
- Dar-te-ei toda uma vida para meditar.
- Sinto que demoliste uma parte de minha fé. Agradeço-te.
- Tu tens um coração sublime, Georgette, mas, necessitas do verdadeiro amor, para converteres em farol no mar escuro da vida humana. Enganaram-te uma vez, e nunca mais voltaste a crer em ninguém. Não, minha amiguinha, existem sempre, entre os homens, certos seres bons e dignos de teu carinho e respeito; do contrário, o que seria da humanidade?...
- A vingança volta-se contra o vingador. Sê digna da vida e varre tuas escórias...
- Georgette sentou-se aos pés de Adonai e, apoiando os cotovelos sobre os joelhos dele:
- Perdoa-me, amigo; confesso minha ignorância a teu lado. Estás lendo meus pensamentos, e eu não os nego. Desde o começo foi assim. Eu te atacava, por temor, mas, ao mesmo tempo, venerava-te em meu coração e cumpria-se em mim as palavras do Apóstolo Paulo: “Não se deve dar coices contra o aguilhão”. Agora ouça: -...
- Rogo-te que não me digas – interrompeu Adonai.
- Por quê?
- Quero ser somente teu amigo desinteressado. Não desejo uma mescla de sentimento em nossa amizade.
- Georgette tremeu e, com ânsia, bradou:
- Adonai! Quem és tu?
- Quem pode saber o que se é? – perguntou ele, por sua vez, afirmando a pergunta com um movimento brusco de mãos.
- Não me podes dizer de onde vem teu poder sobre os homens e sobre as enfermidades? Por quê não me ensinas, e aos colegas os teus métodos em benefício do bem? Não creias que considero-te um santo; não eu sei que és um homem, porém, diferente dos demais. É certo que Nina te deve a vida, mas, o que fizeste por ela não equivale ao que deixastes de fazer. Tens grande culpa em tudo o que aconteceu. Ela amava-te, confessou-me isto. Não a quisestes. Se houvesse casado com ela, não haveria caído, nem chegado ao estado atual.
- Diga-me, se podes, qual é o estado atual dela?
- Georgette sentiu medo. A pergunta foi repetida.
- Por quê não me respondes? Posso responder por ti?
- Ela sempre esteve onde está. Não me casei com ela. Queres saber qual o motivo? Uma mulher que entrega sua honra a um homem, traiçoa a si mesma, e quem traiçoa a si mesma, pode traiçoa o marido, tantas vezes quando queira. A maioria dos homens são indignos, mas, desgraçadamente, as mulheres gostam destes animais que trepam sobre as fêmeas. O que mais?... Que Nina provocou o aborto?... Diga-me tu, como médica: quantas das que conheces provocaram aborto, e, no entanto, reinam na alta sociedade?! Isto não é uma vergonha em Paris. É algo comum como adoecer de gripe ou de indigestão. Por quê falas de quedas?
- Georgette levantou do solo onde estava, num salto e dirigiu-se à janela, sem dizer palavra. Sua palidez era mortal. Sentiu que Adonai, como um severo juiz, estava lhe condenando sem compaixão.
- Ele levantou-se, porém, mais calmo:
- Diga-me Georgette: tem algum valor, a virgindade? Tu e teus companheiros não consideram que o hímen é tão supérfluo como o apêndice?... Sentes algum horror ou indignação pelo aborto provocado de uma mulher solteira?...
- A jovem não respondeu, olhava um pedaço do céu que, se via acima do jardim do palácio.

Adonai olhou-lhe e calou-se. Esta jovem também devia ter seu segredo – pensou. Que direito tenho de averiguar e perguntar tanto?... Acaso sou imaculado e puro?... Quem sou para pedir contas aos demais? Não é necessidade buscar nos demais nossos próprios defeitos?

Após a meditação, sentiu-se comovido. Acercou-se de Georgette, abraçou-a e beijou-lhe a fronte, com muita ternura, e rogou:

- Perdoa-me, não mereço ser teu amigo.

A jovem inclinou a cabeça sobre o peito do companheiro para poder chorar.

Os dois sentaram-se. Ele a estreitou com a esquerda, e com a direita lhe secava as lágrimas.

CAPÍTULO XVIII

O Anjo Caído

Georgette sentiu a tristeza do companheiro, motivada por sua causa. Nunca o havia visto e nem sentido assim antes. Ele, que aparentava sempre despreocupado, dominando seus sentimentos; agora via em seus olhos o presságio de lágrimas, embora não chorasse.

Contemplou-o com os olhos ainda úmidos e, nenhum preâmbulo, rompeu o silêncio.

- Sou o fruto de um casamento rico. Era muito pequena, quando perdi minha mãe. Meu pai entregou-me aos cuidados de uma jovem que a qualificavam com o nome de “Ama de chaves”. Cresci entre os caprichos de uma amante de meu pai, e a paixão cega de um homem por uma mulher bela e ignorante.

Com a idade de sete anos fui encerrada em um colégio de Irmãs Religiosas, onde estive até os quatorze anos, durante os quais praticava, com minhas companheiras, muitos

vícios sexuais, que, talvez, certos casais ignoram: Quatro Irmãs Religiosas praticavam o mesmo vício.

Aos dezesseis anos, em um colégio laico, visitou-me o amor e se me abriram os olhos. Comecei a sentir que a única delícia de uma mulher consistia em amar a um homem. Tinha como companheiro de mesa um jovem estudante, nosso vizinho. A fonte de minha felicidade, e meu único desejo na vida consistia em agradá-lo.

Amei com frenesi. Ele também correspondia ao meu amor.

Um ano após, aquele namorado chegou a ser a minha única preocupação. Por ele, teria abandonado todo o mundo, se acaso opusesse ao nosso afeto, até que, por fim, entreguei minha vontade, minha honra, meu corpo, a ele, com toda satisfação porque sentia necessidade de um ser que me levasse e guiasse pelos sendeiros da vida.

Um dia se me manifestou o oculto: O fruto de nosso amor crescia em meu ventre. Na natureza humana há uma paixão muito forte.

Não pretendo justificar a mim mesma. Tudo o que fiz, foi com completa liberdade e satisfação. Sem embargo, não creias que entreguei-me facilmente. Custou-lhe muito esforço, mas, por fim, cedi com prazer.

Meses depois, pedi que cumprisse sua palavra de casar-se comigo, e reparar a falta. Respondeu-me que seus pais eram contra o casamento, e que nada podia fazer sem o consentimento deles. Era de menor idade.

Georgette levantou-se e foi diretamente buscar a garrafa de conhaque. Serviu uma dose forte, tomando-a de uma só vez.

Adonai olhava calado, não se atrevia a falar, para não perder o encanto do momento.

A jovem, depois de andar pelo quarto, relatou o restante:

- Abortei uma criança de quatro meses... Depois senti ódio mortal pelo sexo masculino e me converti em vampira, que absorve o sangue dos homens... e, para não sentir remorsos, abracei-me à filosofia materialista, que muito me ajudou. Sem embargo, continuo com uma inquietude interna que se assemelha a uma chama que devora as entranhas. Minha ânsia ficou insatisfeita, até que chegou o dia em que lancei uma seta falsa e ela regressou a meu peito, quando tu me dissestes “No Líbano as mulheres nascem e vivem sempre costuradas”. Senti que era uma flecha dirigida a meu orgulho.

Durante muito tempo quis dominar-te e fiz todo o possível para te arrasar. Tudo foi inútil. Cada dia elevas-te mais e mais e, eu sentia inveja, medo, respeito e, para que negar: adorava-te e aparentava ódio.

Àquela noite queria derrubar-te do pedestal, para poder declarar-te meu amor; mas, o “Touro” foi abatido e convertes-te no herói da festa. Queria chorar, não por meu fracasso, porque intimamente desejava teu triunfo, queria chorar porque não podia estar a teu lado para compartilhar de tua glória.

Depois veio o duelo. Perdoaste, por mim, a vida, do Touro; mas, acabaste por aniquilar-me com tuas palavras... Esta é toda a minha história.

Os dois jovens guardaram silêncio durante um minuto... Adonai levantou-se de seu assento, tomou Georgette pela mão e a conduziu perto da janela. Sem mencionar nada ligado ao relato anterior, disse:

- Tu me pediste para ensinar-te a chave de meu poder sobre as enfermidades, não é assim?

Georgette olhou-o surpreendida e falou receosa:

- Queres descobrir o mistério e revelar-me o segredo?

- Sim, sim, e não me agradeças. Somente te previno do perigo que acompanha este poder, se for egoisticamente empregado.

Ela olhava seu companheiro com perplexidade; ouvia as palavras e não podia acreditar que ia lhe ensinar o que ansiava saber há anos. Seus lábios moveram-se para dar-lhe um beijo, mas, não se atreveu.

Adonai lia seus pensamentos através dos olhos; abraçou-a com a esquerda e, com a direita, mostrou-lhe o céu:

- Olha, Georgette, aquele pedaço de firmamento. Olha-o detidamente, sem pestanejar, e diga-me o que vês.

A jovem obedeceu e, antes de dez segundos declarou:

- Não sei se é uma ilusão de ótica, mas vejo certos glóbulos brilhantes, que se movem com rapidez de um lado para outro... Que raro! Eu sempre tenho visto estas coisas, mas nunca me ocorreu verificar seu mistério.

- Pois bem; agora escuta. A energia da vida, irradiada do sol, entra nos átomos da atmosfera e faz com que se resplandeçam. Não me detenho para explicar-te a natureza e a composição destes átomos e de qual Deidade procedem, embora, como materialista, podes, no momento, estar convencida de que a energia vital nos vem do sol. Estes glóbulos, devido a seu brilho e extrema atividade podem ser vistos por quem queira olhá-los. Eles se movem em imenso número na atmosfera, especialmente em um dia de sol. A melhor maneira de vê-los é colocar-se de costas para o sol e focalizar a vista a certa distância, com o céu claro no fundo.

Os glóbulos são brilhantes e incolores e se lhes pode comparar à luz branca. Agora contemple esta toalha branca com a mesma insistência e verás que estes glóbulos estão a nosso redor, como um mar, e nós estamos submergidos nele.

A força que vivifica tais glóbulos é muito diferente da luz, embora sua manifestação dependa desta. Da brilhante luz do sol brota constantemente esta vitalidade e cria glóbulos em número incrível. Em tempo nublado, é menor este número e, de noite, se interrompe; nós nos mantemos do produzido e reservado na atmosfera durante o dia anterior. A provisão diminui quando ocorre uma longa temporada de dias nublados e escuros.

O homem necessita de dois alimentos: o do físico, que se compõe de comidas; e da alma, que se compõe do ar, cheio destes glóbulos luminosos. Durante o dia se deve fazer suprimento para a noite.

Em medicina sabemos que o sono é o melhor reparador da energia durante a vigília, e proibimos a administração de remédios quando o doente dorme, porque, neste estado, os músculos e os nervos se relaxam e o corpo da alma se dedica especialmente à absorção dos glóbulos vitais. Isto explica o grande poder reparador do sono, mesmo que seja uma ligeira sesta.

Durante a primeira parte da noite, há uma copiosa provisão de vitalidade, por isto se diz, sem saber o motivo, que uma hora de sono antes da meia noite equivale a duas depois dela. A provisão da energia é mínima antes da saída do sol; esta é uma das razões pela qual a morte natural ocorre em tais horas, isto é, depois da meia noite.

Também devemos saber que a provisão de energia é menos no inverno do que no verão. Outra coisa ainda digna de ser compreendida pe a seguinte: o homem, em um dia de sol e de calor, come menos do que em dia de frio e nublado, porque, quando o corpo da alma está alimentado por esta energia, o corpo físico se satisfaz com menos alimento do que de costume.

Para o momento, não é necessário expor teorias e dar mais explicações, passemos agora ao ponto principal.

O homem tem o poder de apoderar-se desta energia à vontade, de aproveitá-la e de dirigi-la aos enfermos e necessitados dela, e estes serão curados como por milagre... Como se pode captá-la e utilizá-la? Pois, já vou te ensinar.

Durante meia hora Adonai tratou de instruir Georgette praticamente o método mais simples e fácil de produzir o efeito rápido em certos casos, exigindo de sua discípula repetir várias vezes às práticas diante dele, para corrigir o que não estava de acordo com a instrução.

Depois, falou-lhe:

- Não te ensino mais, neste momento, e me abstenho de detalhar as explicações, para não encher teu cérebro de teorias. Agora é preferível praticar com teus enfermos e, depois, verás os resultados de uma maneira palpável. Estás feliz, Georgette?
A jovem, sem dizer palavra, abraçou a Adonai e cobriu seu rosto de beijos. Adonai, ao perceber o duplo sentido daqueles beijos, disse com ênfase mesclada de ternura:
- Estou agradecido porque hoje te lancei, como obus de amor impessoal, à humanidade sofredora.

CAPÍTULO XIX

Adeus Paris

Desde a última cura de Nina, o ambiente no palácio da Condessa ficou carregado com uma atmosfera triste e muito pesada.

A anciã vivia em um mutismo inquietante. Respondia às perguntas com um movimento de cabeça ou de mão, e com uma só sílaba. Olhava a neta com carinho terno, mas cheio de compaixão. Nenhuma queixa, nenhuma censura dirigiu à Nina e, sem embargo, a dor consumia suas entranhas.

Nina já estava curada de sua terrível doença, porém, a alma permanecia enferma. As vezes, ao ficar só, tudo se enegrecia ante seus olhos. Sua sensibilidade saltava fora da órbita da vida, para projetar-se no vazio, e voltar a si quando ouvia os próprios soluços, quando desatava em pranto.

Adonai! – gritava ela, às vezes, com voz espasmódica.

O dardo da desesperação penetrava até o mais íntimo de seu ser.

Brutalmente vinha à sua consciência a tragédia de sua alma. O amante maldito morreu, sim! Mas, morreu com ele o amante adorado por ela.

Geralmente a morte sugere o perdão, mas, ela não podia perdoá-lo e, nem a si mesma. Por quê? Porque chegou a compreender e a sentir que seu procedimento afastou da vida a felicidade.

Adonai pode perdoar tudo, porém, nunca perdoa uma traição intencional e premeditada.

“Duas vezes me salvaste a vida, Adonai, sim a vida do corpo, mas, não tens o poder de salvar minha alma da morte. “Tampi pour moi”.

E ela levantava-se de seu assento, caminhava em seu quarto, ia e vinha várias vezes, como um diabo que não tem nenhuma ocupação. Saía à rua, para vagar sem rumo fixo. Queria fugir de algo, de si mesma e encontrava, mentalmente, com Adonai, cujo sorriso era uma máscara que ocultava o NOVO ADONAI...

Um NOVO ADONAI, de fato, já existia. Ele também sofreu uma notável mudança. Deixou de ir ao hospital, e Georgette perguntou-lhe um dia:

- Por quê deixaste o hospital?
- Porque já estou são – respondeu.

Não quis mais exercer a profissão. Um dia, seu amigo, o médico a quem ele havia curado censurou-o, e o jovem respondeu:

- O médico e o empregado dos correios se parecem: este mata os selos, e outro mata os enfermos e ambos dão certificados. Nossa medicina atual é a arte de acompanhar o morto, com palavras gregas e latinas.
- Adonai, tu não deves queixar de teu triunfo na medicina.
- Eu não nasci para salvar e em medicina são os anestésicos que salvam.

Em companhia de Georgette, percorreu quase todos os pontos que lhe eram desconhecidos até aquele momento; converteu-se em um turista que quer aproveitar, até o último minuto, para conhecer o lugar por onde passa.

Georgette insinuava seu carinho, mas, ele se fazia de desentendido, e um dia disse-lhe:

- Os namorados são como os relógios que andam, enquanto têm corda, porém, se arreventa, o relojoeiro se encarrega de estragá-lo completamente...
- Casa-te, então – disse ela.
- Várias vezes, no hospital onde eu trabalhava, enganaram-se com os remédios. Rui-se.
- Não vejo graça nisto.
- Tão pouco podes ver a Virgem Maria, que está “cheia de graça”.
- Georgette, então, sorriu e, com graça perguntou:
Não amaste nunca, Adonai?
- A quem? Como a quem; a uma mulher?
- Não encontrei uma mulher que me ame.
- Não é verdade, pois eu te amo.
- Quem és tu?
- Eu, Georgette, não o sabias?
- Sim.
- Então, por quê perguntas?
- Para saber se tu o sabias... “Nosce te ipsum”.
- Novamente a jovem riu-se, com graça.

Depois de tantos anos de estudos e trabalhos, parece que Adonai tomou a decisão de descansar. Durante dois meses dedicou-se a conhecer as belezas de Paris. Visitou Marselha, Bordeaux, Lyon e outras cidades importantes da França.

Dia 15 de Abril era aniversário de Nina. A Condessa quis romper a monotonia do ambiente, festejando o dia de sua neta.

Quinze dias antes havia consultado a Adonai. Ele aprovou a idéia. Também ajudou a avó na compra de um anel, com um valioso brilhante de pura água pura, pelo valor de vinte e dois mil francos, uma verdadeira jóia. Foram distribuídos os convites.

Chegou o memorável dia. O salão do palácio converteu-se em um jardim de flores. As amigas íntimas de Nina chegaram muito cedo para ajudar no preparo e para receberem, aristocraticamente, aos convidados.

- Tu não deves cansar-te muito, para que brilhes na festa – dizia-lhe uma amiga.

E assim, as jovens, com a sinceridade de seus corações, elogiavam à Nina e ela lhes retribuía com um abraço, um beijo ou com um olhar carinhoso.

Às oito da noite começaram os convidados a invadir o salão. Nina a todos recebia com um sorriso nos lábios e uma esperança no coração...

A cada momento dirigia seu olhar para a porta de entrada, como quem esperasse alguém que já devia ter chegado.

Os presentes começaram a libar as primeiras taças. A orquestra principiou a romper a inquietude dos jovens ansiosos para dançar.

Já são nove da noite!

Nina teve que dançar com um tal Max Marchand, jovem rico e muito conhecido na sociedade parisiense. Georgette uniu-se a um médico idoso e assim o baile foi iniciado.

Já eram nove e meia, e muitos olhos começaram a olhar a porta de entrada. A quem esperavam? Todos esperavam a uma mesma pessoa, mas, ninguém quis dizer quem é.

As diversões têm sempre três sabores: O primeiro sabor é doce, o segundo é salgado e o terceiro é picante. No primeiro momento da diversão todo o mundo se desvanece em gentilezas e delicadezas com palavras ternas e suaves; quando chega o segundo período, com dois ou três cálices de conhaque ou outra bebida, começa a dança e a conversação adquire muito sal e “donaire”; mas, no terceiro momento, quando o álcool principia a produzir seu efeito no cérebro, a conversa torna-se picante.

Eram já dez horas; o conhaque e a champagne iniciaram suas danças nos cérebros dos convidados. Todos riam e falavam ao mesmo tempo. Ninguém podia entender nada naquele bulício.

Cest la vie mon cher, c'est la vie!

Efetivamente, esta é vida...

Nina aproximou-se de Georgette e perguntou:

- Por quê não vem?

- Não sei, hoje telefonei várias vezes e ninguém respondeu.

Nina seguiu à frente para atender seus convidados; ao deixar Georgette, aproximou-se desta um criado:

- Doutora! Um homem lá fora deseja falar-lhe.

A jovem saiu do salão e encontrou um indivíduo, que saudou-a com muita finura francesa, perguntando:

- Estarei ante a doutora Georgette?

- A própria, senhor.

- Perdoe-me; tinha que entregar-lhe estas cartas às dez horas, mas, o táxi, durante o trajeto, sofreu um dano, e tomei outro; por este motivo atrasei alguns minutos.

E, ao dizer isto, entregou três cartas à jovem, inclinou-se e com a mesma finura se despediu sem esperar a gratificação.

Georgette leu, verificou que uma das cartas era dirigida a ela. Rompeu-a com precipitação, e ao olhar as linhas, certificou ser de Adonai.

Não quis lê-la imediatamente ali; entrou novamente e aparentando calma, caminhou e subiu ao quarto, acendeu a luz e leu; dizia assim:

“Georgette”:

“Quando estas linhas chegarem às tuas mãos, teu amigo Adonai estará a muitas centenas de quilômetros de Paris. Vou para não voltar mais. Tenho muita pena de separar-me de ti. Queres crer?”

Eu sinto que, ao leres estas palavras, vais sofrer como eu estou sofrendo. Sem embargo, desta distância recordo-te em espírito e verdade”.

“Repose ta tristesse
Sur mon coeur plein d’amour
Il te dit as tendresse
Toute la nuit, toul t lê jou”.

Sim, Georgette, amei-te e te amo muito e, por isto, não quis mesclar meu amor por ti com a paixão. Estou satisfeito e tu também o estarás, durante toda a vida, por haver encontrado um ser que te amou desinteressadamente. Tenho a certeza disto.

Rogo-te vigiar a Nina, cujo futuro é incerto, e á “NOSSA” avó, em cujas companhias sofremos e tivemos alegrias e satisfações. Não me despedi pessoalmente delas por quê não gosto de despedidas.

Adeus, Georgette; se alguma vez pensares em mim, envia-me um beijo, e minha alma o captará com gratidão. E, se algum dia pensares com intensidade no verdadeiro amor, podes vangloriar-te em dizer: COM MEU AMOR, DOMEI O INDOMÁVEL ADONAI.

P.S. Rogo-te não entregues as cartas à nossa avó e à Nina durante a festa.

FIM

Alguns ensinamentos espirituais e científicos contidos neste livro foram tomados das seguintes obras:

- Las Llanas Del Reino Interno – Dr. Jorge Adoum
- Yo soy – Dr. Jorge Adoum
- El gran Orcano del ocultismo develado – Eliphas Levy
- Cuerpos y almas – Maxence Van Der Meersch
- Los Grandes Misterios – R. Swinburne Clymer
- Dioses Atomicos – M.